JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sábado, 17 de setembro de 1977 — Ano LXXXVII — N.º 162

TEMPO

Bom c/ neb. var., ocasionalm. nubl., suj. à instab. no dec. do período. Temperatura estável, decl. após. Máx.: 34.9 (Bangu). Mín.: 18.4 (A. B. Vista). (Mapas na página 23)

PREÇOS, VENDA AVULSA: Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais:

Dias úteis . . . Cr$ 4,00
Domingos . . . Cr$ 5,00

SP, PR, SC, RS, MT, BA, SE, AL, RN, PB, PE, ES, DF e GO:

Dias úteis . . . Cr$ 7,00
Domingos . . . Cr$ 8,00

CE, MA, AM, PA, PI, AC e Territórios:

Dias úteis . . . Cr$ 7,00
Domingos . . . Cr$ 9,00

ASSINATURAS — Domiciliar (Rio e Niterói): Tel. 264-6807.

3 meses . . . Cr$ 335,00
6 meses . . . Cr$ 584,00

(São Paulo, Capital):

3 meses . . . Cr$ 500,00
6 meses . . . Cr$ 1 000,00

Postal, via terrestre, em todo o território nacional, inclusive Rio:

3 meses . . . Cr$ 335,00
6 meses . . . Cr$ 584,00

Postal, via aérea, em todo o território nacional:

3 meses . . . Cr$ 390,00
6 meses . . . Cr$ 700,00

EXTERIOR — Via aérea: América Central, América do Norte, Portugal e Espanha:

3 meses . . . US$ 207.00
6 meses . . . US$ 414.00
1 ano . . . US$ 829.00

América do Sul:

3 meses . . . US$ 150.00
6 meses . . . US$ 300.00
1 ano . . . US$ 600.00

Demais países:

3 meses . . . US$ 304 00
6 meses . . . US$ 609.00
1 ano . . . . US$ 1 218.00

— Via marítima: **América, Portugal e Espanha:**

3 meses . . . US$ 41.00
6 meses . . . US$ 82.00
1 ano . . . US$ 164.00

Demais países:

3 meses . . . US$ 58.00
6 meses . . . US$ 116.00
1 ano . . . US$ 232.00

ACHADOS E PERDIDOS

A FIRMA GREMIO NESTLE — Guanabara estabelecida nesta cidade à Rua da Proclamação 545 — parte com C.G.C. (MF) nº 34.291.229/ 0001-44, declara que foi extraviado o seu Alvará de localização.

DIA 16 PELA MANHÃ foi perdida uma caixinha com um aparelho auditivo gratifica-se bem quem encontrar e devolver a Rua Dois de Dezembro 131 apto. 502 Tel. 225-9444.

FOI EXTRAVIADO — O recibo de depósito compulsório de viagem nº 020382 no valor de Cr$ 12.000.00 emitido em 03/09/1976 em nome de NEY BENJAMIN, efetuado na Agência Central do Banco do Brasil objeto do Decreto-Lei 1470 comunicações para o telefone 222-7421.

MOTO ROUBADA gratifico bem vermelha placa RJ ZC 695 dia do roubo 10/ 09/ 77 Rua Montenegro, 57/ 401 Tel: 247-2112.

PERDEU-SE — Comprovante de Recolhimento de Depósito nº 020489, de 06/09/76, de acordo c/Decreto-Lei 1 470/76. Quem encontrar entregar na Av. Princesa Isabel, 282/905.

PASSAPORTE (extraviado) 231024 0120530 0 0116. Orlando Orofino.

PERDEU-SE — Carteira vermelha com documentos de Sonia Maria Celeste. Gratifica-se. Tel. 266-3970.

PERDEU-SE — Sábado dia 10, documentos do carro Passat 77, chapa QZ-7075. Solicitamos a quem encontrar entregar a R. Senador Alencar, 300-A.

Petrobrás tem 15 propostas novas de risco

A Petrobrás recebeu propostas de 15 empresas estrangeiras interessadas em contratos de risco para exploração de petróleo nas 25 áreas apresentadas pela empresa. O prazo para o recebimento das propostas encerrou-se ontem. No ano passado, apenas cinco empresas apresentaram propostas, sendo assinados quatro contratos.

Das 25 áreas, oito se localizam na bacia da Foz do Amazonas, 14 na bacia de Pelotas. Dentro de um mês, após analisar as propostas e ouvir seu Conselho Administrativo, a direção da Petrobrás iniciará a chamada das empresas, por ordem de prioridade das propostas consideradas mais interessantes. (Página 23)

Unaí/MG

Entre Bilac (E) e Paulinelli, Geisel observou o início da colheita do trigo

Simonsen não acha abertura prejudicial

O Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, afirmou ontem que "uma abertura não trará problemas para o lado econômico", assinalando que "todos devem se interessar por política, inclusive o empresário", já que "toda discussão é política". Acrescentou que "a distensão política está muito bem encaminhada pelo Presidente Geisel".

No seu entender, "um engajamento político deve ser aperfeiçoado com o ingresso nos Partidos: quem deseja realmente praticar política, no seu termo lato, deve participar dos Partidos". Reis Velloso anunciou que o Governo acompanhará, daqui para a frente, a criação de entidades empresariais, para evitar distorções quanto a reivindicações. (Página 17 e editorial)

Relatório de 73 já admitia queda salarial

Os trabalhadores perderam realmente poder aquisitivo no período de 1965 a 1972, quando os salários, "devido à onda inflacionária", foram reajustados numa média de 9,86% abaixo do custo de vida. A afirmação está contida em relatório feito — em 1973 — ao ex-Presidente Médici pelo então Ministro do Trabalho, Júlio Barata.

O documento, obtido ontem, em Brasília, no Ministério do Trabalho, informa que, conforme tabela elaborada pela Secretaria de Emprego e Salário, a maior perda verificou-se no ano de 1966 (32,74% inferior ao custo de vida) e a menor em 1971 (0,12%). O reajuste autorizado em 73 foi subordinado ao "aumento real da produtividade". (Página 21)

Terror metralha Reitor e 2 guardas em São Salvador

Terroristas de esquerda mataram ontem em São Salvador o Reitor da Universidade Federal de El Salvador, Alfaro Castillo, de 52 anos, e dois guarda-costas. A família do professor, uma das mais ricas do país, disse que não haverá missa "porque não queremos nada com os padres."

As Forças de Libertação Farabundo Marti se responsabilizaram pelo atentado, ocorrido às 7h30m, em frente à Universidade. Duas camionetas interceptaram o carro do Reitor e metralharam os três ocupantes. Os terroristas pertencem ao mesmo grupo que em abril sequestrou e matou também o Chanceler Maurício Borgonovo.(Pág. 7)

Geisel assiste à colheita do trigo em Minas

O Presidente Ernesto Geisel assistiu ontem de manhã, em Unaí, Minas Gerais, ao início da colheita de trigo do cerrado, cultivado na fazenda do Ministro Bilac Pinto e cuja produtividade já supera em duas vezes a do trigo do Paraná e Rio Grande do Sul. Simbolizando a fertilidade e a fartura, moças que trabalham na fazenda ofereceram a Geisel um ramo e um pacote do cereal.

Esta manhã Geisel inaugurará em Lorena, São Paulo, uma indústria de máquinas pesadas, do ex-Ministro Pratini de Moraes, e assistirá em Taubaté a uma exposição sobre o Projeto Macro-Eixo, elaborado pela Secretaria de Planejamento do Estado. (Página 15)

Ministro vê dependência em remédios

O Ministro da Previdência, Nascimento e Silva, afirmou que "a esmagadora necessidade de importar insumos e medicamentos" deixa o Brasil "em verdadeira servidão à indústria internacional". A situação da indústria farmacêutica nacional, disse, é de "extrema dependência".

Tanto ele como o Ministro da Indústria e do Comércio, Calmon de Sá — no lançamento, ontem, do Manual Econômico da Indústria Química e Farmacêutica — convidaram os empresários nacionais a investir no setor. O presidente da Ceme, Almirante Gerson de Sá Coutinho, sugeriu uma formação de joint-ventures com empresas que tenham tecnologia. (Página 21)

Senador aponta mccarthysmo no caso Lance

O Senador democrata Thomas Eagleton denunciou que há "reminiscências de mccarthysmo" na investigação a que está sendo submetido o diretor da Divisão do Orçamento do Governo norte-americano, Bert Lance, que ontem prestou seu segundo depoimento perante a Comissão de Assuntos Governamentais do Senado.

Mencionando especificamente o Senador Charles Percy, republicano, Eagleton declarou que Bert Lance está sendo alvo de um processo de "culpa por acumulação", em contraste com a "culpa por associação", característica, segundo ele, da época da campanha conduzida pelo Senador Joseph McCarthy. (Pág. 7)

Tamoyo e Sra visitaram a mostra, acompanhados do diretor do JB, Lywal Salles

PCI tende a se afastar do marxismo

O Partido Comunista Italiano (PCI) poderá abrir mão da exigência de que seus membros sigam o marxismo-leninismo, revelou em entrevista ao jornal *La Stampa* o teórico e integrante Comitê Central Lucio Lombardo-Radice. A mudança, declarou Radice, ocorrerá no próximo Congresso do PCI, em 1979.

O jornal do Partido, *L'Unità*, publica hoje nota oficial do PCI sobre as declarações de Radice que, segundo algumas fontes de Roma, falou em nome pessoal. A entrevista de Radice foi uma resposta ao artigo do Padre Bartolomeu Sorge, publicado na revista *Civiltà Cattolica*, reclamando condições básicas para prosseguir o diálogo entre católicos e comunistas. (Pág. 8)

CBS denuncia espionagem no acordo do Canal

Um órgão de espionagem dos EUA interceptava as comunicações dos negociadores panamenhos na fase de conversações sobre o Tratado do Canal, assinado dia 7. Inteirados da manobra, os panamenhos usaram-na para forçar Washington a aceitar exigências do Governo Torrijos no texto do acordo — denunciou ontem a rede de televisão CBS, sem identificar fontes.

A história foi descrita como "fantástica" por altos funcionários de ambos os Governos, embora saiba-se que uma Comissão do Senado ouviu confidencialmente o diplomata Ellsworth Bunker, que diante dos jornalistas negou conhecimento da operação e sua consequência. Para o Chanceler González Revilla, do Panamá, a versão "faz parte de uma campanha para desmoralizar o acordo nos Estados Unidos". (Pág. 7)

INPS só demite médicos após decisão do TFR

Em "nota informativa" distribuída ontem, com cópia para o Presidente da República, o Ministério da Previdência e Assistência Social esclarece que o INPS desistiu, por enquanto, de demitir os médicos reprovados ou não classificados no concurso do DASP e vai esperar que o Tribunal Federal de Recursos decida a respeito.

O Ministério explica que a decisão evitará repercussões desfavoráveis junto à opinião pública; denuncia que advogados estão aliciando médicos para ingressarem em Juízo; historia as chances do Instituto de ganhar a causa; e reconhece o erro que foi cometido há 15 dias quando, em nota idêntica, anunciou demissões imediatas. (Página 15)

JB inaugura a 6.ª mostra de flores no Hotel Nacional

Inaugurada ontem, às 18h, no Hotel Nacional, com a presença do Prefeito Marcos Tamoyo, a 6a. Exposição de Flores promovida pelo JORNAL DO BRASIL, com a colaboração de João Fortes Engenharia e Barramares, recebeu, logo no primeiro dia, mais de 2 mil visitantes. Com 82 stands, a mostra ficará aberta até as 23h de domingo.

O Prefeito manifestou sua "satisfação em ver que, de ano para ano, a minha aflição em busca do verde ganha cada vez mais adeptos." Sua mulher comentou que "o interesse pelas plantas realmente tem aumentado muito. Em todos os bairros do Rio é difícil se ver uma janela sem plantinhas." Um dos expositores destacou: "A planta deixou de ser artigo de luxo." (Página 13)

Sarney acusa Governador de faltar à verdade

Ao rebater ontem, em depoimento espontâneo à CPI do Sistema Fundiário, as acusações que lhe foram feitas pelo Governador do Maranhão, o Senador José Sarney (Arena-MA) pediu o enquadramento do Sr Nunes Freire no Código Penal, por crime de falso testemunho. O Senador mostrou certidões para provar que é proprietário apenas de terras herdadas de seu sogro.

O Sr José Sarney disse que "ninguém no Estado brigou mais por terras" do que o Governador Nunes Freire e apontou 10 ações que tramitam pelos cartórios envolvendo seu acusador. O Senador Alexandre Costa (Arena-MA) também depôs, exibindo documentos contra o Deputado Epitácio Cafeteira (MDB-MA) que reagiu, provocando a suspensão da sessão. Ninguém apareceu para defender o Governador Nunes Freire. (Página 12)

EMPREGOS

DOMÉSTICOS

A UNIÃO ADVENTISTA — Oferece empregados de ótima aparência com cart. de saúde exame médico e referências comprovadas in loco, cozinheiras, de todas as categorias, babás e enfermeiras para recém nascidos e pessoas idosas ou enfermos. copeiros (as) chauffers caseiro, etc. Garantimos 6 meses Tel. 255-8948 / 255-3688.

AGENCIA ALEMÃ D. OLGA Cozinheira, copeira, babá escolhidas por D. Olga há 18 anos na sede própria. Tel. 235-1024 e 235-1022 Av. Copa 534 ap. 402. Não é das que oferecem e garantem céus e terras conscientes de que isso não é possível. Garanto 6 meses.

A COZINHEIRA — Precisa-se para casal. Marcar hora pelo telefone 257-9124. Paga-se muito bem.

A EMPREGADA — Com referências. Pago 2.000 a 2.500,00 — Casal só. Folga domingos. Av. Copa 534 ap. 402.

ARRUMADEIRA/COZINHEIRA — Tenho máq. lavar. Assino carteira. Cr$ 1.500,00 — Tel.: 254-1114.

ADMINISTRADOR — Colônia férias, munic. Vassoras precisa casal s/ filhos ele c/ cart. motor. sal. base 3.000,00 Cartas p/ portaria deste Jornal sob o nº 342983/ 25.

ARRUMADEIRA — Precisa-se c/ refs. (que também cozinhe trivial simples p/ 4 pessoas), Salário 1.500,00. R. Hilário de Gouveia, 30 ap. 1.102. Fone, 236-0487, Copa.

AG. AMIGA DO LAR. — Oferece empregada caprichosa para todos os serviços babás. Carinhosas cozinheiras gabaritadas acompanhantes pacientes, motoristas atencioso caseiro, etc. Todos com refs. sólidas Cart. de saúde Garantimos 6 meses. Tel. 255-5444, 255-3311. Hoje.

ARRUMADEIRA — Preciso, ord. 1.000, dorme no emprego. Peço ref. e carteira. Senador Vergueiro, nº 55/602. Tel. 225-3860. (Flamengo).

ARRUMADEIRA COZINHEIRA — Preciso duas que saibam arrumar e cozinhar trivial simples, sal. até 2.500. Folga semanal ass. cart. pago INPS, Tr. Av. Copacabana 861 ap. 1.114 D. Edy.

A EMPREGADA — Só passar e lavar roupas. Rua Machado de Assis 30/ 402. Tel. 205-8950.

ATENÇÃO EMPREGADAS DOMÉSTICAS — Temos ótimos empregos, Salário 1.000,00 a 3.500,00. Rua Joaquim Silva nº 11, Lapa — Praça Paris.

A COZINHEIRA — Precisa-se forno e fogão, ordenado Cr$ 2.000,00. Tratar à Rua Joana Angélica nº 250, apto. 301. Ipanema. Após as 10 horas. Exige-se referências e documentos.

A EMPREGADA — Preciso todo serviço. Com referências. Durma no emprego. Tel.: 236-7247.

A COZINHEIRA — Trivial variado e demais serviços para 3 adultos. Folga todo domingo. Tel. 264-3294.

A COZINHEIRA — Trivial fino Refer. casa recente, mínimo 1 ano. Dormir empr. sem filhos 274-6626. Av. Visconde Albuquerque, 581. Leblon.

A MOÇA OU SENHORA — Preciso p/ cozinhar trivial simples sal. até 2500. Folga semanal mais INPS. Somos 3 pess. e trabalhamos fora. Tr. Av. Copacabana 861 ap. 1.114.

AGENCIA STELLA MAPIS — Oferece arrumadeiras, cozinheiras, babás, enfermeiras, etc. Fazemos contrato de 6 meses. Experimente nossos serviços. Tel. 359-9468.

A EMPREGADA — Serviço p/ casal estrang. prática de cozinha. Exijo refs. pago bem. Rua Souza Lima, 310 — 302.

A COZINHEIRA — Precisa-se c/ bastante prática. Pede-se referências. Paga-se bem. R. Paula Freitas, 88/1001 — Copa.

ARRUMADEIRA/PASSADEIRA — Preciso pede-se c/ referências. Tratar Rua Visc. Pirajá, 592/601. Ipanema.

BABA — Precisa-se p/ tomar conta de bebe c/ 8 meses. Exige-se documentos. Folgas 15/15 dias. C/ referências 2 anos mesma casa. Sal. 2.000,00. R. Hadock Lobo, 140/ 701.

BABA — P/ menina 2 anos salário 1.200 Pago INPS integral Folga quinzenal Tratar com Margarida, Tel.: 265-7604. Rua Pires de Almeida à ap. 102.

BABA — 2.000.00 com referências e documentos garoto 1 ano folga a combinar. Tratar Barão de Jaguaribe 215/401 227-5730.

COZINHEIRA — Trivial variado e p/ todo serviço, ordenado à combinar. Av. Epitácio Pessoa, 4.344 bloco B apto. 1002 Pede-se refs.

CASEIROS PRECISO casal s/filho p/residência no rio. Sal. até 4 mil. Ela p/cozinhar simples variado. Ele p/ctro. afazeres Av. Copacabana, 861 ap. 911.

CASEIROS — Precisa-se casal s/ filhos p/C. Frio. Referências. Tratar R. Itacuruçá, 65/101. Tijuca.

COZINHEIRA — Preciso c/ doc e ref. até Cr$ 2.000. R. Fonte da Saudade, 252 ap. 402. Lagoa tel. 266-2939

CASAL DE IDADE — Morando em peq. ap. da a um casal sem filho, um bom ap. em troca do serviço da mulher. É necessário seja educada. Exige referências. Cartas p/ portaria deste Jornal, sob o nº 029.148/09.

CASEIRO — CASAL — Ele p/ tratar de horta, gado, ela p/ serviços domésticos tem boa casa c/ luz, e ordenado. Tratar na CASA DO FAZENDEIRO. Estrada Bandeirantes, 200, Jacarepaguá.

CASEIRO AGRICULTOR — Mínimo 30 anos. Casal serviço fazenda perto Rio, responsabilidade prática Flamengo, 268/ 601.

COPEIRA — Precisa-se paga-se bem. Rua Marquês de São Vicente, 287/ 101. Tel. 294-3413

COPEIRO — Casa tratam. precisa c/ mts. prática sólidas refer. de mais de 1 ano casa família paga-se mto. bem Rua Engro. Alfredo Duarte, 447. J. Botânico.

COPEIRA—ARRUMADEIRA — Que saiba servir à Francesa. Saídas quinzenais. Exige-se refs. Paga-se Cr$ 1.500,00. R. Conselheiro Lafayette, 94/301. Tel.: 287-1882.

COZINHEIRA — Precisa-se. Pede-se referências. Tratar Rua Visc. Pirajá, 592/601. Ipanema.

Coluna do Castello

Fatores de uma nova realidade

Brasília — *Nesses quatro meses e pouco que nos separam de janeiro, data em que será oficialmente posta a sucessão presidencial da República, algumas questões cruciais estarão resolvidas ou pelo menos colocadas em termos irreversíveis. A primeira delas refere-se ao prosseguimento do esforço realizado em favor de uma constitucionalização por consenso. O Senador Petrônio Portela está deixando cessar o barulho gerado pela Convenção do MDB para voltar a trabalhar. O barulho estava previsto tanto pelo Senador quanto pelos seus interlocutores da Oposição e não afetará em substancia o que se possa fazer. Por enquanto é esperar que o Deputado Francelino Pereira esgote as satisfações que está dando aos radicais do sistema para que as conversas sejam reiniciadas.*

A questão não está na alimentação dessa onda, mas em verificar se o Comando Superior do Exército — entidade que emergiu de recente nota oficial militar — concorda em que a sucessão presidencial seja colocada em função da constitucionalização, ou não. Em princípio é de supor-se que sim, pois a iniciativa das negociações pertence ao Governo presidido pelo General Ernesto Geisel e procura criar as condições adequadas a que o General João Batista Figueiredo possa investir-se na condição de candidato segundo os ditames da sua consciência, isto é, candidato a dirigir um Governo enquadrado na Constituição e nas leis e desarmado dos instrumentos de exceção.

A verificação da aceitação ou da recusa da constitucionalização por aquele Comando Superior se fará sentir nesse período que irá até dezembro, depois de realizadas as promoções de novembro e de surgir, ou não, proposta alternativa de candidatura militar representativa da tendência a prolongar o processo revolucionário. Uma segunda candidatura, em oposição à do General Figueiredo, ou em substituição a ela, poderá significar a busca da unidade em torno da continuidade do processo, ou seja, contrariamente à política de distensão e normalização, que teria assim de enfrentar um veto definitivo.

Enquanto se arma a equação nos locais em que elas são resolvidas, há alguns fatores de composição do quadro nacional que merecem relevo. Esses fatores definem uma nova realidade alcançada pelo país a partir de 1968. Naquele ano, quando foi editado o Ato 5, havia uma agitação estudantil, com apoio de intelectuais, jornalistas e frações do clero, enquanto os grupos sociais dirigentes permaneciam solidamente unidos ao processo revolucionário. Essa união parece ter-se desfeito nos últimos meses, mais precisamente depois do pacote de abril, o qual, pretendendo estrangular a Oposição, terminaria por engasgar o próprio sistema. Levantaram-se órgãos e instituições representativas da sociedade civil em todas as suas classes sociais para reivindicações diversas, mas sempre tendo como base a restauração do estado de direito democrático.

Nas atuais circunstancias não haveria apoio popular, tomando a expressão no seu sentido mais abrangente, a qualquer surto novo da Revolução, embora seja certo que o Exército e seu Comando Superior disponham da força necessária para conduzir as acontecimentos segundo sua própria avaliação e suas próprias tendências. Mais do que nas oportunidades anteriores, um novo surto revolucionário, com a supressão das perspectivas de normalização institucional, seria seguido de uma repressão generalizada. Não se deve esquecer que a realidade atual do Brasil reflete alterações substanciais introduzidas no país pelo Governo do Presidente Geisel, entre elas a desestabilização das forças econômicas e o livre debate político permitido depois de prolongado período de compressão.

O quadro que aí está pressupõe, portanto, a responsabilidade do atual Governo na sua gestação tanto quanto é da responsabilidade do Presidente Geisel o movimento destinado a constitucionalizar o país. O Chefe do Governo dispõe dos seus meios de informação e de avaliação e não deve crer-se na hipótese de que esteja agindo levianamente. Há contradições e problemas que se põem e que serão resolvidos como antecedentes e pressupostos da sucessão presidencial da República. O destino das candidaturas existentes pende obviamente da capacidade de assimilação dessas contradições e do encontro de soluções que assegurem a unidade sem desatender a uma política de normalização que corresponde ao anseio nacional.

À margem daquelas candidaturas é de supor-se que operem forças com o objetivo de ajustar os objetivos do movimento de 1964 à impaciência nacional, que se faz sentir pela primeira vez num Estado em que, embora se tratando do Estado mais poderoso do país, as elites dirigentes não se voltam habitualmente para o exame de questões políticas. São Paulo agora quer influir politicamente e esse é um outro dado a ser levado em consideração pelos que assumiram a responsabilidade de decidir.

Carlos Castello Branco

Geisel hoje vai à Lorena

São Paulo — O Presiden- Ernesto Geisel visitará hoje o Vale do Paraíba, desembarcando no aeroporto de São José dos Campos, às 8h15m. Às 10h30m, o Chefe do Governo vai inaugurar uma empresa na cidade de Lorena, com discurso do Ministro da Indústria e do Comércio, Sr Calmon de Sá.

Para o Município de Taubaté, o Presidente da República seguirá de automóvel, e às 12 horas, no Country Club, haverá uma exposição do Projeto Macro-Eixo Rio—SP, a ser feita pelo Secretário de Planejamento de São Paulo, Sr Jorge Wilheim. Após o almoço, o Presidente seguirá para o Senai, para inaugurar uma escola profissionalizante, estando previsto discurso do presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Sr Theobaldo de Nigris.

Almirante viajará ao Peru

Brasília — O Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Guálter Maria de Magalhães Menezes, viajará na próxima segunda-feira para o Peru, atendendo a convite oficial do Governo do Presidente Francisco Morales Bermudez, com quem se entrevistará dia 22.

Apesar do Ministério da Marinha garantir que se trata apenas de uma visita de cortesia, tendo em vista que o Almirante Guálter Maria de Magalhães, já exerceu o cargo de Adido Naval na Capital peruana, extra-oficialmente, soube-se que o Almirante discutirá com as autoridades peruanas assuntos relacionados com as atividades de transporte fluvial e de pesquisas na área amazônica, comum aos dois países.

Arena nada diz em C. Grande

Campo Grande — O ex-Governador Pedro Pedrossin, que retornou, ontem, de Brasília, onde participou de reunião com senadores e deputados federais com base eleitoral em Mato Grosso do Sul, informou que a tendência dos arenistas com os quais conversou é aguardar um pronunciamento do Presidente Geisel sobre o governador do novo Estado.

Admitiu que depois do pronunciamento oficial poderão, no entanto, surgir vários candidatos ao Governo do novo Estado.

Marcos Freire e Brossard acham que repressão em Recife é retrato do país

Recife — Os Senadores Marcos Freire (MDB-PE) e Paulo Brossard (MDB-RS) afirmaram, ontem, que o ocorrido nas ruas da Capital, na noite de quinta-feira, quando a polícia impediu que eles falassem aos estudantes sobre a Constituinte, "retrata bem a situação de cerceamento das liberdades públicas em que vivemos. E' lamentável que isto aconteça".

O parlamentar pernambucano lembrou que "esses acontecimentos evidenciam o estágio primário em que, para vergonha nossa, se encontra Pernambuco, graças ao despreparo e à mesquinhez da maioria dos que ali exercem cargos de responsabilidade". O representante gaúcho disse que a proibição não vai impedir a sua participação em outros encontros.

Notícia deturpada

O Sr Brossard falou de seu desejo de voltar a Recife, desmentindo um jornal local que publicou que ele dissera: "Nunca mais voltarei a Pernambuco" (da última vez que visitou o Estado, na campanha eleitoral de 1976, quando puxava uma caravana do MDB em Caruaru, com destino a um comício, viu a rua impedida pelo candidato situacionista, Sr Drayton Nejaim, e alguns pistoleiros, os quais obrigaram a multidão a mudar o caminho previsto).

O Sr Marcos Freire explicou que "os Senadores que deveriam falar, a convite do Diretório Acadmêmico Democrático de Souza Filho, são daqueles que têm percorrido constantemente o país, dentro da pregação em favor da volta ao estado de direito. Com efeito, tanto o Senador Teotônio Vilela (Arena-AL), quanto o Sr Paulo Brossard, e eu próprio, temos sido recebidos em instituições de ensino superior, a convite dos universitários".

"Há pouco tempo, por sinal, fomos recebidos inclusive na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, por solicitação do Centro Acadêmico 11 de Agosto. Não nos pôde, entretanto, surpreender a diferenciação de tratamento que partem dessas escolas co-irmãs, desde que, no dia 11 de agosto, enquanto a de São Paulo comemorava, eloquentemente, o sesquicentenário da instalação dos cursos jurídicos no Brasil, a de Pernambuco atravessava a data às escuras, e com as portas fechadas, disse o Sr Marcos Freire.

Lembrança

O Senador pernambucano referiu-se ao estudante Demócrito de Souza Filho, assassinado em 1945, em concentração à frente da mesma Faculdade de Direito, por igual luta redemocratizante. "Felizmente não se registraram mortes. Em épocas passadas, a passeta havida contra a ditadura, a violência da polícia e a morte de Demócrito provocaram reação tão grande, que o diretor da escola, o saudoso Andrade Bezerra, pediu demissão do cargo".

"Em reação a mim, o caso não foi inédito, mesmo porque não é de hoje que a Faculdade de Direito, sendo uma vítima da estrutura ditatorial de Poder existente no país, em administração outra, foi proibido de falar na minha própria escola (o Sr Freire é professor daquela escola). O sentimento é sobretudo de tristeza, e eu bem poderia repetir a invocação do Senador Paulo Brossard, ao lembrar certa vez, o lamento feito por um grande estadista: "Não se compreende porque Deus, que limitou a inteligência dos homens, não tenha também limitado a burrice humana".

Eurico Rezende explica proibição

Brasília — O líder da Maioria no Senado, Sr Eurico Rezende, afirmou, ontem, da tribuna, que a interferência da polícia impedindo que os estudantes da Faculdade de Direito de Recife realizassem uma passeata, tem amparo em medida do Governo federal, "que será cumprida em todas as ocasiões e em quaisquer circunstancias, seja com relação à presença de membros do Judiciário, Executivo ou Legislativo."

O pronunciamento do Sr Eurico Rezende foi em resposta a um discurso do líder do MDB, Senador Franco Monotro, de protesto contra a proibição da conferência que os Senadores Paulo Brossard, Marcos Freire e Teotônio Vilela fariam, quinta-feira, na Faculdade de Direito de Recife. O líder oposicionista considerou a proibição "um abuso" e pediu explicações às autoridades.

Polícia de Recife já liberou cinco presos

Recife — O chefe do gabinete do Secretário de Segurança Pública, Sr Paulo Rogério Fernandes, informou, ontem, que os cinco detidos durante a manifestação estudantil na noite de quinta-feira foram liberados, "após breve interrogatório, estando, portanto, o caso encerrado."

Os detidos — estudantes Francisco Muniz, Gilvaldo Gualberto e Erikson Luna de Morais; o advogado Jorge Carvalho; e o engenheiro Paulo César Tavares — foram recolhidos ao DOPS por estarem na passeata, protestando contra a proibição, pelo diretor da Faculdade de Direito, do debate com a presença dos Senadores Paulo Brossard e Marcos Freire (MDB) e Teotônio Vilela (Arena).

A manifestação atraiu uma multidão de cerca de 5 mil pessoas, que permaneceram em frente e nas imediações do Diretório dos Estudantes, protestando contra a intervenção da polícia, que deslocou mais de 200 soldados e soltou bombas de gás lacrimogêneo e cães para dispersar a aglomeração. Só às 22h é que cessou o movimento e foi restabelecido o trânsito no local.

O Reitor

O Reitor Paulo Maciel considerou "um incidente bastante desagradável" a repressão policial à manifestação e cumpriu sua promessa de interferir na libertação dos presos, apesar de dizer que não aprova as ações estudantis fora da Universidade.

Logo que soube das prisões, ele dirigiu-se à Secretaria de Segurança Pública para pedir a libertação dos presos, no que foi atendido. Declarou que "continuarei a desenvolver esforços para que, cada vez mais, se estabeleça um clima de harmonia, sem separações, entre os estudantes, a direção universitária e as demais autoridades."

O Sr Paulo Maciel não quis comentar o gesto do professor Rosa e Silva Sobrinho, diretor da Faculdade de Direito e pivô do caso, por ter negado o salão nobre para o debate sobre a Constituinte, entre os estudantes e os três Senadores.

Camargo não comenta ação policial

Brasília — O secretário de Imprensa da Presidência, Coronel Toledo Camargo, recusou-se ontem a comentar a ação policial na Faculdade de Direito do Recife, que impediu a realização do debate — com a presença de três senadores — sobre a convocação da Assembléia Constituinte. Ele alegou desconhecer "detalhes da operação".

O porta-voz do Governo disse que na noite de quinta-feira manteve contato telefônico com o Governador Moura Cavalcanti, que lhe comunicou desconhecer "pormenores" da ação policial, já que não havia recebido ainda os relatórios.

GÁS

A ação policial, com cães e gás lacrimogêneo, foi observada pelo chefe do gabinete da SSP, de Recife, Sr Paulo Rogério, pelo chefe de Operações da Polícia Militar, Sr Lamartine Correia e pelo diretor-executivo da Polícia Metropolitana, Sr Edvaldo Cruz.

O debate organizado pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade de Pernambuco, teria a participação dos Senadores Marcos Freire e Paulo Brossard, do MDB, e Teotônio Vilela, da Arena.

Arenista põe culpa em Moura Cavalcante

O episódio de quinta-feira, quando os Senadores Paulo Brossard (MDB-RS), Teotônio Vilela (Arena-AL) e Marcos Freire (MDB-PE) foram proibidos de participar de um debate sobre a Constituinte na Faculdade de Direito de Recife, foi condenado por vários parlamentares na sessão de ontem da Camara, tendo o Deputado Lins e Silva (Arena-PE) creditado a repressão policial ao Governador Moura Cavalcante, a quem acusou de "esconder sua incompetência e inoperancia atrás da violência e do arbítrio".

Em aparte ao Sr Lins e Silva, o Deputado Aderbal Jurema (Arena-PE) justificou a ocorrência da véspera: "Foi um ato de rotina para assegurar a ordem à família recifense, à família pernambucana. Não houve nenhum massacre, não houve nenhum estudante ferido". O Sr Jurema assegurou que o Governador Moura Cavalcante nada teve a ver com a repressão policial contra os estudantes e os políticos.

VERGONHA

O Deputado Getúlio Dias (MDB-RS), em aparte ao Sr Lins e Silva, lamentou que "enquanto a Oposição levanta, com o calor do seu patriotismo, do seu civismo, a pregação de idéias, o Governo, como sempre, repete seu argumento: a força, a força policial".

— Já se nega à Oposição, neste país, não mais os canais de comunicação de massas de que nos fala a Lei Falcão — o rádio e a televisão. Nega-se à Oposição neste país o chão, nega-se o espaço físico para se pregar as idéias ao povo — disse o parlamentar gaúcho.

O Deputado Getúlio Dias recebeu do Deputado Lins e Silva, como resposta ao aparte, a afirmativa de que, "como pernambucano e como representante do meu Estado nesta Casa", estava possuído de um "sentimento de vergonha, vergonha profunda, porque até a imagem de hospitalidade do meu Estado está denegrida por este Governador".

CASA DE PRAIA

Ainda criticando o Governador pernambucano, o Sr Lins e Silva reafirmou que ele "é incompetente", dizendo que "a única obra que tem a apresentar no Estado é uma casa de praia com alguns mil metros quadrados, em uma hora em que aquela unidade da Federação se debate com a fome, com a pobreza e perde toda a sua liderança econômica para a Bahia".

A casa a que se referiu o deputado foi construída para servir de refúgio ao Governador, nos fins de semana.

O final do discurso do Deputado Lins e Silva foi uma apologia das eleições diretas, tendo defendido também, a necessidade de participação do povo nas decisões do Governo, o que só se fará, a seu ver, quando for restaurado o império do voto.

Nobre diz que delinqüentes estão em financeiras falidas

São Paulo — "Os delinquentes não estão no nosso Partido, o MDB, mas nas financeiras falidas, que continuam em liberdade, usufruindo os Cr$ 16 bilhões vertidos pelo Banco Central de maneira ainda não devidamente explicada", afirmou ontem o líder do MDB na Camara, Deputado Freitas Nobre, em resposta ao Senador Eurico Rezende, da Arena.

O Deputado acrescentou que o seu Partido "tem hoje uma linha harmônica de atuação e a nota aprovada pela convenção de Brasília, por unanimidade, praticamente dissolveu os chamados grupos *moderado* e *autêntico*. E' bom destacar que a comissão redatora da nota era integrada pelos Senadores Roberto Saturnino e Paulo Brossard e pelos Deputados Tancredo Neves e Aldo Fagundes.

Gratuitas

Depois de dizer que os argumentos do presidente da Arena, Deputado Francelino Pereira, e do líder no Senado, Sr Eurico Rezende, perdem-se nas divagações gratuitas, o Sr Freitas Nobre acrescentou: "Coube ao presidente do MDB e aos líderes a revisão do texto que, afinal, representou a opinião total dos diretórios e dos convencionais presentes ao encontro".

"Quanto ao argumento de que a tese da Assembléia Constituinte é uma ilusão, embora os representantes da Arena proclamem ser favoráveis à redemocratização, cabe perguntar: Por quê o Governo não usa a maioria do Congresso que pode modificar o texto constitucional ou os instrumentos de exceção que possui para redemocratizar o país? Quando formulamos essa indagação não a fazemos validando um Congresso mutilado nem reconhecendo a legitimidade dos instrumentos de exceção".

Acrescentou o Sr Freitas Nobre: "Se assim nos pronunciamos é apenas para caracterizar uma situação, demonstrando a insinceridade dos que pregam também essa redemocratização sem que a executem, embora só eles tenham no momento os recursos para fazê-lo. Também o argumento de que só eles poderão convocar eleições para uma Assembléia Constituinte é uma posição depreciatica para com a opinião pública, que poderá perfeitamente sensibilizar o Governo para o encontro dessa solução constitucional, que hoje nos parece a mais habilidosa, especialmente para o Governo sair da crise institucional, cuja existência ninguém nega, nem os que a integram".

Emedebista acha campanha indefinida

Brasília e *Belo Horizonte* — "Deve o MDB perfilhar a idéia da Constituinte, proposta de fora, como foi"? É a dúvida do Deputado Frederico Brandão, do MDB paulista, que embora caracterizado como *autêntico*, tem tido uma atuação independente, sem se filiar a grupos e sempre defendendo a participação dos trabalhadores em quaisquer entendimentos que porventura forem feitos, com vistas à restauração da normalidade democrática.

"Partido reconhecidamente heterogêneo em sua composição ideológica", frisou, "reflete o MDB, necessariamente, as contradições de corpo social diversificado de onde proveio sua representação. Daí não ser menor o seu embaraço, à qual vieram desaguar até então insuspeitadas vocações oposicionistas. O MDB conduzirá o processo da campanha da Constituinte ou será por ela conduzido? Qual será sua proposta de Constituição? São perguntas sem resposta".

Projeto

Para o Sr Frederico Brandão, que foi presidente e líder sindical dos bancários em São Paulo, a questão mais importante não está em definir-se o Partido pela participação no movimento pela Constituinte, que acha necessária. Não é um privilégio de nenhum segmento da sociedade brasileira, mas um dever que se impõe a todos, militares e civis.

O parlamentar paulista disse confiar em que os militares possam rever posições assumidas, de reorientar seus passos à frente dos destinos nacionais, encaminhando-os para alternativas novas, ainda não tentadas.

"Confiamos em que serão capazes de romper alianças com setores sociais que se revelaram indignos do aval e da protenção recebidos deles se tendo valido apenas assegurar-se privilégios ainda maiores, o acúmulo de riquezas mal-havidas. Confiamos em que, sensíveis ao clamor popular, à frente ou não da Chefia da Nação, muito poderão contribuir para o estabelecimento, entre nós, de uma sociedade nova, pluralista e democrática, de que a reconciliação nacional, pela anistia, é o pressuposto maior".

Observou, ainda, que haverá retrocesso se não forem estabelecidas as bases da futura convivência nacional "e isto inclui, prioritariamente, o diálogo com os verdadeiros centros de decisão e de poder — as Forças Armadas".

— O maior problema está em chegar-se, partidariamente, a um consenso em torno do projeto de Constituição, capaz de abrigar todas as conflitantes tendências filosóficas do corpo partidário, capaz de ir além dos retoques de verniz e da mudança da moldura do quadro institucional vigente.

Observou o representante emedebista que se não se puder chegar ao fundo da questão, definindo-se uma proposta partidária de necessárias, urgentes e decisivas mudanças na vida nacional, "ter-se-á perdido precioso tempo, gasto as últimas reservas de confiabilidade popular na legenda partidária".

"Exige-se, pois, não apenas competência partidária, mas, acima de tudo, sensibilidade política, capaz de corretamente interpretar os verdadeiros anseios nacionais, bem dimensionados os interesses em choque", acentuou.

Militares

Depois de destacar a importancia e a necessidade da participação dos estudantes e dos trabalhadores, para estabelecer as bases de uma "convivência nacional mais digna e justa", o Sr Frederico Brandão disse que muito se espera e deseja "dos nossos irmãos militares".

"E' verdade histórica que aos militares incumbe relevante e decisiva presença. Não partilhamos do coro barulhento dos que pedem levianamente a volta aos quartéis".

Descrença

O vice-líder do MDB na Camara, Deputado Tarcísio Delgado (MDB-MG), afirmou ontem que não acredita na sinceridade do Governo, quando seus porta-vozes falam em abertura democrática, em diálogo e em aperfeiçoamento do regime, "pois todas as vezes que falaram isso, ocorreu exatamente o contrário".

O parlamentar justificou sua descrença no diálogo e na redemocratização afirmando: "Falaram em abertura democrática e fecharam o Congresso; falaram em normalização cassaram sete mandatos federais, inclusive o do líder do MDB; falaram em aperfeiçoar o regime e soltaram o *pacote*."

Jarbas aponta indícios de repressão

Recife — "As declarações do presidente da Arena, Sr Francelino Pereira, de que a campanha pela convocação da Assembléia Nacional Constituinte é ilegal, tem o objetivo único de reprimir mais ainda o povo e de levar o sistema a optar pelo exercício dos seus instrumentos de força. No entanto, não creio em endurecimento", afirmou ontem o presidente do Diretório regional do MDB, Deputado Jarbas Vasconcelos.

Para o parlamentar pernambucano, "o país já vive mergulhado num obscurantismo tão grande que sinceramente não acredito que o sistema vigente pretenda endurecer ainda mais. Porém, as alegações do Senador Eurico Rezende, a de Francelino Pereira e a ação praticada pela Secretaria de Segurança de São Paulo, assim como a de Pernambuco, no episódio de quinta-feira, são fatos sintomáticos de que as forças que se utilizam são beneficiárias do regime de exceção, e não querem abertura. A Assembléia Nacional Constituinte é abertura completa."

O Sr Jarbas Vasconcelos não vê nenhuma ilegalidade na pregação da Constituinte. "O MDB sempre reclamou contra o Estado de exceção ao longo da última década. E a Oposição tem mantido luta sistemática contra o arbítrio, a repressão, a censura à imprensa e as violações dos direitos humanos. Mas a nossa luta é sobretudo contra o AI-5 e o Decreto-Lei 477."

"Assim sendo, o objetivo do MDB, como Partido político, sempre foi a evolução do país à plenitude democrática. E quem assim age está pedindo o fim da exceção. A Constituinte servirá como conduto e o meio mais racional de se chegar ao pleno Estado de direito. O MDB sempre foi contra todo esse instrumental vigente no atual regime, assim como a Carta outorgada. E, através de uma tese aprovada em campanha nacional, viabiliza uma forma do Brasil chegar à democracia."

O presidente do MDB de Pernambuco reconheceu, no entanto, que "a maioria do povo brasileiro ainda não entende a tese da Constituinte. Daí por que é necessária uma grande campanha para explicá-la. Quando chegarmos a um grupo de trabalhadores pretendemos esclarecer que eles não têm o arrocho salarial porque o país não tem uma Constituição livre. O nosso trabalho terá que ser didático."

Os fatos verificados na noite de quinta-feira no Recife, quando a polícia dispersou as pessoas que assistiram a conferências dos Senadores Teotônio Vilela (Arena-AL), Marcos Freire (MDB-PE) e Paulo Brossard (MDB-RS) foram interpretados pelo Sr Vasconcelos, como "ação coordenada por pessoas de extrema direita, representadas por autoridades como o Sr Moura Cavalcanti."

"Estas se alimentam da radicalização e, como tal, querem levar o país a um ponto de estrangulamento pior do que os dias atuais. Além de profundamente lamentáveis, os episódios chocantes ocorridos nas ruas da Capital chegaram a tal situação, devido ao despreparo do Governador Moura Cavalcanti e do diretor da Faculdade de Direito, professor Francisco Rosa e Silva. Senadores da República comparecerem a uma escola para fazer pronunciamentos é fato corriqueiro, a não ser para os radicais do sistema", encerrou.

Parlamentar quer calma na Assembléia

O presidente da Assembléia do Estado do Rio, Deputado Cláudio Moacir de Azevedo, vai iniciar contatos terça-feira com os líderes da Arena e do MDB para tentar o apoio de ambos a um movimento que visa à diminuição das tensões entre parlamentares dos dois Partidos, que redundaram na última terça-feira num conflito em plenário.

A preocupação da Mesa, segundo o seu presidente, é evitar acontecimentos como o da sessão ordinária do dia 13, quando a partir de um pronunciamento do Deputado José Nader (Arena), de acusações ao MDB, o tumulto tomou conta do plenário. O parlamentar arenista, ao afirmar que os oposicionistas do Estado estavam comprometidos com o comunismo, provocou um processo generalizado de reação.

CAUTELA

Ontem, Sr Cláudio Moacir chegou a conversar, ligeiramente, com o líder do MDB, Deputado Sílvio Lessa, recomendando-lhe uma reunião da bancada para pedir um pouco mais de calma aos seus integrantes, "ante novas e possíveis provocações de arenistas interessados em apresentar o Partido de Oposição no Estado do Rio, como grupo de contestação ao Governo Federal e à Revolução".

Dos parlamentares oposicionistas que se envolveram no conflito plenário de terça-feira, os Srs Fernando Leandro e Márcio Macedo são os que têm maiores ressentimentos e e sobre eles que a liderança emedebista vai atuar, apelando para que "não aceitem novas provocações". O MDB, conforme estratégia da liderança, vai transferir, inclusive, o problema da resposta ao Sr José Nader, ao Diretório Regional.

"O MDB foi atingido, como um todo, no pronunciamento do representante arenista — explicou o Sr Sílvio Lessa — o que deixa ao Diretório Regional, em termos de resposta, duas alternativas: uma nota oficial ou então uma interpelação judicial. Eu já entreguei os documentos de prova ao presidente do Partido, Deputado Erasmo Martins Pedro.

Magalhães em Minas promete que em breve voa pela FAB

Brasília — A confiança nas possibilidades de sua candidatura à Presidência da República marcou a visita que o Senador Magalhães Pinto fez ontem à Itaiutaba, Minas Gerais, desde o momento do embarque, em Brasília.

Na pista, havia dois aviõezinhos, estacionados lado a lado: um *Boechcraft*, da Líder, e um *Bandeirante*, da FAB. Os jornalistas pilheriaram com o Senador:

— *Vamos voar com a FAB?*

— Ainda não — foi a resposta fulminante.

Conciliação

A conciliação, outro ponto da campanha, não ficou apenas em palavras: convidado do Prefeito — que é o Sr Acácio Cintra, do MDB — para a inauguração da Feira Agropecuária e para a festa dos 76 anos dessa cidade de quase 100 mil habitantes, no chamado pontal do Triangulo Mineiro, o Senador conseguiu conter a irritação da Arena local, que chegou a preparar panfletos "desconvidando" o povo para a festa. Sua tese de que "o civismo está acima dos Partidos" obteve tal adesão que, no almoço de confraternização, os presidentes dos diretórios municipais dos dois Partidos em Ituiutaba e cidades da região sentaram-se juntos à mesa principal (os do MDB, à direita do Senador, e os da Arena à sua esquerda).

— Não estava no gibi ver na mesma mesa o Geraldo (Geraldo Gouveia Franco, presidente da Arena local) e o Acácio (o Prefeito emedebista) — comentava um dos convidados, resumindo a perplexidade dos ituiutabanos.

De qualquer modo, até a chegada do Sr Magalhães Pinto, Arena e MDB ficaram separados, esperando, cada um de um lado, que o jatinho se aproximasse do hangar, levantando muita poeira da pista de terra vermelha. Quando o Senador desceu as escadas, um grito bastou para unir as duas correntes:

— Viva o grande Senador Magalhães Pinto.

E as quase 500 pessoas que foram aguardá-lo aplaudiram, sem Partidos. Daí para a frente, iniciava-se um espetáculo inédito no Brasil dos últimos 17 anos: um político em campanha nas ruas para a Presidência da República. E mais: buscando apoio exatamente entre aqueles que não são os seus eleitores para esse cargo.

— Eu não estou em campanha. Vim apenas atender a um convite — disse o Senador, em uma das suas entrevistas coletivas à imprensa local, que concedeu durante as quatro horas que permaneceu em Ituiutaba.

Televisão

A presença das camaras de duas redes nacionais de televisão — Globo e Tupi — nessas entrevistas desmentia, indiretamente, o Senador. E a pergunta que mais lhe fizeram foi exatamente essa: "O Sr é mesmo candidato à Presidência?". Pergunta repetida com uma ênfase de quem não estava acreditando muito.

Só mais tarde, no discurso que pronunciou durante o almoço no Ituiutaba Clube, é que o Sr Magalhães Pinto deixou bem claro o sentido de sua movimentação:

"Quando chegar a hora de meu Partido, do Presidente Geisel e do sistema militar que está a seu lado escolherem o candidato à Presidência, quero me apresentar não como o melhor, mas como o homem que tem a seu lado a opinião pública do Brasil, que tem a sociedade a apoiá-lo".

Manchete

Se dependesse do jornal local, *Cidade de Ituiutaba*, o Senador já teria obtido o que quer. Na edição especial de aniversário da cidade, publicada ontem, sob a manchete de primeira página — Magalhães, a Ilustre Visita do Aniversário de Ituiutaba, o jornal afirmava:

"Magalhães Pinto representa a tradição da política mineira, acumulando vasta experiência, equilíbrio, tirocínio político, o que leva o povo brasileiro a somar suas aspirações em prol de sua condução à Presidência da República".

Ainda menos contido, o locutor da Feira Agropecuária saudou o Senador como o "oxigênio democrático para o Brasil", enquanto o presidente do diretório municipal da Arena de Ituiutaba preferiu qualificá-lo de "Pedro Álvares Cabral de Ituiutaba", referindo-se ao fato de que, como Governador, ele "descobriu o Triangulo Mineiro".

Apertado ecumenicamente ao lado do Prefeito emedebista e do presidente da Arena, no banco de trás do Dodge Darte da Prefeitura, o Senador passou pela casa de um e de outro, foi saudado ao chegar à Prefeitura, pela bandinha municipal com o dobrado *Capitão Portela*, hasteou a bandeira nacional na Feira Agropecuária, tomou dois cafés, apertou centenas de mãos, autografou o braço enfaixado de um menino que o pai levava ao colo, no aeroporto, e não perdeu nunca o bom-humor. Quando um repórter lhe perguntou o que achava da notícia de um jornal norte-americano segundo a qual o Presidente Carter via com simpatia a sua candidatura, respondeu:

— Fico muito honrado, mas o que preciso mesmo é do apoio do Presidente Geisel.

Ao fim da visita, manteve a mesma serenidade quando o Sr Jarbas Palis, presidente da Camara Municipal (e emedebista), encerrou o almoço dizendo que "Ituiutaba estava de pé para aplaudi-lo e espera aplaudi-lo em breve no Palácio do Planalto e no Palácio da Alvorada".

Secretário é acusado de empreguismo

Maceió — O Secretário de Educação de Alagoas, Sr Murilo Mendes, foi acusado novamente pelo Deputado Estadual José Bandeira (Arena) de estar promovendo o empreguismo para fazer sua base eleitoral no interior do Estado, contrariando a política estadual e lançando mão de verba federal para pagar, em recibos, os vencimentos dos contratados.

O Sr Bandeira, que foi a Brasília no início desta semana, protestou contra a atitude do Deputado Tarcísio de Jesus (Arena), que retirou seu voto de repúdio sem consultá-lo. "Vim manter o meu requerimento pedindo um voto de repúdio ao Secretário de Educação e não admito que ninguém tente fazer o contrário."

O Secretário Murilo Mendes não deu a resposta às acusações e tem sido difícil encontrá-lo em casa. O Deputado José Bandeira acusa o Sr Murilo Mendes de ter dito, no interior, que na Assembléia só "tem imbecis." Por ironia, a defesa dele está sendo feita pelo Deputado Alcides Falcão, do MDB.

Senador não quer censura no civismo

Brasília — O Senador Lázaro Barbosa (MDB-GO) manifestou, ontem, receio de que a participação de técnicos da censura na elaboração do conteúdo (fascículos, impressos, etc) das disciplinas Moral e Cívica e Estudos de Problemas Brasileiros, transformem as aulas dessas matérias "em um desfilar de ditirambos e loas às decisões do Governo".

— Exemplo desse perigo pudemos constatar em uma das faculdades de Direito do País, onde um ilustre professor considerava resposta errada não afirmar que o Poder Executivo sobreleva os demais Poderes da União, desconhecendo que, dificilmente, poderá haver harmonia, quando houver hipertrofia de um dos Poderes — disse, ainda, o Senador oposicionista.

Pesquisa no Rio revela maior otimismo carioca com a redemocratização

Os cariocas estão mais otimistas do que os paulistas com relação à redemocratização do país, segundo revelou pesquisa realizada pelo IBOPE, durante a Semana da Pátria, quando foram entrevistados 600 pessoas nos dois Estados.

Para a maioria, o Congresso vem cumprindo sua missão dentro das possibilidades; o Presidente Geisel vem governando o país com muito equilíbrio, no Rio, e com relativo equilíbrio, em São Paulo; no fim do Governo Geisel, o país estará parcialmente democratizado; Arena e MDB têm condições de colaborar numa reforma política; e o futuro Presidente necessita ser competente, não importando sua condição de civil ou militar.

A democracia

Depois de responderem a perguntas sobre o nível de programação na TV, a loteria esportiva, o atendimento do INPS e a escolha de Coutinho para técnico da Seleção Brasileira, 53% de cariocas, entre estes, 56% de estudantes cariocas, acreditam que ao final do Governo o país estará parcialmente democratizado, o mesmo acreditando 47,3% de paulistas, sendo que em São Paulo a maior parcela é creditada aos inativos. As mulheres acreditam mais nisso do que os homens.

Mais de 50% de cariocas e paulistas querem a manutenção dos atuais Partidos, e uma revisão partidária com a extinção da Arena e MDB só é defendida por 9,3% no Rio, e 13,3% em São Paulo.

No Rio, o Governo deveria dar prioridade para o problema do desemprego, enquanto em São Paulo o que mais preocupa é a inflação.

Cinquenta e quatro por cento de cariocas e 45% de paulistas vêem o Brasil como um país em vias de desenvolvimento; mas 43% em São Paulo acreditam que ainda estamos longe de uma democratização. No Rio, 42,7% pensam da mesma maneira, mas outros 42,7% acham que o Brasil está em vias de democratização plena.

Os governantes

Treze vírgula três por cento de cariocas querem um sucessor civil para o Presidente Geisel, enquanto em São Paulo essa percentagem sobe para 21,7%. Um candidato militar é defendido por 10,7% dos cariocas, e por 8,3% dos paulistas, mas 67% no Rio e 78,3% em São Paulo defendem um nome competente, não importando que seja civil ou militar.

A pesquisa que procurava saber da opinião pública qual o seu pensamento sobre a Evolução Política, Social e Econômica do Brasil, revela que 42% dos cariocas consideram regular a atuação do Governador Faria Lima, contra 29% de boa, e 16,3% de ótima, além de 11,7% entre má e péssima, enquanto 43,3% dos paulistas acham também regular a administração do Sr Paulo Egídio Martins, contra 36% de boa, 9,7% de ótima e 8% entre má e péssima. Tanto no Rio quanto em São Paulo, a maioria considera regular a atuação de seus respectivos Prefeitos.

Eles confiam mais, entretanto — 47,3% em São Paulo e 60,7% no Rio — no Presidente Carter que "fará um bom Governo nos Estados Unidos".

Os cariocas mais do que os paulistas acreditam no técnico Coutinho; o INPS tem melhorado pouco e em São Paulo e no Rio não tem melhorado; e dos entrevistados, no Rio, 11,3% tem alguém na família que já ganhou na Loteria Esportiva, além de 8,3% dos paulistas.

Deputado vê má fé em acusações

Porto Alegre — O Deputado Pedro Américo Leal, da Arena, disse admitir que as falsas imputações de que estaria envolvido em jogo do bicho, constantes até de Inquérito administrativo-policial, visam a tentar a desmoralização do regime, "através do único militar da Assembléia gaúcha". O Parlamentar é Coronel reformado do Exército e ex-Superintendente dos Serviços Policiais.

O Deputado pediu que seja instaurado uma CPI, na Assembléia, para averiguar quem são os autores do que ele denomina "trama de Taquara" — por não querer que "esse grupo cresça e sejam atingidos outros, menos protegidos, por essas figuras e ameaças". O Deputado assegurou que entre eles "não se encontra ninguém do MDB e nem qualquer político cassado ou banido. Pelo contrário, tenho recebido muito apoio do Partido da Oposição para desvendar todo o caso".

PROCESSO

Os fatos remontam a 1973, quando o Deputado Pedro Américo Leal foi à Taquara (distante 74 km de Porto Alegre), onde tem bom reduto eleitoral, para esclarecer junto ao delegado regional de polícia, Sr José Antônio Garcez — atualmente promotor público — as razões pelas quais antigos policiais estavam sendo acusados de protegerem o jogo do bicho naquele Município. Meses depois, o presidente da Assembléia Legislativa, a Procuradoria do Estado e o Tribunal Regional Eleitoral receberam denúncia policial de que, o parlamentar estava envolvido no episódio. Antes, uma folha do inquérito — em que a denúncia seria mandada ao SNI e aos DOPS — foi substituída ilegalmente.

O Deputado Pedro Américo Leal obteve, esta semana, a concordancia do Presidente do Legislativo para a constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, para averiguar todos os fatos, alguns dos quais "são estarrecedores pela corrupção que envolvem", disse. Paralelamente, o Deputado responde a processo junto ao Tribunal de Justiça por entrevista em que acusou o ex-delegado José Antônio Garcez. Está sendo processado pela Procuradoria Geral do Estado por crime de calúnia, injúria e difamação. O Juiz-Relator acolheu em parte o recurso impetrado pelo advogado Ney Moura e a denúncia por calúnia não foi aceita. O advogado vai recorrer da decisão.

Rio tem em circulação 800 ônibus que ultrapassaram os sete anos de vida útil

Dois ônibus novos deveriam entrar em circulação diariamente no Rio, em substituição aos que vão ultrapassando o limite de sete anos de vida útil. Mas, como essa renovação não atinge nem a metade do necessário, cerca de 800 ainda trafegam com idade acima do prazo, embora a EBTU e o Banco de Desenvolvimento do Estado tenham linhas de financiamento para esse programa.

Aos empresários, segundo o presidente do seu sindicato, Agostinho Maia, não interessam esses financiamentos oficiais. Eles preferem os bancos privados, porque a EBTU, Finame ou BD-Rio cobram os juros do mercado mas aplicam correção monetária e estabelecem prazos de carência no qual os encargos creditícios não deixam de ser cobrados.

CRÉDITO OFICIAL

O diretor da EBTU (Empresa Brasileira de Transportes Urbanos), Gil César Moreira de Abreu, anunciou em Porto Alegre que serão oferecidos recursos de Cr$ 2 milhões 500 mil às 440 empresas das nove Regiões Metropolitanas do país para renovação de frota, cujo cálculo foi de 3 mil 500 ônibus com idade superior a sete anos. Há seis meses, a mesma empresa abriu linha de crédito através do Finame, para o mesmo objetivo, o qual levou igualmente há quatro meses o BD-Rio (Banco de Desenvolvimento do Estado do Rio), autorizado pelo Conselho Estadual de Desenvolvimento Econômico e Social (CEDES), a conceder Cr$ 40 milhões às transportadoras cariocas.

Dessas propostas anteriores, no Rio somente habilitou-se ao financiamento do BD-Rio a Companhia de Transportes Coletivos (CTC), do Estado, com um plano em que procura mostrar que ônibus novo é autofinanciável e, com a aquisição de 50 veículos, dava como garantia a receita deles quando entrassem em operação. Ainda não recebeu resposta. Para o financiamento da EBTU sua diretoria está estudando a conveniência de candidatar-se ou não, talvez com sua proposta idêntica à que foi feita ao BD-Rio.

A FUNDO PERDIDO

Os empresários particulares entretanto recusam as linhas de crédito oferecidas pelos organismos oficiais dentro dos termos anteriores e preferem recorrer a bancos e agências privadas, "caso algum deles ainda tenha condições econômico-financeiras para fazer investimentos, pois a situação atual é de quase insolvência do setor" — ressalvou o presidente do Sindicato. Acrescentou que atualmente, no Rio, toda a receita dos ônibus é empregada na cobertura das despesas. Para ele, financiamento só a fundo perdido, o que só é feito com o metrô.

O Sr Agostinho Maia disse que normalmente as agências e bancos de investimentos cobram os juros pela tabela em vigor mas os organismos oficiais colocam, além desses juros, outros encargos como a aplicação de correção monetária e a prazo de carência para o pagamento. Isto supostamente beneficiaria o tomador, pois ele terá que começar a pagar somente após esse prazo, mas na realidade torna-se um outro obstáculo durante todo o período, sobre o montante da dívida são aplicados os juros e a correção monetária.

Justificou que o grande número de ônibus que ainda trafegam com idade superior ao limite de sete anos — cerca de 800, de uma frota de 5 mil 200, ou seja, quase 16% — é consequência da carência de recursos até para investimentos e não uma posição, pois "o empresário sabe perfeitamente que ônibus novo melhora a receita e reduz gastos com manutenção."

FEEMA começa no Rio a exterminar 200 mil ratos na segunda-feira

Duzentos mil ratos começam a ser exterminados segunda-feira (19/9) por 18 equipes da Fundação Estadual de Engenharia do Meio-Ambiente, num total de 125 mil homens. O trabalho se inicia pela manhã em toda a região administrativa da Lagoa e se repetirá em outras seis regiões da cidade, durante um ano e quatro meses.

As equipes serão coordenadas pelo biologista João Moojen de Oliveira, chefe do Serviço de Roedores da FEEMA, que distribuirá, também, 360 mil folhetos, explicando como se devem combater os ratos. Toda a operação faz parte de convênio entre a Fundação e a Prefeitura, no valor de Cr$ 49 milhões.

FASES DO TRABALHO

Terminados os trabalhos na área da Lagoa — devem durar dois meses — será a vez de Copacabana. Depois serão atendidas, pela ordem, as regiões de Botafogo, Rio Comprido, Santa Tereza, Tijuca e Vila Isabel. Ao todo serão desratizadas 291 mil áreas consideradas ninhos de roedores.

O trabalho de extermínio será feito de duas formas: colocação de iscas envenenadas (com essências de queijo, toucinho e ração de aves) em caixas especiais, denominadas PEP (ponto de envenenamento permanente); também serão pulverizadas, com o próprio veneno, as ninheiras existentes em esgotos, bueiros e, mesmo, em prédios.

O veneno é um anticoagulante à base de cumarina. O rato tem o costume de lamber seu corpo e patas, que após a pulverização ficam contaminados. Morre num período de três a sete dias, sem o inconveniente do mau cheiro, porque o animal fica ressecado e, geralmente, procura a ninheira, para morrer.

Em cada Região Administrativa a operação deverá durar dois meses, mas após a desratização — explica um assessor da FEEMA — o controle será permanente, pois na área desratizada sobrará espaço e comida, atraindo os ratos de outros locais, que terão superalimentação e, nestes casos, a população de roedores fica bem maior que a anterior.

Os folhetos falam da ameaça constante que representam os roedores, dão conselhos de como evitá-los, falam dos prejuízos que eles acarretam, dos "alimentos que os roedores consomem e destroem anualmente e que dariam para acabar com a fome do mundo", e explicam como combatê-los.

Larga amanhã da Baia da Guanabara, de regresso à Bacia de Campos, a sonda de exploração petrolífera Petrobrás II, *que desde o dia 8 esteve submetida a uma revisão geral, que incluiu a soldagem de um de seus três guindastes, que se rompeu durante recentes perfurações. Construída no Japão, em 1973, a sonda tem representado importante economia para a Petrobrás, que, presentemente, tem alugadas 18 plataformas semelhantes, pagando por dia 15 a 20 mil dólares cada uma. A* Petrobrás II *foi revisada por técnicos do Arsenal de Marinha, no Rio, e carrega, permanentemente, 70 técnicos em exploração petrolífera. A viagem de regresso à Bacia de Campos, onde prosseguirá operações, vai demorar 16 hs.*

Salvaero não acha avião na Barra

Um aviãozinho parecia cair, ontem, por volta das 11h, no Recreio dos Bandeirantes. Um comissário de bordo da VASP notou e comunicou à central de rádio da companhia, que alertou o Serviço de Buscas e Salvamento da FAB (Salvaero). Quatro lanchas, três pequenos aviões e três viaturas — inclusive uma ambulancia — foram enviados ao local, mas nenhum vestígio foi encontrado, e o caso foi considerado um "rebate falso".

Sunab tabela cafezinho em Cr$ 1,50

Os bares e lanchonetes, que ainda ontem insistiam em vender o cafezinho a Cr$ 1,70 a xícara, estão obrigados, a partir de hoje, a cobrar o antigo preço de Cr$ 1,50, porque já está em vigor a portaria da Sunab que o tabelou por ter sido desrespeitado o "acordo de cavalheiros" mantido com o Sindicato de Hotéis e Similares desde o início do ano.

Ontem, em muitos bares do Centro o preço já tinha baixado "por medo de uma fiscalização da Sunab (a multa pode variar de um terço a 100 salários mínimos) ou até mesmo "para não afugentar a freguesia", mas havia também os que se aproveitavam do fato da não publicação da portaria no *Diário Oficial* (isto só aconteceu à tarde) para continuar cobrando Cr$ 1,70.

A portaria

O último aumento do preço do cafezinho ocorreu no início do ano, quando passou de Cr$ 1,20 para Cr$ 1,50 para a xícara padrão de 50 milímetros. Na ocasião a Sunab e o Sindicato de Hotéis e Similares entraram em um "acordo de cavalheiros" quanto à majoração, já que o cafezinho não é tabelado oficialmente.

No início do mês o Sindicato começou a manter entendimentos para novo aumento mas, antes mesmo de se chegar a qualquer acordo, mandou imprimir cartazes com o preço de Cr$ 1,70, que foram distribuídos aos bares e lanchonetes. Desrespeitado o "acordo de cavalheiros", a Sunab decidiu, através da portaria n.º 59, de 14 de setembro, tabelar o produto em Cr$ 1,50, quebrando assim uma tradição que vinha sendo mantida há anos, isto é, a do não tabelamento.

A portaria proíbe pela primeira vez o uso de copos de vidro para servir cafezinho, hábito que existe principalmente no subúrbio, e permite a utilização de copos descartáveis de papel ou plástico, desde que se mantenha a capacidade padrão de 50 ml. A partir de segunda-feira a Sunab irá exigir o cumprimento da portaria.

Incêndio na Fortaleza de S. Cruz queima 3 xadrezes e o cassino dos oficiais

A explosão de um bujão de gás foi a causa apontada para o incêndio que irrompeu, às primeiras horas da noite de ontem no Presídio Militar do Exército, situado na Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói, que destruiu três xadrezes — onde se encontravam presos políticos — e o cassino de oficiais. Toda a guarnição do quartel do 3º Grupamento de Bombeiros foi acionada.

Três militares do Exército saíram feridos e foram medicados no Hospital Antônio Pedro, onde um ficou internado em estado grave, e toda a área circunvizinha à Fortaleza foi interditada. A falta dágua prejudicou os trabalhos dos bombeiros, que tiveram de pedir ajuda à Cedae e à Prefeitura de Niterói, que enviaram para o quartel vários carros-pipas. Às 23h, o fogo foi apagado.

INÍCIO

O incêndio, segundo as informações, começou no xadrez nº 6 do Presídio Militar, que funciona em um velho casarão de dois andares e todo revestido de madeira. Neste xadrez, estavam 12 presos políticos. Ninguém soube explicar como ocorreu a explosão.

Às 19h20m o quartel do 3º Grupamento de Bombeiros, em Niterói, recebia o aviso de incêndio do Tenente César, oficial-de-dia da Fortaleza, e toda a guarnição foi enviada, sob o comando do 1º-Tenente Orlando.

O Coronel Jarbas Melo, comandante do Comando de Bombeiros da Área Niterói, chegou ao local às 20h, quando o fogo aumentou, para supervisionar os serviços, e dois choques da Polícia Militar, que foram dar ajuda ao Exército, ajudando na escolta e remoção dos presos políticos para outro xadrez longe do incêndio.

Três ambulâncias do Exército transportaram os feridos para o Hospital Antonio Pedro. As vítimas foram identificadas como Adolfo Auco, Guilherme Barbosa Primo e Jorge Carlos Gomes, todos militares. O hospital informou que um dos três "estava em estado desesperador". Os dois outros haviam sofrido ferimentos e queimaduras.

Segundo informações, o fogo depois de destruir totalmente o xadrez nº 6, passou para os outros dois xadrezes ao lado, onde havia também presos políticos, e atingiu o cassino de oficiais. Outras seções do presídio também foram atingidas pelas chamas, que só foram dominadas depois de mais de três horas de luta.

O PRESÍDIO

Construída para defender a Baía de Guanabara das invasões estrangeiras no período colonial, a Fortaleza de Santa Cruz sempre teve um presídio militar e em suas celas abrigou personagens ilustres da História Sul-Americana. Lá ficaram presos dois líderes uruguaios: André Artigas e Frutuoso Rivera.

A fortaleza completou no mês passado 410 anos e suas primeiras celas foram construídas em 1559, logo após a expulsão dos holandeses comandados pelo corsário Van Norden. Por ordem do Governador D Alvaro de Albuquerque, cavaram-se na rocha viva cinco celas de dois metros de largura e 60 centímetros de altura, para os presos mais perigosos, que eram obrigados a ficar agachados.

Os muros da fortaleza serviram também para prender uma grossa corrente que fechava a entrada da Baía de Guanabara aos galeões estrangeiros, em 1710. Esta corrente tinha a outra ponta presa no Forte São João, na Urca, mas não conseguiu evitar que Dugay-Troin invadisse o Rio de Janeiro, em agosto daquele ano.

A História do Brasil contemporanea registra a prisão de homens ilustres na celas da Fortaleza de Santa Cruz. Do Primeiro-Ministro da Marinha da República, Almirante Eduardo Wandenkolk, ao Ministro da Guerra do Governo Juscelino Kubitscheck, Marechal Henrique Lott, ficaram detidos nas velhas celas o ex-Governador de Pernambuco, Miguel Arrais, o líder integralista Plínio Salgado e o ex-Ministro Juarez Távora. Atualmente serve também como presídio político.

Fogo destrói mata e ameaça antena de TV

Ao mesmo tempo que ocorria o incêndio no presídio, outro começou no Morro da Viração, também em Niterói, destruindo grande parte da mata e danificando o esqueleto do prédio do Hotel Panorama — obra que se estende há mais de 10 anos — e ameaçando ainda a torre da TV Guanabara, canal 7, recentemente inaugurada.

Como toda a guarnição da ex-Capital fluminense estava mobilizada para a Fortaleza de Santa Cruz, bombeiros de São Gonçalo — município vizinho — foram acionados. No topo do morro da Viração existe, ainda, o Parque da Cidade, inaugurado há menos de um ano. O fogo foi apagado na madrugada de hoje.

EM BOTAFOGO

Um incêndio que se seguiu à explosão no encanamento de gás da sapataria Darc Mauro, na galeria do edifício nº 484 da Praia de Botafogo, na noite de ontem, atingiu 10 lojas, 20 boxes e ainda a parte externa de dois consultórios dentários e apartamentos do 1º andar do prédio de 11 andares.

A explosão foi tão violenta que quebrou vidraças e deslocou portas de aço, uma das quais alcançou Antônio Alberto Linhares que sofreu ferimentos na cabeça, sendo medicado no Hospital Rocha Maia.

Combateram as chamas os bombeiros do Posto Humaitá, ajudados por guarnições do posto do Catete os quais tiveram dificuldades para apagar o fogo porque faltou água. Segundo os bombeiros, os hidrantes estavam secos e deles, ao serem acionados, só saiam baratas e aranhas.

Larga amanhã da Baía da Guanabara, de regresso à Bacia de Campos, a sonda de exploração petrolífera Petrobrás II, *que desde o dia 8 esteve submetida a uma revisão geral, que incluiu a soldagem de um de seus três guindastes, que se rompeu durante recentes perfurações. Construída no Japão, em 1973, a sonda tem representado importante economia para a Petrobrás, que, presentemente, tem alugadas 18 plataformas semelhantes, pagando por dia 15 a 20 mil dólares cada uma. A* Petrobrás II *foi revisada por técnicos do Arsenal de Marinha, no Rio, e carrega, permanentemente, 70 técnicos em exploração petrolífera. A viagem de regresso à Bacia de Campos, onde prosseguirá operações, vai demorar 16 hs.*

Salvaero não acha avião na Barra

Um aviãozinho parecia cair, ontem, por volta das 11h, no Recreio dos Bandeirantes. Um comissário de bordo da VASP notou e comunicou à central de rádio da companhia, que alertou o Serviço de Buscas e Salvamento da FAB (Salvaero). Quatro lanchas, três pequenos aviões e três viaturas — inclusive uma ambulancia — foram enviados ao local, mas nenhum vestígio foi encontrado, e o caso foi considerado um "rebate falso".

Sunab tabela cafezinho em Cr$ 1,50

Os bares e lanchonetes, que ainda ontem insistiam em vender o cafezinho a Cr$ 1,70 a xícara, estão obrigados, a partir de hoje, a cobrar o antigo preço de Cr$ 1,50, porque já está em vigor a portaria da Sunab que o tabelou por ter sido desrespeitado o "acordo de cavalheiros" mantido com o Sindicato de Hotéis e Similares desde o início do ano.

Ontem, em muitos bares do Centro o preço já tinha baixado "por medo de uma fiscalização da Sunab (a multa pode variar de um terço a 100 salários mínimos) ou até mesmo "para não afugentar a freguesia", mas havia também os que se aproveitavam do fato da não publicação da portaria no *Diário Oficial* (isto só aconteceu à tarde) para continuar cobrando Cr$ 1,70.

A portaria

O último aumento do preço do cafezinho ocorreu no início do ano, quando passou de Cr$ 1,20 para Cr$ 1,50 para a xícara padrão de 50 milímetros. Na ocasião a Sunab e o Sindicato de Hotéis e Similares entraram em um "acordo de cavalheiros" quanto à majoração, já que o cafezinho não é tabelado oficialmente.

No início do mês o Sindicato começou a manter entendimentos para novo aumento mas, antes mesmo de se chegar a qualquer acordo, mandou imprimir cartazes com o preço de Cr$ 1,70, que foram distribuídos aos bares e lanchonetes. Desrespeitado o "acordo de cavalheiros", a Sunab decidiu, através da portaria n.º 59, de 14 de setembro, tabelar o produto em Cr$ 1,50, quebrando assim uma tradição que vinha sendo mantida há anos, isto é, a do não tabelamento.

A portaria proíbe pela primeira vez o uso de copos de vidro para servir cafezinho, hábito que existe principalmente no subúrbio, e permite a utilização de copos descartáveis de papel ou plástico, desde que se mantenha a capacidade padrão de 50 ml. A partir de segunda-feira a Sunab irá exigir o cumprimento da portaria.

Informe JB

Velhice

Os principais porta-vozes da Arena e do MDB poderiam fazer uma gentileza: falar novidades, ou pelo menos parar de dizer as mesmas coisas há tanto tempo.

Haja o que houver, o Senador Portella dirá:

— Esta medida, de caráter emergencial, com sua base revolucionária, não permite que eu a comente, mas exige que a Oposição a entenda como uma demonstração de que o essencial é a abertura de um leito capaz de patrocinar as bases de uma estabilização institucional.

Ao que responderá o Sr Ulisses Guimarães:

— Ora, direis, ouvir os Atos. Quando deles só resulta o coro desafinado das instituições que permitem o arbítrio e afogam os anseios libertários dos jovens, velhos e índios.

• • •

Então, aparecerá o Sr José Bonifácio:

— O MDB reclama porque não entra na marmita. E não entra. Podem escrever.

Irritado, responderá o Senador Paulo Brossard:

— Atitudes desse tipo demonstram que a Nação, se hoje tivesse um homem com a estatura de Ruy, o teria no cárcere.

• • •

Com a chegada do assunto ao Senado, responderá o Sr Eurico Rezende:

— A cavalgada delinquescente da Oposição desmilinguida é um típico reflexo do assombro a que se atiram aqueles que, incapazes de solapar, sabotam.

• • •

Ao desembarcar de um táxi, dirá o Senador Marcos Freire:

— A administração unilateral e prepotente nos leva, a cada dia, a ter de suportar maiores desigualdades regionais, sociais e econômicas.

O Sr Armando Falcão nada terá a declarar, o Ministro Velloso vai estudar os números, o Deputado Sinval Boaventura vai guardar as notas taquigráficas e o MDB jovem vai divulgar uma nota que, uma vez lida, provocará outro ato do Governo, e assim sucessivamente.

Diante disso tudo, o Ministro Quandt, mais uma vez, vai lembrar que o nível dos programas de televisão está caindo.

A quem interessar possa

Acaba de ser publicado nos Estados Unidos o depoimento de um dos melhores amigos do Presidente Franklin Roosevelt a respeito do período em que ele, já eleito, formou sua equipe de Governo.

Chama-se *The Brains Trust*, e o autor é R. G. Tukwell.

• • •

Custa três dólares e 25 centavos e se tiver pelo menos uma idéia aproveitável para se descobrir a melhor maneira de não escolher errado, já permite grande lucro.

Como?

O Senador Otto Cyrillo Lehmann (Arena-SP) apelou ontem ao Ministro Mário Henrique Simonsen para que inclua Portugal na lista dos países aos quais se pode chegar sem o depósito compulsório de Cr$ 16 mil.

Segundo o senador, a medida se justifica pelas ligações históricas entre os dois países.

• • •

Não haverá de ser o Sr Simonsen a negar essas ligações históricas. Espera-se apenas que o senador esclareça como será possível isentar os viajantes até Lisboa para, em seguida, taxá-los se entrarem no roteiro Helena Rubinstein, que une Roma, Paris e Nova Iorque.

A nova Constituição

Por mais que a sociedade civil esteja a pedir a volta ao estado de direito e por mais que o MDB peça uma Constituinte, caberá às Forças Armadas, e mais precisamente à Marinha, a tarefa de entregar ao país a nova Constituição.

• • •

Ela entrará em ação a partir de dezembro de 1978 e, ao contrário das últimas constituições, ficará ativa por pelo menos 30 anos.

Por enquanto, a Constituição está sendo montada de acordo com as últimas noções internacionais de segurança e deverá chegar ao Brasil antes da posse do novo Presidente.

• • •

Constituição é a terceira de uma série de quatro fragatas que foram encomendadas aos estaleiros ingleses de Portsmouth.

Estatística

De 12 Secretários do Governo do Estado, só três entraram para a Arena.

Nove, pelos mais diversos e compreensíveis motivos não se inscreveram.

• • •

Essa é mais ou menos a proporção que a Arena pode esperar em qualquer eleição no Estado.

Discrição

Enquanto diversos Governadores participam de campanhas públicas reivindicando facilidades para investimentos, empréstimos e projetos federais, o Almirante Faria Lima, em todo seu Governo, nunca deu uma só palavra nesse sentido.

Esse silêncio tem uma sólida explicação: o Governador, não tendo sido eleito para cumprir mandato, mas tendo sido nomeado para cumprir uma tarefa de prazo fixo, julga incorreto apresentar reivindicações do Estado por outros caminhos que não sejam os convencionais.

• • •

Nesse sentido, quando pede, leva.

Sem sucesso

Além de todos os entendimentos públicos, fartamente noticiados, o Presidente Jimmy Carter tratou da questão do Acordo Nuclear com o Chanceler Helmut Schmidt em pelo menos cinco telefonemas.

Sem maior sucesso.

Com segurança

Está funcionando em São Paulo a APIC — Associação Paulista de Intérpretes de Conferências.

E' a primeira a funcionar dentro de estatutos rígidos e trabalha segundo as normas da Associação Internacional de Intérpretes, que exige de seus filiados o respeito a um Código de Ética.

Três crimes

Em 1973 foi assassinada em Brasília uma adolescente de nome Ana Lídia.

A Censura achou que colaboraria para as investigações tirando a notícia dos jornais e até hoje os criminosos não foram encontrados.

• • •

Em 1975 foi assassinada em Vitória outra adolescente, de nome Aracell.

Surgiram suspeitos e um livro tratando do assunto foi proibido pela Censura. A polícia acaba de prender, sob suspeita de homicídio, os mesmos cidadãos que no livro pareciam ter cometido o crime.

• • •

Em 1977 morreu no Rio uma jovem de nome Cláudia.

Sem Censura, os principais suspeitos estão com a preventiva decretada.

• • •

De fato, há uma relação entre o noticiário da Imprensa e o bom andamento das investigações. Infelizmente, deixa a Censura mal.

Lance-livre

• Até 1978, o Estado do Rio de Janeiro terá recebido cerca de Cr$ 780 milhões em investimentos só no setor de produtos minerais não metálicos. O maior dos projetos é o de cimento e pó calcário de Cantagalo.

• **O presidente da Arena fluminense, Almirante Heleno Nunes, almoçou ontem com o ex-Governador Chagas Freitas.**

• O professor Masuo Kawakami, PhD pela Universidade de Hiroshima, fará uma série de conferências no Programa de Engenharia Naval e Oceanográfica da COPPE/UFRJ. Sua vinda ao Brasil é promovida pelo convênio entre a Japan International Cooperation Agency e a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

• **Chegou ontem ao gabinete do Secretário municipal de Obras um pedido do diretor do Jardim Zoológico, João Lacerda, solicitando o adiamento das obras de recuperação dos alojamentos das girafas. Há dias nasceu uma girafa e o barulho dos caminhões e dos operários está perturbando a tranquilidade das girafas. Mãe e filho ficam juntos durante 40 dias, período em que as obras devem ficar suspensas.**

• Os profissionais e pesquisadores em processamento de dados estarão reunidos no dia 6 de outubro, na sede da ABI, para fundarem a Associação dos Profissionais em Processamento de Dados. No encontro será eleita a sua primeira diretoria.

• **O Ministro da Educação, Ney Braga, fará conferência na quinta-feira na Escola Superior de Guerra.**

• Acaba de ser lançado o livro Não Passarás o Jordão, de Luiz Fernando Emediato.

• **O General Margarinos de Souza Leão, diretor do Serviço Militar do Exército está visitando unidades militares no Rio Grande do Sul. No momento, o Exército está realizando exames de saúde para a clases de 1959, para incorporação no começo do ano.**

• A Secretaria de Fazenda do Município está distribuindo intimações para pagamento do Imposto Predial a contribuintes que já saldaram suas dívidas.

• **Por não aproveitar o óleo lubrificante usado — submetendo-o a novo refino — o país está perdendo anualmente 500 milhões de litros de óleo.**

• Será criado, finalmente, um parque florestal no Acre. Terá uma largura de 20 quilômetros e foi instituído pelo Decreto 8 843 de 1911, no Governo Hermes da Fonseca. Nunca foi revogado nem cumprido.

• **O jornalista Maurício Caminha de Lacerda concluiu os originais de seu livro O Velho e a Menina. São contos inspirados em personalidades políticas da última década.**

• O robalo, prato típico dos restaurantes em Campos, desapareceu das águas do rio Paraíba.

• **A Companhia Hidrelétrica do São Francisco conclui na próxima semana o seu orçamento para 78: Cr$ 18 bilhões. Sem os cortes. O orçamento da CHESF, este ano, foi de Cr$ 8,7 bilhões.**

• O Presidente do Senegal, Leopold Senghor chegará ao Brasil no dia 4 de outubro. Ficará 48 horas em Brasília.

• **O Ministro Shigeaki Ueki inaugura amanhã no Rio um seminário sobre linhas de transmissão. E' promovido por Furnas.**

• A Flumintur abriu concorrência para a construção de uma marina na lagoa de Araruama. O custo da obra, que inclui um aterro hidráulico na área, está orçado em Cr$ 13 milhões.

• **A safra de algodão do Nordeste será de 700 mil toneladas. Representa um aumento de 50% sobre a do ano passado.**

• Não haverá condições de o DNER alcançar a arrecadação de Cr$ 4,8 bilhões previstos para o Imposto sobre Transportes Rodoviários este ano. Até agosto foram recolhidos Cr$ 700 milhões.

• **O projeto de expansão da Companhia Siderúrgica Nacional vai criar 4 mil novos empregos até outubro de 1981.**

Ganhadores dos prêmios da Feira da Providência serão conhecidos hoje à tarde

A Feira da Providência começou no dia 1º mas para os compradores de rifas só chegará ao fim hoje às 18h, quando a Loteria Federal der a conhecer os números contemplados, que no caso darão direito a um apartamento na Zona Sul, 21 automóveis e mais outros 11 prêmios — principal fonte de renda da promoção que desde 1961 se realiza no Rio.

As rifas continuarão à venda só até o meio-dia na sede do Banco da Providência (subsolo da Catedral da Avenida Chile e onde os organizadores da Feira estarão às 18h para anunciar o nome dos premiados) e diversos pontos da Cidade, como Terminal Menezes Cortes, esquina da Avenida Rio Branco e Avenida Nilo Peçanha, Cobal de Botafogo e Méier, Confeitaria Colombo do Centro e Copacabana e Mercadinho Azul.

ÚLTIMA HORA

Uma minifeira com as mercadorias que sobraram da grande Feira foi instalada esta semana, desde segunda-feira, na cripta da nova Catedral, onde funciona o Banco da Providência. Seu encerramento estava marcado para as 17h de ontem mas, dado o afluxo à última hora de pessoas interessadas nas derradeiras vendas, fez com que fosse adiado por uma hora.

Um dos últimos clientes, apoiado já em luzida bengala e residente no bairro de Bonsucesso, foi o Sr. Alfredo Chabrzynski. Em mangas de camisa e barba por fazer, viúvo e com aparência de mais de 70 anos, carregava uma bolsa cheia de chocolate e bombons da barraca do Espírito Santo, que comprou por Cr$ 200, e um corte de fazenda da Arábia Saudita. E disse que mais não levava porque simplesmente não tinha mais dinheiro senão o suficiente para o táxi.

— E olhe que fui também à Feira. Gastei lá um dinheirão: mais de Cr$ 3 milhões... Cr$ 3 mil — corrigiu a seguir.

GUARDADOS

Durante os cinco dias que durou a minifeira, a renda da Feira deste ano foi aumentada em mais Cr$ 420 mil aproximadamente. Sobraram ainda algumas caixas de bombons e chocolate — que o banco distribuirá oportunamente entre os pobres mais desprovidos de alimento — bem como bolsas de couro e vestidos do Paraguai, discos russos, um baú e um samovar da Argélia, cerâmica da Bahia, livros de arte da Romênia e peças de artesanato de madeira do Piauí — que serão guardados para a Feira do próximo ano.

Sobraram também algumas caixas de aperitivo holandês Genebra e biscoitos dietéticos ingleses que — conforme o diretor financeiro da Feira, Sr Orlando Travancas — serão vendidos em lojas da especialidade. O mesmo acontecerá a caixas de pimenta do México e produtos parecíveis.

Um dos 27 países inscritos para participar da promoção mas que não chegou a montar barraca nem com os licores e cristais prometidos é a Tcheco-Eslováquia. Os organizadores da Feira não sabem dizer o que aconteceu. Acrescentam no entanto que, se as mercadorias chegarem, logo darão conhecimento ao público.

LAZER E RECURSOS

Os prêmios serão entregues a seus respectivos donos no próximo dia 27, às 10h, no Estádio de Remo, nas margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. No dia seguinte, o Cardeal Eugênio Sales e a comissão organizadora da XVII Feira da Providência prestarão contas às 17h, no Palácio São Joaquim.

No próximo ano, a Feira não mais se realizará no lugar de costume, na Lagoa, porque em breve a área será urbanizada. Ninguém sabe dizer qual o lugar escolhido. Apenas o Sr Orlando Travancas diz que tem de ser "um lugar bom para o lazer e ao mesmo tempo fácil de captar recursos".

Não crê por isso que o Pavilhão de São Cristóvão, a Quinta da Boa Vista ou a Barra da Tijuca sejam locais indicados, o primeiro porque é pequeno, o segundo e o terceiro porque "a localização não permite um transporte de massas".

Prefeito recebe maquete do restaurante do Parque do Flamengo na segunda-feira

A maquete do restaurante do Parque do Flamengo será entregue, segunda-feira, ao Prefeito Marcos Tamoyo, pelo diretor-geral de obras da Secretaria Municipal de Obras, engenheiro Elazar David Levy. A construção do restaurante, dependendo dos recursos financeiros da Prefeitura, deverá ser iniciada no princípio do próximo ano.

O restaurante terá uma área construída de 1 mil 500 metros quadrados, dos quais 200 serão reservados para a cozinha, que atenderá, ao mesmo tempo, o salão de banquetes, a boate e o restaurante. Também faz parte do projeto a construção de uma sala de estar, que servirá para exposições. O prédio terá a fachada totalmente envidraçada, permitindo a visão da Baía de Guanabara e o detalhe arquitetônico da obra está na cobertura, que será formada por quatro gomos de concreto.

O PRÉDIO

Na parte externa, totalmente urbanizada, haverá dois estacionamentos para veículos que funcionarão como *drive-in*, e um *pier* flutuante, que permitirá a chegada ao restaurante em embarcações. O prédio, que ficará localizado em frente à sede do Flamengo, terá ainda um terraço, ornamentado por plantas. No subsolo, funcionará a parte administrativa do restaurante, vestiários, depósitos e despensas e terá uma grande caixa d'água.

Para a conclusão do projeto do Parque do Flamengo, segundo técnicos da SMOP, falta apenas o término das obras da marina e a construção do restaurante.

Monsenhor é homenageado em Niterói

Pelo jubileu de ouro sacerdotal do Monsenhor Antônio de Abreu Macedo, cura da Catedral Metropolitana de Niterói, haverá amanhã na ex-capital fluminense missa solene pelo Bispo de Niterói, às 10h, com oração gratulatória e bênção das alianças de cerca de 50 casais que já fizeram bodas de prata e foram casados pelo homenageado.

Natural da cidade de Bom Conselho, Pernambuco, em 13 de abril de 1906, fez os estudos preparatórios, inclusive Filosofia, no Seminário de Olinda (PE). Estudou a parte teológica no Seminário de São Pedro, em Natal, Rio Grande do Norte. Foi agraciado pelo Papa Pio XII com ascensão ao posto eclesiástico de Monsenhor Camareiro e pelo Papa João XXIII ao de Monsenhor Prelado.

No dia 10 de janeiro de 1959 foi nomeado Vigário Geral da Diocese de Niterói, posto em que permaneceu até janeiro de 1966. A Camara Muncipal de Niterói concedeu-lhe, em setembro de 1952, o título de Cidadão Niteroiense, pelos grandes benefícios que praticou a favor da população pobre de Niterói. Desempenhou as funções de cura da Catedral de Niterói até 1976, quando se afastou por motivos de doença. Recebeu a tonsura clerical a 8/6/24 e a ordem presbiteral a 18/9/27, na Catedral de Natal, um dia depois (19/9), às 7h30m, celebrou sua primeira missa na capela do Colégio da Imaculada Conceição, também em Natal,

Cônsul da Itália visita JB

O Cônsul-Geral da Itália, Sr Tomaso Troise, visitou o JORNAL DO BRASIL, tendo sido recebido, em um almoço, por representantes da direção e da redação do Jornal.

Eagleton defende Bert Lance com discurso no Senado

N. D. Spínola
Correspondente

Washington — *No segundo dia de depoimento perante a Comissão do Senado que investiga seu passado como banqueiro e seu acesso ao cargo de diretor da Divisão de Orçamento da Casa Branca, Bert Lance beneficiou-se com as acusações dirigidas pelo Senador Thomas Eagleton contra os que querem vê-lo do Governo.*

Eagleton, um democrata de Missouri, participante de quatro comissões do Senado — entre as quais a de Assuntos Governamentais — é bastante conhecido. Ele foi obrigado a renunciar como companheiro de chapa do Senador George McGovern, nas eleições presidenciais de 1972, depois que se revelou que havia sido submetido a um tratamento por causa de distúrbios mentais. Ele reviveu, durante o depoimento de Lance, uma velha querela dos tempos em que o anticomunismo servia de bandeira para alijar da vida pública um número considerável de políticos e personagens considerados marginais para os valores ultraconservadores.

EXPLICAÇÕES INSATISFATÓRIAS

Mas se Lance, durante os debates que se prolongaram desde as 10 da manhã até tarde a dentro, obteve apoio, também recebeu novas e duras críticas, deixando dúvidas de difícil solução. Assim é, por exemplo, que ele respondeu a todas as perguntas do Senador John Glenn sobre seus saques a descoberto, procurando caracterizá-los não como empréstimos para fins políticos, mas simples rotina bancária.

Qualquer que fosse a intenção desse Senador democrata de Ohio, as respostas do banqueiro de Atlanta e amigo pessoal do Presidente Carter evidenciaram, entretanto, que ele usou a máquina financeira à sua disposição para cobrir gastos pessoais, cujo cunho político não pode ser negado. Em sua defesa, Lance tem sempre sustentado que a prática de saques a descoberto era normal nos bancos rurais da Georgia, onde a pequena clientela permitia o que, no Brasil, poderia se considerar como uma espécie de conta-corrente sem limites, com o cliente sacando acima dos recursos disponíveis e depois compensando através de novos depósitos. Na realidade, alguns banqueiros de vez em quando sustentam que o "cheque sem fundos" poderia ser substituído pela conta-corrente aberta, com os clientes cobrindo eventuais cheques sem fundos, desde que chamados a fazê-lo, ou então pagando juros sobre eles. Lance sustentou que os prejuízos de seus bancos com essa prática foram mínimos, e que os depósitos cresceram consideravelmente durante sua gestão, precisamente pelo caráter liberal das relações com a clientela. Tais explicações não pareceram satisfazer inteiramente seus opositores, porque foi dito que o benefício do chamado overdraft continuou para o grupo restrito de Lance, enquanto era suspenso para a clientela depois de uma fiscalização mais severa do órgão de controle de operações bancárias.

RUMO INCERTO

O curso que tomará o depoimento de Bert Lance é ainda controvertido. Sua defesa jurídica está entregue ao ex-Secretário de Lyndon Johnson para a Defesa, Clark Clifford, que o tem acompanhado durante os depoimentos no Senado. Mas a cerrada oposição que lhe é movida pelo Senador Charles Percy (republicano de Illinois) parece longe de esfriar. Percy, que alimenta velhas aspirações de liderança política no Partido Republicano, está por trás das pressões para que as autoridades tributárias continuem a investigar os saques a descoberto de Lance, em particular para verificar até que ponto ele teria obtido vantagens pessoais com essa prática.

O Caso Lance assume assim dimensões de uma batalha política como as que outros Presidentes americanos já enfrentaram no passado, e como parece ser o gosto político local. Um comentarista comparou aqui o caso Lance com o de Sherman Adams, chefe do staff do Presidente Eisenhower. Adams terminou por renunciar depois de se veicularem notícias sobre os "presentes" por ele recebidos.

Também Truman teve seus maus momentos com as dificuldades que envolveram o General Harry Vaughan, seu assessor para assuntos militares. Vaughan foi acusado de envolvimento em larga corrupção e sofreu, da mesma forma, o que o staff de Nixon com Watergate ou alguns membros do Congresso atual com os escândalos da propalada corrupção coreana.

Tarde a dentro, alguns senadores pediram que o caso Lance chegasse afinal a um termo, que se concluíssem de vez as investigações com um pronunciamento de ilegalidades ou desrespeito a leis, ou que se deliberasse continuar as investigações, ou, finalmente, que se desse o caso por encerrado. E houve de tudo. Houve até quem considerasse todo o caso Lance como uma espécie de sinal vermelho furado quando ninguém está olhando.

Até as quatro horas da tarde a decisão final — se é que haverá algo assim — ainda não tinha sido tomada no Senado. Na Casa Branca, entretanto, um certo clima de otimismo retornava com os depoimentos de Lance e sondagens de opinião pública. Segundo o secretário de Imprensa, Jody Powell, o Presidente Carter Tomaria uma decisão final sobre Lance "baseado no mérito da questão". Powell também informou que os telefonemas recebidos pela Casa Branca saíram de uma margem de desaprovação de 64% para uma atitude favorável a Bert Lance em 84% dos casos.

Testemunhas omissas irritam senadores

Washington — Dois anônimos funcionários públicos transformaram-se, de repente, em foco da ira e da cólera dos senadores que analisam o caso Bert Lance, mais por suas omissões que por ações. Um, porque queria se aposentar este ano e preferiu esquecer uma possível ação penal contra o ex-banqueiro de Atlanta, e o outro porque confessou publicamente seu desejo de subir um pouco mais na vida, não se dispondo, portanto, a "atirar para matar" no amigo do Presidente.

Não que ambos pudessem de fato liquidar Bert Lance, cujo primeiro depoimento terminou por colocar os senadores na defensiva. Num país onde a aplicação da lei é antes de mais nada uma quase religião, o que eles deviam ter feito era ir até o fim nos casos e na análise de suspeitas levantadas. Absolvido, Bert Lance não teria os problemas de hoje. Condenado, não estaria levando a nação a viver um clima que se esperava ter sepultado com Watergate.

Somente vivendo o ar de moralidade e restauração de princípios numa sociedade que conserva muitos valores puritanos pode-se entender o que significa a execração pública a que esses pequenos funcionários estão sendo expostos. Eles mereciam, na realidade, uma página nos contos de Tchecov. Foram simplesmente fracos. Não fizeram valer a lei. Temeram o poder e a força dos recém-chegados ao Poder. E um chegou a afirmar que não era bem o tipo capaz de fazer o papel do gambá numa festinha ao ar livre entre os amigos do Presidente.

Bert Lance pode até ser absolvido. Mas eles não. E por isso, porque não fizeram valer a lei, estão condenados a desaparecer em suas carreiras. Adeus aos sonhos de um dia chegar à presidência da diretoria de controle dos bancos para Bob Bloom. E adeus a uma aposentadoria cômoda ou a uma nova convocação ao serviço público para o ex-Promotor público de Atlanta, John Stokes, aquele que também confessou "não querer fazer onda com a nova administração".

Massera se reúne com almirantes

Buenos Aires — O Comandante-Geral da Marinha e membro da Junta Militar que governa a Argentina, Almirante Emilio Massera, convocou ontem inesperadamente os almirantes para uma reunião de urgência. A fonte que deu a informação à UPI acrescentou que os almirantes "mostraram-se preocupados pelo açodamento que demonstra o Poder Executivo em lançar seu projeto político", recusando-se, contudo, a fornecer maiores detalhes.

A preocupação da Marinha refere-se, evidentemente, às reuniões que o Presidente Jorge Rafael Videla vem mantendo com altos oficiais do Exército e destinadas a promover a criação de um "movimento de opinião" que sirva de suporte político ao atual regime.

Na mais importante dessas reuniões, ontem, à qual compareceram perto de 50 generais, Videla assegurou que "será iniciado um diálogo com os setores civis, políticos inclusive, para amparar os objetivos do Governo militar".

Esse projeto, conhecido pela sigla MOP (Movimento de Opinião Pública), está sendo recebido com certa desconfiança nos meios políticos, que temem que o Governo esteja apenas preocupado em fundar um Partido oficial. Fontes do Exército indicaram também que Videla deixou claro, nas reuniões com seus colegas de Arma, que se oporá à inclusão no Governo do *quarto homem*, pelo menos antes de 1979. Trata-se de ampliar a Junta Militar de mais um elemento, que passaria a ocupar a Presidência. Essa posição de Videla contaria com apoio integral do Exército.

Círculos da Marinha, entretanto, advertiram ontem que o problema do *quarto homem* deverá ser resolvido antes do fim do ano, frisando que se o Exército a isso se opor a questão será submetida a votação na Junta. O representante da Aeronáutica na Junta, Brigadeiro Orlando Agosti, segundo ainda as mesmas fontes, apóia a posição do Almirante Massera. Tal situação, reconhecem os comentaristas, poderá gerar sérias dissensões no seio do Governo.

Reitor da Universidade de El Salvador é assassinado pela extrema esquerda

San Salvador — O Reitor da Universidade de El Salvador, Carlos Alfaro Castillo, foi assassinado ontem às 7h30m por um comando das Forças de Libertação Popular Farabundo Martí, de extrema esquerda. Dois guarda-costas também morreram.

O Presidente Carlos Humberto Romero convocou imediatamente seus chefes de segurança militares "para analisar a situação e as implicações do atentado". Alfaro Castillo, odontólogo, pertencia a uma família rica, tradicionalmente vinculada com grupos direitistas. Há três anos era Reitor da Universidade.

OPOSIÇÃO ESTUDANTIL

Testemunhas disseram que duas camionetas conduzidas por sete homens e uma mulher interceptaram o carro do Reitor quando ele se aproximava da estrada da Universidade. **Logo** abriram fogo com fuzis M-1, armas automáticas de nove milímetros e espingardas calibre 12. O automóvel do Reitor foi atingido por mais de 50 balas e no corpo de Alfaro foram encontradas mais de 15. Morreram, ainda, José Antonio Lopez, de 32 anos, e Romero Benitez, de 28.

Enquanto fugiam, os terroristas espalharam panfletos, cujo texto não foi divulgado pela polícia. Mas os extremistas se identificaram como militantes das Forças de Libertação Popular Farabundo Martí.

O irmão de Alfaro, Jaime, é gerente-geral da Associação Nacional da Empresa Privada, influente organização de empresários do país. Várias vezes, o professor teve problemas com grupos estudantis, desde que foi designado Reitor em 1974.

Participou de uma reorganização da Universidade ocorrida há dois anos no Governo do ex-Presidente Armando Molina, "para limpar a casa de estudos de elementos de esquerda". Em 1972, sob a mesma administração, a Universidade foi fechada por mais de um ano "por ser um centro de subversão comunista".

Michelsen levanta toque de recolher imposto ante a greve geral em Bogotá

Bogotá — O Presidente Alfonso López Michelsen levantou o toque de recolher ao meio-dia de ontem, "uma vez que a ordem foi restabelecida em Bogotá". A medida tinha sido imposta quarta-feira em consequência de uma greve geral que deixou pelo menos 18 mortos e mais de 100 feridos.

O Prefeito de Bogotá, Bernardo Gaitan Mahecha, revelou que 3 mil 890 pessoas foram detidas nos últimos dois dias, sendo levadas ao estádio de futebol El Campín. Estão sendo interrogadas e identificadas, permanecendo presas apenas as responsáveis por atos de vandalismo, que serão submetidas à Justiça Militar.

ISOLADO

Com o título *Lopez Michelsen, Perigosamente Isolado*, o jornal *La Opinión* disse ontem que "o que ocorreu em Bogotá põe fim, aparentemente, à carreira do Presidente".

Para o jornal, "na realidade os dirigentes sindicais são tão responsáveis pelas depredações ocorridas como o Governo que não soube preveni-las e permitiu a inflação e a perda do salário real".

Dois jornais liberais contestaram ontem as afirmações do Governo de que a greve geral de quarta-feira fracassou. "Enquanto as autoridades afirmavam isto em boletins e declarações, o povo assistia a um espetáculo diferente", comentou *El Tiempo*.

Panamá nega espionagem de diplomatas

Cidade do Panamá — "Uma história fantástica" — assim reagiram altos funcionários norte-americanos e panamenhos, consultados a respeito da denúncia — feita através da rede de televisão CBS — de que os serviços secretos dos Estados Unidos "espionaram" os negociadores panamenhos — mediante a interceptação de conversas telefônicas — na fase de conversações sobre o novo Tratado do Canal, assinado no dia 7 de setembro.

A denúncia revela que, ao serem inteirados da espionagem, os diplomatas panamenhos teriam usado a acusação contra Washington, com o objetivo de forçar os norte-americanos a aceitarem algumas exigências do Governo Torrijos e incluí-las no texto do acordo.

"É uma versão fantasiosa, fabricada e antinorte-americana", afirmou Carlos López Guevara, negociador panamenho entrevistado ontem pela AP. "Ao longo do processo de 13 anos de negociações, prevaleceu o respeito mútuo, nunca fomos espionados e nem fizemos ameaças a ninguém", prosseguiu o diplomata.

O Ministro das Relações Exteriores, Nicolas González Revilla, acredita que a história "faz parte da campanha para desmoralizar o tratado nos Estados Unidos", e disse não descartar a hipótese de que "histórias ainda mais grotescas surjam a partir de agora, pois essa gente vem trabalhando duramente para evitar a ratificação do acordo pelo Senado". Revilla não disse, mas supõe-se que a gente a quem se refere sejam integrantes da ala mais conservadora do Parlamento norte-americano, a que mais combateu o acordo sobre o Canal, por considerá-lo um "recuo".

Em Washington, depois de ser ouvido pelos senadores da comissão sobre espionagem, o principal negociador dos Estados Unidos sobre a questão, Ellsworth Bunker, declarou ser "totalmente inverídica" a versão. No mesmo tom manifestou-se o assessor de imprensa do Departamento de Estado, Hodding Carter. O Presidente Jimmy Carter preferiu não fazer comentários, enquanto outro diplomata, Sol Linowitz, tira uns dias de descanso.

Seqüestradores enviam vídeo-tape de Schleyer lendo jornais recentes

Bonn — Apesar do rigoroso sigilo oficial que cerca as negociações para libertação de Hans-Martin Schleyer, um jornal da Alemanha Ocidental informou ontem que os sequestradores apresentaram às autoridades de Bonn mais uma prova de que o empresário está vivo: trata-se de um video-tape em que ele aparece lendo jornais recentes.

O conteúdo da resposta do Governo alemão não foi divulgado: soube-se apenas que a mensagem foi transmitida aos terroristas da Fração do Exército Vermelho pelo advogado suiço Denys Payot, que vem atuando como intermediário em Genebra. Em Bonn, não houve comentários por parte das autoridades.

PROPOSTA RECUSADA

Ontem o Governo do Chanceler Helmut Schmidt recusou uma proposta de Heiner Geisler, secretário-geral do Partido Democrata-Cristão, da Oposição, para que unidades do Exército fossem empregadas em missões de segurança interna. Pouco antes, Schmidt tivera nova reunião com seu estado-maior da crise, mas nada foi revelado sobre ela.

O porta-voz do Governo, Klaus Boelling, não quis comentar a visita relampago feita pelo Ministro Hans-Jueger Wischnewski — assessor de Schmidt — à Argélia, um dos temas possivelmente tratados na reunião.

Boelling reafirmou as declarações prestadas pelo Chanceler ao Bundestag (Parlamento) na quarta-feira, de que não se recorria ao Exército para que auxiliasse a policia no combate ao terrorismo. "Pela nossa Constituição — disse Boelling — o Exército tem como missão inconfundivel defender o pais da agressão externa".

Observou ainda que tal procedimento somente daria razão aos terroristas, quando eles dizem que "estão em guerra contra a ordem vigente. A situação no pais não justifica essas medidas", acentuou.

Apesar das instruções de Bonn para que a imprensa e o rádo reduzam ao minmo as informações sobre o caso, o jornal **Die Welt**, citando "Indiscrições de meios policiais", noticiou que os sequestradores enviaram às autoridades, como prova de que Schleyer ainda está vivo, um video-tape em que ele aparece lendo jornais.

Outro jornal, **Bonner Rundschau**, afirma que a policia já identificou o grupo extremista: seriam amigos politicos do advogado Siegfried Haag, ex-defensor do anarquista Andreas Baader, atualmente preso, e membro do mesmo bando que raptou, em 1975, o Prefeito de Berlim Ocidental, Peter Lorenz.

Outras fontes disseram que no escritório do advogado Klaus Croissant, refugiado na França e acusado de cumplicidade com os extremistas, foi encontrado um video-tape gravado com o mesmo equipamento do filme de Schleyer.

A policia desmentiu que estejam sendo realizadas grandes diligências "anti-terroristas" nas principais cidades do pais, com muitas prisões. Mas, apesar das declarações de Schmidt de que quer resolver o caso por negociação e sem derramamento de sangue, o semanário **Stern**, que costuma adotar um tom sensacionalista, afirmou que o Governo já tomou a decisão definitiva de não aceitar as exigências dos sequestradores de trocar Schleyer por 11 presos politicos, entre os quais cinco mulheres.

Schmidt adia viagem oficial à Polônia

Varsóvia e **Bonn** — Os meios politicos poloneses manifestaram sua compreensão pelo adiamento da viagem oficial que o Chanceler Helmuth Schmidt devia fazer a Varsóvia na próxima segunda-feira, motivada pelo sequestro do lider empresarial Hans-Martin Schleyer, o que exige a presença do Chefe do Governo alemão ocidental em Bonn.

A noticia do adiamento foi divulgada simultaneamente nas duas Capitais. A agência oficial polonesa PAP dizia que a medida se deveu a "importantes motivos", sem acrescentar detalhes. Em Bonn, a informação foi transmitida pelo porta-voz do Governo, Klaus Boelling ao Embaixador polonês Waslaw Piatowski.

Uma mensagem pessoal de Schmidt ao secretário-geral do Partido Comunista Polonês, Edward Gierek, explicava que a situação torna "forçosamente obrigatória" sua presença em seu pais. Segundo Boelling, a nova data da visita será marcada "logo que seja possivel". Schmidt goza de grande prestigio na Polônia, onde sua visita era encarada como um novo passo para a normalização de relações entre os dois paises.

A imprensa polonesa não tem dado ênfase ao noticiário sobre o sequestro e se abstém de comentários.

OTAN reage contra corte do orçamento britânico na defesa do Ocidente

Robert Dervel Evans
Correspondente

Londres — A ampla publicidade internacional, inspirada pelo Governo, sobre a recuperação econômica e a melhoria no balanço de pagamentos, ricocheteou sob a forma de uma séria advertência por parte dos aliados da Grã-Bretanha na OTAN de que isto, e particularmente as receitas do petróleo do Mar do Norte, deveriam ser aplicados para restaurar os cortes nos gastos de defesa, que criaram tanta intranquilidade na Aliança, quando foram anunciadas em dezembro passado, por ocasião da crise da libra.

O Dr Joseph Luns, secretário-geral da OTAN, numa carta cujo texto foi divulgado em Londres ontem, recomenda ao Ministro da Defesa, Fred Mulley, que reconsidere a decisão de cortar 230 milhões de libras do orçamento de defesa britanico de 1978-79. Emoora esta quantia em si não seja grande, as reduções cumulativas, do nivel do periodo 1974-75 para o atual, montam a um sexto do que fora originalmente contemplado como a contribuição da Grã-Bretanha para a defesa ocidental.

CRÍTICA

O Dr Luns acrescentou que é especialmente perturbador o fato de a parcela da Grã-Bretanha, vir declinando precisamente no momento em que a força militar dos paises do Pacto de Varsóvia está aumentando. "Apesar da simpatia aliada pela posição da Grã-Bretanha, nos últimos anos, quaisquer outros cortes não seriam compreendidos por seus aliados, nem contariam com qualquer apoio de sua parte", dizia ele na carta.

Esta severa critica da OTAN, que, de acordo com as regras da Aliança, tem de ser tornada pública, foi um embaraço para o Partido Trabalhista, que respondeu prontamente. O Ministro da Defesa assinalou que, mesmo depois dos cortes de 1978-79, a Grã-Bretanha estará devotando cerca de 5% de seu Produto Nacional Bruto à defesa, o que é bem acima da média dos outros membros europeus da OTAN.

Ao anunciar os mais recentes cortes em dezembro, as estimativas da Defesa acentuaram que o poderio da linha de frente não seria afetado e que os 195 mil soldados destacados para o Comando da OTAN não seriam reduzidos. Os cortes propostos então estão sendo agora aplicados na pesquisa e desenvolvimento e pessoal de apoio civil.

PC italiano mudará estatuto para receber não marxistas

Roma — O Partido Comunista Italiano (PCI) vai romper dogma tradicional e acabar com a exigência de que seus filiados sigam o marxismo-leninismo, anunciou ontem Lucio Lombardo-Radice, membro do Comitê Central e um dos seus principais teóricos. A mudança, explicou, deve ocorrer no próximo congresso do PCI, daqui a dois anos.

Hoje, o jornal do PC, *L'Unità*, publicará nota oficial do Partido sobre as declarações de Radice que, aparentemente, falou em seu próprio nome. O Artigo 5.º do estatuto do PCI obriga todos os membros a seguirem o marxismo-leninismo.

Fora do vocabulário

"O termo marxismo-leninismo, como o recentemente excluido "ditadura do proletariado", desaparecerá do vocabulário do PCI", adiantou Radice, argumentando que o Partido não deseja ser "doutrinário, dono da verdade, mas sim, antes de tudo, um Partido aberto a todas as manifestações culturais".

Radice respondeu assim a um artigo publicado na revista *Civiltà Cattolica*, pelo Padre Bartolomeu Sorge, reclamando que uma das condições básicas para o prosseguimento do diálogo entre católicos e comunistas seria o PC deixar de condenar a fé religiosa e, também deixar de obrigar seus membros a seguirem fielmente a doutrina marxista-leninista.

Mas um observador indicou que o PCI, como Partido, mesmo suprimindo o Artigo 5.º, estará ainda em liberdade para seguir o marxismo-leninismo porque o Artigo, na realidade, refere-se apenas aos membros e não à organização.

"Quando as idéias fracassam"

Dev Murarka
Correspondente

Moscou — Em Moscou, agora, cita-se Goethe para ridicularizar o eurocomunismo. O que, sem dúvida, contribui ainda mais para tornar extremamente curiosa esta espécie de fascinio horrorizado e as imprecações que o movimento dos comunistas da Europa Ocidental consegue arrancar dos soviéticos.

Pela terceira vez em três meses, o semanário *Tempos Novos* publica uma critica feroz ao eurocomunismo. Para variar, no entanto, não se trata exatamente de uma critica direta ao fenômeno, mas aos não comunistas — especialmente o assessor de segurança nacional do Presidente Carter, Zbigniew Brzezinski — que não se cansam de aplaudi-lo.

Recuos

O fato assinala mais um recuo por parte da revista. Na edição de 24 de junho passado, ela publicou um editorial não assinado atacando violentamente Santiago Carrillo, secretário-geral do Partido Comunista Espanhol. Em seguida, depois que o ataque revelou-se contraproducente, tendo causado muito barulho, veio um recuo tático em outro editorial anônimo, na edição do dia 8 de julho.

O semanário manifestava então sua candida surpresa por terem as criticas a Carrillo sido erradamente tomadas por criticas ao PC espanhol. Que injustiça! Pois não sabiam todos que "o Partido Comunista da União Soviética, fiel aos principios e à politica fixados por seus 20º a 25º Congressos, não organizou e não está organizando qualquer campanha contra nenhum Partido irmão, não pretende excomungar ninguém do movimento comunista e nem poderia fazê-lo, pois isto contrariaria seus principios?"

E concluia, sentencioso: "O artigo anterior de *Tempos Novos* não contém uma única palavra contra a atividade de Partido algum, sequer do Partido Comunista Espanhol."

Da mesma forma, o artigo publicado na edição com data de ontem — 16 de setembro — não contém palavra alguma de critica a qualquer Partido, nem mesmo a qualquer lider comunista. Mas ainda assim é revelador das apreensões em que se enredam atualmente os soviéticos a respeito do eurocomunismo. Acima de tudo, trata-se de um extraordinário exercicio de critica indireta — o que não deixará de ser percebido pelos camaradas europeus.

Seja como for, o tom desta vez parece mais brando, considerando-se inclusive que o artigo é assinado por um provável pseudônimo, Y. Nilov. E uma explicação para isto pode estar no fato de ser publicado pouco depois da visita de Tito a Moscou, quando foi ratificado o documento final da Conferência dos Partidos Comunistas e Operários em Berlim.

Fragmentação

"Pois exatamente quando as idéias fracassam será oportuno dizer algo." O artigo começa com esta citação de Goethe, sustentando em seguida que o eurocomunismo não pode ser considerado a expressão fiel do que quer que seja, nem mesmo dos "principios táticos e estratégicos" dos Partidos comunistas dos paises capitalistas desenvolvidos.

Dai o articulista parte decidido para o escalpelamento de Brzezinski, o anti-soviético, por ter ele há muito tempo manifestado seu desejo de que o mundo comunista se tornasse um mosaico quase tão variado quanto as nações de que se compõe o planeta. Mas o fato é que, muito embora a maior preocupação de *Tempos Novos* seja rejeitar esta heresia, sob certos aspectos ela vem-se tornando uma sólida realidade. O movimento comunista internacional está hoje mais fragmentado do que em qualquer outro momento de sua história, já semeada de cismas, como se sabe. E sejam quais forem as intenções de Moscou, continuará fragmentando-se nos próximos anos.

Nilov enumera quatro razões pelas quais os lideres capitalistas estariam apoiando o eurocomunismo. E todas podem-se resumir num diabólico desejo de dividir e destruir o movimento comunista.

Em primeiro lugar, o objetivo seria lançar uma barreira entre os Partidos comunistas dos paises capitalistas e dos paises socialistas. Em segundo, semear a divisão entre o PC soviético e os da Europa Ocidental. Em terceiro, provocar conflitos entre os Partidos comunistas dos próprios paises capitalistas. E. finalmente, articular a total degenerescência ideológica dos Partidos comunistas.

Vigilância

Dos quatro, o que mais preocupa os soviéticos é o segundo ponto — a possibilidade de uma divisão séria entre Moscou e os paises da Europa Ocidental. O próprio Nilov deixa evidente esta preocupação, ao criticar uma formulação do semanário alemão *Der Spiegel*, segundo o qual a validade do eurocomunismo e de sua independência em relação a Moscou está em que, através das publicações dos PCs da Europa Ocidental, uma ideologia efetivamente subversiva vem penetrando no continente.

O verdadeiro objetivo de Brzezinski, prossegue *Tempos Novos*, é influenciar os Partidos comunistas da Europa Ocidental de forma que se adaptem aos propósitos dos Estados Unidos e da classe dominante européia. Com efeito, embora não critique diretamente os Partidos comunistas europeus, o artigo consiste numa advertência não muito sutil quanto ao destino que os espera se se aproximarem muito das idéias e programas dos social-democratas.

O semanário soviético manifesta uma débil esperança de que alguns dos eurocomunistas já se venham conscientizando disso. E conclui: "Existem amplas evidências de que os comunistas, em sua busca dos meios mais efetivos para se alcançarem mudanças sociais radicais, não estão perdendo sua vigilancia, mantendo-se cônscios dos reais objetivos das manobras do inimigo de classe, de seus esforços para impor às massas seu próprio conceito do eurocomunismo."

Uma débil esperança, sem dúvida.

Leia editorial "Morte do Dogma"

Greve no setor aéreo afeta toda a península ibérica

Lisboa e *Madri* — Greves parciais no setor aéreo foram decretadas ontem, simultaneamente, na peninsula ibérica. Enquanto na Espanha os controladores de vôo querem sair da jurisdição militar e passar à civil, os pilotos portugueses — em sua maioria da TAP — exigem melhores salários. O transporte de cargas pereciveis para o Brasil e outros paises não será afetado.

A paralisação espanhola já conseguiu reduzir em 50% os vôos. Os grevistas prometem que a greve será total a partir do dia 30 se o Governo não atender ao conjunto de reivindicações. Há informações, contudo, de que o Ministério dos Transportes estaria disposto a aceitar algumas condições. A greve não afetará vôos de emergência e militares.

O trem

A situação e pior em Portugal, onde o movimento foi declarado ilegal pelo Governo do General Eanes, que prometeu demissões em massa caso a paralisação continue. Mas porta-vozes do sindicato de pilotos civis asseguraram que a greve durara pelo menos dois dias. Operações-tartaruga ocorreram já há dois meses.

Foram cancelados até o momento 44 vôos, medida que afetou a mais de 7 mil passageiros. As salas de espera do Aeroporto de Portela de Sacavém, em Lisboas, estavam lotadas ontem, com centenas de turistas fazendo perguntas sobre como chegar a seu destino. "Há sempre um trem para a Espanha", disse um balconista, prometendo que a TAP devolverá o dinheiro das passagens, em alguns casos.

Os pilotos reiteraram o caráter parcial do movimento, assinalando que o transporte de cargas pereciveis para o Brasil, Argentina, Canadá, Estados Unidos, Venezuela, ex-colônias africanas e paises do MCE não sofrerá alteração.

No Galeão

As consequências da paralisação foram sentidas no Aeroporto Internacional do Galeão e o vôo da TAP que sairia para Lisboa, às 23h55m, foi cancelado fora do tempo hábil que permitisse remanejamento dos passageiros nos vôos da Varig, todos lotados.

A TAP acomodou todos os passageiros que ficaram no Rio em hotéis da Cidade, com todas as despesas pagas pela companhia. Os funcionários recusaram-se a dar qualquer informação sobre a greve dos pilotos, temendo que se repitam demissões como as de junho passado, quando começou o movimento por melhores salários.

Para hoje estão previstas duas saidas para Lisboa pela Varig — às 23h5m e 23h30m — e uma pela TAP, às 18h30m. Dois vôos são esperados pela Varig, às 8h e 11h20m e um pela TAP, às 6h30m.

Barre deixa Washington satisfeito

J. A. do Nascimento Brito
Correspondente

Washington — O Primeiro-Ministro da França termina esta manhã uma visita de três dias aos Estados Unidos, classificada pelo porta-voz do Conselho de Segurança Nacional como "frutifera". Ontem, Raymond Barre teve um segundo encontro com Carter, e, à tarde, conversas com os Ministros da Defesa, Tesouro e Transporte. A agenda foi intercalada com um almoço, seguido de uma entrevista coletiva no National Press Club.

Com seu inglês afrancesado, coisa que em geral os americanos consideram charmoso, Barre afirmou que a politica francesa de independência e continuidade a nivel doméstico e internacional, uma retórica de grande efeito junto ao nostálgico eleitorado gaullista. Barre também não esqueceu o resto do eleitorado francês, afirmando que embora resultados econômicos não venham da noite para o dia, seu programa de Governo já começa a dar sinais positivos, o principal sendo o controle da inflação no pais.

TOM CRITICO

Ao tocar em assuntos econômicos, ele abriu o leque de sua platéia. Primeiro, repetindo uma linha seguida pelo Chanceler alemão em sua última visita a Washington, Barre criticou a idéia americana de aquecimento das economias dos paises desenvolvidos, como a melhor maneira de se sair da atual e persistente taxa de baixo crescimento da economia mundial. Acrescentou que será impossivel para as economias desenvolvidas sairem dessa crise, a menos que exista uma coordenação melhor entre elas.

"Aquecer" — disse ele — "corre o risco de estimular inflação sem reduzir o nivel de desemprego". Adiante, criticou claramente a politica de desvalorização do dólar. Mostrou também uma grande preocupação com a reciclagem dos petrodólares e os efeitos negativos que a continuidade de tal situação pode trazer para as economias ocidentais.

Em outras áreas, o Primeiro-Ministro francês declarou que:

- *Apesar de a declaração conjunta expressar a preocupação dos dois paises com os problemas do desarmamento, Barre, ao responder a uma pergunta no National Press Club, usou de uma certa dose de cinismo ao afirmar que a França é somente o segundo maior exportador de armas do mundo, a honra do primeiro posto ficando com os Estados Unidos.*
- *Sobre direitos humanos, uma área onde a França tem sido violentamente criticada neste pais por usar uma certa flexibilidade, especialmente com os soviéticos, o Primeiro-Ministro francês afirmou que seu pais está de acordo com os principios gerais americanos, mas que é fundamental que a politica "de direitos humanos seja conduzida sem dogmatismos".*
- *Na área de proliferação nuclear, ambos os lados se resumiram ao estritamente necessario e formal. Tanto no comunicado final como no discurso de Barre, o assunto não passou de breves linhas. A França, como a Alemanha, tem sido criticada pelo Governo americano pela venda de usinas nucleares ao Paquistão. Durante a entrevista coletiva, como seu colega Schmidt, Barre justificou a politica seguida por seu pais como um caso de vida ou morte, tendo em vista que a França não possui no seu território minerais geradores de energia.*

Conquanto Barre tenha tentado despistar a importancia do assunto em suas conversas com Carter, o problema do supersônico Concorde é primordial na agenda do Ministro francês, não só pelas razões óbvias da visita, mas ainda pela proximidade de fatos separados, porém coincidentes. Na próxima semana, estará expirando a permissão em caráter experimental para o pouso do Concorde em território americano. No caso, a permissão só foi válida para o aeroporto de Washington, sob jurisdição federal. O problema de Carter agora é saber se vai ou não renovar a permissão e se dará a ela caráter definitivo. Na segunda-feira, a propósito, estará sendo julgada em Nova Iorque a permissão do Concorde no aeroporto Kennedy, sob jurisdição estadual.

Teng não teme soviéticos

Pequim — "Se a União Soviética atacar a China, nós lhe daremos boas-vindas, pois estamos perfeitamente preparados e nosso pais é grande", afirmou o reabilitado Vice-Primeiro-Ministro Teng Hsiao-ping, em uma advertência sem precedentes aos dirigentes do Kremlin. Teng, que é também vice-presidente do Comitê Central e Presidente da Comissão Militar do Partido Comunista, acrescentou que o tratado de aliança e assistência mútua sino-soviético, assinado em 1950 e com validade prevista para 30 anos, "é hoje praticamente inexistente".

Wyszynski é operado novamente

Wyszynski, mais problemas

Varsóvia — Aos 76 anos, o Cardeal-Primaz da Polônia, Stefan Wyszynski, foi submetido ontem a nova operação e "está passando bem" — de acordo com breve informe transmitido pela televisão. O locutor não explicou qual o tipo de cirurgia aplicada mas sabe-se que no começo do ano o prelado extirpou a vesicula. Na semana passada, voltou a ser internado com hepatite. O fato de a TV haver reproduzido o boletim médico foi interpretado por um jornalista alemão como sinal de que seu estado é grave.

URSS expulsa francês

Moscou — Jean-Jacques Pole, de 22 anos, foi expulso ontem da União Soviética por ter distribuido propaganda contra o regime na cidade de Tbilisi, Capital da Geórgia.

Peru devolverá logotipos de jornais

Lima — Os logotipos dos principais jornais peruanos serão devolvidos, talvez em dezembro, a seus antigos proprietários, informou ontem a revista *Caretas*, que sofre censura prévia. Dessa maneira, poderão ser publicados com mesmo nome e formato os jornais expropriados na fase inicial da Revolução peruana.

Trudeau muda Gabinete

Ottawa — O *Premier* canadense Pierre Trudeau promoveu ontem reorganização ministerial, medida que atingiu 12 Pastas. A novidade foi o remanejamento de Jean Chretien, do Ministério da Indústria para o das Finanças, posto que até agora só era ocupado por canadense de origem inglesa. A Sra Minige Begin, que ocupava o Ministério dos Salários, foi para o da Saúde. O ex-conservador Jack Horner, agora liberal deixou de ser Ministro sem Pasta, ficando com a da Indústria. Norman Cafix, o único que não fazia parte do Gabinete, assume o da Pluralidade das Culturas. Warren Allmand, dos Assuntos Indigenas, responderá pela Pasta de Consumo e Corporações. Allan MacEachen, o mais antigo passa a lider da bancada governista na Camara.

O "Post" errou

Washington — O jornal *The Washington Post*, um dos dois mais importantes dos Estados Unidos (o outro é *The New York Times*) pediu ontem "desculpas verticais e horizontais" por haver "complicado a vida de milhares de pessoas", ao trocar, no dia aterior, os resultados de palavras cruzadas. Pelo menos 1 mil leitores telefonaram indignados para a redação, alguns deles depois de passar a noite em claro, tentando achar resposta com duas letras para "Capital da Suécia".

Guarda de honra queria matar Carter

Washington — Michael Rosel, 21 anos, foi afastado da guarda de honra presidencial e internado num hospital militar sob suspeita de doença mental: pretendia matar o Presidente Carter.

Londres emancipa Salomão em 78

Londres — A partir de agosto de 78 o Governo britanico concederá independência às ilhas Salomão, no oceano Pacifico, habitadas por 163 mil pessoas, informou-se ontem no Foreign Office. Independente e provido de Parlamento unicameral, Gabinete e Governador-geral nascido na colônia, o arquipélago continuará sob o regime monárquico e súdito de Elizabeth II.

Beaumont deixa cargo na Fiat

Paris — O executivo Lucchino Revelli di Beaumont, libertado no dia 11 de julho depois de passar três meses sequestrado, renunciou ontem ao cargo de diretor da Fiat francesa, embora continue pertencendo aos quadros funcionais da empresa automobilistica italiana.

Americanos querem ouvir Carrillo

Madri — Chegou ontem à sede do Partido Comunista Espanhol um convite a seu secretário-geral Santiago Carrillo para que participe brevemente de um ciclo de conferências na Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Até há bem pouco tempo, comunista estrangeiro não podia pisar território norte-americano. Carrillo ainda não respondeu à oferta. Fontes do mesmo Partido desmentiram novamente os rumores de que Dolores Ibarruri (*La Pasionaria*), de 81 anos, estaria disposta a renunciar a seu mandato de deputada por Asturias. A veterana dirigente recupera-se rapidamente de uma intervenção cirúrgica para instalar marca-passo.

Bermudez admite ser candidato

Lima — "O futuro só Deus sabe", comentou ontem o General Francisco Morales Bermudez, ao afirmar a um grupo de jornalistas que não descarta a possibilidade de vir a ser candidato por algum Partido politico, nas eleições presidenciais peruanas previstas para 1980, quando da devolução do Poder aos civis. Bermudez será reformado nos primeiros meses de 1978, mas seguirá à frente do Executivo até 1980.

Bermudez, fé nas urnas

México prende 11 por terrorismo

México — Foram 11 e não 13 o número de pessoas detidas sob suspeita de participarem da onda de atentados esta semana contra firmas norte-americanas em Guadalajara, Oaxaca e na Capital, disseram policiais. Os detidos pertenceriam à União do Povo, recém-fundada organização extremista de esquerda, de posições tão "radicais" a ponto de considerar "uns galinhas" os militantes dos demais grupos.

Pinochet recebe Embaixador brasileiro

Santiago — O novo Embaixador brasileiro em Santiago, Raul Henrique de Vicenzi, apresentou credenciais ao Presidente Augusto Pinochet, em cerimônia realizada no edificio Diego Portales, ontem à tarde. Depois, conversou com o General durante alguns minutos no gabinete.

Vorster adverte EUA de que resistirá a pressões e não interferirá na Rodésia

Pretória — O Primeiro-Ministro sul-africano John Vorster advertiu os Estados Unidos de que resistirá às crescentes pressões sobre os assuntos internos da África do Sul, afirmando que seu Governo está-se preparando para qualquer sanção econômica ou boicote petrolífero que seja imposto em consequência da disputa sobre o futuro da Rodésia ou da oposição à política de *apartheid*.

Em entrevista exclusiva ao *The New York Times*, reiterou que não obrigará o Primeiro-Ministro rodesiano, Ian Smith, a aceitar os planos anglo-americanos para a transferência do Poder à maioria negra, como o declarou ao Embaixador norte-americano na ONU, Andrew Young, em sua recente visita a Pretória.

POLÍTICA AMERICANA

Ao ser interrogado sobre a política dos Estados Unidos com relação à África do Sul, disse: "Estamos nos aproximando rapidamente do estágio em que os Estados Unidos querem ditar-nos o que fazer no país, e isto, obviamente, é inaceitável. E' um tolo aquele que não houve conselhos, mas ninguém pode permitir que pessoas de fora, mesmo bem intencionadas, interfiram em seus assuntos internos".

Dentro deste contexto, Vorster se manifestou preparado para "discutir", mas "definitivamente não deixarei ninguém dizer-me o que fazer".

Assim, apesar de não achar que sanções econômicas ou um boicote petrolífero contra o regime de Pretória sejam iminentes, "com a ONU sendo o que é, e tendo em vista as decisões já tomadas, acho que seria um tolo se não preparasse nosso país para o que possa acontecer".

E revelou que a África do Sul depende do petróleo externo para 25% de sua energia, pode conseguir uma pequena quantidade de suas necessidades através do carvão, gás e óleo sul-africano, e tomou outras medidas "das quais o mundo está ciente".

Quanto ao uso de sua tecnologia nuclear para objetivos militares, assegurou que tal possibilidade nunca foi discutida "pela simples razão de que podemos solucionar qualquer conflito com qualquer país africano da maneira convencional, apesar de não acreditar num ataque frontal".

No que diz respeito à Rodésia, "não ficarei com o peso na consciência por ter-lhes dito o que fazer para solucionar seus problemas, coisa que meu povo não permitiria, pois um ponto-chave de nossa política é não interferir nos assuntos internos de outros países".

John Vorster revelou ter dito a Ian Smith como vê a situação rodesiana, e apontado alternativas, "mas minha posição sempre foi defender o fato de que os rodesianos, brancos e negros, são capazes de resolver seus problemas".

E comentou as propostas anglo-americanas para a Rodésia:

"Quando Kissinger encontrou-se com Smith em setembro de 1976 em Pretória, o **Premier** rodesiano concordou com as propostas norte-americanas, mas os Presidentes da "linha de frente" as rechaçaram, assim como a Frente Patriótica. Assim, quando se diz que Smith é intrangigente, deve-se pensar duas vezes.

Na ocasião, inclusive, eu disse a Kissinger que se Smith se comprometesse, sua palavra seria mantida, e desde então o Primeiro-Ministro da Rodésia tornou claro, em várias oportunidades, que está preparado para aceitar um regime majoritário.

Seu problema, então, é com quem fazer um acordo, ante a existência de quatro líderes negros. Francamente, acho que a melhor maneira de se solucionar o problema é realizando um referendo ou uma eleição quando se decidiria quem é o líder negro aceitável para a maioria dos negros da Rodésia."

General argentino prevê guerra contra Angola

Pretória — "Dentro de 10 anos, a África do Sul se verá forçada a fazer uma guerra preventiva contra Angola, o lugar onde o mundo livre pode desenvolver uma guerra de grande escala, sem limitação de tempo ou espaço, para pôr fim ao papel comunista na África Meridional", afirmou o General argentino Alberto Marini, diretor da Escola de Estratégia em Buenos Aires.

Para o General argentino, deve-se aproveitar a estrutura existente da UNITA, "que deve receber todo tipo de ajuda para tomar o Poder em Angola". Além disso, a guerra do Ocidente contra os comunistas deve adotar a forma de luta subversiva, revolucionária, como a usada pelos comunistas.

A Rodésia lançará um grande ataque militar contra Botswana nos próximos dias — anunciou o Presidente botswano Seretse Khama, exortando toda a população a se manter vigilante ante "o novo ato de agressão rodesiano".

Morte de Biko é controvertida

Johannesburg — Aumentam os protestos na Africa do Sul e no Ocidente contra a morte do líder negro estudantil Steve Biko e há cada vez mais dúvidas sobre a versão oficial, de que Biko morreu num hospital penitenciário após uma semana de greve de fome.

Um importante diretor de jornal sul-africano, Donald Woods, afirma que Biko não era homem de deixar-se morrer de fome e o político oposicionista Graham McIntosh começou, com sua mulher Santie, uma greve de fome de oito dias.

Ofensiva é geral no Sul do Líbano

Beirute — Auxiliados pela artilharia pesada, por tanques e aviões israelenses milicianos direitistas desencadearam ofensiva geral no Sul do Líbano contra os redutos palestinos. E' a mais violenta batalha desde o início dos combates na área, há 10 meses, e rompe a trégua de 36 horas negociada por um arcebispo católico.

As primeiras informações do lado palestino indicam 50 baixas, 13 mortos e 37 feridos, e que as forças da Frente Popular para Libertação da Palestina (FPLP) ainda mantêm suas posições. A rádio nacional de Tel Aviv confirmou o auxílio dado aos cristãos ao revelar que era possível ver, do lado israelense da fronteira, dezenas de caminhões transportando milicianos e munições.

A agência Wafa informou que as incursões aéreas israelenses foram precedida de forte barragem de artilharia contra as populações de Nabatiyeh, Rashaya El Founar, Jiam, Bala, Talal Balat, Tal Zuhaeir e Iblasaki. A denúncia coincide com o reinício dos esforços norte-americanos para conseguir um cesar-fogo permanente no Sul.

Manobra preocupa Kampala

Nairóbi — Uganda acusou a Tanzania de ter mobilizado e transferido da fronteira do Quênia para a fronteira meridional ugandense seu mais poderoso batalhão motomecanizado, advertindo que qualquer incursão em seu território "significará graves perdas".

Os dois países estiveram à beira da guerra em setembro de 1972, quando o Governo de Kampala acusou forças guerrilheiras ugandenses, com base na Tanzania, de lançarem uma invasão frustrada contra o país, para derrubar o Presidente Idi Amin Dada

AMIN REAPARECE

Ontem a Rádio Kampala anunciou que Amin deu uma festa em sua casa, na primeira indicação de que o Presidente deixou a ilha do Lago Vitória, onde se recuperava de uma intervenção cirúrgica.

Embora a operação tenha sido de pequena importancia, correram rumores de que Amin estava em coma. Fontes ocidentais da Capital ugandense, no entanto, afirmaram que o Presidente estava bem e que o boato fora inventado por causa da execução de 15 pessoas acusadas de tentativa de golpe.

EUA têm sugestões para viabilizar Genebra

Washington — Para superar o impasse na convocação da conferência de Genebra, o Governo norte-americano pretende fazer três sugestões ao israelense — todas prevendo a participação dos palestinos. Na primeira, os delegados palestinos não seriam integrantes da Organização para Libertação da Palestina (OLP); na segunda, os palestinos seriam incluídos na delegação jordaniana, e, na terceira, fariam parte de uma delegação pan-árabe.

As três propostas serão apresentadas ao Chanceler Moshé Dayan quando de sua visita a Washington para manter conversações com o Presidente Jimmy Carter e com o Secretário de Estado Cyrus Vance. Israel não aceita negociar com a OLP, argumentando que a Organização liderada por Yasser Arafat pretende destruir o Estado judeu. Carter, no entanto, insiste na necessidade de Tel Aviv amaciar sua posição — única maneira de se chegar a um acordo com os árabes.

A caminho

Dayan partiu na quinta-feira de Israel com um projeto de tratado de paz aprovado pelo Gabinete que, é quase certo, será rejeitado pelos chanceleres das nações árabes. Voou para Bruxelas onde se reuniu anteontem com dirigentes judeus da Europa e com embaixadores israelenses. Dayan deve estar em Washington hoje e depois de amanhã terá sua primeira entrevista com Carter.

Convocação

O propósito das gestões atuais é conseguir que a Conferência seja convocada antes do final do ano, o que para muitos é hipótese bastante remota. E' bom lembrar que a inclusão dos palestinos na delegação jordaniana foi uma sugestão que partiu de Israel.

A OLP, por sua vez, insiste em obter **status** igual ao dos demais negociadores e já se recusou a fazer parte da delegação jordaniana. Depois de se reunir com Dayan, Vance também se encontrará com os chanceleres árabes na próxima semana. Em seguida, provavelmente iniciará conversações indiretas, agindo como intermediário entre árabes e israelente durante a Assembléia-Geral das Nações Unidas.

Palestinos discutem hoje postura na ONU

Damasco — O Conselho Central palestino se reúne hoje em Damasco sem os representantes da Frente de Repúdio, que consideram as últimas declarações norte-americanas "mera manobra divisionista", tendente a enfraquecer os árabes. O Conselho, de 55 membros, fixará a política palestina na próxima Assembléia-Geral das Nações Unidas.

O ponto-chave das discussões será a recente declaração do Departamento de Estado no sentido de que é necessária a presença palestina nas negociações de paz de Genebra. A posição foi qualificada de "passo positivo" por Yasser Arafat, embora não peça expressamente a presença da OLP; fala apenas em "palestinos".

SEGUNDA REUNIÃO

E' a segunda reunião do Conselho em menos de um mês. Na última sessão, no dia 25 de agosto, o Conselho rechaçou energicamente a Resolução 242 das Nações Unidas, porque só fala dos palestinos na qualidade de "refugiados" e não como "povo palestino com direitos legítimos".

Os *moderados* liderados por Arafat, acredita-se, se inclinam agora a aceitar "com reservas" a Resolução 242, apesar de reconhecer a existência de Israel como Estado, para aproveitar a ocasião do diálogo em Washington oferecida pelo Departamento de Estado.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1977

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito
Editor: Walter Fontoura
Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro
Diretor: Bernard da Costa Campos
Diretor: Lywal Salles

Ameaça Crescente

No debate sobre a estatização da economia é fundamental sustentar argumentos políticos — indiscutivelmente indispensáveis — sobre demonstrações empíricas, para que a questão não se transforme em impasse retórico. Precisa ficar claro que a crescente absorção da atividade produtiva pelo Estado não é uma denúncia nascida apenas do sentimento de que a centralização econômica inibe e sufoca a descentralização política, aspiração de todos os que defendem sistemas econômicos e políticos abertos. Há provas indiscutíveis de que essa estatização se processa de forma acelerada e que se beneficia das próprias estruturas da vida econômica brasileira. Se tudo continuar como está, a estatização continuará aumentando. Inclusive a inflação, que parece, à primeira vista, um fenômeno restrito a causas monetárias e de implicações primeiramente monetárias, conduz, no Brasil, inevitavelmente, à estatização da economia.

O professor Carlos Geraldo Langoni, já responsável por alguns dos mais respeitados trabalhos acadêmicos sobre a economia brasileira, acaba de publicar estudo sobre a estatização e o mercado de capitais, onde fica cabalmente demonstrado, por levantamentos empíricos irrefutáveis, que a estatização vem-se acelerando no Brasil e ganha ímpeto com a inflação. Langoni, com propriedade, despe a discussão de ingredientes retóricos e recoloca-a no leito das revelações estatísticas. E enfrenta o nó górdio da questão: a ascendência do Estado sobre a absorção da poupança brasileira. Pois qualquer discussão sobre a estatização no Brasil não pode elidir a circunstancia de que a hegemonia sobre o processo econômico se estabelece através do controle e da manipulação da poupança: quem detém os canais de captação e de distribuição dos recursos financeiros controla os destinos da vida econômica. E, no Brasil, claramente se desenha a figura de um grande Estado, banqueiro e empreendedor, que absorve as poupanças e as distribui como melhor lhe apraz — inclusive do ponto-de-vista político.

Langoni revela, por exemplo, que o Estado controlava metade da poupança financeira global no triênio 1971/73; no período de 1974 a 76, passou a controlar 72%. Entre 1971/73 e 1974/76, a absorção da poupança pelo Estado cresceu de 4,5% do PIB para 8,4%; neste mesmo intervalo, a absorção privada caiu de 4,9% para 3,4%.

Enquanto isso, a poupança compulsória, que se dirige para os cofres do Estado, passou de 26,7% da poupança financeira total, entre 1971/73, para 34,3% entre 1974/76. Como se isso não bastasse, a captação de poupança voluntária pelo Estado praticamente dobrou nesse período. Era de 29% e passou para 58% do total da poupança voluntária — portanto, o Estado absorve mais da poupança voluntária do que os próprios agentes privados.

Além disso, entre 1971/73 e 1974/76, os recursos compulsórios cresceram 120%, enquanto os recursos voluntários não passaram de 49%. O que se explica, segundo Langoni, com o fato de que "o processo de compressão do campo de captação voluntária é cumulativo, uma vez que a base dos fundos forçados — faturamento (PIS) ou folha de pagamentos (FGTS) — está intimamente associada ao próprio ritmo da economia". Ou seja, com a simples expansão do nível de atividades, são de tal ordem as características de distribuição da poupança no Brasil, que se reforçarão os recursos à disposição do Estado.

Outra característica *estrutural* singular é o fato de que beneficia mais ao Estado um processo inflacionário acentuado. Como o Estado detém praticamente o monopólio das aplicações a curto prazo — LTNs — e é o que mais pode bancar o risco das aplicações com correção monetária pós-fixada, observa-se que os títulos estatais com correção pós-fixada (ORTNs e os depósitos de poupança nas Caixas Econômicas) cresceram 173% entre 1974 e 1976. Enquanto isso, os títulos com correção prefixada praticamente não cresceram, neste período: acusaram uma expansão de apenas 4%.

Convém aqui adicionar ao trabalho de Langoni uma conclusão extraída do não menos significativo depoimento do jurista José Luís Bulhões Pedreira na Escola Superior de Guerra: as tendências atuais do processo de desenvolvimento do país estão levando à concentração no Estado dos poderes empresariais e da propriedade, o que resultará, fatalmente, num modelo de economia centralizada, incompatível com uma sociedade aberta e democrática.

Mentiras

Ao depor perante a CPI dos Minérios, o presidente do Grupo Lume acusou o JORNAL DO BRASIL de "estar engajado numa campanha" contra ele. Segundo o Sr Linaldo Uchoa de Medeiros, "as notícias publicadas contra mim e o Grupo Lume eram matérias pagas, pois nenhum órgão de imprensa tem interesse em publicar três ou quatro páginas, de uma só vez, se não tiver interesse comercial".

Segundo ainda o presidente do Grupo Lume, o JORNAL DO BRASIL desenvolveu "uma campanha concentrada em quatro meses, frutificou e veio culminar com a intervenção do Governo no Grupo Lume".

Para começar, o JORNAL DO BRASIL não esteve nem está engajado em campanha alguma contra o Sr Linaldo Uchoa de Medeiros; para continuar, este jornal não publica matérias pagas sem a devida caracterização; para acabar, o Governo não interveio no Grupo Lume em razão das reportagens do JORNAL DO BRASIL, mas por outras, que o Banco Central sabe quais são.

Em resumo: o que o Sr Linaldo Uchoa de Medeiros disse sobre o JORNAL DO BRASIL à CPI dos Minérios era, nada mais, nada menos, que mentiras.

Morte do Dogma

Depois da revisão do conceito de ditadura do proletariado, o comunismo europeu começa agora a rever a própria origem *divina* da doutrina marxista-leninista. Lucio Lombardo Radice, dirigente do PCI, anuncia que essa ortodoxia será podada como "um galho de árvore morto".

A reviravolta ideológica que a esquerda européia vem exibindo ainda haverá de causar infindáveis perplexidades e desconfianças. Taticismo, dirão alguns. Pura hipocrisia, assegurarão outros. No entanto, acusar adversários políticos de manobras táticas, ou até mesmo de hipocrisia, pode, em certos casos, servir para dar seguimento a um debate, sem conseguir, contudo, trazer luzes ao seu esclarecimento.

Se Karl Marx foi, sem dúvida, um severo conhecedor do sistema econômico capitalista, é natural que para se discutir e condenar o marxismo se necessite, pelo menos, de algum conhecimento do que é essa ideologia e como ela funciona onde toma o poder.

Na verdade, o que sucede hoje na Europa é o puro reflexo de uma crise de conhecimento teórico e de competência filosófica do marxismo oficial. Há cerca de 20 anos, Georg Lukacz, notável filósofo húngaro, lembrou que o vademécum do materialismo histórico sofria de um grave pecado, pois "a última obra original por ele produzida no campo da filosofia — *Materialismo e Empiriocriticismo* — bem como a última obra original no campo econômico — *Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo* — foram escritos por Lênine antes de chegar ao Poder. Ou seja, há mais de 50 anos pouco há de original no marxismo-leninismo além de Marx e Lênine.

Como a União Soviética não consegue pensar e como a China desistiu de especular no campo das idéias, viu-se, há pouco tempo, que os dois países, sem terem nada de novo a oferecer como formulações ideológicas, ofertaram a seus povos novas constituições. Afinal, é mais fácil fazer uma lei do que formular uma idéia.

A ditadura do proletariado, abandonada pelos italianos em troca do antigo conceito de hegemonia, caducou porque se mostrou inviável. Como lembrou o Primeiro-Ministro Giulio Andreotti, "não foram os comunistas que generosamente abandonaram suas posições mais radicais, mas fomos nós, os democratas, que lhes mostramos, com nossas votações, que o radicalismo os levava à derrota".

A idéia dos Partidos Comunistas europeus rebocados pela locomotiva soviética já se mostrou velha. Da mesma forma, o conceito de que a simples composição de um Governo de coligação com forte participação comunista pode ser o aríete para a tomada repentina do Poder, em nome da ditadura do proletariado, revelou-se inviável, sobretudo porque o proletariado europeu já sabe muito bem que tipo de ditadura é essa que se entroniza em seu nome.

Agora, a revisão do dogma marxista-leninista deverá servir aos Partidos Comunistas europeus para se livrarem de mais um pedaço da camisa-de-força ideológica que a União Soviética impôs desde o início do século.

Daí não resultarão apenas movimentos táticos, mas uma tentativa de recuperação da competência ideológica, seriamente comprometida por anos de fé inquisitorial. Nesse sentido, os comunistas não estão ameaçando com novos bonecos. Estão apenas reconhecendo que nas últimas décadas tornaram-se estéreis e retrógrados pelo dogmatismo.

E, se se tornaram estéreis no campo das idéias, isso só pôde ser verificado pela predominancia de idéias melhores.

Afinal, não deixa de ser confortador para aqueles que combatem o marxismo e o leninismo, a notícia de que Marx e Lênine serão parcialmente arquivados por seus próprios seguidores.

No fim das contas, o debate livre e competente faz com que dogmas comunistas sejam banidos pelos próprios comunistas, medida mais saudável e eficaz, sem dúvida, do que o ato puro e simples de prender marxistas e leninistas.

Ziraldo

Cartas

Apicultura

Realizar-se-á, entre 13 e 20/10/77, o 26º Congresso Internacional de Apicultura, em Adelaide, Austrália. Sendo de nível científico, o Brasil não deve se omitir, repetindo a lamentável ausência nos simpósios internacionais, realizados em Moscou, Budapeste e Bucareste. (...) Infelizmente, o Ministro Reis Velloso ainda não atendeu a pedido, feito por intermédio do Senador Otair Becker, de pequena verba para custear a ida de uns três ou quatro técnicos àquele conclave. Eles não dispõem de recursos próprios, assim como a Confederação Brasileira de Apicultura, entidade apenas nominativa, reflexo da incipiência brasileira neste setor, não obstante a importancia da apicultura. Tanto assim que 8 bilhões de dólares da produção agrícola norte-americana dependem das abelhas como agentes polinizadores; e os europeus, notadamente os russos, apesar do clima desfavorável, são os maiores produtores mundiais de mel. **João Candido Nogueira de Sá — Rio de Janeiro.**

Contratempo

A propósito de reclamação do Sr Luiz Cloret Valente com respeito a serviços deste hospital, cumpre-nos esclarecer que o exame de fonocardiograma solicitado por um dos médicos deste hospital para D Maria Aparecida Valente, mulher do missivista, só não foi realizado em virtude de um lapso da funcionária que a atendeu, com a precipitada informação de que o médico responsável não se encontrava de serviço. Na verdade, esse médico estava entregue à pesquisa e interpretação de outros exames, noutro setor, não naquele determinado para o exame que seria, no caso, prontamente executado por outro profissional.

O engano registrado, de pronto condenado por esta direção, gerou o lamentável contratempo que o Sr Luiz Cloret Valente, não sem razão, denunciou. Mas tivesse ele recorrido à direção do hospital, ou mesmo a qualquer das chefias responsáveis pelos serviços médicos, certamente o exame teria sido prontamente realizado, com a melhor atenção dos nossos profissionais, como aliás tem sido praxe no hospital, inclusive sem marcação prévia, desde que a urgência assim o requeira. (...) **Dr Ary Alves de Carvalho, diretor-geral do Hospital de Cardiologia de Laranjeiras — Rio de Janeiro.**

Mendicância

Em reportagem para o programa de Paulo Lopes, da Rádio Tupi, a repórter Jussara Carioca contou detalhes de sua experiência entre mendigos, no centro da cidade, culminando com a sua prisão, espontanea, num alojamento infecto da Fundação Leão XIII, onde ficou três dias com outras mulheres, muitas delas portadoras de doenças contagiosas ou débeis mentais. Narrando lances dramáticos de sua permanência naquela instituição, segundo ela pior que chiqueiro, afirma que a coexistência com aquela degradação, onde foi tentada por outras mulheres à prática de lesbianismo, quase a levou à loucura.

Não é a primeira vez que profissionais do rádio e da imprensa se lançam a essas aventuras, mas seus objetivos são, em geral, o sensacionalismo e a malsinação dessas infelizes criaturas, tentando provar que ser mendigo é um bom negócio. Na verdade, é pena que um trabalho tão arrojado, como o realizado pela Jussara Carioca, não possa constituir-se em subsídio à solução de tão grave problema, reduzindo-se a meras denúncias de ação de indivíduos inescrupulosos que vivem de explorar os sentimentos caridosos de nossa gente, pois eles existirão enquanto houver indigentes nas ruas. Confundir o problema da mendicancia com expedientes postos em prática por alguns aproveitadores, que usam todos os disfarces possíveis para iludir os incautos, é querer negar a terrível realidade que aí está a desafiar a capacidade de trabalho e abnegação de todos nós. **Expedito Daniel Cordeiro — Rio de Janeiro.**

"Valores da Cultura"

Meus aplausos sinceros ao General Moacir Araújo Lopes por sua carta publicada no dia 25-8-77, sob o título Valores da Cultura, com a qual concordo inteiramente. Triste época essa nossa, em que se enaltece e se cantam loas à literatura lixo-sexo-podridão-baixos valores. **P. Araújo — Rio de Janeiro.**

Erros médicos

Em decorrência de uma carta dirigida a esta seção, em 14.9.77, com o título **Erros médicos**, lembrei-me do editorial do **Boletim** de julho do Conselho Regional de Medicina do Rio, que, resumidamente, dizia: "Houve tempo em que a Medicina era respeitada e admirada e a figura do médico quase intocável." O texto finaliza responsabilizando parte da imprensa leiga e as companhias internacionais de seguros (seguro erro profissional) pela deformação da imagem do profissional.

Embora ataques a médicos datem do início da Era Cristã, já no Código de Hamurabi havia penas severas para os erros médicos. E' entretanto, diferente estabelecer normas primitivas para um erro por premeditação ou incompetência em comparação a campanhas difamatórias a toda uma classe de profissionais. Embora o conceito sacerdotal do médico seja um resquício da Idade Média, a falta de consideração a ele não é vista, atualmente, em qualquer outra profissão.

A carta citada é um exemplo prático de agressão a pessoa e à classe médica. Pelo bom senso e formação ética, o missivista poderia dirigir a carta ao próprio Conselho de Medicina, na Praça Mahatma Ghandi, e as providências seriam tomadas em conformidade com as apurações. Mas, ao invés, foi publicada em caráter de apelo e denúncia na imprensa leiga, o que, provavelmente, trará problemas. Assim, fica comprovada a veracidade do editorial aludido no início. Cabe ao Conselho Regional de Medicina assumir seu papel. **Iyan Soares de Araújo (médico) — Rio de Janeiro.**

Guimarães Martins

Esta carta cumpre o dever de prestar fiel testemunho sobre Guimarães Martins, reconstituindo a imagem desfigurada em **A Obra e as Sobras de Catullo da Paixão Cearense** (JB do dia 10). Catullo era obssessão, o ídolo, a religião de Guimarães Martins. Adquiriu os direitos autorais de algumas obras do poeta mas jamais auferiu nenhum lucro, tanto em vida como depois da morte de Catullo. Guimarães Martins fez de sua vida uma chama sempre viva, velando pela glória de seu ídolo. E nesse afã empregava não só os parcos proventos dos direitos autorais como ainda quase tudo o que ganhava com sua atividade profissional. Aí estão placas e bustos de Catullo espalhados por esse Brasil, tudo às suas expensas. Ultimamente, surpreendido por enfermidade que o levaria, Guimarães Martins não tinha sequer recursos para um tratamento condigno. Catullo tem uma obra bastante bela e sólida para ficar imorredoura. Mesmo assim, pode-se dizer que, com a morte de Guimarães Martins, o poeta ficou órfão e desamparado. **José C. de Moura — Belo Horizonte (MG).**

Confiança na Justiça

O Sr Egon Frank admitiu, em declarações a um jornal, que seu filho Michel é traficante de tóxicos e que não é um assassino. Ameaçou levá-lo para a Suíça, se continuarem as acusações contra Michel. Se isso acontecer, a polícia cairá no descrédito da população. O fato de Michel ser um traficante já basta para que ele e toda a sua quadrilha sejam presos para o resto da vida. Segundo ele mesmo afirma, Cláudia foi morta por uma superdose de cocaína, aspirada em sua casa e fornecida por ele. A sociedade espera da polícia uma completa satisfação. Esperamos que a justiça se faça e esses malditos traficantes, que envenenam e destróem nossa juventude, paguem pelo crime que cometem. **Renata Pacheco — Rio de Janeiro.**

INPS

Levo o meu caso ao conhecimento público na esperança de alertar os que forem se aposentar para que tenham o máximo cuidado com a leviandade de funcionários graduados do INPS que, por ignorancia ou negligência funcional, causam sérios prejuízos aos segurados. Em agosto do ano passado dei entrada em meu pedido de aposentadoria na agência da Rua Raimundo Correia, em Copacabana. O funcionário errou nos cálculos e nos meus direitos e, em consequência, fui aposentado com 16% menos do que deveria receber. Inconformado, reclamei, e o funcionário acabou reconhecendo o engano e mandou-me requerer a uma junta de recursos, dizendo que assumiria o desacerto e tudo seria resolvido. Fiz o recurso, julgado pela 3a. JRPS de Niterói, que foi negado. Fui aconselhado a fazer novo recurso para corrigir erros de funcionários graduados do próprio INPS. Afinal, quando o contribuinte se engana, é multado, paga juros, correção monetária, etc. mas quando o erro é do funcionário está tudo muito bem, a vítima que se dane. Não parece estranho numa instituição de previdência social? **José B. Bicudo Junior — Rio de Janeiro.**

As cartas dos leitores serão publicadas só quando tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos estes dados serão devidamente verificados.

S. A. JORNAL DO BRASIL, Av. Brasil, 500 (ZC 08). Tel Rede Interna: 264-4422 — End. Telegráfico: JORBRASIL. Telex números 21 23690 e 21 23262.

Assinaturas: Tel.: 264-6807.

SUCURSAIS

São Paulo — Av. São Luís, 170, loja 7. Tel.: 257-0811.

Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra 1, Bloco K, Edifício Denasa, 2º and. Tel.: 225-0150.

Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º and. Tel.: 222-3955.

Niterói — Av. Amaral Peixoto, 116, salas 703/704 — Ed. Ribeiro Junqueira — Tel.: 722-1730. Administração: Tel.: 722-2510.

Curitiba — Rua Presidente Faria, 51 — Conj. 1 103/05 — Ed. Surugi. Tel.: 24-8783.

Porto Alegre — Av. Borges de Medeiros, 915, 4º andar. Tel.: Redação: 21-8714. Setor Comercial: 21 3547.

Salvador — Rua Chile, 22, s/ 1 602. Tel.: 3-3161.

Recife — Rua Sete de Setembro, 42, 8º andar. Telefone: 22-5793.

CORRESPONDENTES

Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Cuiabá, Campo Grande, Vitória, Florianópolis, Goiania, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres, Roma, Moscou e Los Angeles.

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

UPI, AP, AFP, ANSA, DPA, Reuters e EFE.

SERVIÇOS ESPECIAIS

The New York Times, The Economist, L'Express e The Times.

Filósofos e contrafilósofos

Nuno Veloso

Votre pensée me fait peur pour la liberté des hommes
Proudhon, falando de Marx

UM ano depois da publicação de *Le Nouvel Observateur* do artigo de Gérard Petitjean, *Les Nouveaux Gourous* (n.º 611 de 12 de julho de 1976), estabelece-se a discussão sobre quem seriam, fisicamente, os novos filósofos. Quem teria o direito de ostentar tal qualificativo e, curiosamente, quais seriam os eleitos para tentar ridicularizá-los e, consequentemente, identificarem-se como contrafilósofos?

O dicionário publicado pela revista *Libération* (3 de janeiro de 1977) nos livra de parte dessa dificuldade identificando os novos gurus como "jovens filósofos veiculados em sua maior parte pelas edições Grasset, na coleção dirigida por um lobo de dentes longos, chamado Bernard-Henry Lévy". São eles: Jean-Marie Benoist, Jean Paul Dollé, Michel Guérin, Christian Jambet, Guy Lardreau, Françoise Lévy, Philippe Némo e *last but not the least*, André Glucksmann.

Todos identificados como um "vento novo de obscurantismo soprado sobre a cena de nossa sociedade em crise" no livro de François Aubral e Xavier Delcourt, *Contre la Nouvelle Philosophie* (Edições Gallimard, França, p. 13).

O ataque acontece no intervalo concedido por Bernard-Henri Levy entre a publicação de seu *La Barbarie à Visage Humain* e o lançamento de seu mais novo trabalho *La Philosophie dans tous ses états*, obra bem mais pretensiosa que as anteriores, embora merecendo todos os qualificativos desabonadores que lhe foram concedidos por seus críticos. Poupado, da mesma forma, o último livro de André Glucksmann, *Les maîtres penseurs* (Ed. Grasset-1977), também pretensioso, embora examinadas exaustivamente as fraquezas e o ridículo de *La cuisinière et le mangeur d'hommes* (Ed. Seuil, 1975), do mesmo autor.

"Sou filho natural de uma dupla diabólica, o fascismo e o stalinismo... Hitler não morreu em Berlim, ele ganhou a guerra, vencedor de seus vencedores, nesta noite sombria em que precipitou a Europa. Stalin não morreu em Moscou e nem no XXº Congresso... passageiro clandestino de uma história que continua". Bem pouco atrativa a declaração de intenções de Levy em *La Barbarie à Visage Humain*.

André Glucksmann não deixa por menos. Desde *Les Discours de la Guerre*, passando por *1968: Stratégie et Révolution en France* e *La Cuisinière et Le Mangeur d'Hommes*, até o recente *Les Maîtres Penseurs*, parece mais interessado em destruir que em propor alguma possibilidade de transformação nessa prisão "teórica" em que, como seus companheiros, se encerra. Em seu último livro, investe contra toda a ideologia alemã, ali representada por quantidades e qualidades tão dispares quanto o ultranacionalista Johann Gottlieb Fichte, o internacionalista Karl Marx, Hegel e Nietzsche. Citando: "Hegel filho de Fichte, Marx filho de Hegel, etc... num movimento linear e bíblico que se desenrola no universo fechado de seu programa comum..."

Na verdade, a ideologia alemã, de Kant (estranhamente desprezado por Glucksmann) a Hegel, passando por Fichte, levou ao extremo, senão ao absurdo, a concepção da autonomia do espírito em relação à matéria, à natureza. Hegel acabou num idealismo absoluto, no qual o mundo real não era senão uma realização progressiva da Idéia pura, absoluta, existente desde toda a eternidade. Tal sistema gerou tanto conclusões políticas conservadoras quanto revolucionárias. De um lado, os hegelianos de direita e, de outro, os hegelianos de esquerda, como Ludwig Feuerbach (*Essência do Cristianismo*, 1842) e depois Karl Marx, que reagem.

O mundo material, perceptível pelos sentidos, era a única realidade. Fora dele nada existia. Os seres superiores, criados pela imaginação, eram apenas "o reflexo fantástico" do seu próprio ser.

"Deus existiu, mas morreu", *Also Sprach Nietzsche* (Assim falou Nietzsche) através de Zaratustra, completando o "movimento linear e bíblico" reclamado por Glucksmann. Consequentemente, a consciência e o pensamento do homem, por transcendentes que pareçam, são apenas subprodutos de um órgão material: o cérebro. Assim é que se desvaneceriam todas as fantasias idealistas, todas as "relações fantásticas".

Curioso é que os detratores dos "novos filósofos", dos "filhos naturais" do materialismo hitlerista e *stanilista*, os acusem justamente de idealistas. Melhor dito: acham que em sua filosofia não existe mais do que palavras vazias. Signos ocos, desprovidos de significados e sem objetos significantes correspondentes. Como argumento recorrem a *L'Ange*, de Christian Jambet e Guy Lardreau, citando: "O real e a história não são mais do que palavras". Ridicularizam a Philipps Nemo, Jean-Paul Dollé, Michel Guérin e, aos mesmos, Jambet e Lardreau, pela invenção de "um objeto filosófico ainda não identificado chamado: O Mestre".

Mas o que, ou quem seria o Mestre? Quem seria o Anjo e quando seria o seu advento? Seriam idéias filosóficas ou apenas mais uma experiência stalinista de última hora?

Os novos filósofos, com Zaratustra, também denunciam a morte de seu Deus: "Se eu fosse enciclopedista desejaria redigir um dicionário para o ano 2 000. Ali apareceria: Socialismo, gênero cultural nascido em Paris em 1848, morto em Paris em 1968". Nascimento atribuído à publicação do *Manifesto Comunista* e morte ao fracasso do movimento *enragé* de Nanterre.

Visão real, embora apenas parcial, dos postulados desenvolvidos em seus trabalhos.

Embora jovens são nostálgicos da possibilidade da ascensão ao Poder vislumbrado nos idos de maio de 1968: "Nós viviamos, depois de maio, na certeza absoluta de que, não somente a revolução era possivel, mas que estivemos em vias de realizá-la".

Não há dúvida que o Mestre é Mao. "Meus amigos maoistas", repete constantemente Maurice Clavel. Embora não esclareça quem são tais amigos, estes prontamente se identificam: "O maoismo reivindica a herança de Stalin: nós somos stalinistas porque somos políticos" (Jambet e Lardreau, *in Le Magazine Littéraire*, nº 112/113, maio de 1976). Ao lado dos autores de *L'Ange* aparece André Glucksmann. Seu livro, *La Cuisinière et le Mangeur d'Hommes*, permitiu a Maurice Clavel envolvê-lo na sua guerra santa e a Bernard-Henri Levy anexá-lo ao grupo (Bernard-Henri Levy, *La Folie — Maurice Clavel, Le Nouvel Observateur*, n.º 598 de 26 de abril de 1976).

Na leitura atenta das obras de filósofos e contrafilósofos pode-se observar facilmente que ambos os grupos se comportam de forma diferente embora não sejam diferentes suas pretensões. O objetivo comum continua o mesmo: a tomada do Poder. Uns e outros, como todos os comunistas, sempre contraditórios: "*O Arquipélago Gulag* é apenas uma demonstração *a posteriori* de uma evidência aparecida depois de longo tempo. Marx é o gulag. O mesmo Marx, de quem Proudhon escreveu em 1844: "Vosso pensamento me traz preocupação pela liberdade dos homens" (Maurice Clavel, *Ce que je Crois*, Grasset). O mesmo Clavel, discípulo de Stalin, esquecido de que seu Mestre foi o inventor dos gulags.

De qualquer forma, seja qual for a corrente observada, filósofos e contrafilósofos, buscam a recriação do homem artificial, do Leviatã, do poder absoluto que não pode aceitar limites e nem concorrência. Para os novos filósofos o Poder aparece como uma decorrência do advento de um Anjo, de um Mestre ou da reincarnação de Stalin ou de Mao Tse-tung. Para os contrafilósofos, como uma decorrência da linha justa do comunismo de Suslov, desatentos às transformações ocorridas no seio do próprio comunismo internacional, oriundas do policentrismo de Palmiro Togghati, iniciador e raiz do moderno eurocomunismo, com todas as suas opções que levariam à ditadura comunista.

Nuno Veloso é doutor em Filosofia pela Universidade Livre de Berlim e professor da PUC-RJ

Os "Novos Filósofos" e um filósofo esquecido

Luiz Orlando Carneiro

"All novelty is but oblivion"
Francis Bacon

A recente *descoberta* pelos ~~meios~~ de comunicação de massa do grupo que se convencionou chamar "os novos filósofos" jovens franceses que renegaram o marxismo, em busca de um novo humanismo, faz com que se retire da estante um livro tão esquecido e tão atual como o seu autor: *Humanismo Integral*, de Jacques Maritain, editado em 1936.

Quando um desses "novos filósofos" diz que "Deus está morto, Marx está morto, e eu também não estou me sentindo bem", pode-se sentir que a nova *escola* de Glucksmann, Bernard-Henri Levy & Cia. está ainda à procura de um remédio que pelo menos atenue os seus males (e os do mundo) e se possivel torne suas vidas (e a do mundo) mais toleráveis.

Jacques Maritain, o maior filósofo cristão do século, deu muitas receitas ao longo de sua vida, até morrer, aos 91 anos, como um simples irmãozinho da congregação fundada por Charles de Foulcaud. No entanto, tendo em vista que sua confissão teria de refletir na sua obra filosófica a simplicidade do Credo, não chegou a ser propriamente um pensador de *consumo*, como Sartre, Lévy-Strauss, Adorno, Marcuse, e outros tantos que, nas décadas mais recentes, frequentaram as capas das revistas.

Os "novos filósofos" apresentam como novidade, basicamente, o que em outras palavras Maritain dizia lá se vão mais de 40 anos: que o comunismo (ou marxismo, como quiserem) nada mais é do que uma religião em que o deus é o Estado. No fundo, o que afirmava Maritain, e o que estão dizendo hoje os "novos filósofos" é simples paródia de uma célebre máxima: "O marxismo é o ópio do povo."

Quando Maritain se propõe a discutir as "raizes do ateismo soviético", no segundo capitulo de *Humanismo Integral* ele avisa que a dialética do humanismo antropocêntrico nos leva a duas "posições puras": a ateista e a cristã.

O filósofo cristão, considerando o ateismo uma posição religiosa e metafísica, explica por que é impossivel separar "as soluções sociais comunistas" do ateismo:

"(...) considerado no seu espírito e nos seus princípios, o comunismo, tal como existe — sobretudo o comunismo das repúblicas soviéticas — é um sistema completo de doutrina e de vida que pretende descobrir para o homem o sentido de sua existência, responder a todas as questões fundamentais da vida, e manifestar uma força inigualável de envolvimento totalitário. E' uma religião, e das mais imperiosas, e certa de ser chamada a substituir todas as outras religiões; uma religião atéia na qual o materialismo dialético constitui o dogmatismo, e na qual o comunismo como regime de vida é a expressão ética e social."

E' claro que os "novos filósofos" não reagem contra o comunismo a partir de uma perspectiva cristã. Para eles o culto aos *santos* do comunismo é tão criticável como o dogmatismo da Igreja, esquecendo-se muitas vezes de que os dogmas da Igreja não são impostos, mas aceitos por aqueles que têm uma Fé e acreditam na Graça de Deus. No entanto, não poderiam deixar de concordar — pois é exatamente o que têm dito — com o ensinamento antigo de Maritain, segundo o qual os comunistas não têm o sentimento de que o comunismo é uma religião.

"O religioso perfeito" — escreve Maritain — "reza tão bem que ignora que está rezando. O comunismo é tão profundamente, tão substancialmente uma religião — terrestre — que ignora ser uma religião".

Estas notas têm por objetivo, também, chamar a atenção para o fato de que os "novos filósofos" rebelam-se contra o que Maritain chamou em 1936 de "marxismo vulgar". Como as novas gerações tomaram o bonde andando, e aceitaram como *dogmas* interpretações marxistas que levaram, indubitavelmente, a exacerbação do principio de que os fins justificam os meios — e daí a onda terrorista que varre o mundo, envolvendo até paises tão afluentes como a Alemanha Ocidental — vale a pena reler mais uma vez o *Humanismo Integral*:

"Não tenho dúvida de que é o momento de revisar a corrente do materialismo histórico, segundo a qual todo o resto — toda a "ideologia", a vida espiritual, as crenças religiosas, a filosofia, a arte, etc. — nada mais é do que um epifenômeno da economia. Esta interpretação é a do marxismo vulgar, e não pode ser negligenciada, porque, envolvendo a opinião de um grande número de pessoas, tornou-se uma força histórica".

Luiz Orlando Carneiro é chefe da Redação do JORNAL DO BRASIL.

A sociedade e o crime

Dom Eugênio de Araújo Sales
Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro

A sucessão amiudada de ocorrências altamente degradantes e veiculadas com abundancia de pormenores causa em nós certa insensibilidade. Podemos nos habituar a essa situação como se fora algo inelutável. Aceitar passivamente a desagregação dos costumes, como decorrência necessária e inevitável dos tempos, eis o grande perigo.

Nos últimos dias, a divulgação de fatos ocorridos aqui e em Estado vizinho, por sua crueza e barbaridade, feriu profundamente a opinião pública. Eles também nos devem despertar para a triste e infeliz constatação da convivência da pobreza moral com o poder da riqueza.

Em vez de acusar, comecemos por refletir sobre nossa responsabilidade pessoal nessa degenerescência. Faz-nos bem um exame de consciência.

A culpa pelas faltas não se restringe apenas a seus autores. Somos membros de um mesmo corpo social e, portanto, co-responsáveis.

O atual clima de permissividade favorece a proliferação do crime. Ele denuncia a conivência de muitos. A exaltação do fausto, o ridículo a que se levam a pureza e a virgindade, a falta de pudor nos mais variados aspectos, desde as praias às modas provocantes, *festas* em clubes e em residências, a fraqueza dos pais diante do abuso da liberdade exigida pelos filhos, a promoção da violência revelam igualmente omissão em vários niveis. Basta lembrar que a propaganda de um produto através da imoralidade não existiria sem a tácita cooperação dos adquirentes. Neste caso, prefere-se acusar unicamente os meios de comunicação social ou apelar para um protesto da autoridade religiosa, em vez de tomar uma firme atitude, mesmo isolada.

Nos delitos acima aludidos, onde há requinte de maldade e indicios de corrupção, não somos meros espectadores mas também participantes, enquanto membros de uma sociedade que destrói os valores evangélicos. E convém recordar que eles são apenas a parte emergente, que chega à luz do sol, de imenso *iceberg* oculto nos hotéis de alta rotatividade, nas *festas*, no comércio dos tóxicos, no sucesso de revistas especializadas em pornografia.

Somente os que possuem muitos recursos financeiros participam da degradação mais sofisticada. O mau uso da riqueza pelo seu emprego em bacanais, lado a lado com a miséria e a fome de muitos outros, gera a insatisfação e a revolta.

A exaltação do desperdício unida ao crime nos meios socialmente bem dotados, aciona o perigoso mecanismo de um exemplo funesto.

O que sobressai de mais grave não é tanto a violação da legislação divina ou humana. Ela sempre existiu. Com Abel estava Caim, ambos fruto do mesmo berço, embora tenham usado diversamente da liberdade. Terrivel é a pacífica aceitação do mal. Deixou-se de distinguir entre o certo e o errado; passou-se a conviver com os que transgridem a lei de Deus, sem qualquer oposição; confunde-se a caridade com o que erra e a aprovação do erro; a pretexto da prática dessa virtude, omite-se a demonstração de repúdio a pessoas que, por suas ações, subvertem a reta ordem, sustentáculo do bem-estar público e privado. Troca-se de marido ou de mulher, às vezes com uma simples notícia nos jornais, e ei-los equiparados aos que lutam por conservar com sacrifício pessoal o respeito às prescrições do Senhor. Nivela-se o normal ao anormal. O divórcio é proclamado como fundamento da Familia e veiculo de moralidade. A solução dos riscos da pobreza é facilitar a redução dos pobres. A emenda ao desacerto cometido pelos jovens é o assassinio do feto ou os anticoncepcionais.

Dura esta linguagem? Sim. Mas ninguém poderá dizer não ser ela verdadeira.

Impõe-se a reação das forças sadias. O conhecimento desses delitos nos deve fazer refletir. Nadar contra a corrente é difícil. Mas se ela nos arrasta à morte, é o único meio de preservar a vida.

A conclusão nos leva ao pessimismo? Não. Entre nós, uma imensa maioria não se acomoda com essa situação. Generalizar seria uma injustiça. Nesses ambientes há muitos que se portam com dignidade. Infelizmente costumam ficar silenciosos, por não acreditarem no seu poder. Respeitando os mortos e a desgraça que se abate sobre os criminosos e suas famílias, permanece a obrigação de aproveitar do ensinamento.

O tóxico, a influência do dinheiro, orgias não podem dominar a sociedade que deve reger-se por leis morais.

Outro motivo de esperanças é a própria juventude. A autêntica não é uma minoria amoral, com experiências pré-nupciais ou contaminada por estupefacientes. Existe um grande número capaz de sacrificar-se por crerem nos princípios cristãos, de colocá-los acima de conveniências passageiras, do gozo transitório. A verdadeira mocidade não se confunde com a sua contrafação.

Na última semana, estavam em regime de internato no Centro de Estudos e Formação do Sumaré 35 jovens quase todos universitários. E constituiam o terceiro grupo em menos de 12 meses. O assunto era a vocação sacerdotal e religiosa. Exatamente o oposto dos que vivem dos prazeres fúceis.

Pouco antes, numerosos moços de uma paróquia da Zona Sul, incluindo alunos de um dos melhores colégios de alta classe, também ali foram, em preparação ao sacramento da Confirmação.

Há, portanto, motivo de confiança.

Esse crimes são um alerta. Compadecidos com os que são atingidos pela desgraça, os mais favorecidos devem reafirmar a autenticidade de nosso povo e o valor da Mensagem evangélica. Impõe-se a coragem de ir às causas e não ser cúmplice dos erros que levam esses nossos irmãos a tantas amarguras.

Rio recebe Cr$ 250 milhões e quer quase Cr$ 1 bilhão para cobrir déficit de 78

A Fundrem repassou ontem quase Cr$ 250 milhões que a Secretaria de Planejamento da Presidência da República destinou, há um mês, ao Município do Rio de Janeiro, mas em relatório que será encaminhado quinta-feira ao Ministro Reis Velloso, a Prefeitura pedirá Cr$ 860 milhões, no mínimo, para cobrir o déficit — aproximadamente o dobro — previsto para 1978.

Apenas a metade do pedido do Prefeito Marcos Tamoyo foi atendida pelo Ministro do Planejamento com os Cr$ 250 milhões, que foram destinados às construções de terminais urbanos (Cr$ 40 milhões), ligação Botafogo—Avenida Brasil (Cr$ 100 milhões), obras em hospitais e criação de postos de saúde (Cr$ 110 milhões). A outra metade deverá ser recebida pela Prefeitura dentro de um mês.

MAIS PEDIDOS

Os recursos repassados ontem pela Fundrem foram concedidos cerca de seis meses depois que o Prefeito solicitou Cr$ 500 milhões a fundo perdido à Secretaria de Planejamento da Presidência. A demora no atendimento e a redução dos recursos não impediram o Sr Marcos Tamoyo de solicitar nova ajuda.

Outros dois relatórios são preparados pela Secretaria Municipal da Fazenda para serem encaminhados à Caixa Econômica Federal — através do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social — e à Fundrem, solicitando também recursos a fundo perdido para cobrir o restante do déficit, previsto em Cr$ 1 bilhão 725 milhões 801 mil. Ainda não está decidido quando os relatórios serão enviados nem quanto será pedido a cada órgão.

APLICAÇÃO

Dos Cr$ 243 milhões repassados ontem — os Cr$ 7 milhões restantes serão destinados na próxima semana à Secretaria Municipal de Saúde para compra de equipamentos hospitalares — Cr$ 103 milhões foram para o setor de saúde. Cr$ 33 milhões 500 mil destinam-se ao prosseguimento da construção do novo bloco de emergência (custo total de Cr$ 57 milhões 300 mil) com término previsto para um ano.

Mais Cr$ 8 milhões serão empregados na construção do bloco anexo do Hospital Salgado Filho e de um estabelecimento, que deverão estar concluídos em junho. No Hospital Souza Aguiar, Cr$ 11 milhões 500 mil serão empregados no acabamento do bloco de três andares, que só tem um em funcionamento e, nos demais, serão instalados os serviços de cirurgia infantil e pediatria, além de melhores instalações do setor de Farmácia e a criação de uma escola de auxiliar de enfermagem. As obras estarão concluídas em 18 meses.

Ainda no setor de saúde, Cr$ 49 milhões 500 mil serão utilizados para a construção de dois centros: em Santa Teresa (um prédio de três andares com início de construção previsto para novembro, e custo de Cr$ 12 milhões), e no Engenho Novo, com o custo de Cr$ 38 milhões e final de obras previsto para fevereiro de 1979. Para início do Centro de Saúde do Engenho Novo, já foram desapropriados oito imóveis e destinados às desapropriações Cr$ 3 milhões 172 mil, dos Cr$ 38 milhões que serão empregados na obra.

OBRAS VIARIAS

De acordo com o convênio assinado ontem, Cr$ 100 milhões serão aplicados na complementação do sistema viário Botafogo—Avenida Brasil (Linha Lilás), no trecho entre o Catumbi (na boca do túnel Santa Bárbara) até a Avenida Presidente Vargas. O trecho Salvador de Sá—Rua Valença necessitará de Cr$ 36 milhões 600 mil e deverá estar concluído em abril. O outro trecho — entre o túnel Santa Bárbara e a Rua Valença — estará concluído em agosto e a Prefeitura investirá, Cr$ 33 milhões 300 mil apenas nas desapropriações.

Outros Cr$ 40 milhões serão investidos pela Prefeitura em dois terminais rodoviários urbanos: em Campo Grande, numa área de 5 mil m2 (que abrigará 14 linhas de ônibus, mais duas de frescões e capacidade para 3 milhões 841 passageiros mensalmente); e no Cosme Velho, menos, para as quatro linhas de ônibus que atualmente param na rua por falta de local para estacionamento. Ainda não há prazo para o início da construção porque os projetos estão em fase final de execução.

MAIS RECURSOS

Segundo técnicos da Secretaria Municipal de Planejamento, os Cr$ 250 milhões que faltam ser entregues pela Secretaria de Planejamento da Presidência deverão estar liberados "em 30 dias no máximo". Os recursos, de acordo com a programação feita em março pelo Secretário Municipal de Planejamento, Sr Samuel Sztyglic, seriam destinados à duplicação, reconstrução e melhoria da Estrada dos Bandeirantes.

Seriam empregados também no alargamento e pavimentação da Rua Edgard Werneck e da Estrada do Capenha (ambas em Jacarepaguá) e na construção do Parque Sombra e Água Fresca, em Bangu, numa área de 600 mil m2, equivalente à metade do Parque do Flamengo.

Os convênios entre a Prefeitura e Fundrem foram assinados pelos secretários de Planejamento, Sr Samuel Sztyglic; de Fazenda, Sr Ronaldo Mesquita; de Saúde, Sr Felipe Cardoso; subsecretários de Obras, Sr Rui Pestana, e de Planejamento, Sr Luiz Fernando Portella; e o presidente da Fundrem, Sr Talma Sampaio.

Baixada terá solução para problema do lixo

O diagnóstico da situação atual do lixo na Baixada Fluminense, Niterói e São Gonçalo, primeira etapa de estudo que visa a solucionar dentro de um programa único para o seis municípios as questões de coleta, transporte e disposição final, começou este mês e estará concluída em janeiro do próximo ano, informou ontem o presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana (Fundrem), Sr Fernando Talma Sampaio.

O trabalho, que será desenvolvido em três etapas, deve ficar pronto em abril do próximo ano, indicando inclusive possibilidades de reaproveitamento econômico do lixo. Ele decorre de convênio assinado no mês passado entre a Fundrem, a Comlurb e os prefeitos da Baixada — Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu e São João de Meriti — e de Niterói e São Gonçalo.

OS ESTUDOS

A primeira etapa compreende o levantamento de todos os dados que influem na atual situação da limpeza urbana nos seis municípios, como recursos empregados, áreas abrangidas e suas características, pessoal ocupado no serviço, recipientes usados, horário de recolhimento, tempo e distância de transporte, destino atual, máquinas e equipamentos adotados e estimativa de custo dos serviços. Por amostragem, se definirá também a composição do lixo.

Segundo o presidente da Fundrem, nessa fase será feito estudo sumário do mercado consumidor de subprodutos de resíduos sólidos, com o objetivo de indicar a possibilidade de aproveitamento econômico, dentro dos diversos tipos de processo de industrialização da matéria-prima recuperada (papel e papelão, metais ferrosos e não ferrosos, plástico, couro, pano e estopa, madeira, vidro, louça, ossos e matéria orgânica). Completará essa etapa o levantamento da legislação de limpeza urbana em cada município.

Um modelo específico de legislação será apresentado na segunda etapa, regulando inclusive o acondicionamento (tipo e capacidade dos recipientes), de acordo com as características dos resíduos e do volume produzido em cada zona identificada. Serão definidos horários, equipamentos e pessoal necessários para o recolhimento, indicadas as áreas de atendimento prioritário e oferecidos subsídios para organização dos serviços de limpeza urbana em cada um dos municípios.

A posse dos membros da nova Academia lotou o plenário da Assembléia

Peça em cartaz é suspensa

Sodoma e Gomorra — O Último a Sair Apaga a Luz, peça de João Betencourt, em cartaz no Teatro Mesbla, foi suspensa, por quinze dias, no fim da tarde de ontem, pois a Polícia Federal quer que se faça uma revisão no texto e um novo ensaio geral.

A peça estava em cartaz há 50 dias, mas o Sr Wilson Queiroz, chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal do Rio de Janeiro, a ela foi assistir na última quarta-feira, considerando-a passível de interdição e revisão. Os produtores reclamam que o Sr Wilson Queiroz tenha esperado até as 18h40m de ontem para interditar a peça, prejudicando a arrecadação, sempre maior, no fim de semana.

INPS manda mais carnês aos bancos

Cerca de 60 mil carnês para recolhimento de contribuições individuais foram distribuídos esta semana, pela Secretaria Regional de Finanças do INPS à rede bancária do Rio de Janeiro, o que, segundo o Instituto, deverá suprir a falta verificada há quase três meses em algumas agências.

Como o INPS providenciava, junto à Dataprev, a emissão do novo modelo de carnê, que agora serve tanto para empregadas domésticas como para outros contribuintes individuais, não houve condições de renovar o estoque das centrais distribuidoras dos bancos, embora alguns carnês tenham sido trazidos de outros Estados.

Como houve modificações na sistemática dos carnês, o INPS treinou pessoal nos próprios bancos para lidar com eles.

Light tenta liberação da obra que abriu buraco de quase 3 km na Zona Sul

A Light está mantendo entendimentos com a Prefeitura para evitar a paralisação da obra que realiza em Copacabana e parte da Lagoa — para a colocação de um cabo de 138 mil volts — embargada anteontem pelo Prefeito Marcos Tamoyo. Ontem a companhia informou que conseguiu a liberação do trecho entre a Rua Pompeu Loureiro e Barão de Ipanema.

O motivo alegado para o embargo foi o de que a Light abriu uma vala de 2 mil 800 metros de extensão, contrariando o limite estabelecido pela Prefeitura, de 1 mil 400 metros. Além disso o Prefeito recebeu uma série de reclamações de moradores contra a obra.

Os problemas

O local mais prejudicado pela obra é o Corte do Cantagalo, havendo uma frequente retenção de tráfego, desde a Lagoa até a Praça Eugênio Jardim, onde mora no n.º 55 o Prefeito Marcos Tamoyo, no Edifício Estrela D'Ouro.

A vala aberta pelas empreiteiras Construção e Exploração de Instalações Elétricas e Telefônicas (CEIT) e TAPE — Engenharia e Comércio Ltda., para colocação dos cabos, começa na Avenida Epitácio Pessoa a partir do número 1 460 (lado da Lagoa), passa pelo Corte do Cantagalo, atravessa ao lado da Praça Eugênio Jardim (Copacabana) e entra pela Rua Pompeu Loureiro até as proximidades do Túnel Major Rubens Vaz. Durante quase todo o dia, o tráfego é lento nesses trechos.

O porteiro do Edifício Estrela Brilhante, na Avenida Prefeito Dodsworth, Álvaro Alves da Rosa, disse que na quinta-feira, às 2h da madrugada, a Light colocou em cima da calçada nove rolos de cabos de alta tensão, prejudicando a passagem de pedestres. Pelo local só pode passar uma pessoa de cada vez.

Os moradores dos prédios vizinhos queixam-se do barulho e da poeira, das dificuldades que têm para estacionar seus carros, além do constante engarrafamento no Corte do Cantagalo, devido aos tapumes colocados na rua ao longo dos buracos. Segundo o gerente do posto do Cantagalo, Jair dos Santos de Souza, das 17h até as 20h "o local fica intransitável".

A obra

A obra, que começou no mês de junho, destina-se à instalação de dois circuitos de 138 mil volts para ligação da futura subestação terminal sul e a atual estação na Rua Figueiredo Magalhães, em Copacabana. Serão instalados seis quilômetros de cabos que passarão pelas ruas Lopes Quintas, Saturnino de Brito, Avenida Lineu de Paula Machado, Avenida Borges de Medeiros, Avenida Epitácio Pessoa, Avenida Prefeito Dodsworth, Pompeu Loureiro, Cinco de Julho e trechos das Ruas Santa Clara, Toneleros, Anita Garibaldi e Capelão Álvares Selva.

Segundo a Assessoria de Comunicação da Light, a obra estará concluída até março de 1978 e irá reforçar o abastecimento em toda a Zona Sul. Os assessores informaram que hoje começará a colocação dos cabos de alta tensão no trecho liberado.

Academia de Educação nasce sem fardões ou sede própria

Sem fardões ou sede própria e já com quatro mulheres imortais, foi instalada ontem, no Palácio Tiradentes, a Academia Brasileira de Educação, com a posse de seus 41 membros fundadores. Seus objetivos são "o desenvolvimento da educação em todos os graus e ramos de ensino e o aprimoramento cultural dentro dos postulados expressos pelos princípios democráticos e os preceitos da Declaração Universal dos Direitos do Homem".

Em discurso de hora e meia, o presidente da Academia, o médico e educador Benjamim Albagli, defendeu a extinção do AI-5, com anistia para os presos políticos; as eleições diretas, citando o General Euclides de Figueiredo; a liberdade, "essencial à renovação"; o fim da censura à imprensa. Mas a melhoria do nível de vida, segundo o Dr Albagli, deve ser alcançada pela educação, "como o economista norte-americano Adam Smith assinalou há mais de 200 anos".

SEM SEDE

Depois da entrada dos acadêmicos no plenário da Assembléia Legislativa, já totalmente tomado pelos convidados, a banda do Corpo de Bombeiros tocou o hino nacional. Seguiu-se o discurso do presidente da Academia, números musicais cantados pelo coro de normalistas do Instituto de Educação, a entrega de diplomas aos membros e discurso do Ministro Afonso Arinos de Melo Franco, ocupante da cadeira que tem José Bonifácio como patrono.

A Academia é composta de 41 membros titulares e perpétuos e 12 honorários. Entre eles estão Secretários de Estado, Reitores, diretores de Faculdades, membros dos Conselhos Federal de Educação e de Cultura e do Estadual de Educação e oito imortais, da Academia Brasileira de Letras. Os patronos foram escolhidos por uma comissão da ABE, sendo seus nomes sorteados pelos membros da Academia.

Ainda sem sede, ela funcionará provisoriamente nas instalações da Associação Brasileira de Educação, na Fundação Getúlio Vargas, devendo realizar duas reuniões mensais para debates de assuntos da área educacional que estiverem em foco à época.

DEMOCRACIA E VOTO LIVRE

O presidente da Academia lembrou que sua fundação é um segmento da Associação Brasileira de Educação, que conceitua como educação democrática "aquela que, fundada no princípio da liberdade e do respeito à pessoa humana, é capaz de assegurar a expansão e a expressão da personalidade, proporcionando a todos igualdade de oportunidades sem distinção de raças, classes ou crenças, na base da justiça social e da fraternidade humana".

"Por isso mesmo", continuou, "a educação democrática exige, além de uma concepção democrática de vida, uma organização social em que a distribuição do poder econômico não estabeleça nem antagonismos nem privilégios". Falando sobre a formação do indivíduo através de uma educação democrática, o professor Albagli citou um trecho do livro *Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932*. Onde o General Euclides de Figueiredo afirma que "só o exercício do voto livre será capaz de formar cidadãos capacitados das suas responsabilidades e cientes na sua força para a gestão dos negócios públicos".

Sobre o AI-5, disse ele: "Quando o acadêmico Eugênio Gudin estigmatiza, com boas razões, o discutido AI-5, menciona que, antes dele, a despeito da legislação em vigor, aconteceram os episódios da Ilha da Trindade e da Clevelandia. Recordando estes penosos momentos de nossa história pregressa, lembramos também que, apesar de Washington Luiz haver tido por bem, como primeiro ato de seu Governo, extinguir o estado de sítio, esqueceu-se de adicionar-lhe a indispensável anistia para os crimes políticos. Esta complementação evitaria possivelmente a Revolução de 1930".

LIBERDADE ESSENCIAL

Afirmando ter como propósito afirmar sua confiança na juventude, frisou o presidente da Academia Brasileira de Educação que "neste momento de impasse é oportuno lembrar aos mais velhos e dizer aos mais jovens que o progresso resulta do conflito de gerações. Enquanto a liberdade é essencial à renovação, a tradição conserva, defende, protege a experiência acumulada... O aspecto intelectual mais complexo, mais difícil e potencialmente mais perigoso da cena contemporânea é a incapacidade de muitos em distinguir entre autoridade e poder, considerando a primeira uma ameaça tão séria à liberdade quanto o outro. Na sociedade civil, não pode coexistir a liberdade sem a autoridade, sem esquecer que os deveres são obrigatoriamente complementados pelos direitos da pessoa humana."

"Além da censura que estanca a imaginação e a cultura nacionais, os professores e estudantes sofrem, na própria carne, outro tipo de censura, quase tão grave como a primeira. Repetindo o que disse em 1955: mercê da situação financeira anômala que o tempo, ao invés de atenuar vem agravando, o livro e a revista técnico-científicas, instrumentos essenciais à cultura, estão se tornando inacessíveis à minguada bolsa dos que estudam, atingindo, indistintamente, mestres e estudantes". "Para tornar o Brasil uma Nação de primeira grandeza", concluiu ele, "é indispensável, antes de tudo, termos um povo de primeira classe e a educação democrática é, seguramente, o grande caminho".

São os seguintes os membros titulares da Academia Brasileira de Educação, com seus patronos: Benjamim Albagli (A. Austregésilo); José Faria Goes (Abílio César Borges); Afranio Coutinho (Afranio Peixoto); Myrthes Wenzel (Almeida Júnior); Inaldo de Lyra Neves Manta (Aloysio de Castro); Francisco de Souza Brasil (Álvaro Alberto da Motta e Silva); Hermes Lima (Anísio Teixeira); Carlos Paiva Gonçalves (Azevedo Sodré); Arthur César Ferreira Reis (Benjamim Constant); Carlos Chagas Filho (Carlos Chagas).

E mais: Octávio Martins (Carlos Werneck); Arnaldo Niskier (Carneiro Leão); Joaquim Faria Goes (Carneiro Ribeiro); Carlos Flexa Ribeiro (Clementino Fraga); Caio Tácito (Clóvis Bevilacqua); Raul Bittencourt (Emilio Meyer); Frederico Trotta (Fernando de Azevedo); Raymundo Moniz de Aragão (Fernando Magalhães); Luiz Alves de Mattos (Heitor Lyra); Terezinha Saraiva (Helena Antipoff); Edília Coelho Garcia (Ignácio Azevedo do Amaral); Juracy Silveira (José Augusto Bezerra de Medeiros); Afonso Arinos de Melo Franco (José Bonifácio); José Vieira de Vasconcelos (José de Anchieta); Euripedes Cardoso de Menezes (José Veríssimo); João Augusto Mac Dowell (Leonel Franca).

E ainda: Marcos Almir Madeira (Levy Carneiro); Abgar Renault (Lourenço Filho); Lourenço Prado (Manoel da Nóbrega); João Carlos Vital (Mário Paulo de Brito); Austregésilo de Athayde (Medeiros e Albuquerque); Horácio Kneese de Mello (Miguel Couto); Pedro Calmon (Olavo Bilac); Haroldo Lisboa da Cunha (Ramiz Galvão); Djacir Menezes (Raymundo Antonio da Rocha Lima); Luiz Simões Lopes (Roquette Pinto); Américo Jacobina Lacombe (Ruy Barbosa); Roberto Hermeto Correia da Costa (Sylvio Romero); Newton Sucupira (Tobias Barreto). O professor Carlos Delgado de Carvalho ocupa cadeira especial e o professor Sylvio Abreu Fialho foi empossado *post-mortem*, sendo que sua cadeira será ocupada por João Paulo do Valle Mendez.

São os seguintes os membros honorários da Academia: Alceu Amoroso Lima, Alvaro Magalhães, Augusto Mascarenhas, Eugênio Gudin, Euro Brandão, Antonio Gomes, Francisco Leme Lopes, Lygia Lessa Bastos, Roberto Santos, Zeferino Vaz e Hilário Veiga Carvalho. Apenas 10 dos acadêmicos deixaram de comparecer à solenidade.

Trânsito volta ao normal em Botafogo com reabertura de acesso à Sen. Vergueiro

O transito em Botafogo volta hoje ao normal, com a reabertura de manhã do trecho da Avenida das Nações Unidas, interditado durante três dias para recapeamento do acesso à Rua Senador Vergueiro. A Usina de Asfalto cobriu a pista com 12 mil *blokrets* — peças de cimento e asfalto — numa tentativa de evitar a corrosão.

Para o diretor industrial da Usina, engenheiro José Maurício Baptista Nogueira, os *blokrets*, mesmo custando cerca de 40% mais caro que o asfaltamento convencional, "têm a vantagem de durar muito mais, 30 ou 40 anos". Ele está disposto a utilizar a nova técnica em outras curvas e cruzamentos da Cidade, mas diz que isso depende de autorização do Detran para fechar o transito.

PRIMEIRA VEZ

Curvas como a que dá acesso da Avenida das Nações Unidas à Rua Senador Vergueiro sempre foram problema para a Usina, pois o asfalto nestes trechos dificilmente dura mais de seis meses. Em pista reta — como é o caso da Avenida Brasil — dura mais de 10 anos, mas nas curvas é logo destruido pelo óleo diesel derramado e também pela própria pressão dos veículos, no que os engenheiros chamam de esforço tangencial.

No caso da curva da Senador Vergueiro, o problema era agravado pelo sinal de transito, obrigando os veículos a pararem com frequência sobre a pista de rolamento. Os *blokets* já estão sendo utilizados há algum tempo em pontos de ônibus e estacionamentos, mas essa foi a primeira vez que a técnica é adotada numa curva, no Rio.

Normalmente, o trabalho, que custou Cr$ 400 mil à Usina, levaria 10 dias para ser concluido, mas a necessidade de prejudicar o menos possível o transito local levou o órgão a trabalhar dia e noite, com mais de 50 operários.

Pelos preços e pela variedade de público, a mostra de flores prova que planta não é um luxo

Exposição de Flores abre e tem logo 2 mil visitantes

Com a presença do Prefeito Marcos Tamoyo — desta vez não resistiu e acabou levando para casa uma enorme proméllia rajada — a 6a. Exposição de Flores promovida pelo JORNAL DO BRASIL, com a colaboração de João Fortes Engenharia e Barramares, foi aberta ontem, às 18h, no Hotel Nacional, e até o encerramento, às 23h, atraiu mais de 2 mil visitantes.

A Sra Belita Tamoyo se disse "surpresa com a beleza dos *stands* e o bom-gosto dos expositores", e também ganhou orquídeas. O Diretor do JORNAL DO BRASIL, Sr Lywal Salles, e o representante da João Fortes Engenharia, Sr Márcio Fortes, estiveram presentes à abertura da Exposição, franqueada ao público até às 23h de domingo.

Busca do verde

Depois de visitar os 82 **stands**, o Prefeito manifestou sua "satisfação em ver que, de ano para ano, a minha aflição em busca do verde ganha cada vez mais adeptos". Sua mulher comentou que "o interesse pelas plantas realmente tem aumentado muito. Em todos os bairros do Rio, é difícil se ver uma janela sem uma plantinha".

No *box* da J. M. Plantas, o Sr Marcos Tamoyo interessou-se por uma bromélia, a Cr$ 400, e quis comprá-la. Acabou ganhando-a de presente. Neste **stand**, a maior procura registrada foi a de gerânios em vários cores (Cr$ 100), verbenas (Cr$ 120), iris em xaxins (Cr$ 100), piléa (Cr$ 60), malva (Cr$ 60) e salsicha (Cr$ 100), além dos vasos de ceramica marajoara, de Cr$ 50 a Cr$ 300.

A Sra Odete Ribeiro Nacur apresenta, este ano, uma nova fazendinha, composta de miniaturas de laranjeira, goiabeira, pitangueira, **flamboyant**, cafeeiro, amendoeira, bambuzinho, árvore da felicidade, pés de nêspera e figo, beijos, uma roseirinha com botão e diversas espécies de cactos, plantados em tampinhas de caneta e de pasta de dente. Na Exposição de 1976, ela vendeu uma miniatura por Cr$ 2 mil a um casal de suíços, que queria presentear uma filha; "mas a estas eu ainda não dei preço", explicou.

Mais uma vez o Clube das Flores está fazendo promoção de seus títulos de sócio, que na mostra podem ser adquiridos pela metade do preço normal (Cr$ 100). A vantagem de participar é a de, pelo telefone, se fazerem pedidos de remessas de flores para todo o Rio de Janeiro, e ser sempre lembrado, com dias de antecedência, de todas as datas comemorativas que não se deseja esquecer.

Do Orquidário e Floricultura Barão de Aguas Claras, o francês Guy Funck, que está presente desde a 1a. Exposição, em 1972, comentou que "a cada ano isto vai ficando mais bonito, pois os expositores se aprimoram e trazem sempre coisas novas." De novidade, ele está vendendo arranjos de folhagens pendurados em suportes de couro (Cr$ 350) e muitos antúrios (Cr$ 250 a Cr$ 300), entre eles o **anthurium andreanum**, de flor gigante cor-de-rosa (Cr$ 350).

A seu lado, a Tropiflora tem como maior atração as helicônias (Cr$ 25), e uma seção para crianças, com minivasos a Cr$ 5. "Nosso objetivo é despertar nos pequenos o amor pela planta", explicou o proprietário, Sr Werner Haeberle, para quem "de 1972 até hoje a Exposição do JB só mudou para melhor. Ela deixou de ser um **show** de luxo, como acontecia no Copacabana Palace, para se tornar uma verdadeira aula de natureza."

Também participante desde o princípio, o Sr Jorge Verboonen, do Orquidário Binot, considerou que "todas as modificações ocorridas nestes seis anos da mostra só a aprimoraram, o que redundou num grande benefício para o povo carioca. Esta gente tem uma enorme fome de verde, devido à vida atribulada e apertada de cidade". Além das diferentes espécies de orquídeas (de Cr$ 20 a Cr$ 40) ele traz este ano antúrios (de Cr$ 50 a Cr$ 100) e pequenas bromélias, em vasinhos de Cr$ 20 a Cr$ 60.

A Planta Viva, presente pela segunda vez, tem por novidade as jibóias em moringas de vidro e as vincas em grandes copos (Cr$ 60 a Cr$ 100). A Sra Odete Carvalho, sua dona, expõe ainda placas de ceramica (os quadros vivos), com um (Cr$ 150) ou dois vasos (Cr$ 250) de plantas; petúnias em várias tonalidades (Cr$ 30) e um arranjo em xaxim, com samambaias, de três andares (Cr$ 800).

Escola e alunos fazem aniversário

Com missa solene, às 11h, na antiga Catedral, visita às instalações da escola, almoço e coquetel de confraternização, 25 contadorandos da turma de 1927, da Escola Técnica de Comércio Candido Mendes, foram homenageados ontem, pela direção da Escola, que este ano também completa 75 anos.

O Sr Oswaldo Zanelli, que além de aluno da turma homenageada participou da comissão que organizou a solenidade, disse que "naquele tempo a moeda era mais estável, o que oferecia condições de vivermos bem com o salário profissional". hoje em dia, ressaltou, "com as oscilações constantes da moeda, já não se leva o mesmo padrão de vida".

A TURMA

A respeito da turma e sua profissionalização, o Sr Zanelli disse que "os professores eram mais exigentes e severos quanto ao aproveitamento do aluno, mas isso era-lhes benéfico". Também "a concorrência profissional era menor, o que nos facilitava o ingresso na profissão. Hoje isso não acontece, quando todos estudam e querem atingir a profissionalização de nível superior, havendo uma saturação de mercado de trabalho". Quanto à contabilidade em si, disse que "naquela época o trabalho era manual, não existindo as facilidades que a tecnologia moderna oferece, já que a maioria dos serviços de contabilidade é **feita** por computador, havendo necessidade de que se aperte apenas alguns botões".

Prefeitura tira jardineiras de 50 ruas e multará quem não obedecer à determinação

A Prefeitura não permitirá a construção de jardineiras em calçadas de 50 ruas da cidade, denominadas *passeios ajardinados*, como os existentes no Grajaú e na Lagoa. Quem não der entrada no pedido de licença para a construção ou troca de jardineiras até o próximo dia 27. estará sujeito a multa que varia entre Cr$ 385,00 e Cr$ 3 mil 850.

Ontem, a Secretaria Municipal de Obras anunciou a regulamentação do Decreto nº 1 027 que determina as normas para a construção de jardineiras. O documento, com 15 páginas, segundo o engenheiro Rui Pestana, Secretário Municipal de Obras interino, permitirá que, tanto as autoridades fiscais, como os condomínios e proprietários de prédios, entendam melhor o decreto que regulamentou a construção de jardineiras.

REGULAMENTAÇÃO

Explicou o engenheiro Rui Pestana que ninguém é obrigado a construir jardineiras. Entretanto, as mesmas deverão obedecer à regulamentação, desde que localizadas nas áreas de recuo e nas áreas de afastamento frontal obrigatório, incorporadas de fato ao passeio, desde que a largura resultante seja igual ou superior a 2,30 metros. Segundo ele, não há obrigatoriedade, também, de que todas as jardineiras da cidade sejam iguais. Os pedidos de licença para a construção de jardineiras deverão ser encaminhados às Diretorias de Conservação das Regiões Administrativas, onde estão localizados os prédios dos requerentes.

São as seguintes os endereços para onde os pedidos de licença para a construção de jardineiras devem ser encaminhados: Rua Siqueira Campos, 129 (Copacabana); Av. Bartolomeu Mitre, 1269 (Leblon), Rua Dr. Xavier Sigaud, 225 (Botafogo); Rua Bento Ribeiro, 95 (Centro); Rua Miguel de Frias, 38 (Mangue); Rua Dr Otávio Kelly, 4b (Tijuca); Rua Euclides de Faria, 132 (Ramos); Rua Filomena Nunes, 1 071 (Olaria); Rua Paranapuã, 941 (Ilha do Governador), Rua Elias da Silva, 25 (Piedade); Rua Vereador Jansen Muller, 115 (Maria da Graça); Av. Monsenhor Félix, 512 (Irajá); Rua Carvalho de Souza, 272 (Madureira); Rua Gil Eanes, 77 (Anchieta); Av. Ministro Ary Franco, 260 (Bangu); Rua Candido Benicio, 385 (Jacarepaguá); Rua Amaral Costa, 140 (Campo Grande) e Av. Cesário de Melo, 5 921 (Santa Cruz).

Urbanista aponta o Poder público como maior culpado pela destruição do verde

Em palestra, ontem à tarde, no Teatro Adolfo Bloch, para cerca de 400 pessoas que fazem um curso de jardinagem e paisagismo, o arquiteto e urbanista Harry Cole declarou que "a maior culpa pela destruição do verde, em nossa cidade, ao contrário do que se fala, não é das imobiliárias e construtoras e, sim, da incompetência do Poder Público".

Segundo ele, somente a partir de uma tomada de consciência da comunidade e da pressão que ela passaria a exercer — cobrando uma ação mais eficaz dos órgãos administrativos — poderia se pensar em tornar o Rio de Janeiro uma cidade "pelo menos habitável". "Em nossa cidade há um desequilíbrio ambiental flagrante e ela pode ser considerada anormal" — afirmou o urbanista.

SOLUÇÕES

Disse, ainda, o Sr Harry Cole que a simples apresentação dos problemas não melhora a situação do Rio, que está perdendo a sua "área verde rapidamente". Assim, ele apresentou soluções práticas para o problema, enfatizando sempre que sem a reformulação das leis que regulam a matéria e uma mudança radical da maneira de atuação do Poder Público, de nada adiantarão essas propostas.

A proposta do arquiteto envolve uma conscientização do assunto, partindo da comunidade, embora afirme ser essa a "parte mais difícil do projeto."

Uma vez tomada essa consciência, que se daria a partir da menor unidade de uma comunidade urbana — a rua — e iria se expandindo pelos bairros, para tomar uma forma de insatisfação coletiva, seria mais fácil cobrar dos órgãos administrativos a série de mudanças na legislação, na mentalidade dos politicos, burocratas, etc.

Para Harry Cole, "o verde é relegado a um segundo plano pelo Poder Público. A prova disto é que quando se quer reduzir os custos de um projeto qualquer, a primeira coisa em que se pensa é tirar da folha de despesas a preservação do verde, considerado supérfluo pelos administradores. O verde deveria ser uma das principais preocupações, pois, além de contribuir para a quebra da monotonia visual, amortece os ruídos — diminuindo a poluição sonora — e facilita a oxigenação, melhorando o problema da poluição ambiental.

No final, ao ser indagado pelos participantes do curso por que as obras do plano-piloto da Barra da Tijuca, dão tão pouca importancia às áreas verdes, disse que "os burocratas estão acabando com o trabalho de Lúcio Costa". Ele terminou a palestra, afirmando que "o Poder Público está-se lixando para o verde e não é a chatear e não para resolver."

Harmonia homem-natureza será lembrada na Festa da Árvore que começa dia 21

A harmonia homem-natureza será lembrada pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) durante a Festa Anual da Árvore, de 21 a 27 deste mês, a fim de conscientizar o país da necessidade de recuperação das áreas degradadas e da campanha de dinamização da silvicultura.

Em seu programa para a Semana da Árvore, o IBDF colaborará com as Prefeituras de Paracambi e Itaguaí no plantio de mudas. Haverá solenidades no Parque Nacional da Tijuca e uma gincana na Floresta, entre crianças de oito a 10 anos, da Escola Abilio Borges (Humaitá) e do Orfanato do Alto da Boa Vista.

PROGRAMAÇÃO

A programação para o dia 24, na Floresta da Tijuca, constará de hasteamento da Bandeira, às 8h. no Portão das Caboclas; plantio de essências, por escoteiros, bandeirantes e excursionistas, no Mirante Dona Marta, às 9h, seguido de um passeio na Floresta e, às 10h30m, do início da gincana, na Cascatinha.

Serão distribuidos brindes, refrigerantes e sanduíches, aos participantes do torneio, além de prêmios aos vencedores, apesar de o IBDF não ter recursos próprios para a promoção da Festa da Arvore, dependendo da contribuição de entidades particulares. A Banda da Policia Militar participará da festa no Parque da Tijuca.

PROJETOS

O IBDF, sob a administração do Sr José Carlos de Mattos Horta Barbosa, está desenvolvendo dois importantes projetos para a recuperação das zonas devastadas. O primeiro, no Grande Rio, abrange a Floresta Protetora de Caboclos, rio da Prata e Cambuçu, no valor de Cr$ 850 mil.

A região do Mirante Dona Marta, no Parque Nacional da Tijuca, será beneficiada com o segundo projeto, cujo orçamento é de Cr$ 250 mil. Essas realizações são parte da politica de apoio ecológico do IBDF, expressa no lema da Festa da Arvore: **O Homem e a Natureza — harmonia necessária.**

Participarão das festividades da Semana da Árvore o diretor do Departamento de Recursos Naturais Renováveis da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Sr Elias Fernandes Leite Neto, o presidente da FEEMA, Sr Haroldo Mattos de Lemos e demais representantes de órgãos do controle ecológico.

Instituto fará exame mais preciso

O Instituto de Medicina Nuclear de São José dos Campos (SP), que será inaugurado hoje, está equipado com o moderno sistema de mapeamento a cores (**Universal Scintinillation Scanner**), o que o capacita a realizar exames-diagnósticos precisos nas mais diversas áreas da medicina, tais como Endocrinologia, Neurologia, Gastroenterologia, Nefrologia, Oncologia e outras. O exame é totalmente atraumático.

O paciente recebe, por via oral ou endovenosa, uma solução de isótopo radioativo que irá se concentrar no órgão, glandula ou tecido que se deseja estudar. O detector do aparelho capta as radiações emitidas pelo isótopo e transmite a informação para o sistema de registro, onde é composta uma imagem colorida — cintigrama ou mapa — da região em estudo. Ao contrário da chapa radiográfica convencional, o **mapa reflete** somente o tecido funcionante, fornecendo, desta forma, importantes subsídios para o diagnóstico de inúmeras moléstias.

Vereador quer tombar Rua da Carioca

Para evitar a demolição de 30 prédios no lado impar da Rua da Carioca, onde funcionam o Bar Luiz, o Cine Iris e várias casas comerciais, o Vereador Moacyr Bastos, da Arena, encaminhou ontem, em regime de urgência, na Camara Municipal, projeto de lei que regulamenta o tombamento histórico desta área.

O Estado já desapropriou o local e o transferiu à Prefeitura, que juntamente com o Metrô e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) estudam há dois meses o projeto de reurbanização da área, para permitir a visão total e valorização do morro onde ficam o convento de Santo Antônio e a igreja de São Francisco.

Fundamentado no Decreto-Lei nº 2, de 11 de abril de 1969, o projeto declara de interesse histórico, para efeito de tombamento, o conjunto urbano integrado por todos os imóveis existentes na Rua da Carioca, bem como as árvores e os passeios que a compõem.

DASP tem proposta para criar categoria de agente da previdência social

O INPS vai propor ao DASP a criação da categoria funcional de agente da previdência social para o atendimento do público no setor de seguros sociais, e deverá ser feito concurso público para o preenchimento de 2 mil 500 vagas. Atualmente o Instituto dispõe de apenas 700 funcionários em todo o país trabalhando nessa função, admitidos como agentes administrativos.

O presidente do INPS, Sr Reinhold Stephanes, afirmou que essa função é a mais importante do setor de benefícios e, com a criação de uma categoria funcional específica, ela será mais valorizada, os funcionários terão treinamento periódico e os salários serão superiores aos dos agentes administrativos, que vão de Cr$ 2 mil 600 a Cr$ 5 mil atualmente.

NOVA CATEGORIA

Explicou o Sr Reinhold Stephanes que o INPS necessitará de 2 mil 500 pessoas para trabalharem como agentes da previdência social, no atendimento de beneficiários para a habilitação e concessão de aposentadorias, pensões, auxílios e demais benefícios em dinheiro. Ele acredita que dos 700 agentes administrativos que atualmente trabalham nessa função, "cerca de 80% terão condições para se enquadrar na nova categoria", mas acredita que não terão interesse em fazer o concurso, porque já estão dentro de uma categoria específica, e como eles foram admitidos há dois anos, estarão recebendo salários equivalentes ao inicial da nova categoria a ser criada.

Acrescentou o presidente do INPS que a adoção da nova categoria funcional permitirá o aperfeiçoamento do sistema de atendimento e informação ao público, que apresentou em todo o país um volume de serviço que incluiu 69 mil 500 informações prestadas por telefone e cerca de 1 milhão 40 mil nos postos de atendimento.

O Marechal Cordeiro de Farias percorreu o pátio do 21.º GAC acompanhado do General Rabello

Senado convoca diretor do DASP para explicar sistema de promoções dos servidores

Brasília — O diretor-geral do DASP, Sr Darcy Siqueira, será convocado pela Comissão de Serviço Público do Senado para explicar o novo sistema de promoções dos servidores, considerado muito subjetivo, e porque o Governo ainda não concordou com a aposentadoria da funcionária pública aos 30 anos, com todas as vantagens.

O presidente da Comissão, Senador Benjamim Farah (MDB-RJ), foi contrário à convocação isolada do Sr Darcy Siqueira, alegando que há uma série de problemas sobre os quais o Senado deve ouvir outros técnicos. Citou especificamente o Sr Belmiro Siqueira, ex-diretor do DASP, que diverge em vários pontos do atual diretor.

ACUSAÇÃO

Ao propor a convocação, o Senador Itamar Franco (MDB-MG) frisou que em sua última conferência, no Clube de Engenharia, o diretor-geral do DASP fez algumas afirmações que não podem passar despercebidas. Uma delas, por exemplo, é que "deputados e senadores nomeavam pessoas para cargos público menores, apenas para que recebessem o dinheiro, pois já estava certo que não compareceriam ao serviço. "Isto — ponderou o Sr Itamar Franco — "é uma acusação que não pode ser genérica porque atinge a todos nós. O Coronel Darcy tem de ser mais preciso em suas acusações".

O vice-líder do MDB considera que o DASP tem se mostrado relativamente lento para resolver dois problemas, já amplamente noticiados e sempre previstos para os próximos dias. Um deles é o cumprimento da norma de promoções dos servidores públicos, que já está defasada. Pessoalmente, acha o Senador Itamar Franco que há necessidade de melhor esclarecimento da nova sistemática, proposta pelo diretor-geral do DASP, que homologa o critério da subjetividade e concede ao chefe poderes quase absolutos. O melhor seria estabelecer um sistema que permitisse uma avaliação baseada exclusivamente no mérito.

Pondera, também, que nem sempre as boas notícias do DASP são confirmadas. O Governo, por exemplo, tem retardado o envio ao Congresso da mensagem permitindo que a mulher se aposente aos 30 anos de trabalho com todas as vantagens, quando todos os estudos são favoráveis.

INATIVOS

Como os parlamentares são impedidos de apresentar projeto estabelecendo despesa, o Senador Itamar Franco pretende fazer um apelo ao diretor-geral do DASP para que a posição do Governo em relação aos inativos e aposentados seja revista de imediato. "Não é justo" — observa — "que após 35 anos de serviço o funcionário, ao se aposentar, seja punido por ter servido ao Governo tanto tempo e venha a ser classificado no período inicial de sua carreira. Não considero também justo que isto ocorra com os militares, que praticamente têm reduzido seus vencimentos em 50% quando passam para a reserva".

Estranha o vice-líder do MDB que, enquanto isto acontece com os inativos e aposentados, haja uma sistemática de privilégios para outros servidores que "com certeza têm melhores defensores. A Secretaria de Planejamento", ressalta, "vem contratando datilógrafas por Cr$ 3 mil 500, enquanto no Plano de Classificação o salário da categoria é de Cr$ 2 mil 341. Será que as datilógrafas da Secretaria de Planejamento são tão melhores assim?"

Deseja também o vice-líder do MDB saber as consequências práticas do decreto de redução dos carros oficiais porque estão sendo feitas denúncias de que não houve, na realidade, qualquer diminuição.

Cordeiro de Farias comanda Artilharia na festa dos 33 anos de sua ação na Guerra

O Marechal Cordeiro de Farias assumiu ontem simbolicamente, durante pouco mais de uma hora, o Comando da Artilharia Brasileira, ao ser comemorado o 33º aniversário do primeiro tiro disparado pelo Brasil na II Guerra Mundial. A homenagem ao Marechal Cordeiro de Farias, que comandou na Itália a Artilharia Divisionária Brasileira, foi prestada no 21º Grupo de Artilharia de Campanha, em São Cristóvão.

O Comandante do 21º GAC, Coronel Sérgio Pasquali, disse que a vitória da FEB na Itália, conquistada com sacrifício, tem que ser lembrada como "um compromisso e uma advertência" para os jovens. O Comandante do I Exército, General José Pinto Rabello, presidiu a cerimônia de ontem, na qual foi liberado o acesso de civis ao quartel.

A SOLENIDADE

O Hino Nacional foi executado no 21º GAC no momento em que o Marechal Cordeiro de Farias e o Coronel Sérgio Pasquali chegavam ao pátio onde estava formada a tropa. O Comandante do I Exército foi recebido ao som da marcha **Comandante-em-Chefe**, sendo em seguida incorporada à tropa a Bandeira Nacional levada à Itália pelos expedicionários. A Banda do Batalhão de Guardas executou **O Guarani** e o Hino do Expedicionário, desfilando a tropa em continencia às autoridades. Ex-combatentes participaram da cerimônia.

O tubo do canhão que disparou o primeiro tiro de artilharia, durante a II Guerra, foi transformado ontem em monumento e inaugurado pelo Marechal Cordeiro de Farias e o cabo Adão Rosa da Rocha.

Primaz do Brasil adverte sobre escândalo na Igreja Brasileira de Salvador

Salvador — O Cardeal-Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela, esclarece, em artigo no jornal católico *Mensageiro*, que a Igreja Católica, Apostólica, Brasileira, "que existe em Salvador e em outras cidades do Brasil, não possui vínculos de qualquer espécie com a Igreja Católica que acompanha nosso país desde suas origens e que se denomina Igreja Católica, Apostólica, Romana".

Em seu artigo semanal *Oração por Um Dia Feliz*, o prelado se refere à crise desencadeada na semana passada, com envolvimento policial, na Igreja Brasileira de Salvador. O Padre Josivaldo Pereira de Oliveira foi acusado pelo Padre Roberto Garrido Padim de farsante e apropriação indevida de Cr$ 270 mil que pertencem à congregação.

CONTA PRÓPRIA

Em sua oração, Dom Avelar afirmou que "a *Igreja Brasileira* se criou por conta própria. Ordenou *padres* uma porção de gente, sagrou *bispos* a torto e a direito e, como nenhuma lei civil disciplina a matéria, a Igreja Católica teve de suportar o ônus dessa terrível sobrecarga perante a grande massa desinformada", escreve. "Até *concílios* foram convocados e *canonizações* foram proclamadas." Refere-se, neste último caso, à canonização do Padre Cícero de Juazeiro pela Igreja Brasileira.

"A verdade é que muita gente simples e até muita gente que se diz civilizada vem apoiando esta seita nova, e desprestigiando a Igreja Católica, passando assim a cometer um grave pecado histórico e religioso de imprevisíveis consequências", prossegue Dom Avelar. Diz que não deseja comentar os problemas de ordem moral levantados pela imprensa, nesses últimos dias, quanto à Igreja Brasileira. Seu desejo é apenas, "alertar mais uma vez, a consciência católica de nosso povo relativamente ao equívoco de tantas famílias procurarem a Igreja Brasileira para o atendimento religioso de que necessitam".

Recomenda Dom Avelar que antes de qualquer realização de atos sacramentais, é preciso saber se o templo pertence à Igreja Católica ou se faz parte da Igreja Brasileira. Se as famílias são católicas de fato devem procurar a verdadeira Igreja Católica e não aquelas que semeiam a confusão e procuram imitar a Igreja Católica em seu ritual e nas suas celebrações".

Dom Avelar diz, ainda, que o mais curioso nessa desinteligência criada no seio da Igreja Brasileira é que ela resolve repelir um *padre* que, servindo a uma de suas igrejas, teria se filiado a outra, chamada de *independente*, e nega a validade dos sacramentos por ele ministrado.

"Esse argumento", comenta o Primaz, "é muito importante para a Igreja Católica, a nossa Igreja. Se uma *Igreja* que nasceu ontem se julga com o direito de declarar sem efeito os sacramentos de um tal *padre* que não teria a devida autorização do *bispo* da Igreja Brasileira para administrar atos litúrgicos, o que dizer da Igreja Católica Brasileira e de outras similares que procuram atrair os católicos menos avisados e aqueles pouco escrupulosos para suas malhas?"

A crise na Igreja Brasileira em Salvador foi desencadeada, na semana passada, envolvendo os Padres Josivaldo Pereira de Oliveira e Roberto Garrido Padim. O Padre Padim acusou o Padre Josivaldo de farsante e de não possuir qualificação jurídico-eclesiástica para exercer a função sacerdotal, embora tenha celebrado 75 casamentos, 1 mil 326 batizados, 83 crismas e 45 missas encomendadas, e de se apoderar de Cr$ 270 mil que pertenciam à Igreja.

Banco de Boston está em Brasília

O Banco de Boston, que instalou sua primeira filial brasileira em 1947, no Rio, inaugurou quarta-feira sua agência de Brasília, onde está operando com financiamentos, empréstimos, cambio, exportação e importação, investimentos, *open market* e outros serviços. Ele tem sucursais em seis cidades do país.

The First National Bank of Boston foi fundado em 1784, nos primeiros anos da independência norte-americana. O grupo é composto de cinco empresas especializadas nos mais diversos tipos de operações financeiras. A filial de Brasília está localizada no Edifício Federação do Comércio, no SCS e a gerência é ocupada pelo Sr Aureliano Victor Santos.

Compra de sangue será proibida

Brasília — Foi aprovado no Senado o projeto do Senador Nélson Carneiro (MDB-RJ) proibindo a compra de sangue e estabelecendo várias restrições aos bancos de sangue. O projeto, que estava paralisado na Comissão de Justiça do Senado há mais de um ano, determina que todos os doadores sejam voluntários e registrados.

Disse o Senador Nélson Carneiro que há uma rede de exploradores do sangue em todo o país, tendo ele conhecimento de exportação, ilegal, do plasma e que, devido à inexistência de fiscalização do sangue e seus derivados, muitas doenças são transmitidas àqueles que recebem transfusões.

Ministro das Comunicações revela surpresa quanto à origem da ordem de censura

São Paulo — O Ministro das Comunicações, Sr Euclides Quandt de Oliveira, mostrou-se surpreso, durante sua visita oficial a Campinas, com a notícia de que teria partido do seu Ministério a censura às emissoras de rádio e TV para a divulgação da nota do MDB sobre a Constituinte.

"Fiquei surpreso" — disse — "porque o Ministério das Comunicações não faz censura. Isto cabe ao Ministério da Justiça. Mas só posso verificar a origem da notícia quando retornar a Brasília". O Ministro reafirmou suas críticas aos telejornais. Segundo ele, "o fato de haver censura sobre uma ou outra notícia não implica necessariamente num mau jornalismo. Acho que poderia ser dada muito maior ênfase aos noticiários, que são muito pequenos, em lugar de se ficar apenas ressaltando as novelas e os filmes".

TELEBRÁS

Apesar das críticas contra a programação das emissoras de TV, o Ministro afirmou que prefere não interferir na programação. "Eu apenas faço sugestões, quero evitar ao máximo interferir na programação das emissoras" disse.

O Ministro foi a Campinas para visitar o terreno de 327 mil metros quadrados, no qual será construída a nova sede da Telebrás. No Centro de Pesquisas da Telebrás, fez uma ligação experimental em um protótipo de central telefônica eletrônica que estava sendo projetado pela USP. Já existe em São Paulo uma central semi-eletrônica, porém a primeira central totalmente eletrônica deverá estar pronta em 1985.

O Sr Euclides Quandt de Oliveira falou também da redução dos terminais telefônicos para todo o Brasil, que não permitiu fosse atingida a meta de 510 mil unidades instaladas, tendo ficado por volta de 230 mil.

FAB encerra curso em Cumbica

São Paulo — Encerrou-se ontem em Cumbica o Curso de Tática Aérea, que teve a duração de 12 semanas e diplomou cerca de 70 oficiais da FAB e da Marinha de Guerra e das Forças Armadas do Equador, Paraguai, Chile e Peru. A solenidade de encerramento contou com a presença do Ministro Araripe Macedo, da Aeronáutica, e outras autoridades de comando da FAB.

Juiz mantém públicas as inquirições

Vitória — O Juiz da 3a. Vara Criminal, Sr Hilton Silly, disse que serão franqueados ao público os interrogatórios sobre a morte da menina Araceli Cabrera Crespo, mesmo depois do tumulto ocorrido na última quarta-feira quando ouviu Paulo Helal e **Dantinho** Michelini, o que o fez transferir a inquirição do comerciante Dante de Barros.

O Sr Hilton Silly declarou-se aborrecido com as pressões sofridas para que realize os futuros interrogatórios a portas fechadas e também porque foi chamado de vedeta, devido à sua decisão em contrário. Salientou que o crime vem sendo comentado há quatro anos e "é inevitável o interesse da imprensa de outros Estados".

Jornalista enquadrado na Lei de Segurança depõe por 4 horas em São Paulo

São Paulo — O jornalista Lourenço Diaféria, preso nas dependências da Polícia Federal de São Paulo sob acusação de ter escrito crônica ofensiva à figura do Duque de Caxias, prestou ontem, durante quatro horas, seu primeiro depoimento. Embora enquadrado na Lei de Segurança Nacional, está em regime de prisão especial e pode receber seu advogado e família durante o horário comercial.

Em Brasília, o Senador Franco Montoro (MDB-SP) considerou desnecessária a prisão do jornalista, "um cidadão conhecidamente pacífico e ordeiro", tendo o líder do Governo, Senador Eurico Rezende (Arena-ES), retrucado que se trata de "ato revestido de plena legalidade". O Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns fez um apelo — secundando a ABI e outras entidades de jornalistas — para que o Sr Diaferia seja julgado segundo a Lei de Imprensa.

SOLIDARIEDADE

Dom Paulo revelou que o jornalista foi preso depois de um encontro com ele, na redação do jornal católico *O São Paulo*, para o qual também escrevia crônicas. Após a prisão, a Cúria quis contratar advogado, mas ficou sabendo que "cerca de 20 advogados se ofereceram para patrocinar a causa, gratuitamente". O Cardeal disse que tentou um contato com o Comandante do II Exército, General Dilermando Monteiro, "mas ele já havia saído de férias e não quis importuná-lo."

Na redação de *O São Paulo*, segundo o Cardeal Arns, Lourenço Diaferia lhe fez algumas confissões pessoais, "que seria bom se o povo conhecesse. E' pai de seis filhos, o menor com dois anos e o maior com 17. Um pai de família com endereço certo, fiel a seus compromissos, não precisava ser preso para ser interrogado; seis filhos precisam dele, e o impacto da prisão não devia atingir as crianças" — acrescentou.

O Cardeal-Arcebispo de São Paulo, que redigiu uma nota de seis linhas apoiando moralmente o jornalista e pediu aos padres que rezassem missa em sua atenção, insistiu num pedido: "que o jornalista seja julgado de acordo com a Lei de Imprensa, e não segundo a Lei de Segurança Nacional, como, aliás, também pediu a ABI. A própria nota do Ministro da Justiça — continua o Cardeal — abre oportunidade dele vir a ser julgado pela Lei de Imprensa. Isso é fundamental nesse momento, para que seja respeitada a liberdade indispensável aos meios de comunicação. É fundamental, sobretudo, para a imagem interna e externa do país."

ÚLTIMA CRÔNICA

Dom Paulo Evaristo Arns exibiu a edição de *O São Paulo*, que começa a circular hoje, e leu, pausadamente, trechos da última crônica escrita por Lourenço Diaferia antes de ser preso. Nela ele pede que não seja interpretado "por um cidadão emotivo."

"O que pretendo testemunhar" — diz a crônica — "é que, ao lado de milhares (e não estou brincando) de mensagens de apoio, força, amparo, estímulo, carinho, ternura e principalmente entendimento, a primeira voz que ouvi, neste Gólgota onde me sinto ridículo e deslocado como o palhaço que esqueceu as calças no picadeiro, a primeira voz que ouvi foi o gesto desse pastor chamado Dom Paulo Evaristo Arns."

"Eu peço que vocês finjam acreditar que, neste momento, neste pequeno Horto das Oliveiras em que se transforma — independente de nossa vontade — a vida de um gato-pingado na terra do tamborim, finjam acreditar que sou um homem frio e insensível, uma criatura de pedra, um coração de granito"..."Todo homem" — diz ainda a crônica — "tem seus momentos de covardia, e acho isso normal".

No editorial, o jornal da Cúria Metropolitana de São Paulo lamenta o enquadramento do jornalista na Lei de Segurança e afirma que "a notícia foi um choque e uma consternação geral. Pareceu-nos, subitamente, comprometer a tácita convenção de desarmamento dos espíritos". E reconhece: "apenas o fato de que a iniciativa do Ministro da Guerra encaminhou-se para a Justiça, como de direito, nos aparece como uma possibilidade aberta para que o episódio possa desenvolver-se rumo a um relaxamento de tensões. E' o melhor que se pode desejar e esperar."

Em Brasília, na Camara, o Deputado Gamaliel Galvão (MDB-PR) considerou "estapafúrdia e arbitrária" a prisão do jornalista e condenou a forma como foi processado, "quando o fato poderia, perfeitamente, ser encaminhado à luz da Lei de Imprensa". Para ele, a prisão caracteriza "a continuação do arbítrio e da violência" e o "desmascaramento da Arena, Partido de bajuladores — com honrosas exceções — que todas as vezes aplaudem a violência, o arbítrio e o autoritarismo do sistema reacionário, conservador e antipovo que nos desgoverna".

Em Curitiba, a Federação dos Jornalistas Profissionais divulgou nota oficial lamentando a prisão de Lourenço Diaferia e solicitando a transferência do processo da Lei de Segurança para a Lei de Imprensa.

Na opinião do advogado do jornalista, Sr Leonardo Frankhental, quanto mais cedo se parar com o noticiário a respeito do caso, melhores serão as chances de seu cliente ser inocentado.

Auditoria considera Justiça Militar competente para o julgamento de Kurt Mirow

O Juiz da 2.ª Auditoria da Aeronáutica, Sr José Garcia de Freitas, aceitou os argumentos do Procurador Afonso Carlos Agapito da Veiga de que a Justiça Militar é competente para julgar o processo contra o empresário Kurt Mirow, enquadrado na Lei de Segurança Nacional por seu livro *A Ditadura dos Cartéis*. E marcou o julgamento do pedido formulado pelo indiciado, para o dia 22, pelo Conselho Plenário da Auditoria.

O Procurador Agapito da Veiga argumenta não ter "cabimento nesta fase do processo" discutir o que pretende o réu: incompetência da Justiça Militar fundada em falta de justa causa para a denúncia. "Pois aí estaríamos substituindo o remédio do habeas corpus, incabível nos crimes contra a segurança do Estado, pelo incidente processual de que se quer valer o indiciado".

RECURSO

O advogado do empresário Kurt Mirow, Sr Técio Lins e Silva, interpôs recurso na 2a. Auditoria da Aeronáutica, no dia 8 deste mês, solicitando a declaração de incompetência da Justiça Militar para julgar seu cliente, sob argumento de que a matéria deveria ser apreciada pela Justiça comum "por não existir o dolo necessário para enquadrá-lo no Artigo 16 da Lei de Segurança Nacional."

O Sr Técio Lins e Silva comprovou com seu recurso de 28 páginas que o empresário jamais tentou indispor o povo contra as autoridades, mas colaborar com elas no sentido de defender os interesses das empresas nacionais contra os trusts internacionais. E o Procurador Eudes Guedes Pereira, da 2a. Auditoria da Aeronáutica, baseou justamente sua denúncia no fato de o autor de "divulgado notícias tendenciosas e fatos verdadeiros truncados para indispor o povo contra as autoridades constituídas".

Para o Sr Técio Lins e Silva, apenas o fato de o Sr Kurt Mirow ter impetrado mandado de segurança contra a apreensão de seu livro — feita a 24 de fevereiro por ordem do Ministro da Justiça — foi o que o levou a responder processo. "A obra foi escrita com base em centenas de documentos e ampla bibliografia, sendo o livro sério e digno dos maiores aplausos pela natureza científica de seu estudo", afirma o advogado.

Sarney pede enquadramento de Nunes Freire no Código Penal

O Senador José Sarney usou um mapa para explicar o problema das terras em seu Estado

Brasília — O Senador José Sarney (Arena-MA) pediu ontem à Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga o sistema fundiário brasileiro que faça enquadrar no Código Penal o Governador do Maranhão, Sr Oswaldo Nunes Freire, por crime de falso testemunho, já que ele, ao depor sob juramento perante aquela Comissão, teria faltado com a verdade.

O Senador maranhense depôs ontem na CPI, defendendo-se das acusações contra ele formuladas pelo Governador Nunes Freire, e demonstrou, exibindo documentos, que não possui título algum de propriedade de terra no Maranhão, a não ser uma gleba — a Ilha de Curupi — que herdou do sogro, com cadeia dominial de todas as escrituras, desde 1783, e a posse de benfeitorias numa área onde implanta atualmente um projeto agropecuário.

DEPOIMENTO DUPLO

Tendo espontaneamente pedido para depor, os Senadores José Sarney e Alexandre Costa ocuparam, durante todo o dia de ontem, a CPI da terra, tendo o segundo começado por afirmar que só o ódio, a vingança, a inveja e o dedo-durismo calunioso podiam ser responsáveis por acusações contra as suas pessoas, cujo passado "o Maranhão conhece há décadas e que não registra qualquer ato capaz de desabonar a conduta de ambos".

O Senador Alexandre Costa, primeiro depoente, disse que adquiriu uma porção de terra, com cerca de 3 mil hectares, dentro do que previa a lei de terras do Estado, pagando por ela o preço comum a todos os que se habilitaram a aceitar a oferta do Governo, que pretendia levar investimentos para o setor agropecuário maranhense. Tanto assim, afirmou, que montou um verdadeiro escritório em São Paulo, estimulando pessoas de outros estados a investir no Maranhão. Em igualdade de condições com todos os demais compradores, adquiriu a gleba, para, conforme exigia a lei, formar com mais 21 adquirentes uma sociedade anônima, o que foi feito.

INCIDENTE

Depois de responder às perguntas do relator da CPI, Deputado Jorge Arbage, para provar que as terras haviam sido adquiridas pelo preço comum a todos, o Senador Alexandre Costa foi interpelado pelo Deputado Epitácio Cafeteira (MDB-MA), que é seu adversário pessoal. Antes que Cafeteira formulasse a primeira pergunta, o Senador disse que "não responderei a qualquer indagação desse cidadão, pois não respondo a passadores de cheques sem fundos e vendedores de passagens aéreas da Camara dos Deputados".

Surgiu rapidamente o tumulto, com os animos acirrados, e o Senador desceu da mesa diretora dos trabalhos, acusando em altos brados o Deputado Cafeteira, a quem chamava de ladrão, ao mesmo tempo em que distribuía aos jornalistas uma pasta contendo documentos contra o parlamentar maranhense. Na pasta estavam cópias de um cheque sem fundos emitido pelo Deputado Epitácio Cafeteira, um depoimento de um motorista que teria sido vítima de agiotagem por parte de Cafeteira, quando este era subgerente de uma agência do Banco do Brasil, além de uma carta do presidente da Cruzeiro do Sul informando ao presidente da Camara que o Deputado usara seu passe livre de parlamentar para fazer com que outra pessoa viajasse gratuitamente para o Rio de Janeiro. Havia ainda um documento da Camara dos Deputados, constante de uma carta ao presidente da Cruzeiro do Sul, na qual afirmava ter determinado a apreensão das carteiras de deputado dos suplentes — o Sr Cafeteira era suplente àquela época — envolvidos no problema. Segundo a carta da Cruzeiro, a fraude foi constatada já a bordo do avião, um Caravelle que seguia de Brasília para o Rio.

O presidente da CPI, Deputado Generino da Fonseca (MDB-GO), foi obrigado a suspender a reunião, diante da situação, já que o Senador Alexandre Costa acusava diretamente o Deputado Cafeteira e este se limitava a dizer que não admitia aquilo e que o Senador não tinha condições de responder às suas perguntas. A interferência de amigos de ambos, com a ajuda da mesa da Comissão, evitou que chegassem ao desforço pessoal.

Dez minutos depois a sessão foi reaberta. O Senador Alexandre Costa prontificou-se a responder às perguntas, desde que formuladas pela Mesa ou por outro deputado, com o que não concordou o Sr Epitácio Cafeteira. Dado por encerrado o depoimento, o Deputado oposicionista formulou suas perguntas apenas para que constassm da ata, mas não foram respondidas.

SARNEY

Começando seu depoimento, o Senador José Sarney declarou que os homens que fazem a História são sempre vítimas de ataques e calúnias, como o foram o Duque de Caxias, Osório, Joaquim Nabuco e tantos outros, e que ele estava ali juntamente porque a História lhe reservara o papel de ser o renovador da política, dos costumes e da administração do Maranhão. Lamentou que muitos dos presentes não estivessem na CPI para discutir o problema agrário brasileiro, "mas para denegrir homens públicos, tentando salpicá-los com a lama de suas assacadilhas". Disse que a lei de terras do Maranhão foi aprovada no seu governo e que "é talvez a lei de terras mais perfeita do Brasil". Afirmou ainda que seu Governo nunca vendeu terra alguma, tendo na verdade regularizado a situação de posseiros em áreas de até 100 hectares. A única exceção aberta, disse o Senador Sarney, foi para uma ordem religiosa que, para receber uma doação de tratores da Alemanha, tinha de comprovar a propriedade de uma área de terras: o pedido foi atendido para que o Estado não perdesse o concurso das máquinas.

Depois de apresentar um quadro da grilagem de terras no seu Estado, o Senador maranhense exibiu dezenas de certidões de cartórios nos quais constava não existir qualquer terra aforada ou registrada em seu nome, a não ser a propriedade da família, herdada do sogro, cuja documentação também apresentou.

"Já que o Governador do meu Estado veio aqui para me acusar", disse Sarney, "devo mostrar que ele tem mais de 10 ações tramitando nos cartórios do Maranhão, todas elas por questões de terras, pois ninguém no Estado brigou mas por terra do que o Sr Nunes Freire".

Segundo o Senador, o Sr Nunes Freire não fez outra coisa até hoje a não ser se envolver nesse tipo de questão, sendo que uma delas foi contra o Estado. Até quando fui Governador — afirmou — recorremos de todas as decisões contra o Estado, mas depois o Tribunal deu ganho de causa a Nunes Freire que terminou por pagar a si próprio, já como Governador, mais de Cr$ 400 mil, sem execução de sentença. "E diga-se de passagem que o procurador do Estado, na época, era seu próprio cunhado, o atual conselheiro do Tribunal de Contas, José Ribamar Araújo".

Denunciou ainda o Senador que o Sr Nunes Freire mandou localizar o futuro centro administrativo do Maranhão, onde o Estado gastará mais de Cr$ 1 milhão, junto a um loteamento de sua propriedade, no bairro do Titirical, e chega a vender o mesmo lote a duas pessoas. O Sr Nunes Freire — continuou — abandonou um projeto do Ministério do Planejamento para discriminar terras através de critérios que, segundo dizem, são pessoais. Para adquirir terra basta falar com o Governador ou com o seu cunhado. O Governador — disse Sarney — escolhe a dedo quem vai ganhar terra, enquanto os pobres posseiros são convocados por editais que nunca chegarão a ler.

O Governador Nunes Freire, segundo o Senador José Sarney, "é um homem feliz". "Tão feliz que nunca pagou impostos de suas terras desde 1970 e agora acaba de ser beneficiado por uma lei de anistia fiscal da Prefeitura — o Prefeito é nomeado por ele — que permitiu que uma dívida de mais de Cr$ 1 milhão, sem juros e correção monetária e multas, fosse paga com pouco mais de Cr$ 200 mil". A lei, insinuou o Senador, não foi feita para anistiar os pobres, pois estes não podiam pagar em 30 dias, como o fez o Governador, através da guia municipal nº 721.

Exibiu ainda o Senador um documento em que uma terra era transcrita sem medição, demarcação ou confrontação, na qual constava o nome de uma proprietária que até hoje não se sabe se existe e que não assinou o documento. E dessa transcrição em cartório é que saiu a Fazenda Iguará, de propriedade do Governador do Maranhão.

Segundo Sarney, Nunes Freire já construiu às custas do Estado duas estradas para a sua fazenda, além de um aeroporto e algumas pontes. A Sudene, conforme documento apresentado, desmentiu a informação do Governador de que o campo de pouso havia sido construído por ela.

O Senador Sarney disse ainda que o Governador Nunes Freire é dono hoje até de terras de índios, na região de Grajaú e que, por uma coincidência feliz, nas suas terras foi "descoberta" uma jazida de areia que era a melhor do mundo para a mistura com asfalto, justamente quando o Governo estava asfaltando a estrada. Além disso, disse Sarney, "é de se estranhar que Nunes Freire tenha comprado uma terra em Bacabal por apenas Cr$ 1 mil".

Os deputados que seguem a orientação do Governador Nunes Friere não fizeram a sua defesa, apenas manifestando opiniões de que o Governador era um homem de bem, e de boas intenções, como disseram os Srs José Machado e Vieira da Silva. Reservaram-se à busca de elementos para pronunciamentos posteriores. Os Senadores Alexandre Costa e José Sarney foram inqueridos pelos Deputados Jorge Arbage, Epitácio Cafeteira, Luís Rocha, e Walber Magalhães.

Após o depoimento do Sr José Sarney, o Sr Epitácio Cafeteira retirou-se da sessão, depois que o Senador Alexandre Costa resolveu responder às suas perguntas, desde que através da mesa diretora dos trabalhos. O senador deu as respostas às inquirições de Cafeteira, mostrando documento comprobatório de que um terreno de sua propriedade, mostrado pelo deputado como integrante de sua declaração de bens, havia sido vendido há mais de três anos.

Ao final da reunião, já às 16h30m, o Deputado Walber Guimarães requereu a convocação do ex-Governador do Maranhão, Sr Pedro Neiva de Santana, para que venha depor perante a CPI da terra.

INPS não vai demitir médico agora

Brasília — O INPS desistiu, por enquanto, de demitir os médicos reprovados ou não classificados no concurso realizado pelo DASP no ano passado, que seriam substituídos pelos que obtiveram nota maior. Esperará até que o Tribunal Federal de Recursos "uniformize sua jurisprudência" sobre a concessão de liminares para a permanência dos mesmos.

A informação consta de "nota informativa" distribuída ontem pela Coordenação de Comunicação Social do Ministério da Previdência Social, sem timbre, data, assinatura e sem o nome do Ministro Nascimento e Silva, a quem foi ordenado que se atribuísse a declaração. A nota reconhece o erro cometido pelo Ministério, há 15 dias, quando em nota idêntica prestou esclarecimentos sobre o mesmo assunto, desmentidos pelo Tribunal Federal de Recursos.

A NOTA

"A substituição dos médicos contratados pelo INPS a título precário, na forma da legislação trabalhista, por concursados classificados, continua a provocar repercussões em todo o país, principalmente porque as entidades de classe passaram a dar assistência e apoio aos profissionais envolvidos nos processos de dispensa.

No Rio de Janeiro, o presidente do Sindicato dos Médicos ingressou com medida cautelar contra o INPS, para fins de ação popular. Contestada a iniciativa, o INPS logrou obter recentemente sentença da Justiça Federal de 1a. Instancia, repelindo a pretensão cautelar.

Na maioria dos Estados há demandas judiciais objetivando impedir as dispensas. Os autores desses mandados de segurança apresentam-se sob as seguintes situações pessoais:

A) concursados aprovados e não classificados;

B) concursados reprovados;

C) inscritos no concurso, mas ausentes das provas;

D) não inscritos no concurso; e

E) reintegrados em cumprimento de medida judicial, nas hipóteses A e B.

O panorama judicial na 1a. Instancia se apresenta favorável ao INPS, que tem alcançado sentenças denegatórias dos mandados impetrados em várias Seções Judiciárias, contra pequeno número de decisões em contrário. Entretanto, a quase totalidade dos juízes, inclusive os que vêm sentenciando em favor do INPS, concedem liminares para permitir a permanência dos empregados até que afinal decidam os feitos.

À exceção de uma correição parcial, que se fundamentou em razões processuais, não logrou o INPS qualquer despacho do ilustre presidente do Tribunal Federal de Recursos sustando a execução de quaisquer liminares.

Agrava-se a situação pelo fato de escritórios de advocacia aliciarem médicos em diferentes localidades, para ingressar em juízo noutras Seções Judiciárias — São Paulo e Rio de Janeiro.

Tal fato leva inclusive a ingressarem em novos mandados de segurança, objetivando reintegrar médicos já dispensados e, muitas vezes, já vencidos nos seus pleitos anteriores.

Como o INPS não tem condição de identificá-los no exíguo prazo que lhe confere a lei para prestar informações no mandado de segurança, vem esses reimpetrantes permanecendo protegidos por liminares.

Atendendo a que o INPS, no sentido de manter a continuidade do atendimento de seus beneficiários teve de admitir os concursados antes da dispensa dos inabilitados, esses novos servidores, acrescidos da grande quantidade de beneficiários de liminares e de algumas sentenças, vêm somando uma força de trabalho maior do que as necessidades dos serviços, expressa no respectivo quadro de pessoal.

Acresce ainda que esses médicos amparados judicialmente, substituídos que foram nas atividades que desempenhavam, quando retornam ao serviço, agravam as dificuldades administrativas, além de provocarem indisfarçável ociosidade de inúmeros profissionais.

Em face da situação, parece-me prudente sustar novas dispensas até que o Tribunal Federal de Recursos uniformize sua jurisprudência sobre a espécie, ensejando solução definitiva do problema.

Geisel acompanha em Minas o começo da colheita do trigo cultivado no cerrado

Brasília — A fim de assistir ao início da colheita de trigo do cerrado, o Presidente Ernesto Geisel visitou na manhã de ontem a fazenda do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Bilac Pinto, no Município mineiro de Unaí, situada a cerca de 120 quilômetros de Brasília, onde percorreu, de automóvel, 150 hectares cultivados e irrigados por gravidade através de canais em declive.

Com as experiências feitas no aproveitamento do cerrado, a produtividade de trigo por hectare já superou em duas vezes a do Paraná e Rio Grande do Sul, cuja capacidade máxima alcançada até agora é de 1 mil 200 quilos. O Ministro Bilac Pinto informou ao Presidente Geisel que pretende, na próxima safra, atingir o índice de 4 mil quilos de trigo por hectare.

EXPANSÃO

O Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, que acompanhou o Chefe do Governo, disse que, apesar da retração dos financiamentos aos programas do Polocentro para este ano — o corte orçamentário foi de Cr$ 690 milhões — "o cerrado já se constitui em uma alternativa real!". Explicou que o Polo-centro funciona como um "programa inadiador", com o objetivo de demonstrar aos produtores que "é compensador investir no cerrado".

O Sr Alysson Paulinelli citou, inclusive, o exemplo do Ministro Bilac Pinto, que há dois anos recebeu um financiamento de Cr$ 10 milhões 500 mil e que agora comprou outra fazenda onde aplicará recurso próprios. "O cerrado, acrescentou o Ministro, além de estar próximo dos principais centros consumidores, significa a incorporação para a agricultura de 1 milhão e 300 mil quilômetros quadrados de áreas, até então inúteis".

VISITA

O Presidente Geisel, acompanhado do Chefe do Gabinete Militar, General Hugo Abreu, chegou à Fazenda Unaí-Brasília às 9h, de helicóptero, sendo recebido pelo proprietário e sua mulher e pelo Ministro da Agricultura. Na sede da Fazenda tomou uma xícara de café e, em seguida de automóvel, dirigiu-se até o extremo oeste da propriedade, onde conheceu a criação de suínos que está sendo desenvolvida pelo Ministro Bilac Pinto.

Ao retornar, a comitiva foi conduzida até um pequeno palanque instalado no meio do trigal, onde teve início a colheita com três máquinas em funcionamento. O Presidente Geisel deixou o palanque para ver o trigo de perto. Diante de sua indagação, o Ministro Paulinelli explicou que as manchas verificadas nas folhas eram apenas "indícios" de ferrugem, já que a umidade do solo do cerrado — muito baixa — constitui uma defesa natural contra fungos.

O trigo colhido foi levado ao armazém principal onde, na presença da comitiva, recebeu todo o tratamento necessário à sua comercialização, sem qualquer contato manual. Inicialmente o trigo foi depositado em um silo, no subsolo do armazém, e, a partir daí, através de esteiras e elevadores, foi selecionado e ensacado, passando pelas máquinas de secagem e depósitos.

Os membros da comitiva foram depois presenteados, por algumas moças que trabalham na fazenda, com ramos de trigo, simbolizando a fertilidade, e pacotes do produto, como símbolo de fartura. O Presidente Geisel retornou depois à sede da fazenda, onde se serviram cerveja e refrigerantes. Às 10h30m ele se despediu e embarcou no helicóptero com destino ao Palácio da Alvorada.

Experiência supera o Sul em produtividade

Brasília — A colheita de trigo ontem presenciada pelo Presidente Geisel na fazenda do Ministro Bilac Pinto, em Minas, resulta de uma das primeiras experiências de aproveitamento de cerrado fora dos canteiros experimentais da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), do Ministério da Agricultura.

A experiência da Embrapa foi iniciada há três anos e seus campos de demonstração — no total de 70 hectares — obtiveram uma produtividade média de 4 toneladas de trigo por hectare, quase quatro vezes mais que no Sul do país, o que estimulou a execução de projetos particulares.

Na fazenda do Ministro Bilac Pinto, foram cultivados 270 hectares este ano, obedecendo à orientação da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), e obteve-se uma produtividade de 1,8 tonelada.

O PROCESSO

A produção de trigo é obtida com recursos tecnológicos como o uso de corretivos da acidez do solo e a irrigação. Os gastos por hectare atingem aproximadamente Cr$ 2 mil 300, obtendo-se uma rentabilidade de Cr$ 5 mil 700 — com um lucro portanto, de Cr$ 3 mil 400 — desde que a produtividade seja de 1,8 tonelada por hectare e a comercialização seja feita ao nível dos preços de compra do Banco do Brasil.

Segundo o Emater, cerca de 50 projetos de aproveitamento dos cerrados, para o trigo e outras culturas acham-se em andamento em regiões próximas à Unaí, onde se situa a fazenda do Ministro Bilac Pinto. Esses projetos totalizam aproximadamente 200 mil hectares, plantando-se, além do trigo, soja, arroz e feijão.

O empresário Vicente Nogueira, que obteve em alguns trechos de sua cultura de trigo na fazenda Moirões, a 96 quilmóetros de Brasília, uma produtividade de quatro tonelada por hectare, explica o fenômeno: "Aqui, a baixa umidade impede a proliferação de fungos e bactérias. O que é gasto no Sul com fungicidas, aqui gastamos com irrigação."

Os custos de irrigação atingem a Cr$ 800 por hectare. A água tem de ser bombeada para encher os canais de irrigação onde não existem rios.

Procurador adia parecer sobre Shibata

Brasília — Por "acúmulo de serviço", o Procurador Geral da Justiça Militar, Milton Menezes da Costa Filho, não pôde concluir ontem, como estava prometido, o seu parecer sobre a possibilidade de o legista Harry Shibata ser processado pela Justiça Militar por crime de falsidade ideológica, como pretendem os advogados da viúva Clarice Herzog.

O legista, que subscreveu o laudo da morte de Wladimir Herzog, disse que não assistiu à autópsia. Por isso, os advogados da viúva representaram contra ele ao Procurador Geral da Justiça do Estado de São Paulo, Sr Quintanilha Ribeiro.

Brasileiro é eleito em Congresso

O Sr Renato Guimarães Jr, promotor público de São Paulo, foi eleito o primeiro presidente da Secção Mundial dos Promotores Públicos, criada no Congresso Mundial de Direito realizado em Manila, nas Filipinas, que reuniu 5 mil dos 100 mil membros da entidade, representando 153 países filiados.

O promotor, que regressou hoje a São Paulo, afirmou que o Congresso aprovou duas importantes recomendações: que toda acusação criminal deve ser severa, criteriosa e livre; e que será procedida pesquisa mundial sobre os poderes, estruturas e funcionamento do Ministério Público em todos os países.

A presença do Estado e o mercado de capitais

Carlos Geraldo Langoni

1 — Introdução

Grande parte da discussão acerca das opções brasileiras de desenvolvimento econômico acaba por convergir para o mercado de capitais. E' nesta área onde os conflitos entre privatização **versus** estatização se desenrolam de forma mais explicita na disputa pelos recursos que deverão ser mobilizados para atender uma multiplicidade cada vez maior de planos de investimentos.

Viabilizar o sistema de mercado como base estável do desenvolvimento tem como contrapartida imediata a organização adequada do mercado de capitais. No caso brasileiro atual, a questão tão crucial a ser debatida é se é possível conciliar o objetivo de institucionalizar um modelo econômico descentralizado, ao mesmo tempo em que, na realidade aumenta a tendência para concentração dos recursos para investimento nas mãos do Estado.

O debate dessa questão exige a explicitação de certas posturas filosóficas relativa a alternativas desenvolvimentistas, e também alguma evidência concreta das características do mercado de capitais brasileiro. O objetivo deste trabalho é exatamente o de estimar o impacto das mudanças nas condições econômicas pós-1974 e, especialmente, os efeitos da aceleração inflacionária sobre a capacidade de mobilização de recursos pelo setor estatal **vis-à-vis** o setor privado. A incorporação de importantes dimensões qualitativas adicionais na análise, tais como a característica **voluntária** ou **compulsória** dos recursos, assim como o seu uso **vinculado** ou **não**, oferece uma visão mais precisa e abrangente, com importantes implicações para as questões mais profundas de natureza organizacional levantadas anteriormente.

2 — A evidência do caso brasileiro

A primeira questão relevante diz respeito à extensão e domínio da atuação do Estado no mercado de capitais brasileiro. Para este fim, os dados referentes à **poupança financeira bruta**, publicados pelo Banco Central, servem como base inicial de análise.

Eles referem-se precisamente àquela parcela da poupança global que é absorvida através da intermediação financeira e aos recursos absorvidos compulsoriamente. Nesta categoria estão incluídas, portanto, todas as aplicações em ativos financeiros não monetários (títulos públicos, depósitos de poupança, letras de cambio e letras imobiliárias, depósitos a prazo fixo) e, também, os fundos de poupança forçada governamental, alimentados por recursos compulsórios (PIS, Pasep, FGTS). (1). A inclusão desses fundos ao lado dos ativos clássicos se justifica pela semelhança em termos de origem não monetaria dos recursos podendo, portanto, ser interpretados como excedentes financeiros gerados compulsoriamente. E' possível também trabalhar com um conceito mais amplo, incluindo a **subscrição de ações**, mesmo quando feita diretamente pelas empresas e, portanto, fora do mercado tradicional das Bolsas de Valores. A consideração da poupança externa permite passar do conceito de poupança financeira **doméstica** para o de poupança financeira **nacional**.

Uma das limitações dessas informações é a existência de múltiplas contagens, isto é. os fluxos referentes às diversas categorias de ativos financeiros não são mutuamente exclusivos. Nas estimativas a seguir procuramos eliminar os casos óbvios de dupla contagem como, por exemplo, a inclusão de fundos mútuos fiscais e reservas técnicas das seguradoras, simultaneamente com as aplicações em diversos tipos de renda fixa e ações. Da mesma forma, procuramos destacar a parcela dos fundos compulsórios que é explicitamente aplicada em títulos públicos.

As tabelas 1 a 3 resumem **as** principais características da poupança financeira bruta doméstica, excluindo por enquanto os dados referentes à subscrição de ações para o período 1971/76. A desagregação é feita segundo a **fonte** (privada ou estatal) de absorção de recursos e, também, de acordo com **a forma de captação** dos recursos (voluntária ou compulsória). Consideramos como oriundos da fonte **privada** aqueles recursos que são captados e alocados por instituições financeiras privadas: depósitos de poupança em sociedade de crédito imobiliário e associações de poupança e empréstimos, letras de cambio em financeiras, depósitos a prazo fixo em bancos de investimentos e comerciais. A fonte **estatal**, segundo o mesmo critério, **es**taria constituída por depósitos de poupanças nas Caixas Econômicas, títulos federais, estaduais e municipais em poder do público, e os fundos de poupança forçada.

Os dados revelam de forma inequívoca o aumento do controle estatal sobre a poupança financeira global. O Estado, que já controlava aproximadamente a metade da poupança financeira no triênio 1971/73, elevou sua participação para cerca de 72% no período 1974/76. A dificuldade em separar as instituições financeiras sob controle dos governos estaduais resulta em subestimação do peso do Estado, já que a totalidade das aplicações em letras de cambio e certificados de depósitos foi considerada da fonte privada. Ao mesmo tempo, porém, não estão incluídos os recursos captados pelos montepios e fundos de seguridade social. Os montepios certamente aumentariam a fonte privada de absorção. Quanto aos fundos de seguridade, uma grande parcela pertence às empresas estatais. De qualquer forma, pela ausência de dados é difícil calcular **a priori** o resultado líquido dessas componentes adicionais sobre as estimativas anteriormente apresentadas.

A evolução ao longo do tempo da presença estatal na absorção de recursos da poupança financeira pode ser avaliada sob outro angulo, tomando-se como termo de comparação, o produto interno bruto **PIB** (Tabela 3). O total da poupança financeira **doméstica** passou de 9,4% do **PIB** no triênio 1971/73, para cerca de 11,9% em 1974/76. No mesmo período, a absorção estatal cresceu de **4,5% do PIB** para 8,4%, enquanto a absorção privada se reduzia de 4,9% para 3,4%.

A esta altura, a questão relevante a indagar é se estas modificações profundas na forma de absorção da poupança financeira é uma consequência inexorável da própria estrutura institucional preexistente de captação de recursos, ou reflete as mudanças de natureza conjuntural associadas, por exemplo, à aceleração do processo inflacionário. Para isso é necessário distinguir o comportamento ao longo do tempo das formas **voluntárias e compulsórias** de captação de recursos, e suas interrelações com as fontes privadas e estatais de absorção.

A captação **voluntária** de recursos inclui todas as aplicações em ativos financeiros públicos ou privados feitas de forma espontanea em função da rentabilidade alternativa de cada título. Assim, por exemplo, a captação voluntária **realizada pelo Estado** compreende depósitos de poupança nas Caixas Econômicas (federais e estaduais), as LTN's em poder do público, as ORTNs em poder do público **exclusive** as aquisições de entidades estatais, e as reservas compulsórias dos bancos comerciais. Simetricamente, é fácil inferir os ativos componentes da poupança voluntária captada por instituições financeiras privadas. Já a poupança **compulsória** é, por definição, exclusivamente estatal e compreende, além dos fundos de poupança forçada, aquela parcela das ORTN's adquiridas por entidades públicas e como alternativa ao recolhimento compulsório em dinheiro dos bancos comerciais.

Houve, em primeiro lugar, um aumento significativo do peso relativo da poupança compulsória, que passou de 26,7% da poupança financeira total, em 1971/73 para 34,3% em 1974/76. Como proporção do PIB, a captação compulsória quase duplica no período, elevando-se de 2,5% para 4,1%. Este resultados seriam num certo sentido esperados, principalmente pelo fato de os fundos PIS/Pasep terem começado a operar a partir de 1971, reforçando a acumulação anterior iniciada pelo FGTS e aquisições compulsórias do ORTNs. O fato surpreendente, porém, é a importancia que passa a assumir o Estado também na captação dos recursos voluntários. Seu peso relativo literalmente dobrou ao longo desse período, elevando-se de 29% para 58% do total das poupanças voluntárias e de 2% para 4,3% do **PIB**.

Carlos Geraldo Langoni tem 33 anos e é diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV. Doutorou-se em Economia pela Universidade de Chicago, para onde foi com bolsa-prêmio de primeiro colocado no Cendec, que cursou após a faculdade. Em 1975, foi escolhido O Economista do Ano, pelo Sindicato da classe. Entre seus trabalhos publicados, contam-se As Causas do Crescimento Econômico do Brasil, Distribuição de Renda e Desenvolvimento Econômico no Brasil *e* A Economia da Transformação

Os resultados sugerem que o avanço estatal se deu em **ambas** as formas de captação, indicando a simultaneidade de ação dos fatores estruturais e conjunturais.

A componente estrutural é sintetizada pela visível ampliação da fatia dos recursos financeiros globais, apropriada **compulsoriamente**, mesmo considerando o prazo relativamente curto do pleno funcionamento dos fundos forçados. Esta tendência pode ser dramatizada, expressando-se em termos reais o crescimento cumulativo dos recursos compulsórios: 120% entre 1971/73 e 1974/76, comparando-se os fluxos médios de cada triênio (tabela 4). (2).

Em contraste, os recursos voluntários se expandiram no mesmo período em apenas 49%. Este diferencial de ritmo de expansão entre recursos voluntários e compulsórios, mesmo admitindo que esteja superestimado, já que a base de referência dos fundos forçados é pequena, é suficientemente grande para se constituir em fator de limitação e estreitamento do espaço econômico disponível para a ação das instituições financeiras privadas no esforço de mobilização de recursos. O que é importante destacar como fundamento para correções futuras, é o transbordamento da ação compulsória, invadindo uma base potencial de recursos que, em grande parte, poderia ser absorvida por mecanismos voluntários. Entretanto, o processo de compressão do campo de captação voluntária é cumulativo, uma vez que a base dos fundos forçados (faturamento ou folha de pagamento das empresas) está intimamente associada ao próprio ritmo de crescimento econômico. Tudo isso nos leva a questionar as possibilidades efetivas que existem para dinamizar a poupança voluntária, mesmo com a introdução de novos instrumentos, a não ser que se alterem essas características estruturais. A contrapartida alocativa do quadro anteriormente descrito é a perspectiva de uma ampliação ainda maior, ao longo do tempo, do grau de dependência das decisões de investimentos em relação aos recursos controlados pelo Estado.

A componente conjuntural reflete-se na maior presença do Estado na captação de recursos financeiros **voluntários**, e está intimamente associada ao aumento e maior variabilidade da inflação que caracteriza o triênio 1974/76.

Os fatores de mercado estimularam a tendência ao encurtamento temporal das aplicações e exacerbaram anormalmente a componente risco, gerando por si só realinhamento da poupança financeira. Fatores institucionais como correção monetária, controle da taxa de juros, fixação de rentabilidade real e garantias contra risco, definiram essa realocação entre as grandes categorias de ativos.

A combinação das mudanças de mercado com a plena operação dos instrumentos institucionais preexistentes beneficiou desproporcionalmente ao Estado pela sua posição virtualmente monopolista no mercado de títulos de curto prazo (LTNs) e pelas garantias integrais que oferece aos títulos com correção monetária (ORTNs e depósitos de poupança nas Caixas Econômicas).

Assim, entre os triênios de 1974/76, o crescimento cumulativo dos títulos com correção monetária pós-fixada foi de 173% (tabelas 5 e 6). No mesmo período, os títulos de correção prefixada decresceram 4%. Simultaneamente, a participação relativa do Estado no total dos recursos com correção **a posteriori** se eleva de 74% para 82%, explicada pela expansão dos depósitos de poupança nas Caixas Econômicas e crescimento da dívida pública (federal e estadual).

As características institucionais do mercado brasileiro, em especial o controle de juros até 1976 e a apropriação diferenciada de risco entre instituições públicas e privadas, tendem a superestimar os efeitos redistributivos sempre associados a mudanças na tendência inflacionária. Assim, verifica-se que a queda real de 4% nos títulos prefixados deu-se exclusivamente à custa de uma perda absoluta nas fontes privadas de absorção da ordem de 22%, já que a fonte estatal (LTNs) se expandiu em cerca de 66% (Tabela 5, 1a. linha).

Esse crescimento rápido das LTNs tanto pode ser interpretado como uma tentativa de corrigir a **posteriori** excessos de expansão monetária (operações de **open market**), assumindo neste caso um caráter predominantemente transitório, como pode também estar associado a tendências mais permanentes de endividamento público. (3) Independentemente da motivação específica, ambas formas interagem com o processo inflacionário e reforçam os outros mecanismos institucionais já descritos, no sentido de ampliar a capacidade de mobilização de recursos pelo Estado, em detrimento do setor privado. O resultado final é um crescimento real cumulativo de 188% nos recursos voluntários comandados pelo Estado entre 1974/76 e 1971/73, enquanto a absorção privada apresentava um descréscimo de cerca de 7% (Tabela 4; 1a. linha).

Além da forma de captação (voluntária ou compulsória) e fonte de absorção (privada e estatal), é importante analisar o grau de compartimentalização da poupança financeira no caso brasileiro. Essa dimensão adicional tem intima relação com a eficiência alocativa do sistema, e ao mesmo tempo, permite identificar sob outra ótica os graus de liberdade de ação privada em comparação com a ação estatal. Os recursos vinculados são definidos como os de aplicação em setores pré-determinados, tais como os depósitos de poupança (setor imobiliário) e aceites cambiais (crédito ao consumidor). (4)

A participação desses recursos, independentemente de sua origem voluntária ou compulsória, representava 50% do total da poupança financeira em 1971/73, caindo ligeiramente para 44% em 1974/76 (Tabela 8). Isto significa que somente pouco mais da metade dos recursos financeiros globais de **origem doméstica** é que pode ser aplicada livremente em diferentes setores.

Pelas próprias características institucionais do mercado, o peso da vinculação é maior justamente no setor privado, chegando a representar em 1974/76, 57% do total dos recursos absorvidos por instituições financeiras privadas. No setor estatal, a participação de recursos vinculado é de apenas 39%. Isto significa que, em termos de influência mais ampla sobre o processo de alocação de investimento na economia brasileira, o peso do setor privado é ainda menor do que sugere sua participação quantitativa no total da poupança financeira bruta (27,6%). Por outro lado, a ligeira tendência à descompartimentalização do mercado anteriormente identificada é, na verdade, apenas a outra face da maior presença estatal no comando da poupança financeira.

De fato, entre 1971/73 e 1974/76, a parcela dos recursos **não** vinculados absorvidos pelo setor privado cai de 19,5% para 11,7% do total de recursos financeiros domésticos ou de 1,9% para 1,5% do PIB (Tabela 8). A evolução dos fluxos reais no mesmo período evidencia o descompasso entre a liberdade de ação do Estado na aplicação diversificada de recursos sob seu comando, e o setor privado com seu campo sensivelmente mais limitado de manobra. Os recursos não vinculados aplicados pelo Estado se expandiram cumulativamente em 144% entre os triênios analisados, enquanto os recursos da mesma natureza manipulados por instituições privadas cresciam apenas 4% (Tabela 10).

A capacidade do setor privado em termos de mobilização de recursos e, portanto, de influenciar as decisões alocativas, ficaria ainda mais restrita, se a dimensão **prazo** de aplicação fosse introduzida como critérios de análise. Neste caso, somente certa parcela dos investimentos do setor imobiliário poderia ser considerada como investimento de longo prazo. Todos os outros setores que necessitam de um prazo maior de maturação estão fortemente dependentes dos recursos domésticos captados e comandados pelo Estado. A possibilidade de capitalização através de ações, assim como repasse dos recursos externo é que, nas condições atuais, dão algum fôlego para atuação de instituições financeiras privadas em setores mais diversificados.

Os dados a seguir (Tabela II) mostram como a absorção de recursos através de ações vêm perdendo importancia ao longo do tempo (5). No triênio 1971/73 a participação relativa da subscrição de ações (inclusive realizadas fora da Bolsa de Valores) no total da poupança financeira nacional (inclusive ações e recursos externos líquidos) era cerca de 26%. Já no triênio 1974/76, essa mesma parcela reduziu-se para 15,6%, como reflexo da intensificação do processo inflacionário e da multiplicação de formas diversas de subsídios ao endividamento. E' preciso ter em mente que, mesmo na emissão de capital por subscrição, é significativa e presença do Estado, pela reinversão dos dividendos relacionados com sua participação nas empresas de economia mista. Também ao nível das Bolsas de Valores, a capacidade de absorção voluntária de recursos acionários é maior nas empresas estatais, pelo que elas representam em termos de tradição, liquidez e rentabilidade, esta última assegurada em grande parte por posições monopolistas. De fato, no biênio 1975/76, do total

Tabela 1
CARACTERISTICAS BÁSICAS DA POUPANÇA FINANCEIRA BRUTA DOMÉSTICA (1)

(fluxos anuais em Cr$ milhões)

Captação	Fonte	Privada	Estatal	Total
VOLUNTÁRIA	1971/73	18 940	7 854	26 794
	1974/76	37 335	51 652	88 987
COMPULSÓRIA	1971/73	—	9 769	9 769
	1974/76	—	46 509	46 509
TOTAL	1971/73	18 940	17 623	36 563
	1974/76	37 335	98 161	135 496

(1) excluindo ações; as aplicações dos fundos mútuos, fiscais e reservas técnicas das seguradoras também foram excluídas para evitar dupla contagem.

Tabela 2
CARACTERÍSTICAS DA POUPANÇA FINANCEIRA BRUTA DOMÉSTICA

(participações relativas no total)

Captação	Fonte	Privada	Estatal	Total
VOLUNTÁRIA	1971/73	,51,8	21,5	73,3
	1974/76	27,6	38,1	65,7
COMPULSÓRIA	1971/73	—	26,7	26,7
	1974/76	—	34,3	34,3
TOTAL	1971/73	51,8	48,2	100,0
	1974/76	27,6	72,4	100,0

(1) Excluindo ações; as aplicações dos fundos mútuos, fiscais e reservas técnicas das seguradoras também foram excluídas para evitar dupla contagem.

Tabela 3
CARACTERISTICAS BÁSICAS DA POUPANCA FINANCEIRA BRUTA DOMÉSTICA (1)

(Como percentagem do PIB)

Captação	Fonte	Privada	Estatal	Total
VOLUNTÁRIA	1971/73	4,9	2,0	7,0
	1974/76	3,4	4,3	7,7
COMPULSÓRIA	1971/73	—	2,5	2,5
	1974/76	—	4,1	4,1
TOTAL	1971/73	4,9	4,5	9,4
	1974/76	3,4	8,4	11,9

Tabela 4
CRESCIMENTO REAL DA POUPANÇA FINANCEIRA BRUTA DOMÉSTICA

(taxas cumulativas entre 1971/73 e 1974/76)

CAPTAÇÃO/FONTE	PRIVADA	ESTATAL	TOTAL
VOLUNTÁRIA	— 7,3%	+ 187,7%	+ 49,5%
COMPULSÓRIA	—	+ 119,7%	+ 119,7%
TOTAL	— 7,3%	+ 150,0%	+ 68,6%

Observação: Deflator é o índice geral de preço de dezembro a dezembro (Conjuntura Econômica)

Tabela 5
CRESCIMENTO REAL DA POUPANÇA FINANCEIRA BRUTA DOMÉSTICA

(taxas percentuais cumulativas entre 1971/73 e 1974/76)

NATUREZA/FONTE	PRIVADA	ESTATAL	TOTAL
RENDA PRÉ-FIXADA	— 21,6	+ 65,8	— 4,3
RENDA PÓS-FIXADA	+ 82,5	+ 205,5	+ 173,3
FUNDOS FORÇADOS	—	+ 139,0	+ 139,0
TOTAL	— 7,3	+ 150,0	+ 68,6

Observação: Deflator é o índice geral de preço de dezembro a dezembro (Conjuntura Econômica)

Tabela 11
CARACTERISTICAS DA POUPANÇA FINANCEIRA NACIONAL

(em %)

Fim de ano	PARTICIPAÇÃO RELATIVA NO TOTAL: Renda Fixa (inclusive fundos de poupança forçada)	Renda variável: Total	Renda variável: Via Mercado	Recursos Externos	PARTICIPAÇÃO RELATIVA NO PIB: Renda Fixa (inclusive fundos de poupança forçada)	Renda variável: Total	Renda variável: Via Mercado	Recursos Externos Total
1971	47,6	36,3	12,1	16,1	8,1	6,2	2,1	2,7
1972	52,2	22,4	7,2	25,4	10,0	4,3	1,3	4,9
1973	57,1	23,8	7,2	19,1	10,2	4,3	1,3	3,4
1971/73	53,3	26,2	8,3	20,6	9,6	4,8	1,5	3,7
1974	52,2	18,9	5,6	28,9	9,2	3,3	1,0	5,1
1975	64,7	18,0	3,8	17,3	12,9	3,6	0,8	3,4
1976	70,4	12,6	3,7	16,9	13,5	2,4	0,7	3,2
1974/76	64,9	15,6	4,1	19,5	12,4	3,0	0,8	3,7

de subscrição em Bolsa, 74% referem-se às empresas estatais (6).

E' razoável admitir que o acesso privado aos recursos de subscrição foi relativamente mais fácil no início da década quando o comportamento favorável do mercado secundário de ações viabilizou, inclusive, um número significativo de **underwritings**. Dada a significativa presença do Estado nas outras fontes de recursos, podendo concluir que a perda de substancia dos títulos de renda variável (ações) no total da poupança financeira nacional, tão bem visualizada na Tabela II, contribuiu para reforçar a tendência para controle governamental sobre o mercado de capitais.

Com relação aos recursos externos líquidos, a tendência observada é razoável estabilidade na sua participação relativa no total da poupança financeira **nacional** (isto é, já incluindo estes próprios recursos externos), mantendo-se em torno de 20% como média dos triênios. A participação do setor público em comparação ao setor privado no total desses recursos pode ser expressa pelos dados de endividamento externo disponível somente para o periodo 1973/76. Essas estimativas sugerem que 54% desses recursos externos são absorvidos pelo setor público, com ligeira tendência crescente com base nos valores calculados a partir de 1973. (7)

A inclusão de ações e recursos externos não altera de maneira significativa o panorama anterior, no que diz respeito ao grau atual de controle pelo Estado da poupança financeira bruta. A participação estatal no valor **global** desses recursos é estimada em 69% no triênio 1974/76, em contraste com os 72% calculados anteriormente, com base apenas na poupança doméstica exclusive ações. De qualquer forma, a consideração de recursos externos e subscrições contribui para aumentar o peso relativo dos recursos voluntários, ao mesmo tempo em que reduz substancialmente o grau de compartimentalização do sistema.

3 – Conclusões

A análise anterior que utiliza como indicador a evolução ao longo do tempo de diversas características da poupança financeira nacional, confirma e quantifica o elevado grau de estatização do mercado de capitais.

Os resultados sugerem que a concentração de recursos nas mãos do Estado é substancial e apresenta tendência crescente. Verificou-se também que os recursos voluntários tiveram um comportamento dinamico, sendo, entretanto, absorvidos em grande parte por fontes estatais.

Este resultado, num certo sentido esdrúxulo, serve também para evidenciar a fragilidade do principal argumento que fundamenta a criação de mecanismos de captação forçada. Na realidade, o raciocinio mais correto é justamente o de que a expansão cumulativa desses fundos, cuja origem é essencialmente privada, num certo sentido limita o espaço econômico que poderia vir a ser ocupado pela captação voluntária e descentralizada de recursos.

Por outro lado, o **status quo** institucional gera acréscimos de concentração de recursos nas mãos do Estado, independentemente de qualquer ação planejada, mas em função tão-somente de mudanças não antecipadas no ritmo inflacionário.

E' importante perceber que, com este nivel de concentração de recursos e, portanto, de poder de decisão, o repasse ao setor privado já se faz a partir de critérios que refletem exclusivamente prioridades do Governo.

O enfoque **social** utilizado como justificativa para a alocação centralizada de recursos torna-se muitas vezes vago e essencialmente subjetivo numa economia como a brasileira, cujo caráter marcante é a crescente complexidade e diversidade a nivel setorial e regional. Parece impossivel captar esses diferentes matizes de uma estrutura econômica em formação, sem uma maior descentralização inclusive no processo de fixação de prioridades, de forma a permitir que "as rentabilidades sociais" sejam, de fato, um espelho das preferências reveladas pela comunidade.

O objetivo deste trabalho foi o de evidenciar importantes tendências que vêm se manifestando no mercado de capitais brasileiro. O que deve ser amplamente discutido é exatamente a conveniência ou não, para a sociedade brasileira, de se manter a atual estrutura, cujos mecanismos criam automaticamente o **momentum** para a contínua concentração de recursos nas mãos do Estado.

(1) Observem que, ao contrário da definição usual do Banco Central, nós excluimos os ativos monetários (papel moeda em circulação e depósitos a vista nos bancos comerciais) do total da poupança financeira bruta.

(2) Poderiam surgir dúvidas quanto à precisão das estimativas dos fluxos reais dos fundos compulsórios já que os dados referentes aos fluxos anuais fornecidos pelo Banco Central incluem, além das entradas liquidas adicionais e juros, a correção monetária do saldo anterior. Entretanto, o método utilizado para deflacionar estes fluxos tende, na verdade, a subestimar os valores reais já que trabalhamos com o indice geral de preços que é superior aos indices de correção monetária. O uso da base de dezembro a dezembro, também subestima os valores reais pois pressupõe a incidência de correção monetária integral durante o periodo de um ano sobre todo o saldo anterior. Sabemos que os fluxos de entrada liquida de novos recursos se distribui ao longo do ano, o que implica correções monetárias apenas parciais. Esse mesmo raciocinio se aplica às cadernetas de poupança, e ORTN's.

(3) A expansão substancial das LTN's em 1976, quando chegou a atingir Cr$ 42 bilhões 600 milhões, é indicativo de predominancia de fatores conjunturais. Entretanto, tem havido ultimamente tendência para substituir LTN's por ORTN's no financiamento da divida pública a fim de reduzir os custos associados a aceleração da correção monetária.

(4) Ao contrário dos depósitos de poupança o crédito ao consumidor atinge uma gama bastante variada de indústria tendo, portanto, um caráter relativamente menos especifico.

(5) Para efeito de comparação com outros itens da poupança financeira iremos considerar apenas os aumentos de capital por subscrição, excluindo, portanto, as reavaliações e incorporações de reservas. Esses dois últimos elementos representam mero arranjo contábil sem resultarem em acréscimo efetivo do patrimônio liquido.

(6) É importante ter em mente que em 1975 o Governo restringiu o acesso das empresas estatais ao mercado de subscrição de ações em Bolsa. Isto sugere que nossas estimativas acerca da absorção estatal de recursos acionários no periodo 1975/76 tende a ser inferior a dos periodos anteriores.

(7) Neste caso a participação do setor público está superestimada já que os empréstimos externos ao setor privado avalizados pelo Governo são contabilizados como divida pública.

Tabela 6

CARACTERISTICAS DA POUPANÇA FINANCEIRA BRUTA DOMESTICA BRUTA DOMESTICA

(participações relativas no total)

Natureza	Fonte	Privada	Estatal	Total
ENDA PRÉ-FIXADA	1971/73	44,6	11,0	55,6
	1974/76	19,8	12,8	32,6
ENDA PRÉ-FIXADA	1971/73	7,2	20,2	27,4
	1974/76	7,7	35,7	43,5
UTRAS	1971/73	—	17,0	17,0
	1974/76	—	23,9	23,9
OTAL	1971/73	51,8	48,2	100,0
	1974/76	27,6	72,4	100,0

Tabela 8

CARACTERISTICAS BÁSICAS DA POUPANÇA FINANCEIRA BRUTA DOMÉSTICA (1)

(participações relativas no total)

Aplicação	Fonte	Privada	Estatal	Total
NCULADA	1971/73	32,3	17,8	50,1
	1974/76	15,8	28,0	43,8
ÃO VINCULADA	1971/73	19,5	30,4	49,9
	1974/76	11,7	44,5	56,2
OTAL	1971/73	51,3	48,2	100,0
	1974/76	27,5	72,5	100,0

(1) Excluindo ações; as aplicações dos fundos mútuos, fiscais e reservas técnicas das seguradoras também foram excluidas para evitar dupla contagem.

Tabela 10

CRESCIMENTO REAL DA POUPANÇA FINANCEIRA BRUTA DOMESTICA

(taxas cumulativas entre 1971/73 e 1974/76)

APLICAÇÃO/FONTE	PRIVADA	ESTATAL	TOTAL
VINCULADA	— 14,4%	+ 159,4%	+ 47,6%
NÃO VINCULADA	+ 4,3%	+ 144,4%	+ 88,9%
TOTAL	— 7,3%	+ 150,0%	+ 68,6%

Observação: Deflator é o indice geral de preço de dezembro a dezembro (Conjuntura Econômica)

Simonsen diz que abertura não afeta economia

São Paulo — O Ministro da Fazenda, Sr Mário Henrique Simonsen, disse ontem que "uma abertura não trará problemas para o lado econômico", acrescentando que "todos devem se interessar por politica, inclusive o empresário", já que "toda discussão é politica". Salientou que "a distensão politica está muito bem encaminhada pelo Presidente Geisel".

Afirmou entender que "um engajamento politico deve ser aperfeiçoado com o ingresso nos Partidos. Quem deseja realmente praticar politica, no seu termo lato, deve participar dos Partidos". Destacou ainda que "nunca afirmei que não se deve participar da politica. O que entendo é que um engajamento mais profundo deve ser feito através de uma atividade politica dentro dos Partidos".

São Paulo

Simonsen (D) debate ação econômica com o empresário Milton Masteguin, da Puma

Imposto de Renda

O Ministro Mário Henrique Simonsen fez essas declarações respondendo a empresários no programa *Diálogo Nacional*, da TV Record, de São Paulo, levado ao ar na madrugada de ontem.

Confirmou que "o desconto de Cr$ 8 mil no Imposto de Renda sobre gastos com educação, será aumentado, a niveis que ainda não posso afirmar". Não sei se serão — frisou — mais 50%, sei apenas que o teto será elevado. "O que interessa, de fato, e reconhecermos, é que o nivel atual está baixo". Os estudos já em elaboração, serão concluidos em breve, para serem encaminhados ao Presidente da República".

O Sr Mário Simonsen afirmou que a inflação em 1978 deverá ser menor do que a deste ano. "Essa é uma boa perspectiva da nossa economia para o próximo ano. Há de e convir também que as medidas adotadas pelo Governo não podem ser consideradas rigidas. Outros paises utilizaram meios mais duros do que os nossos para conter a inflação".

Expansão

Para o Sr Mário Henrique Simonsen, "os meios de pagamento tiveram até agora uma expansão de 13%, o que é um bom indice, levando-se em conta o esforço do Governo no combate à inflação. O indice previsto para o primeiro semestre foi de até 9%. A percentagem atual é muito boa e pode ser ainda um pouco superior ate o final do ano, que não trará reflexos maiores."

O Ministro da Fazenda, ao ser perguntado se a "disclosure" das empresas, solicitado pela nova Lei das Sociedades Anônimas também seria aplicada às empresas de capital estatal ,respondeu que "a lei foi feita para todas as empresas aplicarem, e isso será feito. E' um ato indispensável para o fortalecimento do mercado de capitais no pais."

Sem modificação

O Ministro da Fazenda anunciou também que "não haverá modificação na politica agricola do Governo, pois os resultados foram bons e estão aí. O crescimento da agricultura brasileira nos últimos anos tem sido notável e atualmetne pode ser considerado responsável pelo equilibrio na balança comercial do pais."

Disse também que "o Governo ja anunciou uma série de medidas visando ao crescimento das exportações Esse crescmento tem sido constante, o que mostra o acerto das medidas adotadas. Há ainda uma série de produtos que pode melhorar a sua participação na pauta de exportações."

Na FIESP

O Ministro Mário Henrique Simonsen previu para 1979 um superavit de 2 bilhões de dólares na balança comercial brasileira e disse que isso será possivel não apenas em consequência da politica de substituição de importações mas, sobretudo, do aumento das exportações. Também reconheceu que o aumento das exportações implica em novos investimentos e que isso conflita com a politca de desaquecimento da economia nacional. Lembrou que se pode conseguir muito nessa área simplesmente elevando a produtividade dos investimentos já realizados.

No seu debate de ontem com empresários paulistas, na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, o Ministro da Fazenda acrescentou que a melhora na balança comercial, registrada nos últimos meses, "foi fantástica", mas a situação superavitária ainda não está consolidada, já que em agosto verificou-se um déficit de 46 milhões de dólares — exportações de 1 bilhão 82 milhões de dólares e importações totalizando 1 bilhão 128 milhões.

Compulsório

Essa instabilidade no comportamento da balança comercial foi a principal justificativa que deu para a manutenção da politica de restrição às importações. Admitiu, também, que essa politica deve ser mantida porque o Governo não está em condições de prescindir do recolhimento do compulsório e continuar honrando o compromisso de devolver (sejam juros ou correção monetária) os depósitos feitos há mais de um ano. Segundo afirmou, isso implicaria num desembolso de Cr$ 40 bilhões em apenas um ano.

Reafirmou que o Governo tem interesse em abandonar essa politica, "embora isso só possa ser feito paulatinamente". Reconheceu, inclusive, que a recente liberação de alguns produtos incluidos nas listas sujeitas a depósito prévio "foi timida", pois os produtos agora liberados representam apenas 2% no total dos atingidos pelas restrições, "indice que pretendemos ir ampliando progressivamente".

Ministro da Fazenda vê órgão central benéfico

São Paulo — Durante solenidade ontem na Federação das Indústrias de São Paulo, o Ministro Mário Henrique Simonsen, respondeu que "realmente o melhor seria que as Federações apresentassem as reivindicações dos empresários", já que "a centralização seria benéfica aos empresários e ao Governo", ao ser indagado a respeito da proliferação de entidades civis representativas de setores empresariais.

O Sr Mário Henrique Simonsen salientou que "apesar de ser grande o número de entidades que fazem reivindicações ou sugestões ao Governo, temos conseguido conversar com todas. Estamos sempre abertos ao diálogo com todas as entidades, embora reconheçamos que haveria maior facilidade se os entendimentos fossem realizados com as Federações".

Opinião de empresários

Laerte Setúbal (presidente da Duratex) — A criação de outras entidades para representarem os empresários, seria algo ineficiente e nada prático. Deve-se prestigiar a Federação, e procurar aperfeiçoá-la. Entendo que todos devem participar das federações e sindicatos. Não estou vendo hoje, empresários ligados ao setor de bens de capital, nesta reunião com o Ministro Simonsen. Seria importante que também eles utilizassem as federações para suas reivindicações. O Ministro da Fazenda mostrou hoje aqui que está tranquilo com os resultados alcançados pela sua administração, principalmente nas áreas de controle da inflação, balança comercial e balanço de pagamentos. Se a Federação das Indústrias paulistas não rez uma manifestação em favor da abertura politica, é porque falta um consenso na sua diretoria a respeito desse assunto".

José Mindlin (diretor de Comércio Exterior da FIESP) — "Para mim, o momento não é de dividir, mas sim somar esforços. Sou contra os surgimentos de novas entidades de classe. Deve-se aperfeiçoar o que já existe.

Não há outra maneira, a não ser fortalecer os sindicatos e as federações. O empresário deve participar de seu sindicato e da Federação. Quanto ao pronunciamento do Ministro Simonsen, hoje, aqui na FIESP, posso considerá-lo muito ponderado. Realmente, está ocorrendo um sucesso na politica econômica do pais".

Theobaldo de Nigris (presidente da FIESP) — Sou contra a formação de novas entidades. Creio que devemos fortalecer os sindicatos e a Federação das Indústrias".

Jorge Duprat Figueiredo (vice-presidente da FIESP) — "Temos que reconhecer que os sindicatos e as federações têm um mecanismo arcaico de funcionamento. Mas, não é criando outras entidades que o sentido de colaboração e reivindicação empresarial irá melhorar. Reconheço que as entidades civis, como ABDIB e outras, têm maior flexibilidade. Por que não atualizar o sistema de funcionamento dos sindicatos e federações?"

Salvador Firace (presidente da Bolsa de Cereais de São Paulo) — "Considero que a Federação é realmente o local de onde deve sair a reivindicação empresarial. Os que reclamam de sua atuação, são os que não participam".

Leia editorial "Ameaça Crescente"

Governo vai observar criação de entidades

São Paulo — O Governo acompanhará de agora em diante a proliferação de entidades empresariais de caráter civil, para evitar distorções no que se refere a reivindicações, afirmou ontem, nesta Capital, o Ministro do Planejamento, Reis Velloso, ressalvando, no entanto, que considera "representações legitimas" entidades como a Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Indústrias de Base (ABDIB) e Associação Brasileira da Indústria Eletro-Eletrônica (Abinee).

Contudo, o Ministro disse que o surgimento de novas entidades empresariais civis "não representa um enfraquecimento dos sindicatos existentes". E acrescentou: "Creio que é uma busca de fortalecimento de setores de produção industrial. Mas o Governo observará a proliferação", insistiu.

"Ao vir a São Paulo, mantenho encontro com 10 ou 12 empresários de diversos setores, buscando com isso ouvi-los e tomar conhecimento de como anda a economia nacional no seu todo.

Mantive reuniões com a indústria automobilistica e de bens de capital, chegando a conclusão de que não há problemas nesses setores. Os empresários me perguntaram a respeito da taxa de juros e pediram um esforço do Governo para que elas continuem baixando. Eu expliquei que esta é a intenção fundamental do momento, pois visa ao combate à inflação".

Velloso considera ABDIB e Abinee como entidades de representações legitimas

Informe Econômico

Tirar de algum lugar

O Governo está tentando localizar de onde vai tirar os recursos, que serão transformados em crédito aos comerciantes de café, para ajudá-los nesse período de virtual paralisação do mercado.

Esse é o único motivo por que a decisão está demorando tanto: de onde tirar o dinheiro, sem criar novos programas ou novas despesas. Segundo a filosofia do Orçamento Monetário aprovado em julho, de só permitir a liberação de recursos que sejam extraídos de outros setores.

* * *

E' muito provável que os recursos acabem saindo do próprio café. Alguma linha será desfalcada para permitir o alívio ao setor exportador.

* * *

Diz um czar da política econômica: "Não se está pensando em nada muito grande. Nem essa linha será para salvar quem andou especulando demais. Queremos proteger quem efetivamente se prejudicou com o fato de os negócios estarem praticamente paralisados. Quem fez maus negócios, porque bancou um aumento contínuo dos preços com dinheiro que não tinha, paciência."

Cartel de gusa

Está no arsenal dos exportadores brasileiros de gusa uma acusação de que existe um cartel de produtores na Alemanha que está tentando impedir a entrada de concorrentes.

* * *

A Ford da Inglaterra já anunciou oficialmente que vai deixar de produzir o gusa que usava na sua fundição e, em parte, colocava no mercado inglês. Ela produzia 200 mil toneladas/ano. Passará, portanto, a compradora.

E' um novo mercado que se abre na Europa — e os brasileiros já estão aproximando-se dele.

* * *

No dia 26, em Bruxelas, vai haver um encontro de exportadores brasileiros de gusa com os reclamantes europeus.

E, no dia 29, na sede da Comunidade Econômica Européia, também em Bruxelas, haverá a confrontação das teses, quando a questão sobre se os brasileiros praticaram dumping e se haverá cotas ou não deverá ser decidida.

Mau não foi

Convenhamos que não é mau o resultado da balança comercial de agosto, anunciado pelo Ministro Simonsen — déficit de 50 milhões de dólares.

Só foram exportados 38 milhões de dólares com café, quando a média mensal tinha sido, até agora, de 300 milhões de dólares com café.

* * *

Logo, o desempenho dos outros produtos continua encorajador. A soja, por exemplo, está saindo devagar, mas está saindo.

Um acordo

Pela primeira vez, o Banco Econômico, o Banco Intercontinental e Corretora Socopa entraram num acordo na pendência sobre a legitimidade dos dois cheques administrativos emitidos pelo Econômico.

Os três se recusaram a aceitar o perito desempatador, o advogado Décio Barbieri, que solicitou um prazo de um ano e meio e honorários de Cr$ 9 milhões para esclarecer se os dois cheques eram legítimos.

Bom sinal

Bom indício da capacidade brasileira de levantar dinheiro no exterior.

O metrô do Rio, que não chega a ser o empreendimento mais atrativo, do ponto-de-vista financeiro, começou tentando levantar 130 milhões de dólares no mercado de eurodólares. Acabou conseguindo ampliar para 170 milhões e, com a aceitação, chegou a fechar 210 milhões de dólares.

* * *

Os prazos variam de cinco, seis e sete anos, com juros de 1 7/8%, 2% e 2 1/8% acima da Libor.

As condições, portanto, são idênticas às conseguidas pela Eletrobrás, quando, recentemente, levantou 250 milhões de dólares.

Mais devagar

De Antônio Ermírio de Moraes, um dos comandantes do Grupo Votorantim:

"O Brasil passou a viver uma política econômica com os pés no chão. Isso é positivo. Não podíamos continuar a crescer a 10% ao ano. A nossa evolução deve ser sempre de 5% a 6% ao ano. E' mais compatível. Nota-se que há agora um controle da inflação, o que é muito bom."

Troca de tecnologia

A delegação da África do Sul no Congresso da Sociedade Internacional dos Técnicos em Cana-de-Açúcar, que acabou de realizar-se em São Paulo, propôs à Copersucar trocar tecnologia para fins carburantes por outro tipo de tecnologia de que disponha, e o Brasil esteja interessado em comprar.

Chapa única

Pela primeira vez em 40 anos, a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP) terá chapa única para renovar sua diretoria, em dezembro próximo. Fábio Meirelles será reconduzido à presidência.

Itamarati quer gusa sem cotas

Brasília — O estabelecimento de cotas nas exportações de ferro gusa, pela CEE, seria desvantajoso para os exportadores brasileiros, que atualmente não tem limite previsto. Por isto, a declaração dos produtores de Belo Horizonte, noticiada ontem, sobre a fixação de cotas, foi classificada como precipitada, no Itamarati, porque a sugestão deveria partir da CEE.

A reunião de confrontação de teses em que o Brasil procurará se defender das acusações de dumping por produtores da Alemanha, França e Inglaterra está marcada para o dia 29 de setembro. A tese brasileira será a de que as medidas adotadas pela Cacex (estabelecimento de preço mínimo e redução de 60 para oito canais de exportação do gusa) levam algum tempo para serem finalizadas, especialmente a segunda, mas que resolverão os problemas.

A opinião dos produtores mineiros, publicada ontem, pode constituir uma especulação em torno do possível resultado da reunião do dia 29. Mas não quer dizer que esta será a solução adotada (a limitação de cotas) e caso o fosse, seria prejudicial aos produtores que não tem, no momento, limite de exportação.

A Cacex, através de editais, determinou preços mínimos do ferro gusa, de acordo com o teor de pureza.

Exportador vê suas vendas ao MCE reduzidas à metade

Belo Horizonte — O vice-presidente da Federação das Indústrias de Minas, Sr Aristdes Mário Rache Ferreira, revelou ontem que sua empresa, a Fiação e Tecelagem São José, poderia estar exportando quase o dobro se não houvesse a limitação por cotas pelos países do Mercado Comum Europeu para a compra de têxteis brasileiros.

Segundo o empresário, o maior prejuízo com o contingenciamento imposto às exportações brasileiras no setor de têxteis ocorre na venda de fio de algodão e confecções. "Ficamos numa situação difícil", afirmou, "porque, se de um lado existem essas limitações, de outro temos um compromisso com o Governo brasileiro para exportarmos uma determinada quantidade. O MCE recebe 70% das exportações brasileiras de têxteis."

Prejuízos

Segundo o Sr Aristides Rache, a inclusão, pela Comunidade Econômica Européia, de dois novos produtos nas cotas de exportação de têxteis brasileiros — camisas de malha para a Inglaterra e calcinhas tipo unissex para a França — só contribue para agravar a situação das vendas do Brasil no exterior.

"Ainda não podemos dizer que essas cotas estejam prejudicando nossa produção, mas isso vai ocorrer em breve. O crescimento do mercado interno não pode, jamais, ser comparado ao crescimento das indústrias no setor — sensivelmente superior," afirmou.

Na opinião de Aristides Rache, no entanto, "existe uma solução para esses problemas: apesar de ser muito difícil, é preciso que o país aumente seu poder de barganha com as importações. Poderíamos, por exemplo, forçar a venda de manufaturados aos países que nos vendem petróleo. Outros países, no caso do MCE, dos quais compramos equipamentos industriais, poderiam, também, comprar manufaturados brasileiros".

O contingenciamento imposto às exportações brasileiras para os países do Mercado Comum Europeu, segundo o empresário, tende a assumir "proporções mais violentas". Ele explica sua afirmação lembrando que "vem sendo também violenta a recessão econômica na Europa".

A Fiaçac e Tecelagem São José está exportando, este ano, em todo o setor de têxteis — panos crus ou acabados e confecções, um total de 3 milhões de dólares. Na opinião do Sr Aristides Rache, a inexistência de cotas poderia permitir a exportação de um total de 5 milhões de dólares. "Para a Alemanha, por exemplo, não podemos exportar nada mais este ano. Resta alguma possibilidade no Benelux, que tem um mercado, no entanto, demasiadamente pequeno."

Malharia não teme fim do acordo

O acordo Multifibras, que estabelece cotas para as exportações de têxteis e confecções, incluindo países socialistas, não deve terminar em dezembro, porque interessa a todas as nações envolvidas. A Europa, por exemplo, não pode parar de importar, porque precisa exportar. Essa é a opinião do Sr Jack Basseches, diretor da ICM — Indústria e Comércio de Malhas.

Ele acha que as cotas estabelecidas pela França e Inglaterra para as exportações brasileiras de calcinhas unissex e camisas de malha, se não são as ideais, pelo menos garantem mercado. Em um ano, o Brasil passou de 15º fornecedor de calcinhas à França, para 3º, o que levou o Governo francês a impor uma cota, para o último trimestre, de 825 mil unidades.

Calazans diz por que CMN nada decidiu sobre apoio ao café

O presidente do Instituto Brasileiro do Café — IBC — Sr Camillo Calazans de Magalhães, explicou ontem a falta das anunciadas medidas de apoio ao comércio de café na reunião de quarta-feira do Conselho Monetário Nacional como resultado de uma nova norma administrativa — "que eu não conhecia" — determinando que os assuntos novos levados à apreciação do Conselho não poderão ser aprovados antes de um exame completo pelos ministros integrantes.

De acordo com essa norma, acrescentou, a nova linha de crédito para o café só deveria ser adotada na próxima reunião do CMN, o que "pode levar até um mês", tempo longo demais para a espera, segundo o presidente do IBC. Por isso, ele disse que ainda ontem iria falar a respeito com o Ministro da Indústria e do Comércio, Sr Angelo Calmon de Sá, que chegara na madrugada de Genebra, onde foi participar das negociações do Acordo Internacional do Açúcar.

A medida será mesmo adiantar 80% do valor dos avisos de garantia resultantes da venda de café pelos exportadores aos torrefadores, e que desde julho não são utilizados, pela interrupção das exportações. O Sr Calazans acredita que cerca de Cr$ 600 milhões sejam suficientes para financiar os avisos existentes e prevê mais Cr$ 2 bilhões ou Cr$ 3 bilhões colocados em disponibilidade para financiar avisos que venham a se acumular. Ele disse também que existe a possibilidade de o Governo vir a financiar as duplicadas do café adquirido pelos exportadores aos produtores, com base no preço mínimo de registro para exportação, mas não foi taxativo nessa afirmação.

O Sr Calazans viaja no próximo domingo para Madri, onde vai participar de um seminário sobre café promovido pela revista **Coffee International**. Depois, segue para a Suíça, para visitar o Clube dos Importadores de Café e conhecer as instalações da fábrica de café solúvel da Nestlé. Em seguida vai a Londres, para a reunião ordinária do Conselho da Organização Internacional do Café, e depois visita a Argélia, para entregar ao presidente da Organização Nacional do Comercio Exterior daque país, Sr Busiane, a Ordem do Cruzeiro do Sul.

EL SALVADOR

Atracou ontem no porto de Santos o cargueiro **Itapura**, do Lloyd Brasileiro, com 11 mil 440 sacas de café compradas em Nova Iorque pela Interbrás. E' o segundo navio da série, e há mais três programados. Em Catanduva, para onde esta sendo levado o café salvadorenho, o representante da Interbrás, Sr José Antônio Vidal, disse que o produto será usado no consumo interno, porque é proibida a sua reexportação. Deixou entender que o café se destinará à fábrica de solúvel Cocam, do Grupo Matarazzo, em Catanduva, que o empregará na produção de solúvel liofilizado.

Fazenda afirma que Brasil poderá importar carne se preço do boi aumentar

O Governo poderá importar carne bovina de países vizinhos, como a Argentina, onde o preço da arroba do boi está a Cr$ 120, caso os preços internos venham a atingir níveis considerados indesejáveis. Entretanto, não é desejo do Governo, no momento, recorrer à importação de carne para garantir o abastecimento interno, pois acha que a pecuária nacional deve ser incentivada. A informação é de um técnico do Ministério da Fazenda.

O que está preocupando seriamente o Ministro Mário Henrique Simonsen — acrescentou o técnico — é a evolução interna do preço da arroba do boi, que já está alcançando Cr$ 240, enquanto que no mesmo período de entressafra de 1976, custava Cr$ 150, ou seja, registrou-se um aumento de 60%. Esta súbita elevação poderá afetar todo o programa governamental de formação de estoque da carne e de equilíbrio de preço.

INTERMEDIÁRIO

O Governo está estudando ainda eliminar o intermediário no processo de comercialização de carne bovina congelada da Cobal, mediante a distribuição direta do frigorífico aos açougues. Para atingir este fim está pretendendo oferecer financiamento para que os frigoríficos participantes do Plano da Carne da Cobal, possam ampliar suas frotas de caminhões.

Agentes da Receita Federal vão exigir a partir da próxima semana às pessoas físicas envolvidas na comercialização da carne bovina da Cobal, a apresentação das declarações do Imposto de Renda, correspondentes aos últimos cinco anos. As pessoas físicas em questão são os proprietários de frigoríficos, distribuidores de carne e de açougues no Rio e em São Paulo. A fiscalização poderá ser estendida também às pessoas jurídicas.

Para o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Carnes do Rio de Janeiro, Sr Mário Roballo, a eliminação do distribuidor de carne poderá reduzir o custo do alimento em Cr$ 1 por quilo.

Multi compra produtos natalinos

São Paulo — A Empresa Multicomércio Exterior Ltda., ligada à *holding* Multitrade, importará produtos natalinos de Portugal, ainda este ano, no montante de 5 milhões de dólares (Cr$ 75 milhões), para o mercado brasileiro. Essa é a primeira vez que uma *trading* fará tal operação, dentro de um acordo assinado com a Cobec (Companhia Brasileira de Entrepostos Comerciais).

A confirmação da negociação foi feita pelo presidente da Multicomércio Exterior Ltda., Sr Demétrio Calfat, que explicou o objetivo da importação: "E' a lei da oferta e da procura. Estamos importando de Portugal, para abrir mais um mercado para nós. Esse mercado, inclusive, já demonstrou interesse por nossos produtos".

Disse o Sr Demétrio Calfat que "a Multi fará a parte operacional" na transação, de acordo com o contrato assinado em julho último com a Cobec.

Conferência do Açúcar não avança

Genebra — Alguns delegados acusaram ontem a Comunidade Econômica Européia (CEE) pelo clima de apatia que impera na Conferência Internacional do Açúcar, reunida desde segunda-feira última em Genebra, com vistas à aprovação de um novo convênio.

Até o momento, segundo essas fontes, as negociações sobre o fundo do problema não puderam ser abordadas, limitando-se as reuniões à discussão de aspectos meramente formais.

A CEE, recordaram os observadores, sustentou na sessão precedente que um novo acordo de estabilização devia basear-se num mecanismo de estoques antes que em um de quotas açucareiras, como pretendia a maioria dos países restantes.

De todos os modos, soube-se que em outra reunião, em Londres, se havia acertado a posibilidade de estruturar um projeto que incluisse as duas fórmulas (estoques e quotas), capaz de obter uma com[illegible] la maioria em Genebra.

Barata confirmou em 73 perdas do trabalhador

Brasília — Houve realmente uma perda no poder aquisitivo do trabalhador no período de 1965/72, quando os salários, "devido à onda inflacionária", foram reajustados numa média de 9,86% abaixo dos índices do custo-de-vida. A revelação está em relatório feito em 1973 ao ex-Presidente Médici pelo então Ministro do Trabalho, Júlio Barata. O documento foi obtido ontem no Ministério do Trabalho.

Consta do documento que, segundo tabela elaborada pela Secretaria de Emprego e Salário, a maior perda (32,74% inferior ao custo-de-vita) verificou-se em 1966 e a menor (0,12%) em 1971. Os aumentos salariais em 1973 foram da ordem de 2,25% acima da inflação, voltando a cair no ano seguinte, para menos 1,32%.

Perda antiga

Essa deterioração, registrada desde 1965 — em 64 o aumento do salário foi superior em 6,18% ao custo-de-vida — só foi recuperada em 1973, quando o custo-de-vida subiu 13,82% segundo os dados governamentais, contra um reajuste da ordem de 16,07%. Os números, porém, são contestado pelo DIEESE, para quem houve defasagem salarial, somente em 1973, de 34,1% para várias categorias profissionais.

Mas, do ponto-de-vista ministerial, o reajuste autorizado em 1973 "foi subordinado ao aumento real da produtividade", com o Governo buscando, através de uma série de providências prioritárias, "um combate direto à inflação, ao mesmo tempo em que estabelecia uma política desinflacionária gradualística".

Entretanto, no exercício de 1973 — quando os índices do custo-de-vida teriam sido mal computados — o Sr Júlio Barata reconhecia, segundo o relatório que encaminhou ao ex-Presidente Médici, que a fixação de níveis salariais "divorciados das condições e possibilidades econômicas repercutiria de modo tanto mais desfavorável quanto menos desenvolvidas as regiões que se pretendia beneficiar", numa referência, porém, apenas à fixação do salário-mínimo.

O ex-Ministro do Trabalho entendia que a imposição de níveis salariais em "flagrante desrespeito às leis econômicas que regem o mercado de trabalho, acabaria por acarretar as mais danosas consequências à população, em termos de desemprego, de redução do ritmo de atividade, da menor oferta de bens e serviços, do aumento de preços e de tensões sociais".

A norma no Governo Médici, segundo o Sr Júlio Barata, era valorizar o salário real por meio do combate à inflação e da transferência de ganhos do aumento da produtividade, de preferência a praticar uma política de aumentos nominais. O importante, ressaltou, era manter a participação dos salários no produto nacional e impedir que reajustamentos salariais desordenados realimentassem irreversivelmente o processo inflacionário.

Velloso quer dados do DIEESE

São Paulo — O Governo deverá requisitar os dados do Departamento Intersidical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE) referentes ao ano de 1973, informou, nesta Capital, o Ministro do Planejamento, Reis Velloso, acrescentando: "Temos interesse em saber como realiza seus cálculos de custo de vida".

Sobre a anunciada ação pública contra a União que sindicatos metalúrgicos deverão intentar para reaver os 34,1% salariais que alegam ter perdido por erro do índice oficial do custo de vida em 73, o Ministro comentou: "E' bom aguardar uma decisão a respeito, e eu acredito que dê em nada, pois já foi feita a reposição em 1974".

Sindicato obstinado

O Ministro Reis Velloso acha que o movimento sindical "está dividido em relação aos 34,1%: isso está claro pelas declarações dos seus líderes; não há uma posição unissona e eu acredito que ocorra uma dispersão", disse ele. "O único sindicato obstinado", para o Ministro, "é o de São Bernardo do Campo e Diadema".

Explicou que o Governo solicitará dados ao DIEESE, "e também a metodologia que a entidade utiliza para levantar o custo de vida", e acrescentou : "Nossos dados estão sempre disponíveis para qualquer interessado."

Segundo o Sr Reis Velloso, o Ministério do Planejamento apenas processa os dados, que recebe do IBGE. "Volto a insistir que o levantamento do custo de vida em 1973, para reajuste salarial, foi feito pelo Ministério do Trabalho, e não pela FGV. O que os metalúrgicos desejam reaver é o custo de vida calculado pela FGV, o que não corresponde aos ajustes salariais da época", disse.

"Naquela época, a carne tinha dois preços: o tabelado e o do mercado negro. O que interessa é que em 1974 fizemos uma liberação de preços e ficamos com os preços unificados de vários produtos. Houve também uma compensação dos reajustes salariais. O que eventualmente teria sido perdido em 1973, foi inteiramente recuperado em 1974", concluiu o Ministro do Planejamento.

Senado examina

Brasília — **A Comissão de Economia do Senado decidiu ontem abrir o debate parlamentar sobre o problema da "subavaliação dos índices inflacionários e suas repercussões nos reajustes salariais". Com esse fim, convidou o economista Eduardo Matarazzo Suplicy para participar de sua próxima reunião, quarta-feira, às 10h.**

O presidente da Comissão, Senador Marcos Freire (MDB-PE), justificou a iniciativa de abrir o debate e o convite ao economista com a declaração de que "no retrocesso político ocorrido no Brasil destes últimos tempos, o problema do trabalhador assumiu conotações dramáticas, não podendo o Congresso ficar indiferente a tal ocorrência".

Metalúrgicos pedem mesa-redonda

São Paulo — O presidente e o advogado do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Luiz Inácio da Silva e Almir Pazzianotto Pinto, requereram, ontem, à Delegacia Regional do Trabalho, a convocação de mesa-redonda com os empresários do setor, para debater a reposição salarial de 34,1% devido, segundo argumentam, a erro no índice oficial do custo de vida em 1973.

Em Santo André, assembléia-geral com 5 mil metalúrgicos, decidiu ontem à noite optar pelo caminho do dissídio para reivindicar a reposição dos 34,1% e fazer um manifesto à Nação, apresentando a posição de 55 mil trabalhadores da categoria na região. Foi "a maior assembléia do Sindicato desde 1964", segundo o presidente, Benedito Marcílio da Silva.

Ação pública na Capital

Após mais de duas horas de discussões, os metalúrgicos da Capital, reunidos em asembléia-geral, escolheram o caminho da ação pública contra a União para reivindicar a reposição dos 34,1% salariais. O presidente do Sindicato, Joaquim dos Santos Andrade, abriu a reunião convidando os companheiros a lutar pela reivindicação "mantendo o espírito de sindicalismo e evitando retaliações e ofensas morais".

Em Santo André o presidente do Sindicato, Benedito Marcílio da Silva — um dos primeiros oradores da assembléia — condenou a iniciativa da Federação dos Metalúrgicos do Estado, que pretende levar os sindicatos a entrarem com ação pública contra a União. A alternativa, segundo ele, contribuirá, com a morosidade da Justiça, a esvaziar o movimento dos metalúrgicos pela reposição salarial.

O presidente da Federação dos Metalúrgicos, Argeu Egydio dos Santos, disse ontem que "o problema da reposição salarial não é da Justiça mas sim do Governo; a Justiça apenas verificará se a correção foi feita ou não em 1973 e 74". A entidade continuava ontem elaborando o edital-padrão para o início dos processos contra a União pelos sindicatos que assim o decidirem em assembléias. Ao mesmo tempo, a Federação está colhendo pareceres de juristas sobre a legitimidade da ação, segundo informou o Sr Argeu Egydio dos Santos.

Trombetas terá fábrica de alumina

A Mineração Rio do Norte instalará uma fábrica de alumina (matéria-prima do alumínio) junto à mina de bauxita que ela está explorando em Porto Trombetas, no Pará. A informação foi prestada ontem pelo presidente da empresa, Sr Idalmo Mourão, que adiantou que a produção anual da fábrica será de 800 mil toneladas.

A decisão foi tomada na última reunião do Conselho de Administração da Rio Norte, segunda-feira passada, mas a instalação desta fábrica não será imediata. Ela está prevista para quando a mina de bauxita estiver produzindo 8 milhões de toneladas (1981/82) e demandará de quatro a cinco anos. O custo da instalação está orçado em 400/500 milhões de dólares (Cr$ 6 bilhões 8 milhões/Cr$ 7 bilhões 510 milhões).

PARTICIPAÇÃO

De imediato, três empresas aceitaram participar do projeto, a Companhia Vale do Rio Doce, que já participa no Projeto Trombetas (para exploração da bauxita da região) com 41%, a Companhia Brasileira de Alumínio, do Grupo Ermínio de Morais (São Paulo), que tem 10% em Trombetas, e a Alcan Alumínio da América Latina S. A., que detém 19% neste mesmo projeto.

Já a Mineração Rio Xingu S.A., da Shell do Brasil, e a Reynolds Metals do Brasil Ltda. (dos EUA), ficaram de estudar a questão, mas deverão dar uma resposta ainda este mês. Na reunião também foi decidida a construção de uma usina hidrelétrica no local, para atender às necessidades energéticas da fábrica de alumina.

A usina a ser construída é a de Cachoeira do Chuvisco, no rio Erepecuru, a 60 quilômetros do local onde será instalada a fábrica de alumina. Ela funcionará com quatro unidades geradoras e terá uma potência final de 240 megawatts (MW). O custo total da obra, segundo a Mineração Rio do Norte, não deverá ultrapassar Cr$ 23 milhões.

A alumina produzida em Trombetas poderá ser exportada e/ou vendida para a fábrica. de alumínio da Alcan em Aratu, na Bahia, e da CBA em São Paulo. A tecnologia a ser empregada na instalação da fábrica poderá ser da Reynolds Metals do Brasil Ltda., por ser mais barata que a da Mitsui, do Japão, que fornecerá **know-how** para a Alunorte, projeto da Vale do Rio Doce para fabricação de alumina no Pará.

CNP aprova aval para a Petrofértil

Brasília — O Conselho Nacional do Petróleo aprovou ontem o aval concedido pela Petrobrás à sua subsidiária Petrobrás Fertilizantes S/A para a assinatura dos contratos de financiamentos com o BNDE/Finame, para o Projeto Laranjeiras, até o limite de 4 milhões 188 mil 367 ORTNs, ou seja, Cr$ 628 milhões 967 mil 072,39, a preços de junho de 1976.

O Projeto Laranjeiras, que está sendo instalado em Sergipe, pela Petrobrás Fertilizantes, prevê a produção, a partir de junho de 1980, de 270 mil toneladas anuais de amônia e uréia, insumos básicos para a produção de fertilizantes nitrogenados.

Ministro diz que país vive em servidão na área farmacêutica

Brasília — O Ministro da Previdência e Assistência Social, Nascimento e Silva, considerou a situação da indústria farmacêutica nacional como de "extrema dependência" e disse que a "esmagadora necessidade de importar insumos e medicamentos" deixa o país em "verdadeira servidão à indústria internacional".

As afirmações foram feitas ontem, no gabinete do Ministro da Indústria e do Comércio, Angelo Calmon de Sá, durante o lançamento do **Manual Econômico da Indústria Química e Farmacêutica**. O Sr Nascimento e Silva disse ser "grave" o problema da indústria farmacêutica nacional e convidou os empresários a investirem no setor de insumos para medicamentos.

Dúvidas

"Quando assumi o Ministério" — disse o Sr Nascimento e Silva — "havia dúvidas se continuaria sendo dado apoio ao grave problema da indústria farmacêutica nacional. Dúvidas surgidas do fato de eu ter transformado a Central de Medicamentos (Ceme) também em distribuidora de medicamentos àqueles que não tinham condições de adquiri-los a preços normais."

O Ministro rechaçou a possibilidade de cortar esse apoio e disse reconhecer a necessidade de nacionalizar o setor, "não uma nacionalização xenófoba, mas aquela capaz de reduzir a dependência e garantir a segurança de proteção à saúde dos brasileiros".

Como exemplo da "imensa dependência existente em relação ao mercado externo, que nos coloca em extensa fragilidade", contou fato ocorrido entre 1974/75: a Argentina alterou sua política bovina e provocou "verdadeiro pânico no Brasil para se conseguir insulina".

O Ministro disse que esse grau de dependência é o que se quer evitar e lembrou que o Brasil tem condições de se tornar grande fornecedor de medicamentos para a América Latina e África. E convocou os empresários a investirem na produção de insumos para medicamentos e, sobretudo, na indústria química, voltada para a farmacêutica.

Tecnologia

Comentou que a obtenção de uma tecnologia industrial para a indústria farmacêutica é problema maior a ser enfrentado do que a pesquisa pura, e disse acreditar nas condições do país para vencer esse desafio. Para o Sr Nascimento e Silva, "seria impossível a ação do Governo sem o correspondente interesse demonstrado pela indústria nacional no desenvolvimento deste setor".

Admitiu que o Brasil é "um grande mercado consumidor de medicamentos" e ressaltou sua potencialidade de transformar-se no grande fornecedor de produtos para países da América Latina e da África, perspectiva que apresentou aos empresários como atrativo para os investimentos no setor.

Setor de saúde deve reduzir dependência

Brasília — "Estamos até agora bastante atrasados na indústria farmacêutica e é preciso acelerar para que o Brasil atinja uma menor dependência num setor tão importante como é o da Saúde", declarou o Ministro da Indústria e do Comércio, Calmon de Sá, por ocasião do lançamento oficial do novo **Manual Econômico da Indústria Química e Farmacêutica**, ontem, em seu gabinete.

A empresários presentes à solenidade, o Ministro Calmon de Sá disse que pela primeira vez o setor dispõe, com o **Manual**, de uma informação completa do que é a indústria farmacêutica brasileira. E frisou que o Governo tem o maior interesse em desenvolver o ramo, através de apoio financeiro e tecnológico, destacando ainda existir uma estreita colaboração entre os Ministério da Indústria e do Comércio e o da Previdência.

Investimento disponível

Até dezembro, o Governo dispõe de Cr$ 100 milhões para investir na indústria farmacêutica nacional, sendo que no biênio 1978/79 os investimentos chegarão a Cr$ 480 milhões, divididos equitativamente entre os dois períodos. A informação é do presidente da Central de Medicamentos (Ceme), Almirante Gérson de Sá Coutinho.

Ontem ele fez uma apelo aos empresários para que se unam em **joint-venture** com empresas que possuam tecnologia, a fim de que se possa instalar no país uma indústria química de base, voltada para o fornecimento de insumos da indústria farmacêutica. A disponibilidade de investimentos federais para impulsionar esses empreendimentos é prova, segundo o dirigente da Ceme, da disposição do Governo em apoiar a indústria farmacêutica.

O Almirante Gérson de Sá Coutinho disse que já se vêm formando **joint-ventures** com sucesso e situou os exemplos da Getec-Roche; Cebram-Ciplan e da Biobrás-Lilly. Devido à necessidade de absorver tecnologia, a formação de **joint-ventures** é, na opinião da Ceme, a saída mais viável, desde que a maioria acionária fique com a empresa nacional.

O dirigente da Ceme comentou que o esquema dos pólos petroquímicos também seria válido para a indústria química de base para produtos farmacêuticos. Este esquema é composto de um tripé, formado por uma empresa privada nacional, uma estatal e outra estrangeira.

Ex-diretor da Sudene acha preferível ter coragem de fechá-la a tê-la ociosa

Recife — O Pró-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-diretor de Planejamento da Sudene, Sr Leonides Alves, afirmou, ontem, durante o Simpósio sobre o Processo de Industrialização do Nordeste, que, se não forem encontradas soluções "para eliminar a ociosidade da autarquia, será preferível ter a coragem de fechá-la".

O Sr Leonides Alves, que ainda é funcionário da Sudene, atualmente à disposição da Reitoria, criticou o órgão "por não estar procurando sugerir alternativas para combater a ociosidade da instituição", que, segundo ele, é decorrência "da falta de definição de seus objetivos, funções e estratégia".

SANGRIA

O ex-Governador de Pernambuco, Sr Cid Sampaio, afirmou que as transferências de recursos da região para o Centro-Sul são da ordem de Cr$ 10 bilhões anuais, "constituindo uma transfusão permanente que sangra as áreas mais pobres e fortalece a desenvolvida do país."

Disse que o Nordeste exporta bens primários ao cambio oficial, não utiliza o saldo de divisas em importações ao mesmo cambio, mas compra no Centro-Sul, a preços onerados pelas tarifas alfandegárias em cascata com todos os impostos, por valores 2,5 vezes mais elevados do que os que exporta.

Ao criticar o sistema tributário, que estaria provocando essa transferência de recursos, o ex-Governador disse que as soluções brasileiras não podem e não devem desorganizar a economia paulista, "área mais desenvolvida do Brasil, carro-chefe do progresso do país, onde se cria hoje uma tecnologia nacional, mas também não se pode condenar o Nordeste irreversivelmente à miséria."

Jessé diz que comerciantes não darão apoio ao Governo na campanha da pechincha

Porto Alegre — "A campanha da pechincha, que está prestes a ser lançada pelo Governo, não encontra apoio por parte dos empresários brasileiros do comércio", afirmou ontem o presidente da Confederação Nacional do Comércio, Senador Jessé Pinto Freire, para quem a pechincha já existe, e o objetivo de se alcançar uma menor taxa de inflação não é exclusivo do Governo. "Antes", assegurou, "de todos nós empresários, que lutamos por um lucro real e não apenas nominal".

Falando aos 600 hoteleiros presentes ao 20º Congresso Nacional de Hotelaria, disse que "é melhor hoje, no Brasil, não se curvar ao gerente de banco, não dar bolas ao inspetor da Sunab, não querer saber quem é o Ministro da Fazenda e, antes, ser visitado por todos eles para tomar um uísque, e depositar na caderneta de poupança, a juros de 46% ao ano, do que trabalhar os 365 dias com toda a responsabilidade para, no final do ano, ter um resultado muito aquém dos 30%".

TRIBUTO ALTO

O presidente da CNC disse que "estamos pagando, na hora atual, um tributo muito alto pela sobrevivência da empresa privada brasileira" e que "não se pode compreender que, numa economia de livre mercado, o Governo fique tabelando com CIP e Sunab e deixando os juros a 8% ao mês e que tenha correção monetária de 46%. Então — afirmou — está tudo errado."

"Os principais culpados desta inflação" — acrescentou — "são as companhias estatais, que tomaram conta do mercado. São hoje 357 companhias em todos os ramos da atividade econômica, até na distribuição de petróleo a postos de gasolina, talvez até os próprios postos que entram na venda de cigarros ou vendendo até água mineral ou coca-cola, inclusive os postos da Petrobrás."

Pequenas e médias empresas solicitam reserva de mercado

A recomendação para que o Governo crie "legislação que venha garantir a sobrevivência da pequena e média empresas através da reserva de mercado visando o seu fortalecimento" foi aprovada ontem após acirrados debates por 27 votos contra 21 na sessão plenária do 1º Seminário Nacional de Produtividade, promovido pelo Cebrae.

Os argumentos contra a criação da reserva de mercado giraram em torno "de que a proteção a empresas menos eficientes debilitaria a economia brasileira". Os que se manifestaram a favor da recomendação disseram que "não procuravam proteção para as pequenas e médias empresas, mas recomendavam a medida porque essas empresas atualmente estão abandonadas, enquanto as empresas estrangeiras têm facilitado o seu acesso aos fatores de produção".

MAIOR CONCORRÊNCIA

A recomendação sugerida pela comissão de tecnologia do Seminário considerou que ela se fazia necessária em função de que a pequena e média empresas têm "baixa capacidade de desenvolver tecnologia própria e menor poder de absorver tecnologia de terceiros e porque o fator fundamental para viabilizar o desenvolvimento ou absorção de novas tecnologias é a garantia de mercado para seu produto". A recomendação apresentou ainda as seguintes observações: 1) A criação de reserva de mercado poderá proporcionar vários efeitos positivos no combate à inflação e na melhoria da qualidade do produto, pelo fato de forçar o aparecimento de um maior número de empresas concorrentes. 2) Essa legislação poderá assumir grande significado para o desenvolvimento da empresa nacional, tendo em vista a sua concentração na categoria de pequenas e médias empresas. 3) Legislação similar é hoje adotada por nações desenvolvidas (Alemanha e Estados Unidos).

Entre os empresários que apoiaram esta recomendação, manifestou-se o diretor-presidente da Acqua'zul, Sr Manoel Luis Leitão, que disse à imprensa que a maioria dos votos contra a criação de reserva de mercado foi, não de empresários, mas de funcionários do Governo. O Sr Manoel Luis Leitão disse que o Seminário "deixou de apresentar várias recomendações por não ser representativo da classe empresarial, já que, dos participantes, apenas um terço tratava-se de empresários". Acrescentou que "o desinteresse dos pequenos e médios empresários por estes tipos de encontros acontece porque eles estão acostumados a serem menosprezados pelo Governo e supõem a priori que suas recomendações não seriam levadas a sério.

Segundo o Sr Manoel Luis Leitão, principal acionista a Acqua'zul, empresa que emprega 120 trabalhadores, "o Governo tem atendido apenas às reivindicações dos banqueiros e das empresas multinacionais". Lembrou que "nenhum Ministro de Estado esteve presente ao Seminário, embora o Ministro Reis Velloso devesse participar da sessão inaugural dos debates, mas não pode comparecer, porque na ocasião estava presente a uma reunião de banqueiros". Ontem, no encerramento do Seminário, o Ministro do Trabalho foi representado pelo Sr Luiz Gonzaga Ferreira.

Entre várias outras recomendações aprovadas ontem pode-se destacar as seguintes: a necessidade de melhor estruturação e maior volume de recursos para o Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), a criação de centros de pesquisa tecnológica, a desburocratização da máquina governamental; maior volume de recursos para o financiamento do capital de giro das pequenas e médias empresas, a juros que não deveriam ultrapassar 1% ao mês, revisão e aprimoramento da estrutura fundiária, levando à racionalização das formas de ocupação da terra.

O Banco Central divulgou ontem, com a habitual defasagem de três meses, o saldo das reservas cambiais do país até maio — 5 bilhões 808,3 milhões de dólares, com uma queda de 735,6 milhões de dólares (11,24% desde os 6 bilhões 543,9 milhões de dólares de dezembro. Desde maio do ano passado, no entanto, quando as reservas caíram até 3 bilhões 403,7 milhões de dólares (o nível mais baixo desde meados de 72), houve recuperação de 2 bilhões 404,6 milhões de dólares (70,64%), fato que as autoridades monetárias atribuem principalmente à liberação das taxas de juros internas que — mais caras — estimulou a tomada de recursos no exterior. Estimativas não oficiais dão conta que as reservas estavam em 6,1 bilhões de dólares ao fim de agosto

BNH define orçamento em outubro

O Banco Nacional da Habitação informou ontem que ainda não dispõe de dados suficientes para calcular o volume de recursos do seu orçamento para o ano que vem. Técnicos do Banco afirmaram que a receita disponível para 78 só deverá estar definida no final de outubro.

Este ano, o BNH tinha Cr$ 48 bilhões disponíveis para suas aplicações, captados através do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), do retorno dos financiamentos concedidos pelo Banco e de recursos de terceiros, que englobam empréstimos externos e diversos depósitos de seus agentes. Entretanto, o Governo limitou em apenas Cr$ 33 bilhões 200 milhões o volume de aplicações do Banco, seguindo a política de cortes no Orçamento da União.

O Ministro do Interior, Rangel Reis, adiantou, na véspera, que o BNH terá cerca de Cr$ 60 bilhões para seu orçamento em 78, com aumento em torno de 50% da captação da receita atual.

Vendas caem em SP 1,41% em agosto

São Paulo — O Clube dos Diretores Lojistas de São Paulo informou ontem que as vendas do comércio caíram 1,4% em agosto último, comparadas com as realizadas no mesmo mês do ano passado. A queda do ramo duro (eletrodomésticos e móveis) e mole (roupas, calçados e tecidos) chegou a 2,3% e 0,1%, respectivamente.

Os dados constam na pesquisa mensal realizada pelo Clube dos Diretores Lojistas, denominada "Termômetro de Vendas" que é apurado com base nas vendas globais das principais lojas, magazines e *department stores* dos grandes magazines. Só não participa do Clube a rede das lojas da Casa Anglo Brasileira — Mappin.

Em Curitiba, o custo de vida registrou em agosto sua menor alta do ano, com 1,41% sobre julho, segundo levantamento do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes).

Galvêas apóia tese de fundo de pensão aplicar na Bolsa

O ex-presidente do Banco Central, Ernane Galvêas, apoiou ontem o encaminhamento dos recursos dos fundos de pensão para o mercado de ações, tese defendida pelo professor Moysés Glat, da Fundação Getúlio Vargas, no seminário promovido pelo IDEG — Instituto de Desenvolvimento Econômico e Gerencial, no Hotel Méridien.

Ele discordou, entretanto, da sugestão apresentada pelo atuário Jessé Montello, sobre a criação de um organismo governamental que identificasse os lançamentos novos de ações: "Deve-se buscar uma solução mais privatizante, e não aumentar a presença do Estado na economia", advertiu.

— Se a criação de grandes fundos sociais (PIS, Pasep, FGTS) trouxe resultados espetaculares, aglutinando a poupança pulverizada, por outro lado trouxe a maior desvantagem: a grande ingerência do Governo na administração da poupança.

Segundo o professor Glat, o estudo de uma carteira das ações mais negociadas desde 68 até julho de 77, mostrou que sua rentabilidade superou "a de outros ativos com correção e juros de 6%, no período", como as cadernetas.

Ele enfatizou que o trabalho englobou 71, "período áureo em termos de preços, e mesmo assim superou largamente a rentabilidade de qualquer ativo financeiro". A pergunta de um dos participantes — se os fundos temem a Bolsa devido ao *crack* de 29, nos EUA, ou a 71, no Brasil — ele lembrou que "mede-se uma tendência, não um ponto histórico. Porque um avião cai, ninguém deixa de andar de avião."

Um dos pontos criticados por ele referiu-se à alocação dos recursos dos fundos no setor imobiliário e nos empréstimos aos participantes: "Os recursos captados não financiam projetos de investimento, não alargam a capacidade de economia e se vinculam grandemente à correção monetária, num enfoque inteiramente conjuntural.

Bolsa explica índices

O IBV recorde alcançado em 14/6/71, 5 mil 236, 3 pontos, correspondeu hoje a 24 mil 600 pontos, se inflacionado. E o maior volume daquele ano, Cr$ 169 milhões, equivalería hoje a Cr$ 803 milhões. Os dados constam de trabalho divulgado ontem pela Bolsa do Rio, que corrige monetariamente os índices atuais, "para evitar a criação de una falsa imagem" entre as altas de 71 e a de agora — esta, "condizente com a realidade econômica do país" e fruto de "um mercado mais técnico".

Ontem, após operar em baixa por quase todo pregão, a Bolsa voltou a reagir no fechamento. Nos últimos 60 minutos, o volume quase triplicou — somando Cr$ 122,6 milhões — e o IBV valorizou-se 0,7%, fixando-se em 5 mil 61 pontos. As empresas privadas aumentaram para 2.17% sua participação.

NÚMEROS REAIS DA BOLSA

Data	Valor máximo negociado Cr$ milhões	Corresponderia atualmente a (Cr$ milhões)
18/05/71	169	803
29/06/72	109	436
22/08/73	100	340
04/12/74	150	362
03/07/75	265	555
05/07/76	183	268
Máximo de 1977 (14/9)		222

Data	IBV máximo Pontos	Corresponderia atualmente a
14/06/71	5 236,6	24 600
05/01/72	3 834,5	16 400
07/05/73	3 051,2	10 700
04/12/74	2 668,4	6 400
25/07/75	4 367,6	9 100
12/07/76	4 945,5	7 247
Máximo de 1977 (14/9)		5 205,7

Bolsa do Rio
Os números do pregão

Quantidade de títulos: 46 933 805 (—21,42%)
Volume (por Cr$ mil): 122 630 (—23,72%)
Ações governamentais (por Cr$ mil): 96 673 (78,83% do total)
Ações privadas (por Cr$ mil): 25 957 (21,17%)
IBV médio: 5 026,7 (—1,5%) — **Final:** 5 061,4 (+0,7%) — **IPBV:** 291,1 (—0,1%)
Média SN: ontem: 85 900; anteontem: 87 220; há uma semana: 85 458; há um mês: 81 187; há um ano: 76 464.
Operações à vista (por Cr$ mil): 105 220 — **A termo** (por Cr$ mil): 16 790 — (16,13% dos negócios à vista).
Papéis mais negociados à vista: em dinheiro: B. Brasil PP EX/D (25,08%), Petrobrás PP EX/B (22,54%), Petrobrás PP C/B (13,91%), B. Brasil ON (7,77%), Acesita OP (5,03%).
Na quantidade de títulos: Petrobrás PP EX/B (24,24%), B. Brasil PP EX/D (14,35%), Petrobrás PP C/B (10,81%), Acesita OP (8,51%), B. Brasil ON (5,45%).

EMPRESAS

• O Secretário de Indústria e Comércio do Rio, Marcel Hasslocher, recebeu ontem a visita de uma missão nigeriana chefiada pelo Sr Eyo A. Bassey, Ministro do Interior e Desenvolvimento Urbano do Estado de Cross River. Além de avaliar as possibilidades de comércio entre os dois países o Ministro quis conhecer de perto a tecnologia da Engefusa, que estuda a realização de contratos com a Nigéria.

• **Em assembléia extraordinária, a Bamerindus Crédito Imobiliário elevou seu capital de Cr$ 40 milhões para Cr$ 100 milhões — 75% através de bonificação e 25% de subscrição em duas parcelas.**

• A Carta Mensal da Corretora Omega mostra as valorizações de 15 ações, este ano. Eluma (mais 88,41%), Vidraria Santa Marina (mais 78,33%), Cacique (mais 75,56%), Manah (mais 66,88%) e Alpargatas (mais 54,59%) lideram a lista.

• **Eluma, aliás, teve em 76 um crescimento bem mais modesto que no exercício anterior, segundo análise da Corretora Caravello: o lucro disponível cresceu receitas expandiram-se 49,9% (Cr$ 878,9 milhões). O lucro por ação, ao passar de Cr$ 0,50 para Cr$ 0,63, cresceu 26%.**

• O BD-Rio acaba de dar um financiamento de Cr$ 5,5 milhões à comercial Dinamica, nova distribuidora da Brahma sediada em Nova Iguaçu.

• **Resultados anuais da Zivi Cutelaria, segundo a Bolsa do Rio: o lucro disponível cresceu 79,1%, em termos reais, somando Cr$ 23,7 milhões, enquanto as rendas atingiram Cr$ 286,6 milhões (mais 1,5%). O lucro por ação foi de Cr$ 0,91, ano passado, contra Cr$ 0,36, em 75.**

• Outro balanço, também analisado preliminarmente pela BVRJ, é o da Fertisul: em termos nominais, o lucro por ação subiu 1460%, ao sair de Cr$ 0,05 para Cr$ 0,78, enquanto o lucro disponível mostrou um crescimento de 1 858,6%, somando Cr$ 112,5 milhões.

Bolsa encerra semana em alta

São Paulo — O mercado paulista de títulos fechou a semana em **alta na Bolsa** paulista, apurando também volume considerável, Cr$ 88 milhões 110 mil, que superou em 0,9% o do dia anterior. O índice, após apresentar-se em baixa durante a maior parte dos trabalhos, reverteu à tendência na última meia hora de pregão e garantiu uma valorização de 0,2%.

A leve variação deveu-se exclusivamente à alta observada nos **blue-chips**, onde se destacaram as vendas de Petrobrás PP e PP com bonificação, Cr$ 13,5 e Cr$ 11,3 milhões respectivamente. Acesita OP e Banco do Brasil PP vieram em seguida, com Cr$ 8,6 e Cr$ 7 milhões 600 mil.

Cotações da Bolsa de São Paulo

Títulos	Abert.	Méd.	Fech.	Quant. (1 000)
Acesita op	1,55	1,52	1,53	5 709
Aços Vill pnb	2,35	2,35	2,35	1
Aços Vill op	2,05	2,03	2,02	100
Aços Vill ppb	2,70	2,70	2,70	179
AGGS op	0,32	0,32	0,31	19
AGGS pp	0,34	0,35	0,35	60
Alpargatas op	2,90	2,90	2,90	154
Alpargatas pp	2,77	2,79	2,80	264
Amazônia on	0,75	0,75	0,75	1
Amer Sul pp	1,00	1,00	1,00	10
A Clayton op	3,20	3,20	3,20	25
A Clayton op	3,00	3,00	3,00	3
Anhanguera op	1,00	1,00	1,00	51
Arno pp	2,63	2,63	2,63	10
Artex op	1,40	1,40	1,40	5
Artex pp	1,75	1,75	1,75	218
Auxiliar SP on	1,27	1,27	1,26	20
Auxiliar SP pn	0,75	0,75	0,75	130
Barb Greene op	3,10	3,10	3,04	6
Baumer op	1,20	1,20	1,20	17
Belgo op	2,02	2,04	2,06	1 184
Banzenex pp	0,35	0,33	0,32	14
Bergamo op	0,45	0,45	0,48	400
Bergamo pp	0,57	0,57	0,57	20
Monark op	1,65	1,65	1,65	22
Bradsinvest on	1,30	1,30	1,30	400
Brad Invest pn	1,30	1,30	1,30	71
Bradesco on	1,70	1,70	1,70	54
Bradesco pn	1,61	1,60	1,60	780
Brahma op	1,21	1,21	1,21	30
Brahma pp	1,35	1,35	1,35	28
Brasil on	3,72	3,65	3,60	378
Brasil pp	4,48	4,47	4,50	1 761
Brasmotor op	1,90	1,90	1,90	10
Cacique op	3,01	3,00	3,00	110
Anglo op	3,34	3,31	3,30	330
Anglo pp	2,95	2,95	2,95	1
CBV op	4,00	4,00	4,00	20
Cemig pp	0,62	0,62	0,62	200
Cesp pp	0,48	0,48	0,46	357
Cica pp	1,70	1,70	1,70	6
Cica op	1,60	1,60	1,60	20
Cim Cauê pp	2,10	2,10	2,10	3
Cim Cauê pp	2,00	2,02	2,05	223
Cim Itaú pp	1,51	1,52	1,52	92
Cimetal op	0,50	0,50	0,50	10
Cimetal pp	0,51	0,50	0,48	310
Cobrasma pp	1,85	1,85	1,85	1 057
Comind on	1,00	1,00	1,00	117
Comind pn	1,00	1,00	1,00	245
Comind B Inv pn	1,00	1,00	1,00	61
Confrio ppb	0,40	0,39	0,38	126
Cons Real pnb	0,80	0,80	0,80	2
Cons Real pnd	0,65	0,65	0,65	3
Cons Real pnf	0,65	0,65	0,65	14
Cons Real on	0,71	0,71	0,71	5
Const A Lind pp	0,59	0,58	0,58	15
Const Beter pp	0,70	0,70	0,70	10
Consul op	3,50	3,50	3,50	31
Consul ppb	4,02	4,02	4,03	58
Copas op	0,75	0,75	0,75	1
Copas pp	0,85	0,85	0,84	418
D F Vasconc pp	0,66	0,66	0,66	1
Dona Isabel pp	0,28	0,29	0,29	60
Dona Isabel pp	0,28	0,28	0,28	30
Duratex op	1,53	1,53	1,53	53
Duratex pp	1,50	1,50	1,50	257
Econômico pn	1,00	1,00	1,00	13
LTB op	0,27	0,27	0,27	43
Eletrobrás ppb	0,60	0,60	0,60	194
Eluma pp	2,47	2,49	2,50	370
Ericsson op	0,90	0,92	0,92	857
Est Paraná pn	1,00	1,00	1,00	2
Est S Paulo on	0,85	0,85	0,86	46
Est. S Paulo pn	0,85	0,85	0,85	5
Est S Paulo pp	0,90	0,89	0,90	522
Estrela pp	3,25	3,25	3,25	7
Expansão pn	0,80	0,80	0,80	81
Fer Lam Bras op	1,47	1,47	1,47	6
Fer Lam Bras pp	1,46	1,46	1,46	12
Ferro Bras pp	4,40	4,40	4,40	200
Fertiplan op	0,32	0,32	0,32	1
Fertiplan pp	0,40	0,40	0,40	6
Fin Bradesco pn	1,32	1,32	1,32	6
Frances Bras on	2,30	2,30	2,29	19
Ford Brasil op	0,72	0,72	0,72	14
Frances Ital on	1,23	1,23	1,23	25
Fund Tupy op	0,89	0,86	0,86	217
Fund Tupy pp	1,00	1,01	1,01	344
Heleno Fons op	0,50	0,50	0,50	104
Heleno Fons pp	0,45	0,45	0,45	5
IAP op	1,95	1,97	2,00	621
Ibesa op	2,11	2,11	2,11	151
Ifema pp	3,00	3,00	3,00	30
Iguaçu Café op	1,08	1,08	1,08	1
Iguaçu Café ppa	1,45	1,45	1,45	2
Iguaçu Café ppb	1,50	1,50	1,40	52
Hering op	1,10	1,10	1,10	5
Hering ppa	1,25	1,22	1,22	32
Villares op	2,05	2,05	2,05	79
Villares pp	3,15	3,15	3,15	52
Romi op	4,00	4,00	4,00	150
Itaubanco on	1,22	1,22	1,22	8
Itaubanco pn	1,03	1,03	1,03	940
Itausa pn	2,70	2,70	2,70	58
Itausa pp	2,70	2,70	2,70	20
Lacta op	2,42	2,42	2,42	13
Lark Maqs pp	1,40	1,40	1,40	5
L. Americ. op	3,07	3,07	3,07	25
Madeirit op	1,21	1,21	1,21	1
Magnesita pp	1,65	1,65	1,65	377
Manah op	2,60	2,58	2,55	90
Manah pp	2,45	2,45	2,45	13
Manasa op	0,63	0,63	0,63	2
Mangels op	1,20	1,20	1,20	177
Mangels pp	1,15	1,14	1,13	3
Maqs. Pirat pp	1,02	1,02	1,02	1
Mec. Pesada op	1,58	1,58	1,58	6
Mendes Jr. pp	0,71	0,70	0,70	310
Merc. S. Paulo on	0,95	0,95	0,95	12
Merc. S. Paulo pn	0,95	0,95	0,95	69
Mescl. Finasa on	0,85	0,85	0,85	9
Mesbla pp	2,22	2,22	2,22	6
Mesbla pp	3,05	3,05	3,05	1
Barbará op	2,30	2,30	2,30	174
Metal Leve pp	3,05	3,10	3,10	217
Metal Leve pp	2,85	2,88	2,90	17
Micheletto pp	0,85	0,85	0,85	1
Moinho Sant. op	1,18	1,19	1,18	139
Nacional pn	0,88	0,88	0,88	10
Nord. Brasil on	2,04	2,03	2,00	6
Nord. Brasil pp	2,35	2,35	2,35	10
Nordon Met. op	3,17	3,17	3,17	100
Noroeste Est. pp	1,90	1,90	1,90	159
Orniex op	0,68	0,68	0,68	20
Orniex pp	0,70	0,70	0,70	30
Paul. F. Luz op	0,80	0,80	0,80	104
Pet. Ipiranga op	1,15	1,17	1,20	32
Pet. Ipiranga pp	1,56	1,56	1,65	124
Petrobrás on	1,90	1,87	1,92	262
Petrobrás pn	2,20	2,20	2,20	1
Petrobrás pp	3,26	3,27	3,32	3 478
Petrobrás pp	2,35	2,38	2,42	5 687
Phebo op	0,30	0,30	0,30	4
Pir. Brasília op	1,03	1,03	1,03	1
Pir. Brasília pp	1,70	1,68	1,67	104
Pirelli op	1,58	1,56	1,57	746
Pirelli pp	1,61	1,61	1,61	2
Pirelli pp	1,45	1,45	1,45	2
Premesa pp	2,10	2,10	2,10	175
Real on	0,95	0,95	0,95	33
Real on	0,83	0,83	0,83	128
Real op	0,80	0,80	0,80	14
Real Cia. Inv. on	1,16	1,16	1,16	3
Real Cia Inv. pn	1,20	1,20	1,20	130
Real Cia. Inv. pp	1,20	1,20	1,20	5
Real de Inv. on	0,85	0,85	0,85	14
Real de Inv. pn	0,85	0,85	0,85	20
Real Part. pn B	0,65	0,65	0,65	33
Real Part. on	0,66	0,66	0,66	26
Real Café pp A	1,45	1,45	1,45	12
Sadia op	2,70	2,70	2,70	163
Savena op	0,72	0,72	0,72	3
Semp op	0,95	0,95	0,95	100
Servix pe	0,99	1,00	1,00	2 285
Sharp op	1,56	1,56	1,56	20
Sharp pp	1,80	1,80	1,80	142
Siam Util op	1,10	1,10	1,10	10
Siam Util pp	1,10	1,10	1,10	25
S. Aconorte pp A	0,83	0,83	0,83	430
S. Cofurraz op	0,63	0,64	0,65	257
S. Nacional pp B	0,60	0,59	0,59	110
S. Rio-Grand. op	1,02	1,02	1,02	10
S. Rio-Grand. pp	1,16	1,16	1,16	7
Sifco op	1,09	1,09	1,09	180
Sorana op	2,00	2,00	2,00	1
Souza Cruz op	2,85	2,84	2,84	213
Sta. Olimpia pp	0,90	0,90	0,90	5

Cotações da Bolsa do Rio

Títulos	EM CRUZEIROS Abert.	Fech.	Méd.	Var. méd. ant.	Lucrat. em 77 jan=100	Quant. (1 000)
Acesita novas op	1,43	1,43	1,43	2,14	—	9
Acesita op	1,56	1,50	1,50	— 5,06	234,38	3 511
AGGS op	0,33	0,33	0,33	— 2,94	143,48	30
AGGS pp	0,35	0,36	0,36	2,86	128,57	27
Alpargatas op	2,90	2,95	2,95	Est.	152,85	100
Alpargatas pp	2,80	2,80	2,80	— 0,71	163,74	81
Aratu op	0,68	0,70	0,68	—	107,94	70
ASA pe	0,28	0,28	0,28	Est.	103,70	1
Agr. M. Gerais pp	1,00	1,00	1,00	—	—	300
C. Banha op	1,96	1,97	1,96	— 0,51	213,04	38
Barbará op	2,25	2,25	2,24	— 1,32	163,50	274
Basa on	0,75	0,75	0,75	Est.	—	61
Bco. Brasil on	3,70	3,70	3,64	— 3,19	118,57	2 249
Bco. Brasil pp ex/d	4,52	4,48	4,46	— 1,33	128,16	5 922
Bco. Boavista pn	1,15	1,15	1,15	—	—	20
Bco. Bahia pn	1,50	1,50	1,50	Est.	180,72	1
Bco. Bahia op	1,80	1,88	1,84	4,55	175,24	58
Bco. Econômico pn	1,00	1,00	1,00	Est.	112,36	12
Belgo op	2,03	2,05	2,02	— 0,49	94,39	1 932
Banerj on	0,88	0,88	0,88	—	122,22	1
Banerj pp	0,93	1,00	0,96	4,35	128,00	3
Banespa pp	0,90	0,90	0,90	—	75,00	3
Bco. F. Bras. on	2,20	2,20	2,20	—	—	3
Bco. Itaú on	1,22	1,22	1,22	Est.	134,07	9
Bco. Itaú pn	1,03	1,03	1,03	Est.	149,28	48
Bco. Nacional on	0,88	0,88	0,88	Est.	122,22	1
Bco. Nacional pn	0,88	0,88	0,88	Est.	122,22	101
BNB on	2,05	2,00	2,01	— 1,95	203,03	99
BNB pp	2,35	2,35	2,35	0,86	191,06	74
Bozano Sim. op	0,60	0,60	0,60	Est.	120,00	49
Bozano Sim. pp	0,70	0,72	0,72	1,41	112,50	173
Bradesco pn ex/s	1,55	1,55	1,55	— 4,91	218,31	3
Brahma op	1,20	1,21	1,21	Est.	124,74	151
Brahma pp	1,33	1,32	1,33	— 0,75	118,75	121
Brasmotor op	2,00	2,00	2,00	—	—	10
CBEE op	0,67	0,69	0,67	Est.	216,13	219
Cesp pp	0,50	0,49	0,49	— 2,00	136,11	97
Cemig c/ds	0,65	0,62	0,62	— 4,62	126,53	560
Souza Cruz ex/d	2,82	2,86	2,83	0,35	147,40	305
CSN pp	0,60	0,63	0,60	Est.	122,45	223
Docas op	1,18	1,16	1,17	0,86	136,05	417
Duratex op	1,55	1,55	1,55	0,65	100,00	4
Duratex pp	1,50	1,50	1,50	Est.	111,11	1
Abramo Eberle pp	1,30	1,32	1,31	—	304,65	69
Ecisa pp	0,60	0,60	0,60	— 3,23	127,66	330
Eletrobrás/A pp	0,60	0,60	0,60	—	150,00	1
Ericsson op	0,91	0,91	0,91	— 1,09	233,33	59
F. Bangu pp	0,58	0,58	0,58	Est.	—	76
Ferbasa pe	1,80	1,75	1,80	0,56	620,69	43
Ferro Brasileiro op	5,90	5,90	5,90	Est.	144,25	100
Ferro Brasileiro pp	4,50	4,45	4,46	— 0,89	164,58	98
Fertisul on	1,50	1,50	1,50	—	288,46	3
Fertisul op	1,90	1,90	1,90	Est.	228,93	16
Fertisul pp	2,70	2,65	2,65	— 3,28	252,38	70
Cat. Leopoldina pp	0,69	0,69	0,69	Est.	116,95	120
Gerdau pp	1,30	1,29	1,29	2,38	95,56	9
Ind. Villares mb	3,10	3,10	3,10	—	—	1
Light op c/d	0,73	0,74	0,74	1,37	151,02	42
Light op ex/d	0,70	0,73	0,70	1,45	159,09	50
L. Americanas op	3,06	3,06	3,05	Est.	106,64	419
L. Brasileiras op	2,12	2,18	2,13	1,43	219,59	50
Guias LTB op	0,27	0,28	0,28	3,70	116,67	86
Mannesmann op	2,09	2,06	2,06	0,98	159,69	1 145
Mannesmann pp	1,88	1,90	1,86	2,20	182,35	692
Mesbla 52 op c/dbs	2,19	2,20	2,18	— 0,91	196,40	66
Mesbla 52 pp c/dbs	2,55	2,80	2,63	— 5,67	197,93	393
M. Fluminense op	1,95	1,90	1,94	— 3,00	131,97	25
Metalon op	0,28	0,28	0,28	Est.	90,32	4
Nova América op	0,82	0,83	0,83	Est.	166,00	426
Nova América pp	1,00	1,00	1,00	Est.	—	56
Sid. Pains pp ex/s	1,10	1,07	1,06	— 2,75	129,27	50
C. Paraíso op	0,70	0,70	0,70	Est.	100,00	2
Petrobrás on	1,90	1,90	1,85	— 3,65	141,22	317
Petrobrás pn	2,25	2,30	2,28	— 0,44	217,14	21
Petrobrás pp c/b	3,32	3,31	3,28	— 1,50	151,15	4 459
Petrobrás pp ex/b	2,35	2,43	2,27	— 0,24	152,00	10 002
Pet. Ipiranga pp	1,58	1,90	1,81	16,77	218,07	637
Rio-grandense pp	1,16	1,16	1,16	0,87	84,67	72
Samitri op	2,11	2,10	2,07	— 1,43	75,55	1 467
Sano pp	1,70	1,70	1,70	Est.	145,30	83
Supergasbrás op	0,58	0,60	0,60	5,26	127,66	43
Sondotécnica pp	1,20	1,20	1,20	— 4,00	187,50	3
Springer Refrig. pp	0,56	0,56	0,56	— 3,45	147,37	6
Telerj oe	0,13	0,13	0,13	—	108,33	22
Telerj on	0,14	0,13	0,13	8,33	108,33	141
Telerj pe	0,40	0,40	0,40	— 2,44	148,15	137
Telerj pn	0,40	0,39	0,39	— 2,50	144,44	35
Tibrás oe	2,70	2,70	2,70	31,71	329,27	5
Tibrás pe	1,85	1,89	1,89	1,07	194,85	10
T. Janer pp	0,90	0,90	0,90	Est.	136,36	55
Unibanco pp	0,78	0,78	0,78	2,63	134,48	11
Unipar oe	2,75	2,80	2,80	Est.	239,32	101
Unipar pe	3,96	3,96	3,96	Est.	267,57	32
Vale op	1,97	2,00	1,97	2,07	86,78	1 636
W. Martins op	2,54	2,50	2,50	— 5,46	160,26	104
Zivi pp	1,50	1,50	1,50	—	197,37	1

Alta da "prime-rate" faz Bolsa de N. Iorque cair

Nova Iorque — A elevação da *prime-rate* (taxa de juros preferencial) de 7% para 7,25% foi apontada ontem pelos analistas como a principal causa para a nova queda das cotações da Bolsa de Nova Iorque, que registrou uma perda de quatro pontos na média Dow Jones, fechando a 856,81 pontos.

Houve algum encorajamento nos negócios devido à pesquisa publicada pelo *Wall Street Journal*, afirmando que os dirigentes de empresas estão, em geral, otimistas quanto à situação da economia, apesar da divulgação, pela Reserva Federal, que a reserva monetária básica do país diminuiu em 800 milhões de dólares (Cr$ 12 bilhões 16 milhões) na última semana. Apesar disto, as altas superaram as baixas.

Cotações da Bolsa de Valores de Nova Iorque

Nova Iorque — Foi a seguinte a média Dow Jones na Bolsa de Valores de Nova Iorque ontem:

	Ações	Abert.	Máx.	Mín.	Fech.
30	Industriais	862,27	865,38	853,52	856,81
20	Transportes	215,86	217,42	214,01	215,18
15	Serviços Públicos	112,15	112,96	111,87	112,63
65	Ações	293,15	294,60	290,65	292,05

Foram os seguintes os preços finais na Bolsa de Valores de Nova Iorque, ontem, em dólares:

Ação	Preço	Ação	Preço
Airco Inc	27 5/8	IBM	259 1/4
Alcan Alum	25 1/8	Int Harvester	29 1/4
Allied Chem	44 5/8	Int Paper	44 3/4
Allis Chalmers	26 3/4	Int Tel & Tel	30 3/4
Alcoa	45 1/2	Johnson & Johnson	72 1/2
AM Airlines	9 1/4	Kaiser Alumin	24
AM Cyanamid	25 7/8	Kennecott Cop	23
AM Tel & Tel	62 1/8	Liggett & Myers	29 7/8
AMF Inc	17 5/8	Litton Indust	17 7/8
Asarco	16	Lockheed Airc	15 1/2
Atl Richfield	51 1/8	LTV Corp	7 1/4
Avco Corp	15 3/8	Manufact Hanover	35 7/8
Bendix Corp	37	Mcdonell Doug	48 1/8
Ben CP	22 3/8	Merck	58 1/8
Bethlehem Steel	20 1/4	Mobil Oil	61 7/8
Boeing	28 1/2	Monsanto Co	62 1/4
Boise Cascade	26 7/8	Nabisco	49 7/8
Borg Warner	26 5/8	Nat Distillers	22 5/8
Braniff	9 1/2	NCR Corp	45 1/8
Brunswick	12 3/4	N L Indust	18 1/2
Burroughs Corp	68 1/2	Northeast Airlines	23 5/8
Campbell Soup	34 7/8	Occidental Pet	24 1/2
Canadian	17 1/8	Olin Corp	19 1/4
Caterpillar Trac	53 7/8	Owens Illinois	24
CBS	53 1/4	Pacific Gas & El	23 5/8
Celanese	42	Pan Am World Air	4 7/8
Chase Manhat Bk	30 1/2	Penn Central	33 3/4
Chessie System	35 3/4	Pepsico Inc	25 1/8
Chrysler Corp	16 1/2	Pfizer Chas	26 1/8
Citicorp	26 3/8	Phillip Morris	62
Coca-Cola	40 1/4	Phillips Pet	31 1/4
Colgate Palm	23 7/8	Polaroid	29 1/4
Columbia Pict	16 3/8	Procter & Gamble	86
C. Satellite	31 3/4	RCA	27 1/8
Cons Edison	23 1/2	Reynolds Ind	65 7/8
Continental Oil	30	Reynolds Met	32 7/8
Control Data	20 1/4	Rockwell Intl	31 3/8
Corning Glass	63 7/8	Royal Dutch Pet	57 1/8
CPC Intl	53 5/8	Safeway Strs	44 3/8
Crown Zellerbach	34 1/4	Scott Paper	14 1/2
Dow Chemical	31 5/8	Sears Roebuck	30 5/8
Dresser Ind	43 1/2	Shell Oil	30 3/4
Dupont	108 1/8	Singer Co	23 1/2
Eastern Air	6 1/8	Smithkline Corp	41 7/8
Eastman Kodak	59 7/8	Sperry Rand	34 5/8
El Paso Company	16 1/8	Std Oil Calif	41
Esmark	30 1/2	Std Oil Indiana	49 3/4
Exxon	48 3/8	Stown	58 1/2
Fairchild	24	Studew	44
Firestone	16 5/8	Teledyne	48 1/4
Ford Motor	44 5/8	Tenneco	31 3/8
Gen Dynamics	53 1/8	Texaco	28 5/8
Gen Eletric	53 1/2	Texas Instruments	83
Gen Foods	33 1/2	Textron	26 3/8
Gen Motors	68 3/4	Trans World Air	8 3/4
GTE	31	Twent Cent Fox	24 1/4
Gen Tire	24 1/2	Union Carbide	44 3/4
Getty Oil	175 5/8	Uniroyal	9 1/2
Goodrich	20 1/2	United Brands	7 5/8
Goodyear	19 1/2	US Industries	6 3/4
Gracew	27 5/8	US Steel	29 3/4
GT Atl & Pac	9 7/8	West Union Corp	18 3/4
Gulf Oil	28 1/4	Westh Elect	18 7/8
Gulf & Western	11 3/4	Woolworth	19 3/8

CACAU — Setembro — Nova Iorque
cents por libra peso
240 — 200 — 160 — 120 — 206
J F M A M J J A S

Continuando seu comportamento excepcional num mercado de matérias-primas em plena depressão, o cacau se mantém acima de 2 dólares por libra-peso, sem indicação de mudança na tendência

Mercado externo

Mês	Fechamento		Dia Anterior
ÓLEO DE SOJA (CHICAGO) cents. por libra (454 g)			
Setembro	17,85	75	17,75
Outubro	17,85	80	17,78
Dezembro	18,07	05	17,97
Janeiro	18,15		18,02
Março	18,35		18,22
Maio	18,40		18,25
Julho	18,50		18,40
CAFÉ (NI) cents por libra (454 g)			
Setembro	208,00		208,50
Dezembro	183,00	75	183,55
Março	170,00	25	170,55
Maio	167,25		167,55
Julho	162,50	3,25 BA	163,75
Setembro	183,50	9,00 BA	159,75
AÇÚCAR (NI) cents por libra (454 g) Nº 11			
Outubro	7,72	73	7,73
Janeiro	8,10	45 BA	8,28
Março	8,78	80	8,79
Maio	9,17		9,17
Julho	9,43		9,43
Setembro	9,60		9,60
Outubro	9,70		9,70
ALGODÃO (NY) cents por libra (454 gramas)			
Outubro	51,10		51,25
Dezembro	52,12/15		52,22
Março	53,05		53,15
Maio	53,55/70 BA		53,70
Julho	54,10/20 BA		54,30
Outubro	54,70/75 BA		54,80
Dezembro	55,00		55,00
CACAU (NY) cents por libra (454 gramas)			
Setembro	206,50		209,60
Dezembro	181,75		186,00
Março	167,00		170,30
Maio	160,50		163,50
Julho	155,00		157,85
Setembro	149,50		151,95
Dezembro	141,30		143,55
COBRE (NY) cents por libra (454 gramas)			
Setembro	55,50		54,50
Outubro	55,70		54,70
Novembro	56,10		55,10
Dezembro	56,50		55,50
Janeiro	56,90		55,90
Março	57,80		56,80
Maio	58,70		57,70
Julho	59,60		58,60

Metais

Londres — Cotações dos metais em Londres, ontem:

COBRE	
à vista	681,00/682,00
3 meses	695,00/695,50
ESTANHO (Standart)	
à vista	6240/6250
3 meses	6240/6250
ESTANHO (High grade)	
à vista	6330/6340
3 meses	6360/6370
CHUMBO	
à vista	331,00/331,50
3 meses	334,00/335,00
ZINCO	
à vista	291,50/292,00
3 meses	298,75/299,00
PRATA	
à vista	257,90/258,10
3 meses	261,40/261,50
OURO	
à vista	148,50

NOTA: Cobre, Estanho, Chumbo e Zinco — em libras por toneladas. Ouro — em dólares por onça. Prata — em pence por onça troy (31,103 gramas).

Chicago e Nova Iorque — Cotações futuras nas Bolsas de Mercadorias de Chicago e Nova Iorque, ontem:

Mês	Fech.	Dia Anterior
TRIGO (CHICAGO) cents por bushel (27,22 kg)		
Setembro	235	234 1/4
Dezembro	253 1/2—1/4	243 1/2
Março	253 1/2—1/4	253 1/2
Maio	259 1/4	259
Julho	263 1/2	263 1/2
MILHO (CHICAGO) cents por bushel (25,46 kg)		
Setembro	191 3/4—92	192
Dezembro	199 1/4—1/2	193 3/4
Março	207 1/2—3/4	208 1/4
Maio	212 1/4	212 3/4
Julho	215 3/4—16	216 1/4
Setembro	217N	217
SOJA (CHICAGO) cents por bushel (27,22 kg)		
Setembro	524 — 23	528 1/4
Novembro	513 — 14	514 1/4
Janeiro	520 1/2—21 1/25	21 1/2
Março	528 1/2—29	529 1/2
Maio	536—36 1/2	537
Julho	540 1/2	542 1/2
Agosto	542	543 1/2
Setembro	539—39 1/2	540
FARELO DE SOJA (CHICAGO) dólares por tonelada		
Setembro	138,20—8,00	137,70
Outubro	136,70—7,00	136,60
Dezembro	139,00—8,80	139,10
Janeiro	141,20	141,30
Março	144,30	145,10
Maio	146,50—6,80 BA	147,30
Julho	148,60	149,00
Agosto	150,50—0,80 BA	151,50

Serviço financeiro

Rendimento de LTNs de 1 ano cai a 33,5% a.a.

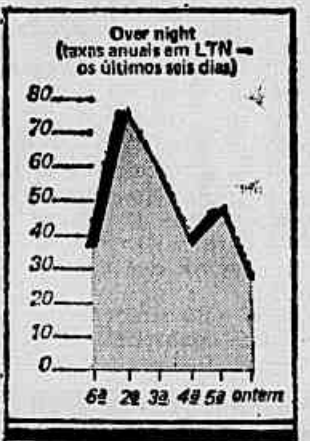
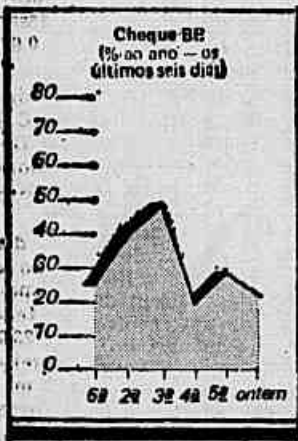
O leilão de Letras do Tesouro Nacional de 365 dias de prazo, cujo resultado foi divulgado ontem pelo Banco Central, acusou uma queda de 100 pontos em suas taxas máximas de desconto em relação às taxas máximas apuradas no leilão de agosto. Em termos de taxa de rentabilidade, houve um declínio dos 35% ao ano de agosto para 33,5% ao ano para os próximos 12 meses.

A queda acentuada nas taxas do leilão foi atribuída pelos operadores aos resultados do IPA- índice de preços por atacado — de agosto, que reduziram bastante a rentabilidade das ORTNs-Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional — que concorrem com as LTNs. O próprio Banco Central teria forçado uma baixa nas taxas do leilão para favorecer a queda dos papéis de renda pré-fixada (letras de cambio e certificados de depósito bancário).

Os técnicos do Banco Central estão preocupados com o fato de que o custo dos empréstimos externos (apesar de pouco procurados) está menor que o dos financiamentos tomados junto a bancos de investimento — atualmente entre 45 e 49% ao ano — o que poderia levar a um ingresso excessivo de recursos externos até o final do ano, expandindo demasiadamente os meios de pagamento. Se isto viesse a ocorrer, a solução seria a elevação novamente das taxas de LTNs para se retirar o excesso, mediante sua venda junto ao mercado.

Segundo o Departamento da Dívida Pública do Banco Central (Dedip), foi o seguinte o resultado do leilão:

Mês	Máx.	Méd.	Mín.
Setembro	26,10	26,09	25,95
Agosto	27,10	27,04	26,90

No mercado monetário, o mercado de trocas de reservas federais entre bancos comerciais com cheques do Banco do Brasil esteve procurado ontem na abertura, com taxas de 2,70% ao mês.

Mercado de LTN

As letras do Tesouro Nacional com prazo de 182 dias registraram sensível declínio em suas taxas de desconto, nas operações de ontem do mercado aberto. Sua cotação fixou-se em torno de 27,65% de desconto ao ano, com queda de 60 pontos em relação ao dia anterior. As LTNs de 91 dias de prazo mantiveram-se estáveis, sendo cotadas a 30,50% ao ano. Os operadores afirmaram que a tendência de queda para os papéis de longo prazo, além de ser provocada pela expectativa de redução no crescimento da inflação, refletiram os lances do leilão das letras de 365 dias, que tiveram forte declínio em relação ao mês passado. Os financiamentos de posição para segunda-feira estiveram equilibrados durante todo o período, oscilando entre 2,70% e 1,95% ao mês. Os negócios com LTNs somaram Cr$ 49 bilhões 983 milhões, segundo amostragem da ANDIMA.

Venc.	Compra	Venda
21/09	28,67	28,32
23/09	31,00	30,65
28/09	32,30	31,95
05/10	32,20	31,85
12/10	31,85	31,50
14/10	31,74	31,39
19/10	31,68	31,33
26/10	31,62	31,27
02/11	31,56	31,21
09/11	31,49	31,14
16/11	31,40	31,05
23/11	31,35	31,00
25/11	31,25	30,20
30/11	31,05	30,70
07/12	30,85	30,50
14/12	30,65	30,20
16/12	30,50	30,15
21/12	30,30	29,95
28/12	30,00	29,65
04/01	29,80	29,45
11/01	29,60	29,25
18/01	29,40	29,05
25/01	29,20	28,85
13/01	29,55	29,20
01/02	28,75	28,40
08/02	28,55	28,20
15/02	28,40	28,05
17/02	28,20	27,85
22/02	28,15	27,80
01/03	28,10	27,75
15/03	28,00	27,65
17/03	27,80	27,45
14/04	27,65	27,30
19/05	27,40	27,05
23/06	27,20	26,85
21/07	26,85	26,50
18/08	26,60	26,25
14/09	26,30	25,95
21/09	28,67	28,32

Títulos públicos

O mercado financeiro esteve praticamente parado ontem, com relação aos negócios de compra e venda de Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, que não chegaram a ter uma cotação definida pelas instituições. O desinteresse, gerado pelos indícios de confirmação da perspectiva de queda da correção monetária, manteve a maior parte das operações concentradas nos financiamentos de posição a curtíssimo prazo, principalmente agora, com a assistência do Banco do Brasil. Ontem, as taxas dos financiamentos para segunda-feira oscilaram entre 3,00% e 2,25% ao mês, em mercado equilibrado. O volume de operações atingiu Cr$ 5 bilhões 911 milhões, segundo a ANDIMA.

Moedas e Bolsas

Frankfurt e Londres — A cotação da maior parte das moedas permaneceu estável ontem, no fechamento do mercado de Frankfurt. O dólar norte-americano foi cotado a 2,3258 marcos, contra os 2,3270 da véspera. Em Londres, o grande número de vendas para liquidação de lucros gerou forte queda no índice industrial do **Financial Times** (13 pontos frente ao dia anterior), que se situou em 531,9 pontos. A redução da taxa de juros do Banco da Inglaterra provocou ligeira alta no fim do período, mas não foi suficiente para frear a tendência de queda.

Banco da AL

Panamá — A cidade de Cartágena, na Colômbia, será sede da reunião de bancos centrais do continente no próximo domingo, quando será subscrito o protocolo do Banco Latino-Americano de Exportações (Bladex). A informação foi prestada ontem pelo Ministro do Planejamento e Política Econômica do Panamá, Sr. Nicolas Ardito Barletta. Um total de 17 países do continente subscreveu o pacto social e estatutos do Bladex, concretizando-se, assim, um trabalho que vinha sendo desenvolvido há alguns anos.

Eurodólar

A taxa interbancária de cambio de Londres, no mercado do eurodólar, fechou, ontem, para o período de seis meses em 6 7/8%. Em dólares, francos suiços e marcos foi o seguinte o seu comportamento:

Dólares	%	%
1 mês	6 5/16	6 7/16
2 meses	6 7/16	6 9/16
3 meses	6 5/8	6 3/4
6 meses	6 3/4	6 7/8
1 ano	6 7/8	7
Francos suíços		
1 mês	2 5/16	2 1/2
2 meses	2 7/16	2 5/8
3 meses	2 9/16	2 3/4
6 meses	3	3 3/16
1 ano	3 1/8	3 3/8
Marcos		
1 mês	3 13/16	3 15/16
2 meses	3 13/16	3 15/16
3 meses	3 7/8	4
6 meses	3 15/16	4 1/16
1 ano	4 1/16	4 3/16

Taxa de Câmbio

O dólar foi negociado ontem a Cr$ 14,920 para compra e Cr$ 16,020 para venda. Nas operações com bancos sua cotação foi de Cr$ 14,945 para repasse e Cr$ 15,005 para cobertura. As taxas médias que se seguem tomam por base as cotações de fechamento no mercado de Nova Iorque.

	Ontem	Cr$
Argentina	0,002200	0,0330
Austrália	1,1040	16,5621
Inglaterra	1,7429	26,1784
90 dias fut	1,7449	26,2084
Canadá	0,9314	13,9896
Chile	0,0429	0,6444
Colômbia	0,0271	0,4070
Dinamarca	0,1615	2,4257
Equador	0,0402	0,6038
Holanda	0,4055	6,0906
Hong-Kong	0,2143	3,2188
Japão	0,003745	0,0562
Kuwait	3,4873	52,3792
Líbano	0,3213	4,8244
México	0,4039	0,6594
Noruega	0,1824	2,7396
Peru	0,0123	0,1847
Suíça	0,4195	6,3009
Uruguai	0,2051	3,0806
Venezuela	0,2327	3,4952
Alemanha Oc.	0,4295	6,4511

Isenção de importação de material para Nuclen será assinada por Geisel

O diretor da Nuclen, a subsidiária da Nuclebrás para engenharia, Sr Ronaldo Fabrício, informou que está para ser assinado pelo Presidente da República o decreto que regulará a isenção do depósito de importação de matérias-primas para a fabricação de equipamentos para usinas nucleares.

A isenção foi pedida pela Nuclebrás e por Furnas devido à necessidade de importação de um tipo especial de aço para construção do vaso de contenção do reator da segunda unidade da central nuclear de Angra, que será fabricado pela Confab.

Isenção

O Sr Ronaldo Fabrício explicou que o pedido de isenção do depósito não tem nada a ver com isenção do exame de similaridade, já obtida pela Petrobrás, pois à Nuclebrás não interessa esse tipo de isenção. "Pelo contrário", disse ele, "nós buscamos o maior índice de nacionalização possível. Ficamos muito satisfeitos quando encontramos uma empresa de capital nacional que fabrica um equipamento pelo menos parecido com o que precisamos." Esse interesse, segundo o Sr Ronaldo Fabrício, foi inclusive a razão que levou o Governo a optar pela escolha de três firmas brasileiras — Cobrasma, Confab e Bardella — para fornecerem os equipamentos para Angra-2 e 3, com garantia para mais duas das próximas usinas que forem construídas. O protocolo de garantia de mercado, assinado com essas empresas, não foi precedido de concorrência, segundo ele, porque uma concorrência daria chance a que subsidiárias de empresas estrangeiras se candidatassem e ganhassem. Como se trata de equipamentos maiores e mais complexos, só algumas empresas de capital nacional têm condições de fabricá-los, segundo o diretor da Nuclen.

A Nuclen já enviou 17 engenheiros para serem treinados na fábrica da KWU, em Erlangen, na Alemanha. Esses engenheiros ficarão lá por um período de um a dois anos. "O pique do treinamento será em 1979, quando teremos 56 engenheiros na Alemanha", disse ele.

CHESF retém pagamento à Westinghouse

A Centrais Hidrelétricas do São Francisco — *Chesf* — mantém retida a última parcela, no valor de 50 mil dólares, do pagamento dos equipamentos que a Westinghouse forneceu à termelétrica de Bonji e que apresentaram defeitos.

A informação é do presidente da *Chesf*, Sr André Arruda Falcão, que acrescentou que na última reunião realizada na Eletrobrás com o presidente da Westinghouse, Sr L. E. Quintino, ficou acertado que a Westinghouse vai ampliar o prazo de garantia dos equipamentos.

A parcela de 50 mil dólares ainda não paga à Westinghouse corresponde à parte a ser paga diretamente pelo Brasil. Os restantes 2 milhões 950 mil dólares a empresa já recebeu do Eximbamk.

Sobre o consumo de óleo na termelétrica de Bonji, o Sr André Arruda Falcão explicou que é necessário meio litro de óleo para gerar um kw/h. O consumo por unidade é de 15 mil litros/hora para gerar 30 MW, o que significa um consumo de óleo no valor de Cr$ 300 mil por hora para as cinco unidades.

O presidente da *Chesf* revelou que a linha de transmissão em 500 kW que levará energia do Nordeste para a Região Norte ficará concluída em 1981. Está faltando apenas a ligação entre as cidades de Presidente Dutra e Imperatriz. Sobre o orçamento da *Chesf* para o próximo ano, ele informou que as necessidades da empresa serão de Cr$ 14 bilhões, o que significa um aumento de 40% sobre o orçamento deste ano.

Quinze empresas concorrem a novos contratos de risco

A Petrobrás encerrou ontem o prazo de recebimento de propostas, com 15 empresas estrangeiras interessadas, para novos contratos de serviços de exploração de petróleo, com cláusula de risco, nas 25 áreas apresentadas pela empresa estatal das quais oito se localizam na bacia da Foz do Amazonas, 14 na bacia de Santos e três na bacia de Pelotas.

Dentro de um mês, após proceder a análise das propostas e ouvir o Conselho Administrativo, a Petrobrás iniciará a chamada das empresas proponentes, por ordem de prioridade das propostas mais convenientes para empresa, para dar início às negociações comerciais e apresentação dos detalhes dos projetos. No ano passado, apenas cinco empresas apresentaram propostas.

As empresas interessadas

Com objetivo de preservar o sigilo de quantas propostas cada empresa ou consórcio apresentou à Petrobrás não divulgou o volume de propostas recebidas. Das 22 empresas que adquiram os mapas de exploração pagando a taxa de participação de 250 mil dólares, apenas 15 apresentaram propostas.

São as seguintes as empresas interessadas: Agip S.p.A., Allied Chemical Corporation (Union Texas Petroleum Div), Atlantic Richfield Company (ARCO), The British Petroleum Company Limited, Citco International Petroleum Company, Compagnie Française des Pétroles (Total), Deminex-Deutche Erdulversougungsgesellschaft m.b.H., Exxon Corporation (Cia. Esso Prospecção do Brasil), Hispanica de Petroleos S.A. (Hispanoil), Marathon int. Oil Company, Pennzoil International Co., Shell Exploration Sercives (Brazil), Pecten Brazil Company (subsidiária de Shell Oil Company), Standard Oil Company of California (Chevron) e Texaco Inc.

As propostas apresentadas, isoladamente ou em grupo, terão que ter, conforme exigência da Petrobrás, as seguintes informações: o bloco a que se refere; o dispêndio mínimo durante o período de exploração: o programa exploratório mínimo; tempo necessário para o início da perfuração do primeiro poço exploratório; taxa efetiva anual de juros aplicáveis sobre os investimentos feitos para desenvolvimento dos campos descobertos pela proponente; prazo para reembolso das quantias adiantadas; remuneração pretendida, bônus e outras vantagens.

Brasil e Argentina negociarão Corpus a partir do dia 22

Brasília — Brasil e Argentina começarão as negociações trilaterais de Assunção, a partir do próximo dia 22, com posições radicalmente opostas com relação à quota da hidrelétrica de Corpus, ponto-base das conversações: o Brasil, inicialmente, aceita uma quota máxima de 95 metros, enquanto a Argentina proporá uma quota mínima de 115 metros.

Estes índices não são definitivos e representam, apenas, um ponto inicial para as negociações, naturalmente, os dois países sabem que terão de tornar mais flexíveis os limites de negociação, para que se chegue a um acordo. Estes índices, entretanto, não são impeditivos à continuação das conversações, embora sejam rigorosamente inaceitáveis para ambos os lados.

As posições, de lado a lado, mostram uma tendência para levar ao máximo suas *pedidas*. Para o Brasil, a 95 metros de quota, Corpus já causará "um pequeno prejuízo" a Itaipu e aos rios paraguaios de Acaray, Monday e Nacunday. Para a Argentina, a viabilidade de Corpus está presa à quota de 115 metros. Ao mesmo tempo, a Argentina não aceita a quota de 95 metros, a ser proposta inicialmente pelo Brasil, assim como o Brasil considera "absurda e irreal" a quota de 115 metros a ser proposta pela Argentina.

A média destes dois índices, entretanto, curiosamente fornece uma quota que pode ser aceita pelos dois países. Os 105 metros de quota para Corpus — número que o Brasil e a Argentina admitem como "possível" é o meio-termo matemático e talvez político entre as propostas iniciais de 115 e 95 metros. Essa questão, no entanto, será resolvida juntamente com vários outros elementos, em especial os ligados ao sistema de operações de Itaipu.

Se Itaipu operar em *base* sistema de *cruzeiro* sua viabilidade econômica estará comprometida. A possibilidade de operar em *ponta* (potência máxima das turbinas) nas horas de maior demanda de energia, ou mesmo em *semiponta* (como deverá ocorrer depois do acordo trilateral) estará inteiramente ligada à questão da quota de Corpus.

Aí estará definida a questão das compensações. Itaipu perderá um pouco de potência com uma quota maior em Corpus, uma vez que o embalse da hidrelétrica argentino-paraguaia chegará à sua *base*, diminuindo a queda dágua — mas teria uma facilidade de operação muito maior. A maior liberdade de operação para Itaipu causará problemas ao rio Paraná, em território argentino, mas proporcionará a possibilidade de operação em *ponta* por longos períodos.

Paraguaios estão otimistas

Buenos Aires — "Creio que Corpus é uma obra factível e que será construída", disse ontem, ao desembarcar na Capital argentina o principal negociador paraguaio na conferência tripartite de Assunção, entre Brasil, Paraguai e Argentina, engenheiro Enzo Debernardi. "Sou otimista, nós paraguaios somos em geral otimistas", acrescentou sobre a possibilidade de se compatibilizar Corpus com Itaipu.

Segundo o Senador Carlos Saldivar, que integra a delegação do Paraguai às negociações e que está em Buenos Aires em companhia de Debernardi, do Almirante Guillermo Haywood e do engenheiro Hans Krauch, a usina de Corpus está "em etapa de factibilidade". Explicou que viemos conversar sobre os preparativos da próxima reunião sobre compatibilização dos projetos hidrelétricos que estamos construindo com o Brasil em Itaipu e com a Argentina em Corpus".

"Acreditamos que a harmonia do Cone Sul prevalecerá em qualquer caso", disse Debernardi.

Magalhães quer tecnologia nuclear

O presidente da Eletrobrás, Antonio Carlos Magalhães, afirmou ontem, em conferência na Escola Superior de Guerra, que o objetivo da utilização da energia nuclear, pelo Brasil, é o de conseguir alcançar sua independência tecnológica, antes que o potencial hidráulico do país esteja esgotado.

Acrescentou que "não visamos com isso, atender à demanda imediata de energia elétrica ou substituir o petróleo como fonte de energia", lembrando que, no ano passado, por exemplo, apenas 2,7% da energia elétrica foi gerada a partir de derivados de petróleo. Explicou que "se nossa eletricidade tivesse toda sua origem no petróleo, teríamos que ter importado, em 1976, mais 190 milhões de barris, no valor de 2,4 bilhões de dólares".

Disse que os problemas do setor de energia elétrica são crescentes, embora em dimensão proporcional ao seu tamanho, e assinalou que o consumo vem crescendo a taxas sempre superiores a 10% nos últimos anos.

Falecimentos

RIO DE JANEIRO

Wolgrand de Mourão Matos, 56, na Beneficência Portuguesa. Fluminense, economista, morava no Flamengo. Casado com Zelma Spyer de Mourão Matos, tinha quatro filhos: Antônio, Wolgrand, Cláudio e Jônia e vários netos.

Luís Pinto de Miranda Montenegro, 88, no Hospital do INPS, em Ipanema. Carioca, bancário, morava em Copacabana. Viúvo de Saide Antunes de Miranda Montenegro, tinha um filho: o engenheiro Manoel Pinto de Miranda Montenegro e vários netos.

Manoel Craveiro de Almeida, 73, na Beneficência Portuguesa. Português naturalizado brasileiro, comerciário, morava na Tijuca. Casado com Ernestina Ferreira de Almeida, tinha um filho: Alberto.

Ronald Sampaio da Silva, 53, em sua residência, nas Laranjeiras. Carioca, contador, era solteiro.

Adelaide dos Anjos Bustillos Villafan, 45, em sua residência, em Botafogo. Brasileira naturalizada, técnica de laboratório, era casada com Alcides Bustillos Villafan e tinha dois filhos: Alcides e Rogério.

Carlos Afonso de Melo, 49, no Hospital Pedro Ernesto. Carioca, desenhista, morava no Méier. Desquitado, tinha uma filha: Maria Helena.

Antônio Luís de Barros Cardoso, 78, em sua residência, no Santo Cristo. Carioca, era funcionário público aposentado. Era viúvo de Maria de Lourdes C. Cardoso.

Fernanda Santiago de Macedo, 63, no Hospital do INPS, em Bonsucesso. Carioca, morava na Penha. Casada com Válter Macedo, tinha um filho: Válter e dois netos.

Palmira Gonçalves Ribeiro, 87, em sua residência, em Vicente de Carvalho. Carioca, era viúva de Joaquim Ribeiro.

Estados

Elenauro Machado Dafezeiro, 42, em acidente automobilístico no Km 10 da BR-330, entre Jequié e Vitória da Conquista. Industrial, solteiro, foi o vereador mais votado nas eleições do ano passado e era líder do MDB na Câmara Municipal. O carro em que viajava chocou-se contra o caminhão de Ibirataia, placa BA IF-5062, que trafegava na contramão e cujo motorista fugiu. O vice-Prefeito (Arena) João Carlinho Filho decretou luto oficial por três dias e a Câmara suspendeu seus trabalhos por uma semana. No acidente morreram, também: a menor Elisabete Carvalho Magalhães, Florilda Pinheiro e Almeida (15 anos) e Maria Magda Guimarães (18 anos).

João Bosco Bezerra, 35, assassinado pelo sogro, no Centro da cidade de Exu, Alto Sertão de Pernambuco. Pernambucano, sargento da Polícia Militar, servia em Serra Talhada. O crime se deu quando ele tentava tirar a mulher dos seus parentes.

Amélia Maria da Conceição, 75, em sua residência, na Vila do IPSEP, no Recife. Pernambucana, casada, tinha quatro filhos.

Joaquim Gregório Rosa, 79, em sua residência, em Curitiba. Paranaense da Capital, era viúvo de Maria Luísa Rosa e tinha dois filhos: Maurício e Ivanir.

Francisco Donato, 74, em São Paulo. Casado com Isabel Navarro, tinha quatro filhas: Adelaide, Alzira, Matilde e Mercedes.

AVISOS RELIGIOSOS

Jovem tenta suicídio na Delegacia

São Paulo — O operário Luis Silveira Silva, de 18 anos, preso por suspeita de pequenos furtos numa pensão de Ribeirão Preto, tentou o suicídio na sala de investigação do 1º Distrito Policial daquela cidade com o revólver calibre 32 de um investigador, que apanhou de sobre uma mesa, desfechando um tiro na cabeça.

O operário recusou-se a entregar o revólver a três delegados que tentaram demovê-lo do suicídio e também ao Padre Romualdo Niglione de uma igreja próxima, que foi chamado ao local. Antes do tiro que o feriu, fez mais três disparos, um deles ferindo de raspão o Delegado Arivaldo Registro, titular do 1º DP.

Internado no Hospital das Clínicas da cidade, o rapaz foi posto fora de perigo e o Delegado Regional Renato Ribeiro Soares informou que será instaurado inquérito e aberta sindicancia para apurar os fatos.

Advogado garante que Michel Frank ainda está no Rio

"Michel Frank está no Brasil, muito mais perto do que as pessoas imaginam. O melhor lugar para se esconder alguém é o Rio de Janeiro". A afirmação é do advogado Wilson Lopes dos Santos, que disse, ainda, que pretende apresentar à Justiça o acusado de ter assassinado Cláudia Lessin Rodrigues dentro de "mais ou menos" um mês.

Ontem, Wilson Lopes dos Santos compareceu ao 1º Tribunal do Júri, para saber se o Juiz Alberto Mota Moraes há havia despachado seu pedido de apresentar um perito de confiança para acompanhar a elaboração do novo laudo cadavérico. O defensor de George Khour (o outro acusado), Jair Auler, também esteve no tribunal. Foi apresentar uma nova versão sobre onde foram jogadas as roupas de Cláudia após sua morte.

PERPLEXO

O advogado Wilson Lopes confessou-se "perplexo" com o rumo que tomou a exumação de Cláudia.

"A exumação foi feita através de um pedido meu deferido pelo juiz. Pois já enterraram a moça, exumaram, enterraram de novo e eu não fiquei sabendo de nada. Como posso confiar no novo laudo, se não pude acompanhar os trabalhos?" — indagou.

O advogado faz questão de afirmar que, oficialmente, não foi informado de nada.

"Podem até ter desenterrado outra garota. Quem me garante que foi Cláudia?" — disse ele.

O advogado entrou em contato com um perito, para acompanhar os trabalhos do novo exame cadavérico. No entanto, não chegou a contratá-lo, porque até agora o Juiz Mota Moraes não se pronunciou a respeito, embora o promotor José Carlos da Cruz Ribeiro já tenha emitido parecer favorável à exigência. O Sr Wilson Lopes dos Santos se nega a fornecer o nome desse perito.

"Não quero expô-lo à opinião pública" — justificou.

PICADAS

"Eu não compreendo porque eles estão me sonegando esta informação" — disse o defensor de Michel, referindo-se ao segredo com que o IML vem elaborando o novo laudo. Declarou que já sabe, extra-oficialmente, que Cláudia possui marcas de picadas de agulha nos braços, o que não consta, até agora, em nenhum laudo mas é "muito importante" para a defesa.

Quanto à apresentação de Michel à Justiça, o Sr Wilson Lopes dos Santos afirmou que deverá ocorrer dentro de "mais ou menos" um mês.

"Não quero entregá-lo agora, dentro desse clima de execução, de guilhotina" — acrescentou. Disse que só o apresentará depois que for julgado o habeas-corpus que ainda não impetrou.

"Ainda falta algum material para fazê-lo" — declarou.

Admitiu a hipótese de Michel comparecer ao Tribunal de Justiça no dia do julgamento:

"Assim, ninguém poderá dizer que ele pretende fugir" — justificou.

PERITO

O advogado Wilson Lopes dos Santos declarou, ontem, que nada impede a presença de legistas estranhos aos quadros do Instituto Médico Legal durante os exames que estão sendo feitos para complementar o laudo cadavérico de Cláudia Lessin Rodrigues, dentre eles o toxicológico, para determinar se ela ingeriu, ou não, drogas na casa de Michel Frank.

O Sr Wilson Lopes dos Santos disse, ainda, que a vinda de um perito da Suiça — a pedido de Egon Max Frank, pai de Michel — é "apenas para examinar o laudo cadavérico já conhecido, a exemplo do que já foi feito por um brasileiro e um coreano, ambos do Medical Examiners Office de Nova Iorque."

PARECER

Segundo o advogado de Michel Frank, a presença do legista suiço — cujo nome não foi revelado — tem por objetivo fornecer apenas "um parecer técnico", para fundamentar a defesa, que continua achando falhas no laudo cadavérico anexado ao processo. Tão logo ele foi conhecido, o Sr Wilson Lopes dos Santos solicitou ao IML exames toxicológicos nas viceras de Cláudia Lessin Rodrigues.

O laudo cadavérico foi examinado pelo legista Milton Lessa Bastos, chefe do setor de toxicologia do Medical Examiners Office, que já pertenceu ao IML, achando ele falhas na sua conclusão. O legista que está nos Estados Unidos desde 1969, também é professor de toxicologia da New York University. Ele trabalhou no IML durante 19 anos.

Outro legista que examinou o laudo foi o coreano Myun Rho, especializado em estrangulamento, que, a exemplo do brasileiro, também constatou falhas na conclusão. O MEO, ao contrário do que ocorre no Brasil, não tem relação com a polícia para evitar as suspeitas de envolvimento das pessoas encarregadas de apurar a *causa-mortis*, com a investigação policial.

EXAMES

Funcionários do IAP, que não quiseram se identificar, informaram que os laudos toxicológicos que estão sendo feitos nas visceras retiradas do corpo de Cláudia Lessin Rodrigues, que ficariam prontos em 20 dias após a exumação, segundo o diretor do órgão, médico Nilson Santana, não serão entregues dentro do espaço estipulado, mas sim, entre os dias 10 e 15 do mês de outubro.

Pelo prazo do diretor do IAP, os laudos ficariam prontos até o final do corrente mês. A demora, segundo explicaram o funcionários, é devido aos vários exames de reações demoradas que estão sendo feitos.

Informaram ainda — mas o diretor Nilson Santana se esquivou de comentar — que o Instituto está fazendo uma série de exames paralelos aos solicitados pelo advogado Wilson Lopes dos Santos, exames que se referem a todas as deformações que apresentavam o cadáver de Cláudia, principalmente no rosto e no anus.

O resultado desses exames, segundo comentaram os funcionários, serão remetidos ao 1.º Tribunal do Júri, para serem discutidos em plenário.

No setor de Física e Química do Instituto Carlos Eboli, estão sendo feitos exames de mineralogia (nas pedras encontradas na bolsa amarrada ao corpo de Cláudia), de metalurgia (no arame que prendia a bolsa e estava em volta do pescoço da vitima), e de hematologia, o sangue que manchou as pedras que estavam na bolsa, os quais somente deverão ficar prontos na semana que vem.

Esses laudos também serão remetidos à Delegacia de Homicidios, segundo informaram assessores do diretor do ICE, Delegado Roberto Vilarinho; a delegacia, então, os enviará ao 1º Tribunal do Júri, para serem anexados ao processo.

Quanto à interpelação criminal movida pelo casal Carlos e Bernardete Simonelli, o advogado Wilson Lopes afirmou que "acho que interpelaram a pessoa errada. Eu nunca disse que eles estavam nus, tomaram tóxicos ou participaram de uma orgia na casa de Michel", acrescentou. "Essa interpelação não tem nenhum sentido".

DEFESA

O outro advogado, Jair Auler, não apresentou, ontem, conforme estava previsto, a defesa prévia de George Khour. Na verdade, Auler tem prazo até o dia 25 — três dias depois da data do novo interrogatório de Michel — para apresentá-la. Como Khour e Michel são co-réus, o prazo de três dias só começa a contar depois da apresentação dos dois à Justiça.

O defensor de George Khour esteve com seu cliente, ontem, no Instituto Médico Penal. O cabeleireiro contou que, a mala em que Cláudia foi transportada para o Chapéu dos Pescadores e algumas de suas roupas, não foram jogadas na Lagoa Rodrigo de Freitas, na altura da curva do Calombo, como havia afirmado antes. Elas teriam sido jogadas um pouco mais adiante, no sentido do Túnel Rebouças — Zona Sul, numa curva, logo após a Rua Tabatinguera.

Auler, baseado nas informações de Khour, desenhou um mapa, indicando o novo local, e o entregou ao Juiz Mota Moraes. Este comunicou o fato a Delegacia de Homicidios.

Morte de operário vai ser julgada na 4.ª Vara

O processo n.º 162/75, da 16a. DP — em que foi indiciado Michel Albert Frank, por ter, no dia 19 de outubro de 1975, na Avenida Sernambetiba, atropelado o operário José Liberato da Silva, de 50 anos, que morreu no Hospital Miguel Couto — seguiu, dia 14, para a 4a. Vara Criminal, já com o laudo cadavérico da vitima.

Durante quase dois anos, o processo esteve paralisado na 16a. DP, segundo ficou apurado, devido a estar faltando o laudo cadavérico, que no dia 27 de novembro do ano em que ocorreu o acidente, foi enviado pelo Instituto Médico Legal Afranio Peixoto à 14a. DP, em face de José ter morrido no HMC, na jurisdição daquela delegacia.

Amiga diz que andou de táxi com Cláudia Lessin

"Meu último contato com Cláudia Lessin Rodrigues foi durante uma viagem de táxi de Copacabana até Ipanema, ond reside o advogado Caio Mauro. Naquele sábado, ela me telfonou e me perguntou o que eu ia fazer, mas nada disse sobre a ida à casa de Michel, que nunca conheci, já que há muito tempo estava afastada da sua vida particular".

A revelação foi feita, ontm, por eDnise Camargo, que, segundo a empregada da Michel Frank — a Valéria — seria a moça que ela viu na noite de sábado. A mãe de Cláudia Lessou, Sra Maria Rodrigues, afirmou que a amiga de sua filha nada tem a ver com o caso. O advogado Caio Mauro, por sua vez, confirmou que esteve com Dnize de sábado à noit até segunda-feira.

Tranquilidade

Dnise Camargo — que se afastou do curso de Estatistica, da Universidade do Estado da Guanabara, por causa de asma — stava bastante tranquila, quando afirmou que só esteve com Cláudia Lessin por alguns minutos.

"Essa empregada de Michel está tentando tumultuar as coisas, porque nunca conheci Michel e não estive em sua casa", acentuou.

De estatura baixa, cabelos morenos cortados, olhos castanhos escuros, magra e calma, Denise Camargo confirmou todo o depoimento que fez na Delegacia de Homicidios, no começo do caso Cláudia Lessin:

"Quando éramos crianças, saiamos juntas; mas, depois que meu pai se mudou do prédio, tinhamos pequenos contatos. Naquela noite de sábado, Cláudia me telefonou, perguntando se eu ia sair para fazer alguma coisa. Ela disse que iria passar pela minha casa e assim sairiamos juntas. Era por volta de 21h. Depois de esperar meia hora, Cláudia chegou e indagou se alguma pessoa ia me apanhar de carro. Como eu não tinha condução, pegamos um táxi — Volkswagen quatro portas; o motorista era um homem de idade, grande, usava óculos e dirigia em cima do volante; eu acho que o veiculo era de cor escura. Saltei na Rua Prudente de Morais, onde mora o advogado Caio Mauro, a quem, antes de eu sair de casa, avisei, por telefone, que iria passar por sua casa. Eu estava sem dinheiro e tinha avisado o advogado de que iria precisar pagar o táxi. O porteiro do prédio dele, Geraldo, estava esperando eu chegar, porque Caio tinha dado a ele a quantia da corrida, mas, como Cláudia disse que ia para o Leblon, ela resolveu pagar. O porteiro do edificio pode confirmar tudo, porque ele me viu saltando do táxi".

"Passei a noite de sábado e domingo na casa do advogado e, segunda-feira pela manhã, retornei à minha casa. Tomamos banho de piscina, fui até o Country Club, em Ipanema, e, depois, fomos para a Estrada das Canoas, residência de amigos. Passei a madrugada de segunda-feira no Restaurante Privé, onde conversei com vários colegas".

A mãe

No meio da entrevista, a mãe de Cláudia Lessin, D Maria Rodrigues, chegou no apartamento de Denise, para saber o que estava acontecendo.

"Ela não tem nada com o fato; essa Valéria foi orientada por Michel para contar essa mentira. O cabeleireiro já está preso; por que não agarram esse Michel?" Minha filha sempre foi amiga de Denise e ninguém tem o direito de envolver essa menina com o caso de Cláudia. O pai de Denise morava no mesmo prédio em que eu moro, mas, eles se mudaram e Cláudia se encontrava com ela esporadicamente. Por que querem envolver Denise nesse caso? Ela nada tem a ver com isso".

"A empregada de Michel — Valéria — está querendo incriminar a amiga de minha filha. Michel deve ter dado alguma ordem para ela fazer isso, porque tudo isso não tem sentido nenhum. As investigações estão sendo bem feitas, mas por que Michel Frank não se apresenta à policia? Tudo está muito confuso e complicado" — disse a mãe de Cláudia Lessin.

O advogado

O advogado Caio Mauro confirmou as palavras de Denise, dizendo que ela estava em sua casa e passou o fim de semana em sua companhia.

"Confirmo as palavras de Denise, porque passamos o sábado e domingo juntos, almoçamos no Country, tomamos banho de piscina e estivemos no Restaurante Privé na madrugada de segunda-feira."

"Nunca fui amigo de Michel Frank; entreguei meu apartamento à Imobiliária Suiça para que esta o alugasse. Isso tem dois anos e meio, mas meu contato com Michel foi minimo".

O porteiro Geraldo trabalha no prédio das 20h às 6h da manhã, e, segundo Denise Camargo, ele poderá confirmar tudo sobre o caso.

Acusação de crime não prejudica imobiliária

Um dos advogados da Imobiliária Suiça, de propriedade de Michel Albert Frank, informou ontem, que os problemas envolvendo o patrão "em nada afetaram os negócios". Segundo Jorge Bittencourt, a empresa continua sólida e seus empregados acompanhando de perto o caso Cláudia Lessin.

Enquanto isso, o diretor da Delegacia de Policia Especializada, delegado Valdemar Gomes de Castro, mandou periciar as três fitas recebidas no escritório do empresário Egon Max Frank, pai de Michel. As fitas, além de outros documentos, se referem a tentativas de extorsão, estando envolvida uma empresa jornalistica do Rio de Janeiro, segundo denunciou o industrial.

Médico vai depor sobre menor morto

Londrina — Sem especificar a data, nem justificar a medida, o 2º distrito da 10a. Subdivisão Policial desta cidade resolveu transferir para a próxima semana os depoimentos dos médicos do INPS que diagnosticaram pneumonia e emitiram a guia de internamento de Marcelo Araújo dos Santos, de quatro meses, que morreu em conseqüência de omissão de atendimento médico praticado pelo Instituto de Medicina e Cirurgia local.

Os médicos do INPS são Vander de Carvalho e Nilo Baccelar, mas também será ouvido Luiz Jacob, auxiliar de secretaria do IMC. A polícia investiga, ainda, a acusação feita pelo pai da criança, José Xavier dos Santos, contra o médico Dilson Maciel Yallana, que teria recusado o atendimento sob alegação de que o menor, por estar com varíola, colocava em risco outras 22 crianças do hospital, que não possui isolamento. O diagnóstico do médico do IMC contraria o dos médicos do INPS.

O médico Nilson Maciel Yallana está envolvido num outro caso semelhante ocorrido nesta cidade em 1975. O seu requerimento policial tramita na 2a vara criminal e refere-se à morte de Odair Bittencourt, de 2 anos e meio, que havia sido internado pelo pai, Adanildo Bittencourt, na Santa Casa, depois de ser examinado pelo Dr Dilson Yallana, que receitara remédios para intoxicação. O garoto morreu de pneumonia e seu pai, no dia 22 de outubro, invadiu o Pronto Socorro de propriedade do médico, disparando um revólver e ferindo o médico no peito e na perna e atingindo sua esposa, Teresinha Yallana, na clavicula.

Deportação de libanês é revista

Brasilia — O libanês Ahmad Hussein Salha, que se encontra preso em São Paulo, desde o dia 23 de maio último, ficará em liberdade vigiada até que seja examinado seu recurso contra decisão do TFR, que lhe negou um pedido de habeas-corpus, segundo decidiu ontem o Supremo Tribunal Federal. Salha tem contra si um decreto de deportação do país, determinado pelo Ministro Armando Falcão.

A deportação foi sustada por um despacho cautelar proferido pelo Ministro do STF, Sr Leitão da Cunha, nos primeiros dias de julho, durante o periodo de recesso, quando era o único Ministro daquela Corte presente em Brasilia. O libanês é acusado de falsidade ideológica ao efetuar o registro de um filho e argumenta que não pode ser deportado por ser pai de criança brasileira. A 5a. Vara Criminal de São Paulo, ao apreciar denúncia igual, concluiu pela inexistência de fraude na obtenção da certidão de nascimento do filho de Salha.

Júri absolve criminosos sob pressão

Belo Horizonte — O Tribunal do Júri de Capelinha, no Vale do Rio Doce, absolveu os assassinos do ex-candidato a Deputado Estadual pela Arena, Vander Campos, morto dia 7 de outubro de 1974 em Água Boa. O Ministério Público, no entanto, apelou da sentença, sobrevindo comentários de que "pressões e influências politicas" teriam influido no resultado do julgamento."

No caso de um novo júri será pedido o desaforamento do processo para a Capital, informou o assistente de acusação Rogério Augusto de Souza. Vander foi assassinado com 13 tiros por Alirio Nunes Leite, próspero fazendeiro cuja familia possui mais de 10 fazendas, e cumplicidade com um conhecido de alcunha **Zé Pretinho.**

Alirio já matou três pessoas e tentou matar outra além de Vander Campos, segundo o advogado Rogério Souza. O julgamento, iniciado às 8 horas de quarta-feira e terminado na madrugada de quinta, despertou as atenções em Capelinha, dada a influência que os Nunes têm na região.

Falecimentos

RIO DE JANEIRO

Wolgrand de Mourão Matos, 56, na Beneficência Portuguesa. Fluminense, economista, morava no Flamengo. Casado com Zelma Spyer de Mourão Matos, tinha quatro filhos: Antônio, Wolgrand, Cláudio e Jônia e vários netos.

Luís Pinto de Miranda Montenegro, 88, no Hospital do INPS, em Ipanema. Carioca, bancário, morava em Copacabana. Viúvo de Saide Antunes de Miranda Montenegro, tinha um filho: o engenheiro Manoel Pinto de Miranda Montenegro e vários netos.

Manoel Craveiro de Almeida, 73, na Beneficência Portuguesa. Português naturalizado brasileiro, comerciário, morava na Tijuca. Casado com Ernestina Ferreira de Almeida, tinha um filho: Alberto.

Ronald Sampaio da Silva, 53, em sua residência, nas Laranjeiras. Carioca, contador, era solteiro.

Adelaide dos Anjos Bustillos Villafan, 45, em sua residência, em Botafogo. Brasileira naturalizada, técnica de laboratório, era casada com Alcides Bustillos Villafan e tinha dois filhos: Alcides e Rogério.

Carlos Afonso de Melo, 49, no Hospital Pedro Ernesto. Carioca, desenhista, morava no Méier. Desquitado, tinha uma filha: Maria Helena.

Antônio Luís de Barros Cardoso, 78, em sua residência, no Santo Cristo. Carioca, era funcionário público aposentado. Era viúvo de Maria de Lourdes C. Cardoso.

Fernanda Santiago de Macedo, 63, no Hospital do INPS, em Bonsucesso. Carioca, morava na Penha. Casada com Válter Macedo, tinha um filho: Válter e dois netos.

Palmira Gonçalves Ribeiro, 87, em sua residência, em Vicente de Carvalho. Carioca, era viúva de Joaquim Ribeiro.

Estados

Elenauro Machado Dafezeiro, 42, em acidente automobilístico no Km 10 da BR-330, entre Jequié e Vitória da Conquista. Industrial, solteiro, foi o vereador mais votado nas eleições do ano passado e era líder do MDB na Câmara Municipal. O carro em que viajava chocou-se contra o caminhão de Ibirataia, placa BA IF-5062, que trafegava na contramão e cujo motorista fugiu. O vice-Prefeito (Arena) João Carichio Filho decretou luto oficial por três dias e a Câmara suspendeu seus trabalhos por uma semana. No acidente morreram, também: a menor Elisabete Carvalho Magalhães, Florilda Pinheiro e Almeida (15 anos) e Maria Magda Guimarães (18 anos).

João Bosco Bezerra, 35, assassinado pelo sogro, no Centro da cidade de Exu, Alto Sertão de Pernambuco. Pernambucano, sargento da Polícia Militar, servia em Serra Talhada. O crime se deu quando ele tentava tirar a mulher dos seus parentes.

Amélia Maria da Conceição, 75, em sua residência, na Vila do IPSEP, no Recife. Pernambucana, casada, tinha quatro filhos.

Joaquim Gregório Rosa, 79, em sua residência, em Curitiba. Paranaense da Capital, era viúvo de Maria Luísa Rosa e tinha dois filhos: Mauricio e Ivanir.

Francisco Donato, 74, em São Paulo. Casado com Isabel Navarro, tinha quatro filhas: Adelaide, Alzira, Matilde e Mercedes.

AVISOS RELIGIOSOS

Passarela em Lucas é interditada

Por determinação do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), a passarela de pedestres sobre a Avenida Brasil, em frente aos transmissores da Rádio Nacional, em Parada de Lucas, está interditada, em virtude do desabamento do vão intermediário no girau de acesso ocorrido na noite passada.

Inaugurada em março de 1974 pelo ex-Secretário de Obras Públicas, engenheiro Emilio Ibrahim, durante o Governo Chagas Freitas, ela vinha sendo utilizada por moradores do conjunto residencial da Cidade Alta, em Cordovil, e da favela de Parada de Lucas.

As causas do desabamento não foram ainda determinadas pelos engenheiros do DER, que hoje irão vistoriá-la, a exemplo das demais construídas na época, à base de concreto.

Advogado garante que Michel Frank ainda está no Rio

"Michel Frank está no Brasil, muito mais perto do que as pessoas imaginam. O melhor lugar para se esconder alguém é o Rio de Janeiro". A afirmação é do advogado Wilson Lopes dos Santos, que disse, ainda, que pretende apresentar à Justiça o acusado de ter assassinado Cláudia Lessin Rodrigues dentro de "mais ou menos" um mês.

Ontem, Wilson Lopes dos Santos compareceu ao 1º Tribunal do Júri, para saber se o Juiz Alberto Mota Moraes há havia despachado do seu pedido de apresentar um perito de confiança para acompanhar a elaboração do novo laudo cadavérico. O defensor de George Khour (o outro acusado), Jair Auler, também esteve no tribunal. Foi apresentar uma nova versão sobre onde foram jogadas as roupas de Cláudia após sua morte.

PERPLEXO

O advogado Wilson Lopes confessou-se "perplexo" com o rumo que tomou a exumação de Cláudia.

"A exumação foi feita através de um pedido meu deferido pelo juiz. Pois já enterraram a moça, exumaram, enterraram de novo e eu não fiquei sabendo de nada. Como posso confiar no novo laudo, se não pude acompanhar os trabalhos?" — indagou.

O advogado faz questão de afirmar que, oficialmente, não foi informado de nada.

"Podem até ter desenterrado outra garota. Quem me garante que foi Cláudia?" — disse ele.

O advogado entrou em contato com um perito, para acompanhar os trabalhos do novo exame cadavérico. No entanto, não chegou a contratá-lo, porque até agora o Juiz Mota Moraes não se pronunciou a respeito, embora o promotor José Carlos da Cruz Ribeiro já tenha emitido parecer favorável à exigência. O Sr Wilson Lopes dos Santos se nega a fornecer o nome desse perito.

"Não quero expô-lo à opinião pública" — justificou.

PICADAS

"Eu não compreendo porque eles estão me sonegando esta informação" — disse o defensor de Michel, referindo-se ao segredo com que o IML vem elaborando o novo laudo. Declarou que já sabe, extra-oficialmente, que Cláudia possui marcas de picadas de agulha nos braços, o que não consta, até agora, em nenhum laudo mas é "muito importante" para a defesa.

Quanto à apresentação de Michel à Justiça, o Sr Wilson Lopes dos Santos afirmou que deverá ocorrer dentro de "mais ou menos" um mês.

"Não quero entregá-lo agora, dentro desse clima de execução, de guilhotina" — acrescentou. Disse que só o apresentará depois que for julgado o habeas-corpus que ainda não impetrou.

"Ainda falta algum material para fazê-lo" — declarou.

Admitiu a hipótese de Michel comparecer ao Tribunal de Justiça no dia do julgamento:

"Assim, ninguém poderá dizer que ele pretende fugir" — justificou.

PERITO

O advogado Wilson Lopes dos Santos declarou, ontem, que nada impede a presença de legistas estranhos aos quadros do Instituto Médico Legal durante os exames que estão sendo feitos para complementar o laudo cadavérico de Cláudia Lessin Rodrigues, dentre eles o toxicológico, para determinar se ela ingeriu, ou não, drogas na casa de Michel Frank.

O Sr Wilson Lopes dos Santos disse, ainda, que a vinda de um perito da Suíça — a pedido de Egon Max Frank, pai de Michel — é "apenas para examinar o laudo cadavérico já conhecido, a exemplo do que já foi feito por um brasileiro e um coreano, ambos do Medical Examiners Office de Nova Iorque."

PARECER

Segundo o advogado de Michel Frank, a presença do legista suíço — cujo nome não foi revelado — tem por objetivo fornecer apenas "um parecer técnico", para fundamentar a defesa, que continua achando falhas no laudo cadavérico anexado ao processo. Tão logo ele foi conhecido, o Sr Wilson Lopes dos Santos solicitou ao IML exames toxicológicos nas vísceras de Cláudia Lessin Rodrigues.

O laudo cadavérico foi examinado pelo legista Milton Lessa Bastos, chefe do setor de toxicologia do Medical Examiners Office, que já pertenceu ao IML, achando ele falhas na sua conclusão. O legista que está nos Estados Unidos desde 1969, também é professor de toxicologia da New York University. Ele trabalhou no IML durante 19 anos.

Outro legista que examinou o laudo foi o coreano Myun Rho, especializado em estrangulamento, que, a exemplo do brasileiro, também constatou falhas na conclusão. O MEO, ao contrário do que ocorre no Brasil, não tem relação com a polícia para evitar as suspeitas de envolvimento das pessoas encarregadas de apurar a *causa-mortis*, com a investigação policial.

EXAMES

Funcionários do IAP, que não quiseram se identificar, informaram que os laudos toxicológicos que estão sendo feitos nas vísceras retiradas do corpo de Cláudia Lessin Rodrigues, que ficariam prontos em 20 dias após a exumação, segundo o diretor do órgão, médico Nilson Santana, não serão entregues dentro do espaço estipulado, mas sim, entre os dias 10 e 15 do mês de outubro.

Pelo prazo do diretor do IAP, os laudos ficariam prontos até o final do corrente mês. A demora, segundo explicaram o funcionários, é devido aos vários exames de reações demoradas que estão sendo feitos.

Informaram ainda — mas o diretor Nilson Santana se esquivou de comentar — que o Instituto está fazendo uma série de exames paralelos aos solicitados pelo advogado Wilson Lopes dos Santos, exames que se referem a todas as deformações que apresentavam o cadáver de Cláudia, principalmente no rosto e no anus.

O resultado desses exames, segundo comentaram os funcionários, serão remetidos ao 1.º Tribunal do Júri, para serem discutidos em plenário.

No setor de Física e Química do Instituto Carlos Eboli, estão sendo feitos exames de mineralogia (nas pedras encontradas na bolsa amarrada ao corpo de Cláudia), de metalurgia (no arame que prendia a bolsa e estava em volta do pescoço da vítima), e de hematologia, o sangue que manchou as pedras que estavam na bolsa, os quais somente deverão ficar prontos na semana que vem.

Esses laudos também serão remetidos à Delegacia de Homicídios, segundo informaram assessores do diretor do ICE, Delegado Roberto Vilarinho; a delegacia, então, os enviará ao 1º Tribunal do Júri, para serem anexados ao processo.

Quanto à interpelação criminal movida pelo casal Carlos e Bernardete Simonelli, o advogado Wilson Lopes afirmou que "acho que interpelaram a pessoa errada. Eu nunca disse que eles estavam nus, tomaram tóxicos ou participaram de uma orgia na casa de Michel", acrescentou. "Essa interpelação não tem nenhum sentido".

DEFESA

O outro advogado, Jair Auler, não apresentou, ontem, conforme estava previsto, a defesa prévia de George Khour. Na verdade, Auler tem prazo até o dia 25 — três dias depois da data do novo interrogatório de Michel — para apresentá-la. Como Khour e Michel são co-réus, o prazo de três dias só começa a contar depois da apresentação dos dois à Justiça.

O defensor de George Khour esteve com seu cliente, ontem, no Instituto Médico Penal. O cabeleireiro contou que, a mala em que Cláudia foi transportada para o Chapéu dos Pescadores e algumas de suas roupas, não foram jogadas na Lagoa Rodrigo de Freitas, na altura da curva do Calombo, como havia afirmado antes. Elas teriam sido jogadas um pouco mais adiante, no sentido do Túnel Rebouças — Zona Sul, numa curva, logo após a Rua Tabatinguera.

Auler, baseado nas informações de Khour, desenhou um mapa, indicando o novo local, e o entregou ao Juiz Mota Moraes. Este comunicou o fato a Delegacia de Homicídios.

Morte de operário vai ser julgada na 4.ª Vara

O processo n.º 162/75, da 16a. DP — em que foi indiciado Michel Albert Frank, por ter, no dia 19 de outubro de 1975, na Avenida Sernambetiba, atropelado o operário José Brito da Silva, de 50 anos, que morreu no Hospital Miguel Couto — seguiu, dia 14, para a 4a. Vara Criminal, já com o laudo cadavérico da vítima.

Durante quase dois anos, o processo esteve parralisado na 16a. DP, segundo ficou apurado, devido a estar faltando o laudo cadavérico, que no dia 27 de novembro do ano em que ocorreu o acidente, foi enviado pelo Instituto Médico Legal Afrânio Peixoto à 14a. DP, em face de José ter morrido no HMC, na jurisdição daquela delegacia.

Amiga diz que andou de táxi com Cláudia Lessin

"Meu último contato com Cláudia Lessin Rodrigues foi durante uma viagem de táxi de Copacabana até Ipanema, onde reside o advogado Caio Mauro. Naquele sábado, ela me telefonou e me perguntou o que eu ia fazer, mas nada disse sobre a ida à casa de Michel, que nunca conheci, já que há muito tempo estava afastada da sua vida particular".

A revelação foi feita, ontem, por Dense Camargo, que, segundo a empregada de Michel Frank — a Valéria — seria a moça que ela viu na noite de sábado. A mãe de Cláudia Lessin, Sra Maria Rodrigues, afirmou que a amiga de sua filha nada tem a ver com o caso. O advogado Caio Mauro, por sua vez, confirmou que esteve com Denise de sábado à noite até segunda-feira.

Tranquilidade

Denise Camargo — que se afastou do curso de Estatística, da Universidade do Estado da Guanabara, por causa de asma — estava bastante tranquila, quando afirmou que só esteve com Cláudia Lessin por alguns minutos.

"Essa empregada de Michel está tentando tumultuar as coisas, porque nunca conheci Michel e não estive em sua casa", acentuou.

De estatura baixa, cabelos morenos cortados, olhos castanhos escuros, magra e calma, Denise Camargo confirmou todo o depoimento que fez na Delegacia de Homicídios, no começo do caso Cláudia Lessin:

"Quando éramos crianças, saíamos juntas; mas, depois que meu pai se mudou do prédio, tínhamos pequenos contatos. Naquela noite de sábado, Cláudia me telefonou, perguntando se eu ia sair para fazer alguma coisa. Ela disse que iria passar pela minha casa e assim sairíamos juntas. Era por volta de 21h. Depois de esperar meia hora, Cláudia chegou e indagou se alguma pessoa ia me apanhar de carro. Como eu não tinha condução, pegamos um táxi — Volkswagen quatro portas; o motorista era um homem de idade, grande, usava óculos e dirigia em cima do volante; eu acho que o veículo era de cor escura. Saltei na Rua Prudente de Morais, onde mora o advogado Caio Mauro, a quem, antes de eu sair de casa, avisei, por telefone, que iria passar por sua casa. Eu estava sem dinheiro e tinha avisado o advogado de que iria precisar pagar o táxi. O porteiro do prédio dele, Geraldo, estava esperando eu chegar, porque Caio tinha dado a ele a quantia da corrida, mas, como Cláudia disse que ia para o Leblon, ela resolveu pagar. O porteiro do edifício pode confirmar tudo, porque ele me viu saltando do táxi".

"Passei a noite de sábado e domingo na casa do advogado e, segunda-feira pela manhã, retornei à minha casa. Tomamos banho de piscina, fui até o Country Club, em Ipanema, e, depois, fomos para a Estrada das Canoas, residência de amigos. Passei a madrugada de segunda-feira no Restaurante Privé, onde conversei com vários colegas".

A mãe

No meio da entrevista, a mãe de Cláudia Lessin, D Maria Rodrigues, chegou no apartamento de Denise, para saber o que estava acontecendo.

"Ela não tem nada com o fato; essa Valéria foi orientada por Michel para contar essa mentira. O cabeleireiro já está preso; por que não agarram esse Michel?" Minha filha sempre foi amiga de Denise e ninguém tem o direito de envolver essa menina com o caso de Cláudia. O pai de Denise morava no mesmo prédio em que eu moro, mas, eles se mudaram e Cláudia se encontrava com ela esporadicamente. Por que querem envolver Denise nesse caso? Ela nada tem a ver com isso".

"A empregada de Michel — Valéria — está querendo incriminar a amiga de minha filha. Michel deve ter dado alguma ordem para ela fazer isso, porque tudo isso não tem sentido nenhum. As investigações estão sendo bem feitas, mas por que Michel Frank não se apresenta à polícia? Tudo está muito confuso e complicado" — disse a mãe de Cláudia Lessin.

O advogado

O advogado Caio Mauro confirmou as palavras de Denise, dizendo que ela estava em sua casa e passou o fim de semana em sua companhia.

"Confirmo as palavras de Denise, porque passamos o sábado e domingo juntos, almoçamos no Country, tomamos banho de piscina e estivemos no Restaurante Privé na madrugada de segunda-feira."

"Nunca fui amigo de Michel Frank; entreguei meu apartamento à Imobiliária Suíça para que esta o alugasse. Isso tem dois anos e meio, mas meu contato com Michel foi mínimo".

O porteiro Geraldo trabalha no prédio das 20h às 6h da manhã, e, segundo Denise Camargo, ele poderá confirmar tudo sobre o caso.

Acusação de crime não prejudica imobiliária

Um dos advogados da Imobiliária Suíça, de propriedade de Michel Albert Frank, informou ontem, que os problemas envolvendo o patrão "em nada afetaram os negócios". Segundo Jorge Bittencourt, a empresa continua sólida e seus empregados acompanhando de perto o caso Cláudia Lessin.

Enquanto isso, o diretor da Delegacia de Polícia Especializada, delegado Valdemar Gomes de Castro, mandou periciar as três fitas recebidas no escritório do empresário Egon Max Frank, pai de Michel. As fitas, além de outros documentos, se referem a tentativas de extorsão, estando envolvida uma empresa jornalística do Rio de Janeiro, segundo denunciou o industrial.

Médico vai depor sobre menor morto

Londrina — Sem especificar a data, nem justificar a medida, o 2º distrito da 10a. Subdivisão Policial desta cidade resolveu transferir para a próxima semana os depoimentos dos médicos do INPS que diagnosticaram pneumonia e emitiram a guia de internamento de Marcelo Araújo dos Santos, de quatro meses, que morreu em consequência de omissão de atendimento médico praticado pelo Instituto de Medicina e Cirurgia local.

Os médicos do INPS são Vander de Carvalho e Nilo Baccelar, mas também será ouvido Luiz Jacob, auxiliar de secretaria do IMC. A polícia investiga, ainda, a acusação feita pelo pai da criança, José Xavier dos Santos, contra o médico Dilson Maciel Yallana, que teria recusado o atendimento sob alegação de que o menor, por estar com varíola, colocava em risco outras 22 crianças do hospital, que não possui isolamento. O diagnóstico do médico do IMC contraria o dos médicos do INPS.

O médico Nilson Maciel Yallana está envolvido num outro caso semelhante ocorrido nesta cidade em 1975. O seu requerimento policial tramita na 2a vara criminal e refere-se à morte de Odair Bittencourt, de 2 anos e meio, que havia sido internado pelo pai, Adanildo Bittencourt, na Santa Casa, depois de ser examinado pelo Dr Dilson Yallana, que receitara remédios para intoxicação. O garoto morreu de pneumonia e seu pai, no dia 22 de outubro, invadiu o Pronto Socorro de propriedade do médico, disparando um revólver e ferindo o médico no peito e na perna e atingindo sua esposa, Teresinha Yallana, na clavícula.

Deportação de libanês é revista

Brasília — O libanês Ahmad Hussein Salha, que se encontra preso em São Paulo, desde o dia 23 de maio último, ficará em liberdade vigiada até que seja examinado seu recurso contra decisão do TFR, que lhe negou um pedido de habeas-corpus, segundo decidiu ontem o Supremo Tribunal Federal. Salha tem contra si um decreto de deportação do país, determinado pelo Ministro Armando Falcão.

A deportação foi sustada por um despacho cautelar proferido pelo Ministro do STF, Sr Leitão da Cunha, nos primeiros dias de julho, durante o período de recesso, quando era o único Ministro daquela Corte presente em Brasília. O libanês é acusado de falsidade ideológica ao efetuar o registro de um filho e argumenta que não pode ser deportado por ser pai de criança brasileira. A 5a. Vara Criminal de São Paulo, ao apreciar denúncia igual, concluiu pela inexistência de fraude na obtenção da certidão de nascimento do filho de Salha.

Júri absolve criminosos sob pressão

Belo Horizonte — O Tribunal do Júri de Capelinha, no Vale do Rio Doce, absolveu os assassinos do ex-candidato a Deputado Estadual pela Arena, Vander Campos, morto dia 7 de outubro de 1974 em Água Boa. O Ministério Público, no entanto, apelou da sentença, sobrevindo comentários de que "pressões e influências políticas" teriam influído no resultado do julgamento."

No caso de um novo júri será pedido o desaforamento do processo para a Capital, informou o assistente de acusação Rogério Augusto de Souza. Vander foi assassinado com 13 tiros por Alírio Nunes Leite, próspero fazendeiro cuja família possui mais de 10 fazendas, e cumplicidade com um conhecido de alcunha **Zé Pretinho.**

Alírio já matou três pessoas e tentou matar outra além de Vander Campos, segundo o advogado Rogério Souza. O julgamento, iniciado às 8 horas de quarta-feira e terminado na madrugada de quinta, despertou as atenções em Capelinha, dada a influência que os Nunes têm na região.

Lembretes para a reunião de hoje

1.º Páreo:
Raine volta à sua verdadeira turma. Está em forma.
Ustica ganhou facilmente em páreo mais fraco.
Tuiubrás tem progredido de corrida para corrida.
Spaceman está melhorando aos poucos.

2 Páreo:
Gay Ballad é o puro retrospecto do páreo.
Happy Eagle volta para turma bem fraca.
Dá Fama vinha correndo pouco em Campos.
Al Balet nunca mais confirmou a estréia.

3 Páreo
Argali tem corrido sempre bem.
Lord Richard está de volta à raia de grama, onde corre muito.
Não valeu a última corrida de **Zamorim.**

4º Páreo:
Massi Nina parece correr mais na grama.
Corista, apesar de muito corrida, segue em forma.
Fitipalda vem sempre dando boa impressão.
Pretty volta para turma fraca. Corre muito na grama.

5º Páreo:
Quermes tem boa campanha no Sul.
Tom Tom vai corre sob a responsabilidade de Alberto Nahid.
Just Out corre bem na grama. A distancia é contrária.

6º Páreo:
Sir Sloop correu bem, apesar de não ter havido muita fé. **Esquivo** estreou com boa corrida. **Vergobret** vem trabalhando sempre bem. **Querfort** foi muito estorvado outro dia. **El Jaguar** tem problemas no partidor.

7º Páreo:
Fradinho volta à milha, onde está mais à vontade. **Ortisei** ganhou e não correu mal depois. O páreo está mais fraco hoje. **Campeão do Morumbi** está chegando perto. Ganha logo.

8º Páreo:
Emigrette vem de duas vitórias seguidas. Está em ótima forma. **Kubiléa** vem de dois segundos lugares consecutivos. **Snow Yam** corre pela primeira vez aos cuidados de Alberto Nahid.

9º Páreo:
Ki-Vontade vem chegando sempre perto das primeiras. O páreo está, aparentemente, mais fraco. **Lembrada** agradou na estréia. **Lesson** confirmou, em parte, sua forma. **Isa Cordobesa** tem problema de aprumos. **African Star** ganhou duas corridas em Campos. Pesa 350 quilos e tem fama de ligeira.

RETROSPECTO

1.º páreo — Tuiubrás — La Fonteyn — Spaeman
2.º páreo — Happy Eagle — Gay Ballad — Al Balet
3.º páreo — Terence — Marquetoni — Argali
4.º páreo — Pretty — Corista — Massi Nina
5.º páreo — Quermes — Dumehal — Raro
6.º páreo — Querfort — Vosges — Adival
7.º páreo — Ortisei — Fradinho — Campeão do Morumbi
8.º páreo — Emigrette — Cânovas — Kubiléa
9.º páreo — Ki-Vontade — Lembrada — Lesson
10.º páreo — Ehapi — Olvidos — Nítido

AVISOS RELIGIOSOS

EMILIO CABRAL

(FALECIMENTO)

✝ Antonio Carlos Dias, senhora, filhos e genro, Marialice Freire Cabral e Maria Antonieta Freire Cabral, comunicam o falecimento de seu inesquecível pai, sogro e avô EMILIO CABRAL e convidam demais parentes e amigos para seu sepultamento a realizar-se hoje, sábado, dia 17, às 16:30 horas, saindo o féretro da Capela Real Grandeza n.º 3 para o Cemitério de São João Batista.

P

JAYME CAMPOS

(MISSA DE 7.º DIA)

✝ Sua esposa Anna Cândida Gomide Campos, seus filhos Paulo Gomide Campos e Lygia Gomide Campos de Faria, seu genro Marcus Antonius Campos de Faria, sua nora Liane Gomide Campos e seus netos, agradecem as manifestações de pesar pelo seu falecimento e convidam parentes e amigos para a missa de 7.º dia, que mandam celebrar em sufrágio de sua alma, segunda-feira, dia 19, às 19:30 horas, na Igreja da Divina Providência, Rua Lopes Quintas, 274, Jardim Botânico.

JOSÉ TORQUATO PRAXEDES PESSOA

(1 ANO)

✝ Carlota Saboia Pessoa, filhos, parentes e amigos, convidam para missa de ano de falecimento do saudoso JOSÉ TORQUATO PRAXEDES PESSOA, a se realizar dia 19 do corrente, às 17hs. na Igreja São José, situada na Rua 1.º de Março.

ROBSON REIS BUSTAMANTE

(MISSA DE 7.º DIA)

✝ A família de ROBSON REIS BUSTAMANTE agradece as manifestações de pesar recebidas por ocasião do seu falecimento e convida para a missa de 7.º dia que manda celebrar em sufrágio de sua boníssima alma dia 18, domingo, às 18:00 hs., na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, à Rua Carolina Santos, 143, Méier — RJ.

CÂNTER

• **Será disputado na noturna de quinta-feira o clássico Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em 2 mil 100 metros, pista de areia, que reúne os seguintes competidores:**

1—1	**Xaimel**	1	61
2	**Horoblov**	7	59
3	**Rei Negro**	10	61
2—4	**Esteemery**	5	61
5	**Uhlan**	9	61
6	**Cuca**	2	61
3—7	**Porto Rico**	6	61
8	**Xengo**	3	61
9	**El Djem**	11	61
4-10	**Ninsky**	4	61
11	**Noscado**	8	61
"	**Single Cry**	12	59

• Tucunaré, vencedor do Grande Prêmio Estado do Rio de Janeiro, primeira prova da Tríplice, que foi afastado dos treinamentos depois de ser **runner-up** de seu companheiro de farda, Toreador, no Grande Prêmio Taça de Ouro, por problemas nos locomotores, galopou largo na raia grande, ontem pela manhã, sob a direção de Adib Pinheiro, tendo marcado 39s para a reta de chegada, sem preocupação de tempo. O filho de Felício retornou da raia pisando normalmente.

• **Saltel, defensor do Stud Pluma, que fracassou em sua última apresentação, teve fortes dores de canela, tendo levado pontas de fogo.**

• Harlington, defensor do mesmo Stud nas pistas, foi vendido para um fazenda na estrada Rio—Bahia, onde servirá na reprodução de cavalos mestiços.

• **Balder, que cumpriu campanha no Hipódromo da Gávea, sem conseguir vitória, foi vendido para o turfe goiano, onde prosseguirá em corrida.**

• O clássico **Boleador**, preparando-se para reaparecer, provavelmente em prova preparatória para o clássico Doutor Frontin, trabalhou a distancia de 2 mil 400 metros, na manhã de ontem, sob a direção do chileno Carlos Amestelly, marcando 2m46s cravados, saindo com velocidade acima do normal, para terminar, naturalmente, cansado. O tordilho marcou 2m17s 3/5 para a primeira volta fechada e 2m22s 1/5 para a última, arrematando em 15s 3/5, apurado.

• **O Haras anuncia o nascimento de seus primeiros produtos. Três potrancas, todas filhas do garanhão L'Express, nas éguas Vilaroca, Quanuzia e Maré Mansa.**

• Serra Azul, que conseguiu três vitórias no Hipódromo Brasileiro, todas aos cuidados do veterano Cláudio Rosa, foi vendido para Pernambuco, onde prosseguirá campanha.

• **A égua Top Speed, que caiu logo após o apronto não sofreu dano sério, mas é provável que o bridão Jorge Ricardo não atue hoje.**

• Jurueca, pertecente ao Stud Lulu, aos cuidados de Hélio Cunha, será embarcada para Campos, onde ficará sob a responsabilidade do líder das estatísticas Querildo Peres.

• **O Haras Santa Ana do Rio Grande desembarcou na Gávea, na noite de ontem, os cinco produtos de dois anos, tendo ficado três aos cuidados de Claudemiro Pereira e dois com Mariano Sales. Destes novos corredores, três são filhos do americano Crying to Run.**

• O trato no Hipódromo da Gávea sofrerá um aumento este mês, passando de Cr$ 2 mil 429 para Cr$ 2 mil 481, aumentando, portanto, Cr$ 52. O motivo alegado é o novo preço cobrado pela Cooperativa para a alfafa e a aveia.

• **O alazão Saint Clair, que fracassou na noturna de anteontem, quando era franco favorito, foi alcançado no tendão na altura da entrada da variante, não sendo, segundo o treinador Jorge Darci Moreira, nada de muito sério. O defensor do Stud Mondesir poderá reaparecer em, aproximadamente, 40 dias.**

Terence, treinado por Ernani de Freitas, é um dos bons nomes da reunião

Terence e Marquetoni decidem melhor páreo de hoje na Gávea

PRIMEIRO PAREO — AS 14H — 1 300 METROS — RECORDE — CAROATA — 1m15s 3/5 — (GRAMA)

1—1	Raine, J. M. Silva	5	54	5º (7) Rei Negro e Uirari (CP)	1 600	NL	1'42''2	F. P. Lavor
2	Ustica, E. B. Queiroz	1	52	1º (9) Kubiléa e Favela II	1 300	NP	1'23''1	F. Abreu
2—3	La Fonteyn, E. R. Ferr.	2	56	5º (7) El Djem e Cuca	1 600	NL	1'42''1	S. Morales
"	Tuiubras, G. Alves	6	52	3º (6) Lord Breck e Ehapi	1 300	NP	1'22''3	S. Morales
3—4	Estratégico, U. Meireles	3	58	4º (7) Belenense e Ragtime	1 300	NL	1'22''	A. Orciuoli
5	Diva Mulata, F. Esteves	7	55	1º (8) Bangladesh e Emernaite	1 000	NP	1'02''3	J. L. Pedrosa
4—6	Swing, J. Ricardo	4	53	1º (10) Fastnet Rock e R. Link	1 600	GM	1'37''1	E. Freitas
"	Spaceman, G. Meneses	8	56	7º (8) Estênico e Dascale	1 600	NP	1'44''	E. Freitas

SEGUNDO PAREO — AS 14H30M — 1 000 METROS — RECORDE — SWEET SPY — 1m00s — (AREIA)
— DUPLA EXATA —

1—1	Gay Ballad, C. Valgas	10	57	2º (10) Red Swallow e H. Eagle	1 000	NP	1'02''2	R. Carrapito
2	Torania, W. Gonçalves	7	55	4º (13) Dream Dream e Pitaná	1 300	GL	1'18''3	P. Morgado
2—3	Happy Eagle, J. M. Silva	4	53	3º (10) Red Swallow e Gay Bal.	1 000	NP	1'02''2	G. Morgado
4	Dá Fama, J. Mendes	2	55	6º (7) Cerro Lopes e Filaço (CP)	1 100	NL	1'07''4	W. Penelas
5	Winnie, J. Ricardo	9	57	8º (10) Red Swallow e Gay Bal.	1 000	NP	1'02''2	A. Araújo
3—6	Dulcia, E. Ferreira	8	55	5º (11) Daluar e Ly	1 000	NM	1'03''1	W. P. Lavor
7	Jalapina, J. F. Fraga	6	55	5º (8) Rykiel e Altíssima	1 200	NL	1'15''4	E. Quintanilha
8	Baroista, J. Esteves	3	53	10º (10) Red Swallow e Gay Bal.	1 000	NP	1'02''2	J. S. Silva
4—9	Al Balet, G. Meneses	1	56	5º (11) Galanteria e Cavod	1 300	NP	1'22''4	L. Acuña
10	Dalidade, J. Pinto	11	55	7º (11) Urdela e Romilly	1 000	AP	1'03''3	Z. D. Guedes
11	Demarcation, R. Freire	5	55	11º (11) Urdela e Romilly	1 000	AP	1'03''3	S. d'Amore

TERCEIRO PAREO — AS 15H — 1 500 METROS — RECORDE — STICK POKER — 1m29s — (GRAMA)

1—1	Argali, P. Alves	10	56	2º (6) Aniella e Tizzana	1 300	GL	1'18''3	Z. D. Guedes
2	Postmaster, G. Alves	5	57	5º (8) Thasos e Demagogo	1 600	GL	1'35''	W. Aliano
2—3	Lord Richard, R. Freire	3	53	6º (10) Rajo e Mexican Boy	1 600	NL	1'43''	A. Vieira
4	Old Fellow, J. Ricardo	6	57	6º (7) Hipo e Terence	1 400	AP	1'29''1	R. Ribeiro
3—5	Terence, J. M. Silva	7	56	2º (7) Hipo e Rictus	1 400	AP	1'29''1	E. Freitas
"	Titere, G. Meneses	4	56	4º (7) Hipo e Terence	1 400	AP	1'29''1	E. Freitas
6	Zamorim, E. R. Ferreira	9	53	11º (13) Dardillon e Lord Richard	1 400	GL	1'24''	E. P. Coutinho
4—7	Dardillon, J. Escobar	2	57	5º (7) Hipo e Terence	1 400	AP	1'29''1	A. Morales
8	Marquetoni, F. Esteves	8	56	7º (7) Demi-Tour e Juanero	2 000	GP	2'07''4	A. Paim Fº
9	Tenteré, F. Lemos	1	53	11º (11) Ok e Zuarte	1 500	AP	1'36''1	G. Feijó

QUARTO PAREO — AS 15H30M — 1 300 METROS — RECORDE — CAROATA — 1m15s 4/5 — (GRAMA)
— INÍCIO DO CONCURSO —

1—1	Massi Nina, G. F. Almeida	12	57	3º (8) Benesse e Lelé da Cuca	1 500	AP	1'37''4	E. P. Coutinho
"	Delia, J. Malta	6	57	7º (10) Chinela e Kaúnas	1 100	NU	1'11''	E. P. Coutinho
2	Uanambé, J. Esteves	9	57	6º (7) Kalidosa e Corista	1 500	GM	1'34''1	C. I. P. Nunes
2—3	Corista, A. Oliveira	7	58	2º (8) Jaceira e Tauiva	1 300	NL	1'24''3	C. Rosa
4	Canduce, M. Peres	3	57	8º (10) Ebigrette e Massi-Nina	1 300	NL	1'23''4	S. M. Almeida
5	Mikry, J. Mendes	11	57	9º (10) Chinela e Kaúnas	1 100	NU	1'11''	O. M. Fernandes
3—6	Fitipalda, G. Tozzi	5	58	3º (7) Kalidosa e Corista	1 500	GM	1'34''1	S. d'Amore
7	Ilustra, J. Ricardo	1	57	4º (7) Qualificação e Kaúnas	1 200	NP	1'15''4	J. Borioni
8	Gravada, P. Vignolas	10	58	8º (10) Chinela e Kaúnas	1 100	NU	1'11''	H. Cunha
4—9	Pretty Molly, J. F. Fraga	4	58	3º (10) Chinela e Kaúnas	1 100	NU	1'11''	C. Ribeiro
10	Pretty, J. M. Silva	2	58	9º (11) Garbosa II e Encandilla	1 400	GL	1'24''4	A. Nahid
11	Abadevina, R. Marques	8	57	12º (12) Tarsina e Emigrette	1 000	NL	1'03''1	W. G. Oliveira

QUINTO PAREO — AS 16H — 1 000 METROS — RECORDE — DON FABIAN — CLEAR SUN — 56s 3/5 — (GRAMA)

1—1	Raro, J. F. Fraga	1	57	3º (9) Tailucho e Tartignol	1 000	NP	1'02''	W. Pioto
2	Quermes, W. Gonçalves	7	57	9º (10) Halfand Half (RS)	1 200	AL	1'13''1	N. P. Gomes
2—3	Tartignol, M. Carvalho	9	57	2º (9) Tailucho e Raro	1 000	NP	1'02''	C. Morgado
4	Tom Tom, J. M. Silva	6	57	8º (9) Faturador e Snow Tail	1 000	NL	1'01''3	A. Ricardo
3—5	Dumehal, G. Meneses	5	57	5º (9) Tailucho e Tartignol	1 000	NP	1'02''	R. Tripodi
6	Laço Forte, E. Ferreira	3	57	8º (9) Tailucho e Tartignol	1 000	NP	1'02''	J. D. Moreira
7	Daphnis, G. Alves	10	57	12º (13) Lil Abner e Feno	1 200	NL	1'15''3	W. Aliano
4—8	Just Out, F. Esteves	2	57	8º (13) Dardillon e Lord Richard	1 400	GL	1'24''	M. Mendes
9	Herodes, G. F. Almeida	4	57	1º (9) Gang Forward e Rayolon	1 000	NP	1'03''1	G. Feijó
10	Juraim, C. Valgas	8	57	13º (13) Lil Abner e Feno	1 200	NL	1'15''3	A. Vieira

SEXTO PAREO — AS 16H30M — 1 300 METROS — RECORDE — YARD — 1m18s 3/5 — (AREIA)
— DUPLA EXATA —

1—1	Vosges, G. Meneses	6	56	4º (13) Sail e Open	1 300	AP	1'23''3	E. Freitas
2	Bojardo, E. B. Queiroz	5	56	Estreante		Estreante		Exp. Coutinho
3	Adival, F. Esteves	7	56	Estreante		Estreante		E. P. Coutinho
2—4	Sir Sloop, J. Ricardo	12	56	2º (10) Penitown e Lucchini	1 400	AL	1'29''3	S. Morales
5	Ingram, G. F. Almeida	4	56	Estreante		Estreante		G. Feijó
6	Esquivo, J. Malta	7	56	3º (6) Open e Kama Sutra	1 000	NL	1'02''1	J. T. Ferrão
3—7	Vergobret, R. Freire	2	56	4º (9) Fobrasa e Open	1 300	AM	1'22''2	A. Paim Fº
8	Salmo, J. F. Fraga	11	56	Estreante		Estreante		W. Pioto
9	Cordoniz, J. M. Silva	13	56	7º (9) Czar Nicolai e Quibdó	1 300	NP	1'21''4	F. P. Lavor
"	Cerro Alto, J. Machado	8	56	3º (7) Esquivo e Psicóloga (CP)	1 100	NL	1'10''	F. P. Lavor
4-10	Querfort, G. Alves	3	56	11º (13) Big Skiddy e Ford Wild	1 000	GM	59''2	W. Aliano
11	Export, P. Alves	9	56	5º (8) Zucaryl e Quibdó	1 300	AL	1'22''4	P. Morgado
"	Lord Rodrigues, P. Teixei.	14	56	Estreante		Estreante		P. Morgado
12	El Jaguar, A. Ramos	10	56	7º (8) Purucotó e Quelfort	1 000	GL	59''4	S. P. Gomes

SETIMO PAREO — AS 17H — 1 600 METROS — RECORDE — FARINELLI — 1m37s 2/5 — (AREIA)

1—1	Fradinho, A. Ramos	7	56	3º (10) Cassius e Zolino	1 300	NM	1'24''	J. A. Limeira
2	Moderno, D. Neto	2	56	11º (16) Serra Azul e Fradinho	1 600	NL	1'45''1	S. M. Almeida
2—3	Ortisei, J. M. Silva	5	58	5º (16) Serra Azul e Fradinho	1 600	NL	1'45''1	F. P. Lavor
4	Opol, J. Mendes	6	56	15º (16) Serra Azul e Fradinho	1 600	NL	1'45''1	P. Duranti
5	Vendome, H. Cunha	9	54	6º (8) Jaceira e Corista	1 300	NL	1'24''3	A. Paim Fº
3—6	Zoliano, L. Maia	8	58	2º (10) Cassius e Fradinho	1 300	NM	1'24''	M. Canejo
7	Mister Titi, J. Ricardo	1	57	5º (9) Camarote e Telúrico	1 600	AP	1'44''4	A. Ricardo
8	Rivaldo, R. Freire	3	56	10º (16) Serra Azul e Fradinho	1 600	NL	1'45''1	S. d'Amore
4—9	Zorano, D. Guignoni	11	55	9º (16) Serra Azul e Fradinho	1 600	NL	1'45''1	J. M. Aragão
10	Camp. do Mor., G. F. Alm.	10	55	5º (10) Cassius e Zoliano	1 300	NM	1'24''	C. I. P. Nunes
"	Cordol, J. Esteves	4	57	13º (16) Serra Azul e Fradinho	1 600	NL	1'45''1	C. I. P. Nunes

OITAVO PAREO — AS 17H30M — 1 300 METROS — RECORDE — YARD — 1'18'' 3/5 — (AREIA)

1—1	Emigrette, J. Ricardo	9	58	1º (8) Tarsina e Sabica	1 100	NL	1'10''3	A. Araújo
2	Samariquinha, J. Mendes	7	57	4º (10) Favela II e Talomina	1 300	NL	1'22''4	O. M. Fernandes
2—3	Kubiléa, G. F. Almeida	5	57	2º (7) Talomina e Canovas	1 300	NP	1'23''4	M. Mendes
4	Peléia, J. Queiroz	3	56	4º (7) Talomina e Kubiléa	1 300	NP	1'23''4	P. Morgado
3—5	Ubbia, J. M. Silva	4	57	4º (8) Lucrina e Confiture	1 000	AM	1'03''	A. V. Neves
6	Berlinda, U. Meireles	1	57	1º (6) Tilly e Tarsina	1 600	AL	1'43''2	A. Orciuoli
4—7	Canovas, P. Alves	8	58	3º (7) Talomina e Kubiléa	1 300	NP	1'23''4	Z. D. Guedes
8	Snow Yam, A. Ramos	6	57	6º (7) Talomina e Kubiléa	1 300	NP	1'23''4	A. Nahid
9	Derpéa, E. B. Queiroz	2	56	11º (12) Remanso e Flic	1 000	NP	1'03''1	E. Cardoso

NONO PAREO — AS 18H — 1 000 METROS — RECORDE — SWEET SPY — 1m00s — (AREIA)
— PROVA ESPECIAL DE LEILÃO —

1—1	Kivontade, J. M. Silva	5	56	3º (8) Bogum e Fascia	1 000	AP	1'04''1	J. E. Souza
2	Bold Faced, G. Meneses	4	56	Estreante		Estreante		E. Morgado Neto
2—3	Lembrada, F. Esteves	3	56	4º (9) Queen's Light e Snow B.	1 000	GL	59''1	A. Paim Fº
4	Seiva, J. Machado	10	56	6º (9) Queen's Light e Snow B.	1 000	GL	59''1	I. C. Borioni
3—5	Lesson, E. B. Queiroz	9	56	5º (14) Marituba e Green Flower	1 000	NM	1'03''4	Exp. Coutinho
6	Gay Melody, G. Alves	1	56	8º (11) Vainess e Vanette	1 300	NP	1'24''1	S. M. Almeida
7	Ensuite, excluído	8	56	Estreante		Estreante		G. Morgado
4—8	Isa Cordesa, G. F. Almeida	7	56	Estreante		Estreante		A. Morales
9	Villa Royale, U. Meireles	6	56	Estreante		Estreante		A. Morales
10	African Star, J. Ricardo	6	56	1º (8) Charminho e H. Winner	1 200	NP	1'17''4	R. Tripodi

DECIMO PAREO — AS 18H30M — 1 300 METROS — RECORDE — YARD — 1m18s 3/5 — (AREIA)
— DUPLA EXATA —

1—1	Indomado, G. Alves	8	57	1º (10) El Galant e Roy Sol	1 300	GL	1'18''2	A. P. Silva
2	Ehapi, A. Ramos	4	57	2º (6) Lord Black e Tuiubrás	1 300	NP	1'22''3	N. P. Gomes
2—3	Ildefonso, J. Pinto	7	57	1º (13) Chisum e El Galant	1 300	NL	1'22''1	Z. D. Guedes
4	Ducan Gray, J. Esteves	9	57	4º (8) Fun Fair e Ximando	1 300	NP	1'23''1	C. Morgado
3—5	Usurpateur, E. R. Ferreira	5	56	7º (8) Fun Fair e Ximando	1 300	NP	1'23''1	A. Vª Neves
6	Suntime, G. Meneses	1	57	6º (8) Fun Fair e Ximando	1 300	NP	1'23''1	E. Freitas
7	Olvidos, J. Machado	6	57	1º (12) Alpestre e Iamar	1 300	NP	1'23''2	E. Cardoso
4—8	Nitido, G. F. Almeida	2	56	2º (8) Underson e Damião	1 000	NP	1'03''	G. Feijó
9	Goody, E. Ferreira	10	57	4º (8) Difícil e Arrepio	1 300	NP	1'22''3	W. P. Lavor
10	Urlo, J. M. Silva	3	56	8º (11) Jagra e Goody	1 300	NL	1'22''1	W. Penelas

MAPAS DO TEMPO

Transmitida pelo satélite meteorológico NOOA-4 e recebida entre 10h32m e 12h29m as partes claras indicam formação de nuvens que podem provocar chuvas e as partes escuras tempo bom. A deformação do mapa do Brasil é causada pela esfericidade da Terra e pela altitude em que foi tomada a fotografia (1 444 km). A estação receptora pertence ao Instituto de Pesquisas Espaciais, órgão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

ANÁLISE SINÓTICA DO MAPA DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE METEOROLOGIA INTERPRETADA PELO JB — Anticiclone polar com centro de 1026 milibares, a 37º Sul e 67º Oeste. Anticiclone sub-tropical com centro de 1024 milibares, localizado a aproximadamente 20º Sul e 25º Oeste. Frente fria localizada no litoral do Estado de Santa Catarina ondulando no interior, atingindo a parte Norte e Centro do Estado do Rio Grande do Sul, com fraca atividade, deslocando-se com relativa rapidez, já atingindo o litoral Sul do Estado de São Paulo.

NO RIO

Tempo bom com nebulosidade variável, ocasionalmente nublado, sujeito à instabilidade no decorrer do período. Temperatura estável, declinando após. Máximas 34.9 (Bangu). Mínima: 18.4 (Alto da Boa Vista).
Máx.: 28.0. Mín.: 22.0.

TEMPERATURA E O TEMPO NOS ESTADOS

Rio G. do Norte, Sergipe e Bahia — Tempo bom a ocasionalmente nublado, instabilidade passageira no período no litoral. Temp.: estável.
Paraíba e Pernambuco — Tempo nublado com pancadas ocasionais no litoral, nas demais regiões bom a ocasionalmente nublado no litoral, nas demais regiões bom a ocasionalmente nublado. Temp.: estável. Máx.: 27.8. Mín.: 21.9.
Goiás, Distrito Federal — Tempo bom com nebulosidade. Névoa seca. Temp.: estável. Máx.: 34.8. Mín.: 17.2.
Minas Gerais — Tempo bom com nebulosidade variável. Temp.: estável. Máx.: 27.8. Mín.: 15.4
São Paulo — Tempo bom c/ nebulosidade, passando a nublado podendo instabilizar-se no decorrer do período a partir do Sul e Oeste do Estado. Temp.: em ligeiro declínio. Máx.: 24.5. Mín.: 13.8.
Paraná e Santa Catarina — Tempo nublado sujeito a pancadas esporádicas, principalmente no centro e litoral dos Estados. Temp.: estável. Máx.: 24.3. Mín.: 15.4.
R. Gde. do Sul — Tempo nublado ainda sujeito a instabilidade, com pancadas principalmente no Norte e litoral Norte, melhorando no decorrer do período a partir do Sul. Temp.: em ligeira elevação. Máx.: 22.5. Mín.: 19.1.

O SOL

Nascer	5h48m
Ocaso	17h48m

A LUA

NOVA

De 10 a 19 de setembro.

A CHUVA

Chuva (em mm), recolhida no posto do Aterro do Flamengo, do Departamento Nacional de Meteorologia, Cidade do Rio de Janeiro:

Últimas 24 horas	0.0
Acumulada este mês	26.9
Normal mensal	53.2
Acumulada este ano	629.0
Normal anual	1.075.8

OS VENTOS

Oeste, rondando para Sudoeste, fracos a moderados, com rajadas ocasionais

O MAR

MARES

Rio-Niterói — Preamar: 5h 31m/1,2m e 17h18m/1,0m Baixa-mar: 13h/0,6m. **Cabo Frio** — Preamar: 4h41m/1,2m e 16h24m/1,1m. Baixa-mar: 11h29m/0,5m e 23h37m/0,4m. **Angra dos Reis** — Preamar: 3h 37m/1,3m e 15h49m/1,1m. Baixa-mar: 12h17m/0,4m.

TEMPERATURAS

Dentro da baía	18º
Fora da barra	17º

TEMPO NO MUNDO

Temperaturas máximas de ontem e previsão do tempo para hoje, nas cidades seguintes: Amsterdã, 16, nublado — Bogotá, 17, nublado — Bruxelas, 19, bom — Buenos Aires, 16, sol — Caracas, 29, variável — Chicago, 18, nublado — Copenhague, 13, sol — Estocolmo, 10, nublado — Frankfurt, 18, nublado — Genebra, 19, neblinoso — Helsinqui, 7, nublado — Johannesburgo, 30, sol — Lisboa, 32, bom — Londres, 16, sol — Los Angeles, 23, nublado — Madri, 30, bom — Manila, 29, chuvoso — México, 24, nublado — Miami, 30, nublado — Montreal, 17, nublado — Moscou, 7, chuvoso — Nova Iorque, 22, nublado — Oslo, 14, bom — Paris, 22, nublado — Roma, 22, bom — São Francisco, 17, chuvoso — Teerã, 32, bom — Tel Aviv, 29, bom — Tóquio, 24, bom — Toronto, 17, nublado.

Brasil com poucas chances enfrenta URSS

Sonho de Paulinho acabou na derrota

Maria Helena Araujo

"Ser campeão mundial de vôlei representaria tudo para mim, mas o sonho acabou e não tenho nem condições de descrever o que estou sentindo. Nós estamos juntos, em família, há nove meses e só tínhamos um objetivo: conquistar o título mundial".

O desabafo é de Paulo Avelino Filho, o Paulinho, capitão da Seleção Brasileira Juvenil de Vôlei que, ao final do jogo com a China, quando os rapazes sofreram a primeira derrota, que praticamente os afastou do título, mostrava-se muito abatido, como revelara seu choro convulsivo. Para chegar à condição de melhor jogador do Brasil — segundo técnicos e análises de computadores — ele passou por uma série de dificuldades que só seu talento conseguiu superar. Isso, pelo menos, apesar de toda desolação, ele não esqueceu.

Paulinho, amazonense de 20 anos, foi descoberto como grande revelação do vôlei no Norte em 1970, então com 13 anos. Jogava no time do Nacional Futebol Clube, sob a orientação do técnico Taeis Versosa, que recentemente classificou-se em primeiro lugar no curso de técnicos de vôlei. Lá ele se sobressaiu e o treinador não deixou seu entusiasmo acabar, levando-o para o Rio Negro, onde está até hoje.

O Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de 1975 teve um valor muito grande para ele, pois foi nessa época que o técnico Jorge Bittencourt pôde observá-lo melhor, para então convocá-lo para a Seleção Brasileira que disputou o Torneio Internacional no Rio. Nessa época, Paulinho já estava classificado entre os 12 melhores jogadores do país e a convocação para o Campeonato Sul-Americano não foi surpresa.

O tricampeonato sul-americano representou para ele um grande passo para se fixar definitivamente na Seleção Juvenil, que a partir de janeiro deste ano passou a viver em regime de concentração.

"No início foi meio difícil, pois tive que me transferir para o curso de Educação Física da UERJ e me afastar por longo tempo da Heloísa, minha mulher, e também de minha filha, Érica, agora com três meses. No início, Heloísa ainda passou um bom tempo no Rio comigo, mas depois o regime de concentração aumentou e não dava mais para ela ficar. Também foi muito difícil embarcar para uma excursão no dia em que Érica nasceu.

De início eu ficava rezando para os dias passarem depressa, mas agora que o fim do Campeonato Mundial está próximo e com ele toda essa convivência, sinto pena e, por antecipação, já tenho saudades dos amigos e da vida que vinha levando".

O regime de treinamento da Seleção também contribuiu muito para que Paulinho passasse a ser um dos elementos fundamentais da equipe. Antes de sair de Manaus, era muito franzino e não tinha a potente cortada de agora. Isso ele conseguiu em nove meses de trabalho de peso e treinos diários. Em vários amistosos, Jorge Bittencourt experimentou dar a responsabilidade de capitão do time a cada um dos jogadores e Paulinho foi o aprovado para ocupar o cargo, não só por ser o único casado, mas pela confiança que transmite os demais.

Do modesto time do Nacional Futebol Clube à consagração no Maracanãzinho, como jogador de maior proveito da fase semifinal e final, Paulinho passou por altos e baixos, mas tem consciência de que hoje é um dos maiores jogadores de vôlei do Brasil.

"O presidente da Federação de Vôlei de Manaus chegou para assistir às finais e me disse que lá na minha terra eu já estou famoso. Também ligo para a minha família assim que acaba um jogo e todos me dizem que estou muito bem. Mas só o atleta do Norte ou Nordeste pode sentir a dificuldade para se auto-afirmar em São Paulo ou no Rio. Isso pelo menos eu consegui" — diz ele, dirigindo-se para o quarto do hotel, onde fará a sua costumeira concentração individual.

Aos 20 anos, Paulinho é o capitão do time e grata revelação no vôlei

Depois de disputarem 24 partidas — oito cada uma — as Seleções do Brasil, União Soviética e China vão esta noite ao Maracanãzinho com possibilidades de conquistarem o título masculino do I Campeonato Mundial de Vôlei Juvenil. Por culpa de uma tabela confusa (adjetivo que vale também para a categoria feminina) e de um regulamento pouco explícito — que os próprios dirigentes brasileiros não sabem decifrar — as equipes do Brasil e da China irão à quadra preocupadas não só em vencer suas partidas como, igualmente, em evitar que os adversários marquem muitos pontos.

A União Soviética, que enfrenta o Brasil às 21h30m, é a favorita. Além de lhe bastar uma vitória sobre o Brasil (por qualquer contagem), é a equipe que demonstrou maior categoria em todo o campeonato: está invicta e não perdeu sequer um set. As chances do Brasil são remotas, pois tem de vencer a União Soviética por 3 a 0 (o que por si só já seria uma façanha), evitar que o adversário marque muitos pontos e, na preliminar, torcer para que a China perca para o México. A situação da China não é melhor do que a do Brasil: enfrentará o adversário mais fraco da fase final, o México, às 20 horas, mas terá que torcer para que o Brasil vença a União Soviética por 3 a 0 e por larga diferença de pontos.

CAMPEÃ

A equipe feminina da Coréia do Sul conquistou o título de campeã mundial de vôlei juvenil, ao derrotar a forte equipe do Japão, por 3 a 0, com parciais de 15/4, 15/10 e 15/3, causando uma certa surpresa, já que as favoritas eram Japão e China, pela ordem. O principal destaque da equipe coreana voltou a ser a levantadora Kim Hzi, considerada logo no início do campeonato, a melhor jogadora deste mundial.

Com a vitória sobre a Seleção Brasileira feminina, no segundo jogo da noite, no ginásio do Ibirapuera, a China ficou com o vice-campeonato. Para chegarem aos 3 a 0, com parciais de 15/5, 15/5 e 15/9, não tiveram dificuldades, já que as brasileiras não ofereciam resistência e falharam seguidamente no bloqueio de meio de quadra. O Japão, a princípio considerado favorito para o título junto com a China, acabou ficando em terceiro lugar, enquanto o Brasil classificou-se em quarto, resultado bom, levando-se em conta o nível mais elevado das outras equipes.

JOGO FÁCIL

As chinesas não precisaram nem mesmo empregar todas as jogadas de finta que mostraram em outros jogos, pois cortavam das pontas, com violência, o que era suficiente para marcar pontos. Na recepção de meio de quadra, feita ora por Lenice, ora por Isabel, as falhas se sucederam, enquanto no fundo da quadra as brasileiras ainda conseguiram pegar cortadas bem violentas. O quadro chinês, como já era esperado, apresentou-se tranquilo e em algumas jogadas mostrou a garra das jogadoras, que corriam até quase junto das cadeiras do ginásio para buscar uma bola perdida. O bloqueio foi quase que perfeito em toda a partida e a recepção teve pouquíssimas falhas.

ONTEM

Rio
México 3 x 0 Costa Rica (feminino)
15/4, 15/3 e 15/3
Estados Unidos 3 x 0 Canadá (feminino)
15/8, 16/14, 15/7

Belo Horizonte
Argentina 3 x 2 Bolívia (feminino)
15/9, 9/15, 15/11, 8/15, 15/13
União Soviética 3 x 1 Peru (feminino)
15/7, 15/13, 13/15, 15/6
Paraguai 3 x 1 Haiti (masculino)
15/7, 10/15, 15/5, 15/3
Arábia Saudita 3 x 0 Peru (masculino)
15/11, 15/13, 15/13

São Paulo
Coréia 3 x 0 Japão (feminino)
15/4, 15/10 e 15/3
China 3 x 0 Brasil (feminino)
15/5, 15/5 e 15/9

João Saldanha

Brasileiro não é malandro

QUEIMADO com o pênalti que derrotou o Cruzeiro, toquei de leve na malandragem do brasileiro. Aí eu digo como o Adolfo Bloch: "Vocês estão errados. Se meus antepassados fossem malandros não escolheriam o Deserto, pombas! Moisés teria nos levado para a Suíça." E depois acrescentou: "Nós ficamos malandros foi depois de aprender com a miséria". De acordo. Mas eu fui em Tel Aviv para saber como eles ganham dinheiro. De quem?, se um sabe mais do que outro.

Claro que estou brincando. Em Israel, ganham dinheiro porque trabalham muito e existe um grande respeito pelo direito dos outros. Não muito com os palestinos, mas um dia eles vão-se acertar. E' briga em família, pode demorar um pouco, mas vão acabar fazendo um bom negócio. Afinal de contas, a experiência é de mais de 5 mil 500 anos contados. A História não é feita a prazo curto, mas sempre faz justiça. E como.

Isto tudo vem a propósito da tal malandragem brasileira (ainda estou na bronca com o pênalti do Cruzeiro e na do pênalti do garoto em Túnis, no Campeonato Mundial de Juvenis, barbada para nós, simplesmente porque tínhamos o melhor time e, pretendo, com pequeníssima parcela de modesta contribuição, pedir aos brasileiros em geral, que esqueçam que são malandros.

Malandros, por escala histórica (corri o mundo e arrisco palpite), são: em primeiro lugar, os armênios. Não os da Armênia Soviética. Mas, os que se mandaram e cujos nomes terminam em "Am ou Ann ou Djian". Saia de baixo! Ainda bem que não jogam futebol. Em segundo, os gregos internacionais. Os da Grécia propriamente dita são passionais como os italianos, que ainda não perceberam que o Império Romano acabou. Respeito muito ingleses e suecos. São jogo. Mas, atualmente os maiores são os americanos (não jogam nada e quando o Pelé for embora, acaba a onda promocional futebolística para os estrangeiros que moram lá). Americano mesmo, não se liga na nossa. Quando vai ao jogo passa os noventa minutos comendo "cachorro-quente" e outras coisas. Mas o que quero advertir, é que em escala de malandragem, somos da terceira divisão. E se não treinarmos muito entraremos pelo cano. E na derrota, o caos. O pessoal da Sala Cecília Meirelles vai querer opinar (Bem, afinal de contas eles têm direito. Nós opinamos sobre eles, não é?), o Conselho da Magistratura, anulando gols e marcando pênaltis — isto seria muito sério. O Fluminense tem maioria no Conselho da Magistratura, daí, as divergências.

Temos um bom futebol no Brasil. Temos o maior título de todos e isto causa inveja e até ódio em alguns adversários. O primeiro pênalti do jogo do Cruzeiro, o que pegou na trave, a repetição foi por ódio e facciosa. O juiz não gosta de nós. Raul estava do outro lado e se atirou, depois do chute, para fora da linha. Claro! Se se atirasse para dentro, contribuiria para o gol contra. A bola pegou na trave do outro lado. Fomos miseravelmente roubados. Mas não somos malandros. Malandro é o inglês, por exemplo. Do contrário, a Scotland Yard não seria famosa. Como? Só prendendo ladrões de galinha?

SESI deverá manter a liderança na segunda fase do Troféu Brasil

São Paulo — Líder com 88 pontos obtidos na disputa de julho no Maracanã, o Sesi de Santo André, com um elenco de excelentes atletas — entre os quais Maria Luisa Betioli, José Carlos Jacques e Donizete Soares — é o favorito do Troféu Brasil de Atletismo, que será iniciado com provas eliminatórias esta manhã e finais à tarde no Ibirapuera.

O Pinheiros, em segundo lugar na contagem, com 86 pontos, confirmou a pariticipação de João Carlos de Oliveira no salto em distancia. O Vasco, que na última disputa dicou nos últimos lugares, com apenas 45 pontos, hoje e amanhã tem condições de ganhar três das 12 provas do programa.

VASCO OUTRA VEZ

Em julho, no Maracanã, o Vasco, com uma equipe muito forte, era apontado como favorito para o primero lugar, por equipe, mas foi surpreendido pela excelente atuação do Sesi. Agora, segundo o técnico Waldemar Montezano, isso não acontecerá porque o Vasco está reforçado de Rui e Delmo da Silva, ambos em boa forma física e técnica e que na competição de julho não estavam presentes. Além deles, o Vasco conta ainda com Cosme Nascimento e o decatleta Jorge Luís Silva.

O Sesi tem tudo para repetir o título do Maracanã, pois sua equipe continua ainda muito forte, com possibilidade de três vitórias individuais, e grande soma e pontos nas colocações secundárias. As provas que pode ganhar são: salto com vara, com Renato Bortolocci; 100 m Larreiras, com Maria Luisa Betiolli, e disco, com José Carlos Jacques.

Recordes e provas de hoje

Prova	Atleta	Recorde	Clube
Vara	Renato Bortolocci	4,50	Sesi
100m c/bar.	Maria Luísa Betioli	14,5	Sesi
Peso	Angelina Boso	14,17m	Paulista
Distancia	João Carlos Oliveira	7,90	Pinheiros
Disco	José Carlos Jacques	17,20m	Sesi
200m	Rui da Silva	21s0	Vasco
1 mil 500m	José Romão	3m44s4	ADPM
100m	Esmeralda de Jesus	11s7	Cresp
400m	Delmo da Silva	46s0	Vasco
800m	Irenice Rodrigues	2h13s5	Flamengo
110 barreiras	Waldir Barbante	14s5	Pinheiros
100m c/bar.	Carlos Alberto Alves	29m19s8	Vasco

Reynoso vence no hipismo

Com uma segura apresentação, José Reynoso Fernandes venceu ontem a Prova Governador do Estado do Rio de Janeiro, montando *Master John*, em competição realizada na pista da Sociedade Hípica Brasileira, pelo Torneio Sul-América de Hipismo.

Reynoso ficou com zero ponto nas duas passagens e no desempate ao cronômetro, marcou o tempo de 30 segundos e sete décimos, contra os 30 segundos e nove décimos de Alberto Dal Canale Neto, que ficou em segundo lugar, montando *Barbará*.

Vilas completa sobre o australiano Phil Dent a 47.ª vitória seguida

Buenos Aires — O tenista Guilhermo Vilas, campeão de Forest Hills, conseguiu ontem sua 47a. vitória consecutiva ao derrotar Phil Dent por 6/2, 4/6, 7/5 e 6/3, na primeira partida do encontro Argentina x Austrália, válida pela semifinal da Taça Davis de Tênis. No segundo jogo da tarde, no entanto, o argentino Ricardo Cane foi derrotado por John Alexander por 6/3, 6/0 e 6/0, e os dois países têm agora um ponto cada. Hoje será o jogo de duplas e amanhã a etapa final com duas simples. Se a Argentina vencer, enfrenta o campeão de Itália x França.

Em Roma, onde se disputa a outra semifinal da Taça Davis, entre Itália e França, os italianos estão com um ponto de vantagem, porque a segunda partida do dia, entre Corrado Barrazzutti e François Jauffret, foi suspensa por falta de iluminação natural. Anoiteceu quando o jogo ainda não tinha começado o quinto e último set. Na primeira partida, Adriano Panatta derrotou Patrice Domingues por 6/4,4/6, 6/4, 3/6 e 6/3. O jogo interrompido estava empatado: Barrazzutti venceu o primeiro e o quarto sets por 6/4 e 6/1, e Jauffret ganhou o segundo e o terceiro por 6/2 e 6/2.

NO JAPÃO

A vice-campeã de Forest Hills, Wendy Turnbull, da Austrália, passou ontem para as semifinais do Torneio Internacional de Tênis Toray, que se realiza em Tóquio, ao derrotar Terry Holliday, dos Estados Unidos, por 6/3 e 6/4.

Turnbull enfrentará Martina Navratilova, que ontem venceu Mima Jausovec, da Iugoslávia, por 6/3 e 6/4. A campeã de Wimbledon, Virginia Wade, da Inglaterra, derrotou outra inglesa, Michele Tyler por 6/0 e 7/6.

Três cariocas são as favoritas em Curitiba

Curitiba — Três cariocas — Lúcia Regina Silveira, da categoria de 14 anos; Suzana Lima e Cristina Roswadowiski, da categoria até 16 anos — são favoritas do 4º Torneio Sul-América de Tênis Infanto-Juvenil que começa hoje, com jogos nas quadras do Clube Curitibanos. As três lideram a contagem de pontos do ranking brasileiro em suas categorias e têm chance de serem escolhidas para a excursão aos Estados Unidos, América Central e a alguns países da América do Sul, no fim do ano.

Os melhores do circuito Sul-América — que se compõe deste e de outros torneios — estarão automaticamente classificados para o Torneio dos Campeões, em novembro, no Rio, e os vencedores serão então indicados para a excursão ao exterior.

Os favoritos de cada categoria — Masculina — 12 anos: Sérgio Ribeiro (PR) e Fernando Roese (RS); 14 anos: Nélson Aertz (RS) e Carlos Chabalgoity (DF); 16 anos: Marcos Ribeiro (BA) e Colin Scott (SP); 18 anos: Marcos Braga (SP) e Ailton Bortes (DF); Feminina — 12 anos: Giana Guerra e Kátia Vieira (SP); 14 anos: Lúcia Regina Silveira (RJ) e Rute Cleto (SP); 16 anos: Suzana Lima e Cristina Roswadowisk (RJ); e 18 anos: Andréia Meister (RS) e Maria Lúcia Sckwanke (PR).

EUA são líderes da Ryder Cup

Lytham St. Anne's, Inglaterra — A equipe norte-americana de golfe manteve a liderança da 22a. Ryder Cup, disputada contra a equipe britanica-irlandesa, após a realização da segunda rodada, ontem, nos **links** do Royal Lytham (par 71 e 6 mil 822 jardas de extensão). Na primeira volta (**foursomes**), a vantagem norte-americana foi de 3,5 a 1,5 e, na segunda (**fourball**), de 4 a 1. Para a terceira e última, hoje (**singles**), os Estados Unidos somam 7,5 pontos contra apenas 2,5. Isso significa que nos 10 jogos os norte-americanos precisam somente vencer três para ficar com o troféu pela 18a. vez (nove consecutivas).

As equipes estão assim formadas: **Estados Unidos** — Jack Nicklaus, Tom Watson, Dave Stockton, Jerry McGee, Ed Snead. Don January, Lanny Wadkins, Hale Irwin, Ray Floyd e Lou Graham. **Grã-Bretanha—Irlanda** — Tommy Horton, Mark James, Neil Coles, Peter Dawson, Eamonn D'Arcy, Tony Jacklin, Bernard Gallagher, Brian Barnes, Nick Faldo e Peter Oosterhuis. Os resultados até agora: **Foursomes** — Nicklaus-Watson 5/4 sobre Horton-James; Snead-January **square** com Coles Dawson; Wadkins-Irwin 3/1 sobre Gallagher-Barnes; e Faldo-Oosterhuis 2/1 sobre Floyd-Graham. **Fourball** — Watson-Green 5/4 sobre Barnes-Horton; Snead Wadkins 5/3 sobre Coles-Dawnson; Hill (substituiu McGee) — Stockton 5/3 sobre Jacklin-D'Arcy; Irwin-Graham 1 **up** sobre James-Brown; e Oosterhuis-Faldo 2/1 sobre Nicklaus-Floyd.

Jack Nicklaus é a maior atração da equipe dos EUA na 22ª Ryder Cup

Marinho abandona treino do Flu e irrita Pinheiro

Ao observar que Rivelino e Pintinho estavam ausentes do treino de ontem do Fluminense, Marinho resolveu também se retirar e deu um simples aceno para o técnico Pinheiro, o que provocou a indignação deste, a ponto de afirmar que "não era boneco" e entregar a direção do treinamento ao preparador físico, Admildo Chirol.

A impressão inicial era de que Marinho seria punido com severidade, mas tudo acabou bem, após uma reunião de emergência no vestiário, a portas fechadas, entre o jogador, Pinheiro e o supervisor Domingo Bosco. Na verdade, os animos estavam exaltados nas Laranjeiras, pois o preparador Maurício de Lacerda também se desentendeu com Pintinho: o jogador deixava o campo, liberado por Pinheiro, e respondeu de forma malcriada a Maurício, quando este quis saber por que estava saindo.

TENSÃO GERAL

"Que dia."

A exclamação de Maurício de Lacerda revela bem o ambiente tenso do Fluminense, nestes momentos que antecedem o desfecho do Campeonato. Como se não bastasse, Miguel deixou o treino, alegando contusão.

Já na porta do clube, Marinho justificou sua atitude também com uma contusão:

"Senti uma fisgada na coxa esquerda, no mesmo lugar em que tinha recebido um **tostão** de Osmar, no jogo com o América. Por isso, resolvi sair."

Mas, na mesma hora, não perdeu a oportunidade para fazer uma crítica a Pinheiro:

"Acho ele uma boa pessoa, só que **apavorado**. Ele se entende muito bem com os ex-juvenis, mas eu nunca sei quando está falando sério ou não. Quando senti a fisgada, julguei melhor me poupar para o jogo com o Campo Grande. Além disto, se o Rivelino e o Pintinho não treinaram, por que eu tenho que ficar no campo até o fim?".

Logo após o início do treino, Pintinho obteve permissão de Pinheiro para se retirar, sob a alegação de que havia recebido o terceiro cartão amarelo contra o América e não poderia enfrentar o Campo Grande. Como Maurício de Lacerda ignorava o fato, aconteceu o desentendimento entre os dois, que só não terminou numa briga de fato, porque o jogador refugiou-se rapidamente no vestiário.

Com todos estes acontecimentos e na impossibilidade de contar com a equipe principal completa — Rubens Galaxie foi outro ausente — Pinheiro suspendeu o treinamento tático de ontem, transferindo-o para a manhã de hoje. Rubens Galaxie foi liberado pelo Departamento Médico, pois desde quinta-feira vem sentindo dores na cabeça, devendo fazer exame hoje.

Campo Neutro

José Inácio Werneck

O que é se mudar de opinião em 24 horas. Uma rádio carioca tem gravados dois depoimentos inteiramente contraditórios do presidente da Federação Carioca, Otávio Pinto Guimarães: um, na tarde mesma da partida entre Boca e Cruzeiro, declarando que proibira a transmissão pela televisão, peremptoriamente; outro, no dia seguinte, quando justifica a transmissão afinal realizada, e investe contra a torcida do Fluminense, qualificando-a de "desfibrada" e achando um absurdo que ela tivesse deixado de ir ao Maracanã para ficar em casa, assistindo "aqueles crioulos desmoralizados do Cruzeiro".

A rádio chegou a usar a primeira fita, deixando de utilizar a segunda porque seu repórter esqueceu-se de avisar que a conversa seria gravada — o que é preceito legal. Mas ela existe e está guardada.

O mais engraçado é que também o presidente da Federação deixou de ir ao Maracanã. Preferiu assistir os crioulos desmoralizados do Cruzeiro, no recesso de sua poltrona. E sua justificativa de que a emissora de televisão "não anunciou a transmissão" é mais engraçada ainda, pois toda a cidade sabia que o jogo iria ao ar.

Ou alguém achava que a valentia do senhor Otávio com a TVS iria também valer para a TV Globo?

* * *

TUDO indica que a União Soviética levante o Campeonato Mundial Juvenil de Vôlei, sem perder um *set*, e que o Brasil fique com a terceira colocação. É um bom resultado, produto de um trabalho sério, mas, em alguns aspectos, sério demais.

Com efeito, repetindo e até exagerando o que se passa no futebol, a Confederação Brasileira de Vôlei requisitou e treinou os jogadores durante nada menos de nove meses. Perfeito, do ponto-de-vista de preparação técnica. Um pouco duvidoso, no aspecto psicológico. E prejudicial, quando pensamos que, como no futebol, a Confederação de Vôlei se nutre basicamente da matéria humana nos clubes — e que esses, submetidos a sangrias semelhantes, a longo prazo só podem se enfraquecer.

Tudo isto é resultado da desorientação em que anda a reforma de esportes no Brasil, onde não se chegou a decidir se optamos pela escola capitalista, modelo norte-americano, ou estatal, modelo Leste europeu. A bem da verdade, estamos mais próximos do segundo do que do primeiro, com ingerência cada vez maior do Governo nos assuntos dos clubes, mas o problema é que chegamos a uma situação de hibridismo, a meu ver, insustentável por muito mais tempo.

O maior exemplo é o da perda de nosso melhor jogador, Bernard, envolvido numa disputa entre o Fluminense, seu clube, e a Confederação de Vôlei. O Fluminense, que paga a Bernard para dar aulas em sua Escolinha (o amadorismo é algo impossível nos dias de hoje), achou, não sem razão, que seria um ônus muito grande privar-se de seu concurso durante tanto tempo e escalou-o para uma partida.

Bernard, que é empregado, obedeceu ao comando de seu patrão e jogou. A Confederação, que finge ou ao menos supõe vivermos ainda nos dias do Barão de Coubertin, afastou-o sem mais aquelas, argumentando que "o atleta amador dispõe de livre arbítrio".

É uma ficção, como outra qualquer. Mas que a Confederação não conseguirá manter por muito mais tempo se outros clubes, a exemplo do Fluminense, resolverem pagar para ver o seu jogo.

* * *

DE PRIMEIRA: *A televisão australiana deixou de passar os tapes do Campeonato de Futebol da Alemanha. A concorrência era forte demais para o futebol do país /// Segundo Helenio Herrera, Luís Pereira é o segundo maior libero do mundo, no momento. O primeiro ainda é Beckenbaeur. O terceiro, o tcheco-eslovaco Ondrus, e, o quarto, o iugoslavo Katalinski /// Até agora, o Brasil é o país que enviou mais pedidos de credenciais de jornalistas para a Copa do Mundo, na Argentina, com 496. Seguem-se a Alemanha Ocidental, a Inglaterra, os Estados Unidos e a Itália. Não deixa de ser curioso que a Inglaterra, praticamente desclassificada, venha mostrando maior interesse do que a Itália, que deverá eliminá-la. Isto sem falar nos Estados Unidos, de fora há muito tempo /// Ao achar que Guillermo Vilas pode ambicionar o primeiro lugar no* ranking *mundial de tênis, o* The New York Times *deve ter levado em conta a importancia relativa dos torneios que ele conquistou, em relação a seus adversários mais diretos. Inclusive porque conseguiu o segundo lugar no Aberto da Austrália, disputado na grama, e ser um jogador de notórias dificuldades em quadras de piso rápido.*

López tenta o título de Galíndez

Roma — O campeão mundial dos meio-pesados, Victor Galíndez, da Argentina, colocará seu título em jogo hoje, no Palácio de Esportes desta cidade, enfrentando o mexicano Alvaro López. Segundo os especialistas, a luta será muito acirrada e de resultado incerto, porque ambos estão muito bem tecnicamente.

O argentino possui uma vitalidade e uma resistência excepcionais e aí esta sua melhor arma, que lhe permite chegar aos últimos assaltos das lutas com muita energia, depois de ter minado a resistência dos adversários, com longa e poderosa série de golpes. Seu jogo de pernas é um pouco falho, compensado pela flexibilidade na cintura.

O desafiante tem excelente jogo de pernas e como o campeão, uma resistência fora do comum, que o levou a lutar 15 assaltos com o inglês John Conteh, campeão da categoria até o ano passado. O inglês manteve o título, mas a luta foi bastante disputada a ponto de os especialistas terem considerado López o melhor. Galindez tem um cartel de 56 lutas, das quais ganhou 45 (27 por nocaute), quatro empates, duas sem decisão e cinco derrotas.

Futebol da UERJ joga em Manaus pelo Troféu da Semana da Pátria

A equipe de futebol da UERJ, vencedora do 5º Torneio de Pelada Duque de Caxias, disputará amanhã com uma equipa universitária de Manaus o Troféu da Semana da Pátria, em partida no Estádio Vivaldo Lima, em Manaus. Esse troféu é disputado todos os anos entre uma equipe universitaria do Rio e uma de Manaus, em comemoração à Semana da Pátria.

Os jogadores da UERJ, chefiados pelo vice-presidente da FEURJ, Amadeu Almeida, embarcaram na quinta-feira para Manaus e deverão retornar na segunda. A equipe é a seguinte: Indio, Paulo César, Osmar, Francisco, Luis Carlos, Freitas, Mauro, Manuel, Rafael, Ado, Paulo Roberto, Ricardo Lucena, Jorge, Nei e Miguel.

DESFALQUES

Devido a seus valores individuais, a SUAM venceu a PUC por 68 a 56, em partida de basquete válida pelos Jogos Universitários JB/Shell. Nessa partida a PUC não jogou bem porque estava desfalcada do jogador Bial e do seu técnico Marcelo, ambos suspensos por 10 e 180 dias respectivamente, por causa do incidente no último jogo contra a Gama Filho, no qual o técnico da PUC retirou o seu time da quadra.

A UERJ, mesmo desfalcada de quatro jogadores no primeiro tempo, venceu a Somlei por 90 a 61. No segundo tempo, com a chegada de Gabriel, Eduardo, Maguila e Marcos, que estavam treinando no Municipal, a UERJ teve ótima atuação. Sem jogadores no primeiro tempo a equipe da UERJ contou com a colabotação do campeão universitário de salto em altura, Geraldo.

Na Rural, a partir das 10h, jogarão Rural x Castelo Branco, em partida válida pelo Campeonato de Futebol. Pelo andebol, na UERJ, às 14h, haverá partidas entre PUC x Souza Marques (masculino) e Plinio Leite x Simonsen (feminino). Também na UERJ, a partir das 13h, jogarão, pelo Campeonato de Futebol de Salão, UCM x UERJ, Simonsen x Somlei, Plinio Leite x PUC, Estácio x UCP e SUAM x UGF..

América não sabe quem vai escalar

Com jogadores desmotivados e sentindo cada vez mais as restrições do América em relação ao material humano disponível — tanto na qualidade como na quantidade — o técnico Marinho Rodrigues voltou a sentir dificuldades na escalação do time para o jogo com o Bonsucesso, amanhã.

Até no coletivo de ontem, que serviria para minimizar o desentrosamento entre os titulares, ele precisou recorrer aos preparadores físicos Luís Henrique e Álvaro Peixoto, para completar a equipe reserva.

Marinho encontrou na improvisação do lateral Uchoa no meio-campo, na adaptação de Léo à ponta-de-lança e na volta de Gilson Nunes à ponta esquerda as soluções imediatas para os problemas de contusões na equipe, onde oito jogadores se encontram à disposição do Departamento Médico, cinco dos quais titulares.

Na missa de comemoração do 73º aniversário do América, amanhã, às 9 horas, no campo do Andaraí, o clube homenageará o zagueiro Alex, entregando-lhe o Prêmio Belfort Duarte — 10 anos sem uma punição sequer nos Tribunais — através da Sra Mary Duarte, mulher de Belfort.

Mateus propõe compra e só recebe desaforos como resposta do Inter

Porto Alegre — O presidente do Corintians, Vicente Mateus, telefonou para a diretoria do Internacional ontem e fez sua proposta: Cr$ 14 milhões pelos passes de Falcão e Caçapava. Como resposta, ouviu uma série de desaforos e ameaças que se repetiram por todo o dia e até o final da noite, quando Mateus quase foi agredido por torcedores do Inter que o reconheceram na mesa de um restaurante, na companhia dos presidentes do Grêmio, Hélio Dourado, e do Fluminense, Francisco Horta.

Atonito, Vicente Mateus ouviu a seguinte explicação para o tratamento deselegante com que o brindaram no primeiro dia em Porto Alegre:

— Ele está a serviço do Grêmio, tentando agitar o ambiente e tirar a tranquilidade dos jogadores do Inter na véspera do clássico — disse o vice-presidente do Internacional, Artur Dalegrave.

— Ele deve ter bebido demais na festa de aniversário do Grêmio — declarou Frederico Balvé, presidente do Inter. Se ele vier falar conosco sobre jogadores, vamos tentar comprar Palhinha e Vladimir, mas não venderemos nenhum dos nossos.

Pelas reações, dentro e fora do Internacional, a do presidene do clube pode ser considerada das mais amenas. Dalegave chegou a dizer que "é perda de tempo responder a uma pessoa que chama o Rio Grande do Sul de Estado de Porto Alegre."

— O Inter é um clube comprador — disse o vice-presidente — e não vendedor. O próprio Falcão, quando nos comunicou o telefonema de Mateus, disse que considera um castigo sair do Inter, que em oito anos conquistou 10 títulos, para jogar no Corintians. Além disso, com referência ao Caçapava, convém lembrar que foi Brandão quem o deixou na reserva na Seleção.

Os dirigentes do Internacional mostraram mais aborrecimento com o fato de Vicente Mateus ter procurado primeiro seus jogadores, quebra de hierarquia e demonstração de falta de habilidade comercial.

— O Corintians — definiu Dalegrave — é um clube de várzea. Se houver uma nova decisão entre os dois clubes, a torcida do Corintians não passa nem pela divisa do Rio Grande do Sul.

Vôo livre tem as três provas finais

As três últimas provas da fase final do Campeonato Estadual de Vôo Livre, duas de *slalom* e uma de permanência, serão realizadas hoje a partir das 10 horas, na Praia do Pepino, em São Conrado. Os finalistas voaram durante todo o dia de ontem, além de treinarem durante a semana.

André Sansoldo, representante do JORNAL DO BRASIL e da Rádio Cidade, apesar de ter ficado em quarto lugar nas três primeiras provas da fase final, disputadas domingo último, somando 436 pontos, 53 atrás do primeiro colocado, continua sendo um dos favoritos no Campeonato. Paul Gaiser, também representante do JORNAL DO BRASIL e da Rádio Cidade, que não se classificou para as finais, terá uma participação especial entre uma prova e outra, fazendo acrobacias.

Após o encerramento do Campeonato, previsto para às 16 horas, haverá uma revoada, com a participação de todos os pilotos inscritos na fase classificatória (41 ao todo).

Troncon faz o melhor tempo no treinamento extra-oficial de 1600

Marcos Troncon foi o piloto mais rápido na primeira série de treinos (extra-oficiais) da Fórmula-1 600, realizada ontem pela manhã, no Autódromo do Rio de Janeiro: Na melhor das 13 voltas completadas no circuito de 5 mil 31,5 metros, fez 2m10s2, com a média de 139,120 km. O líder do Campeonato, Alfredo Guaraná, ficou com o segundo tempo — 2m10s7. Os treinos oficiais estão marcados para hoje.

Na fórmula-1 300, a maioria dos pilotos preocupou-se mais com os acertos dos carros. A volta mais rápida nos treinos pela manhã pertenceu a Élcio Pelegrini, com 2m23s9, na média de 125,875 km. O líder Bolivar de Sordi ficou em segundo, com 2m24s1. Participaram dos treinos livres 26 pilotos da Fórmula-1 300 e 19 da Fórmula-1 600.

BOA PERSPECTIVA

Os pilotos não puderam rodar muito forte porque a pista estava coberta de areia, em muitas partes, além de não terem comparecido os bombeiros, responsáveis pela segurança no Autódromo. Assim, os pilotos preferiram não se arriscar e cuidaram mais do acerto de seus carros para as sessões cronometradas de hoje.

Entretanto, Troncon, Guaraná e, por ordem decrescente de tempo, Antônio Castro Prado (2m11s2), Amadeu Campos (2m11s3), Maurício Chulam (2m11s7) e Luís Moura Brito (2m12s4) ignoraram os problemas da pista e exigiram os seus carros. Não se registrou nenhuma derrapagem violenta. José Pedro Chateaubriand, terceiro colocado no Campeonato de Fórmula-1 600, não conseguiu descobrir a razão de seu carro apresentar falhas, no treino matinal.

Espera-se a presença de grande público na corrida de amanhã, sétima etapa do Campeonato e que será desdobrada em duas baterias de 10 voltas para cada categoria: a Fórmula Volkswagen-1 300, às 8h45m e 11h, e a dos monopostos equipados com motor Volkswagen-1 600, às 10h e .... 12h15m.

Cosmos faz amistoso com a China

Pequim — Os jornalistas que acompanham a delegação do Cosmos não sabem ainda como se portará a nova Seleção da China, no amistoso marcado para hoje, no Estádio do Trabalhador, contra a equipe campeã dos Estados Unidos. Os chineses vêm treinando secretamente.

Como acontece em outros países, Pelé aparece como o jogador que desperta maior interesse entre os torcedores chineses, mesmo porque o outro grande nome do Cosmos — o alemão Bekenbauer — não poderá atuar, devido a uma contusão.

Li Feng-Lou, presidente da Associação Chilena de Futebol, referiu-se de maneira cortês sobre a partida de hoje:

— Nossos jogadores correm muito, mas quase sempre estão em locais diferentes da bola.

A Seleção da China foi constituída no último dia 3 de agosto, à base de jogadores das diferentes federações regionais. Apesar das poucas informações fornecidas pelos dirigentes locais, durante um coquetel, ontem, soube-se que o goleiro Li Wen-Ping ganha cerca de 25 dólares (Cr$ 375) mensais, o que torna embaraçosa uma comparação com Pelé, cujo contrato com o Cosmos lhe assegura um milhão e meio de dólares (Cr$ 22 milhões 500 mil) anuais.

Gil lutou muito no coletivo, mas nem ele nem seus companheiros conseguiram animar a torcida em Marechal Hermes

Medo do Fla é levar um gol logo no início

A defesa é o setor da equipe do Flamengo que está exigindo os maiores cuidados do técnico Coutinho para o jogo de amanhã, contra o Botafogo: apesar de precisar da vitória, o time vai começar com a máxima cautela — inclusive contrariando seu esquema habitual — para não sofrer um gol do Botafogo no início.

A preocupação de Coutinho e de toda a Comissão Técnica se acentua com a ameaça do desfalque de Rondinelli, contundido no pé: O técnico já observou que a defesa do Flamengo se perturba um pouco com a pressão do adversário — sobretudo a zaga central — e acha que a saída de Rondinelli pode agravar ainda mais o problema, porque Nélson, o eventual substituto, não está tão acostumado a jogar ao lado de Dequinha.

Os cuidados de Coutinho não significam que ele esteja pessimista em relação ao jogo. Ao contrário, ele parece confiante no esquema que utilizou no segundo tempo do jogo com o América e que vai manter amanhã. Para que esse esquema funcione a contento, é necessário, porém, que Adílio siga à risca a instruções do técnico.

Coutinho quer que o jogador não só preste auxílio à defesa como que redobre a atenção com o setor esquerdo do time, que é o mais desprotegido.

— Pela direita — diz o técnico — além do lateral, temos Toninho, que recua, e Merica, que cai mais por aquele setor. Já o lado esquerdo fica protegido apenas pelo Júnior. Por isso, é preciso que Adílio caia mais por ali.

Hoje, véspera do clássico, um dia geralmente calmo no clube, Coutinho vai aproveitar para ajustar o esquema, mas ainda não sabe se através de um treino técnico e tático no campo ou de uma simples preleção no vestiário.

O presidente Márcio Braga fez uma consulta ontem ao Departamento Jurídico da CBD para saber se pode escrever nas camisas do Flamengo os nomes dos jogadores, a exemplo do que se faz nos Estados Unidos e nas equipes juvenis de vôlei que estão disputando o Campeonato Mundial no Brasil. Por enquanto, a única coisa certa é que ele, Márcio Braga, vai ao Maracanã amanhã vestido com a camisa do clube.

Portuguesa joga com São Cristóvão

São Cristóvão e Portuguesa fazem esta tarde o jogo principal da rodada, em Figueira de Melo, com arbitragem de Mário Rui de Souza. O São Cristóvão é favorito não apenas por jogar em seu campo, mas principalmente porque obteve um bom resultado — 1 a 0 — contra o Bangu, em Moça Bonita.

Em Moça Bonita, também à tarde, o Bangu tentará manter a sexta colocação na tabela, jogando contra o Madureira, que somou apenas oito pontos nesta fase do Campeonato. O árbitro será Roberto Costa.

Vasco já não pensa no Volta Redonda mas só no jogo do Maracanã

A boa forma do time do Vasco e a quase certeza de uma vitória tranqüila sobre o Volta Redonda, amanhã, em São Januário, levaram o técnico Orlando Fantoni, ontem, a fazer perguntas que tinham muito mais a ver com o que se passava em Marechal Hermes do que no clube. Só pensava nos adversários do Maracanã:

— Como está o Botafogo? Qual o time escalado? Será que realmente vai dar para vencer o Flamengo?

Imediatamente, porém, Fantoni ressalvou que confia em seus jogadores e que, apesar de torcer para um tropeço do Flamengo, acredita no time do Vasco, capaz, segundo ele, de conquistar o título do segundo turno e o do Campeonato sem precisar da ajuda de outra equipe.

O esforço do Vasco para movimentar todos os seus torcedores de prestígio no sentido de conseguir a transferência para o Maracanã, terça-feira à noite, do jogo contra o Bangu — suspenso quando faltavam menos de 10 minutos e que, por determinação do TJD da FCF, terá de ser disputado desde o início — acabou não dando resultado, porque o presidente da Federação, Otávio Pinto Guimarães, confirmou sua realização para a tarde de quarta-feira, em Moça Bonita.

Depois do coletivo que dirigiu ontem, em que os titulares, conforme os planos da Comissão Técnica, procuraram apenas manter a forma, Fantoni confirmou o time com Mazaropi, Orlando, Abel, Geraldo e Marco Antônio; Zé Mário, Helinho e Dirceu; Wilsinho, Roberto e Ramon e acrescentou que se o time estiver ganhando facilmente amanhã, ele já experimentará o ataque para enfrentar o Bangu. Explicou:

— Como aconteceu no jogo suspenso, Wilsinho não terá condições legais para a nova partida. E se o Vasco conseguir uma boa vantagem sobre o Volta Redonda vou treinar logo o ataque com Ramon deslocado para a ponta direita e com Paulinho entrando na esquerda.

Cauteloso, fez questão de esclarecer ainda que seu otimismo se deve à capacidade técnica do time, mas que os jogadores foram advertidos e estão conscientes de que na atual situação todo e qualquer adversário tem de ser encarado com a máxima seriedade.

Zico e Paulo César fazem o contraste entre dois times

Às vezes, antes das 9 horas da manhã, ele já está batendo bola no campo, acompanhado de dezenas de juvenis e antecipando-se a alguns titulares de menos expressão. Durante os exercícios físicos não relaxa um só instante e nos coletivos, apesar do cuidado nas bolas divididas, empenha-se seriamente, sem exagero, mas com elevado espírito profissional.

Mesmo envolvido recentemente em um tumultuado episódio de renovação de contrato, Zico conseguiu, de certa forma, manter a tranqüilidade no Flamengo, sem jamais provocar reações de revolta nos companheiros por exigência de privilégios ou por se colocar à margem das normas do clube. Sua fase atual discreta — pode ter muitas explicações, menos a de que esteja deixando de cumprir as determinações técnicas ou isolando-se do grupo.

Talvez por isso, Zico sentiu-se muito à vontade ontem para dizer que, no futebol moderno, o talento, somente o talento, não é mais suficiente para dar força a um time de futebol ou colocá-lo em condições de rivalizar com os mais preparados fisicamente e mais unidos profissionalmente:

— Não posso analisar os assuntos internos do Botafogo, não vivo o dia-a-dia, afirmou Zico. Mas é claro que um time de craques não pode se sustentar se não houver uma preparação boa, um trabalho de base e, principalmente, união entre os jogadores. Acho que o Flamengo tudo isso existe e por isto estamos disputando o campeonato.

Ao contrário do que ocorre em Marechal Hermes, onde as escalações diferentes a cada jogo são usadas como justificativa para as derrotas e a falta de empenho, Zico diz já estar acostumado a tantas mudanças, principalmente por serem irreversíveis em face das contusões:

— Agora mesmo vamos atuar com o Toninho na ponta e o Osni sem posição fixa no ataque, mas acho que não vai haver problema porque na hora o entusiasmo supera tudo. De qualquer forma, os adversários já se preocupam com outros setores e sempre há algum espaço para mim.

Enquanto isso, no Botafogo, as notícias sobre Paulo César são obscuras. Ele raramente é visto nos treinamentos mais importantes do time e seria impossível constatar sua presença muito cedo incentivando os juvenis ou o próprio time. Como Zico, ele luta por bons contratos, mas geralmente fora de hora, como ocorreu neste campeonato, às vésperas de um jogo decisivo contra o Vasco, quando pediu aumento de salário.

Em má forma técnica e física, por uma série de problemas dentro e fora de campo, ele não compensou nenhuma de suas deficiências com um entusiasmo que certamente destacaria certa qualidades básicas. Esta semana conseguiu irritar o presidente Charles Borer que, no momento, pensa em uma fórmula de vendê-lo sem prejuízo. Paulo César se trata no momento de uma gastrite de fundo nervoso e, mesmo ameaçado de multas e suspensões, recebeu a promessa de Paulistinha de que breve poderá jogar à sua maneira, sem preocupações de marcação, como um superstar.

Em Zico e em Paulo César estão certamente algumas das principais explicações para a diferença atual entre Flamengo e Botafogo, diferença que começa na tabela de posições do campeonato.

Treino lento no Botafogo tem um gol e nada mais

Se havia algum olheiro do Flamengo ontem pela manhã em Marechal Hermes, deve ter saído de lá muito satisfeito e com boas notícias para o técnico Cláudio Coutinho. Em um coletivo dividido em duas etapas — pouco mais de 60 minutos sob forte calor — os jogadores não conseguiram apresentar um futebol eficiente, fizeram apenas um gol e os torcedores ficaram convencidos de que será difícil conseguir uma vitória amanhã, no último clássico do Botafogo no Campeonato atual.

Além disso, o técnico Paulistinha insistiu várias vezes durante o treino para que os jogadores marcassem as saídas de bola, bloqueassem especialmente as laterais, mas acabou convencido pelos mais experientes a adotar uma tática cautelosa, aproveitando o fato de que não é o Botafogo quem necessita da vitória, mas sim o adversário. Rodrigues Neto foi o mais enfático com esta argumentação:

— Ora, não ganhamos ainda nenhum clássico (o lateral esqueceu-se dos 2 a 0 sobre o América na Taça Guanabara). O Flamengo precisa obrigatoriamente vencer e tem que se abrir para atacar, necessariamente. Então, por que vamos nós marcar sob pressão? Não sou tão burro assim, mas isto não entendo. De qualquer modo, cumpro as ordens que recebo.

CAUTELA E LENTIDÃO

As palavras do jogador — e de alguns colegas — pronunciadas no intervalo do coletivo, quando descansavam próximo ao presidente Charles Borer e ao vice Rogério Correa, receberam acolhida dos dirigentes. Ao final do treino, os dois procuraram o técnico Paulistinha e então ouviram dele que o Botafogo se resguardará na partida, para aproveitar eventuais chances de contra-ataque.

Durante o treino, entretanto, o time não conseguiu realizar nenhum ataque rápido. Com poucos minutos de treino, o goleiro Ubirajara — que pretende assumir o cargo de supervisor do time — comentava com os jornalistas e dirigentes o tempo gasto pelos titulares para chegar ao ataque. A média era de 25 ataques na bola até alguém alcançar a área ou a linha de fundo para cruzar.

— Em jogo, certa vez contei 98 toques na bola — disse Ubirajara — e em outra ocasião mais de 100 batidas até chegar ao ataque.

E foram os reservas que provocaram uma reação de espanto no vice-presidente Rogério Correa, fazendo um rápido ataque com apenas três toques na bola. Hoje pela manhã, Charles Borer fará uma preleção para os jogadores, cobrando uma boa atuação — que, segundo pensa, o time está devendo — no jogo de amanhã.

— Pagamos em dia altos salários, não há solicitação que não tenhamos atendido. Logo, não há por que os jogadores não retribuírem esforçando-se em campo e fazendo uma apresentação à altura do futebol que têm.

O único ausente em Marechal Hermes ontem pela manhã era o jogador Paulo César. Para ele, o presidente Borer não tinha exatamente palavras de otimismo.

— Se eu, quando tinha problemas com uma úlcera, jogava basquete, por que o Paulo César não pode treinar há mais de 20 dias se o que tem é gastrite? Caso o médico já o tenha liberado, será punido.

Ao fim da tarde, no Mourisco, Rogério Correa assegurava que não haverá multa para o jogador, porque ele ainda está se submetendo a tratamento. O dirigente terá apenas uma séria conversa com Paulo César.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro □ Sábado, 17 de setembro de 1977

MARIA CALLAS

★ 1923 † 1977

Paris — A cantora lírica Maria Callas, a grande diva da ópera mundial, morreu ontem de uma crise cardíaca, em sua residência de Paris, aos 53 anos, segundo informou o diretor da Rádio-Televisão Francesa, Pierre Vozlinski. Sua última atuação, como diretora de uma ópera, fora em 1973.

Callas, cujo nome de família era Calageropoulos, nasceu em Nova Iorque, a 2 de dezembro de 1923, filha de um farmacêutico grego. Desde a infancia, demonstrou acentuados dotes musicais, e começou a estudar canto aos oito anos. Aos 13, com a separação dos pais, viajou para a Grécia com a mãe. No conservatório de Atenas, foi aluna da célebre cantora espanhola Elvira Hidalgo. Em 1938, estreou na ópera de Atenas, desfavorecida por uma grande obesidade. Pouco depois, adotava o pseudônimo de Maria Callas, que alguns críticos interpretaram como um anagrama do Scala, de Milão.

Seu primeiro êxito ocorreu nove anos depois, em Verona, Itália. Mas, apesar do entusiasmo que despertou então, seu grande peso continuou a atrapalhá-la, impedindo-a de interpretar os principais papéis. Em 1954, submeteu-se a um rigoroso regime de emagrecimento, que a transformou não apenas numa mulher esbelta, mas sobretudo bela.

Em Sermione, na Itália, amigos de Giovanni Battista Meneghini, que foi marido de Maria Callas, disseram ontem que não o haviam informado sobre a morte da cantora, porque ele está de cama, também devido a um grave problema cardíaco. Meneghini, que tem 75 anos, sofreu há meses um ataque e desde então está recolhido em sua elegante mansão de Sermione, às margens do Lago Garda. Ele casou-se com a diva em 1949, em Verona, quando ela ainda estudava canto. Industrial abastado, gastou uma fortuna para ajudá-la a desenvolver sua carreira, Separaram-se em 1959.

ATÉ O SEU SILÊNCIO ERA OUVIDO

MUITO mais que um soprano de dotes ex tra or di ná rios, Maria Callas passou pelo canto lírico como um vendaval renovador, embora se possa dizer, sem muito exagero, que afinal a ópera foi apenas o seu ponto de partida. Ao contrário da imagem clássica das cantoras mastodônticas, fazendo papéis de diáfanas heroínas wagnerianas e puccinianas, La Callas, que também começou com 110 quilos, terminou transformando-se numa mulher bela, esbelta, com um forte apelo felino. Seus olhos grandes, seu rosto marcado pelos traços trágicos de uma personagem do teatro grego, sua explosiva personalidade mediterranea fizeram-na transcender os círculos cada vez mais minguantes dos amantes do *bel canto* e tornar-se uma personalidade do noticiário internacional, com o mesmo destaque de figuras de artes mais consumidas, como o cinema e a música popular.

Maria Callas, *la più prima, la più donna* (a mais *prima*, a mais *donna*, como a classificava a imprensa européia), viveu na verdade esse papel até o fim. Seus amores encheram páginas de jornais do mundo inteiro, primeiro com o milionário italiano Meneghini, depois com o armador grego Aristóteles Onassis, em seguida com o cantor lírico Giuseppe di Stefano, na base do "apenas bons amigos", e até com o improvável Pier Paolo Pasolini, entre outros menos públicos. Escandalos também não faltaram na movimentada vida da diva. Em 1958, durante uma representação da ópera *Norma*, de Bellini, em Roma — à qual assistia o próprio Presidente da Itália, Giovanni Gronchi — ela recusou-se a voltar ao palco para o segundo ato, alegando dor de garganta. Em 1965, voltou a repetir a façanha, no Palais Garnier, de Paris, onde se encontravam, na platéia, o Xainxá do Irã e a Imperatriz Farah Diba. A ópera? *Norma*, de Bellini, naturalmente.

Nessa época, dizia-se que sua voz já não era a mesma. Depois das apresentações da *Tosca*, no início de 1965, os críticos já a consideravam mais atriz do que propriamente cantora. Ela vivia então praticamente recolhida em seu espetacular apartamento da Avenue Foch, em Paris, recebendo sempre as reconfortantes visitas de Onassis. Trocara as cavalgadas matinais no Bois de Boulogne pelo exercício diário de sua poderosa voz, repetindo quase indefinidamente uma ou outra ária mais difícil.

Especulava-se que La Callas fora vitima de seu emagrecimento forçado. Muito enfraquecida, e consequentemente nervosa, não tinha apetite para nada, e seu metabolismo oscilava sem cessar. Soube-se que queria mesmo recuperar alguns quilos, que lhe devolvessem a saúde o bem-estar para enfrentar uma batida de nove representações da *Tosca* e seis da *Norma* em três meses. Ela própria admitiu o que chamou de uma crise vocal, que vinha desde a época da separação de Meneghini, seis anos antes:

— Não sei de nada mais perigoso que o canto — declarou então — pois depende de duas pequeninas e frágeis cordas que se não funcionam bem nos levam à total e irremediável catástrofe.

FOI quando parou de cantar. Mas, com o *status* que atingira, mesmo o seu silêncio era audível, era notícia. E então, veio o encontro com o poeta, romancista e cineasta italiano Pier Paolo Pasolini. Ele queria, inicialmente, fazer uma ópera com ela para a televisão, mas a personalidade da cantora o impressionou tanto, que Pasolini resolveu fazer *Medéia*, em 1970, um filme extraído da tragédia grega, naturalmente sem canto. Exibida a película, Maria ganhou outra qualificação: *"La Callas é diventada sexy"* ("La Callas tornou-se *sexy*"), escreveu o crítico de *Oggi*. E ela confessou que tinha medo do cinema.

— Antes de *Medéia*, me ofereceram coisas como *A Bíblia* e um episódio de *Histórias Extraordinárias*. Joseph Losey me ofereceu o papel que Elizabeth Taylor terminou fazendo em *Boom*, filme baseado numa peça de Tennessee Williams. Preferi não começar com uma coisa tão difícil. Eu poderia ser aquela personagem, mas só mais tarde, algum tempo depois de estrear. Este é o meu modo de agir.

Três anos depois, ela dava outra reviravolta, ao assinar, em 1973, um contrato com o diretor do Teatro Reggio, de Turim, Giuseppe Erba, para dirigir a ópera *I Vesperi Siciliani*, de Verdi, por um cachê de 15 mil dólares. Explicou que não podia ficar muito tempo longe do palco, fosse como protagonista, em cena, fosse por trás, nos bastidores.

— Depois de minha experiência cinematográfica com Pasolini, com quem tive a felicidade de fazer *Medéia*, recebi inúmeras propostas para continuar fazendo cinema — disse. Mas aquele filme foi um momento mágico de minha vida, e eu não creio que os momentos mágicos se repitam.

Na noite de seu *debut* como diretora, Maria Callas tremia de inquietação nos bastidores do teatro, cheíssimo para a ocasião. Os jornais, porém, não a deixaram penar muito na espera. Na manhã seguinte, ela já sabia o que os críticos pensavam de seu trabalho — péssimo. A opinião quase unanime era que a *nouvelle* diretora cometera um terrível engano, comprometendo o seu glorioso passado como soprano. E muitos chegaram a levantar as suspeitas de que toda a coisa não passara de uma manobra publicitária, organizada pela cantora ou pela direção do Reggio.

Ela não sabia então, mas acabava ali a sua carreira, a carreira da filha de um modesto farmacêutico grego que emigrara para Nova Iorque no início do século. Nascida no Hospital Flower, de Brooklyn, ela, ao contrário do que gostam de dizer seus biógrafos, não teve muito tempo para conhecer a miséria nem a rotina de um lar pequeno-burguês: aos 16 anos, cantou *La Gioconda*, de Ponchielli, em Verona, e desde esse momento tornou-se conhecida como uma cantora excepcional, um fenômeno da natureza. Em 1949, depois de um romance de vários anos, casou-se com Gian Battista Meneghini, um milionário de 52 anos, que a levou a passear por todo o mundo e cometeu o erro de apresentá-la a Aristóteles Onassis.

Desde sua estréia em Verona, os críticos não lhe pouparam elogios: sua *Norma*, nos áureos tempos, foi seguramente insuperável; sua Violeta, de *La Traviata*, era considerada assombrosa. Seu registro, tido como milagroso, permitia-lhe abordar sem esforço obras dramáticas, líricas, ligeiras. Era, além disso, uma soberba atriz. Mas, enquanto os críticos se extasiavam diante da diva, os empresários a amaldiçoavam em todos os idiomas: ela foi a única estrela da ópera mundial a romper com os poderosos do Scala de Milão, do Metropolitan de Nova Iorque e do Teatro Lírico de Chicago — e sobreviver para contar a história.

MAS não só os empresários a detestavam. Entre os incontáveis inimigos pessoais que tinha em todo o mundo, vinha em primeiro lugar sua própria mãe, que certa vez declarou aos jornalistas:

— Ela vive na opulência, enquanto eu estou na miséria. Há pouco tempo, pedi-lhe 100 dólares para poder comprar comida e roupas, e ela me disse: "Se você quer dinheiro, trabalhe, como eu". É um monstro. Eu fui a sua primeira vítima; o marido, Meneghini, foi a segunda. A terceira será Onassis.

Isto, quanto à imagem pública de La Callas. Mas — e a particular, a que ela própria fazia de si? — A personagem Callas — ela declarou em 1970 a uma revista francesa — eu a trago dentro de mim. Que é ser Callas? Não tenho a mínima idéia. Surpreendentemente, acho que essa personagem não vale nada. Isto é uma verdade. A outra verdade é que não gosto que a insultem. Eu sou uma mulher e uma artista sérias. Jamais tive a pretensão de ser "grande". Deram-me a honra de me atribuir o título de "grande", de "prima-donna". Eu pamais pedi isso. Como não pedi os insultos. Fico triste quando o público não compreende, mas me consolo dizendo-me: "Amanhã me compreenderão". Quando me compreendem, tenho para eles um sentimento de reconhecimento. Digo a mim mesma: "É isso, é realmente isso". Recebo cartas em que as pessoas me dizem que se sentem mais fortes quando saem de meus espetáculos. Ser Callas é uma religião que trago dentro de mim. É a minha religião.

A menina imponente, com um ano de idade, do álbum de família para a glória dos palcos, a mesma prima-dona

Com Onassis, em 1961

Com Pasolini, em 1970, no Rio

MARC BOLAN ★ 1948 † 1977

A MORTE NA HORA DE VOLTAR AO SUCESSO

Londres — Morreu o cantor de música **pop** britanico Marc Bolan, de 29 anos, em acidente de automóvel numa rua de Barnes, subúrbio londrino. Bolan começou a ter sucesso a partir de 1960, como cantor principal do conjunto T. Rex (Tyrannosaurus Rex). Sua morte foi instantanea quando o carro em que viajava, um mini-Morris, dirigido por sua mulher, a cantora negra norte-americana Gloria Jones, 30 anos, chocou-se contra uma árvore. A cantora ficou muito ferida e foi hospitalizada, com fratura na mandibula.

Recuperado das drogas, Bolan tinha encontro marcado com a TV britânica

Na década de 60, o sucesso (**Get it On, Ride a white swanes**) levou Bolan ao consumo de drogas e alcoolismo. "Eu vivia em um mundo crepuscular", disse recentemente o cantor. "No auge de minha fama, costumava beber uma ou mais garrafas de álcool e também de vinho. Tomava cocaina e toda espécie de drogas". Bolan voltou a fazer sucesso e estava pronto para voltar ao palco com uma série de concertos a serem gravados pela televisão, na semana que vem.

Bolan, cujo nome real era Mark Feld, divorciou-se no ano passado, depois de quatro anos de casamento. Sua ex-mulher, June, intimou Gloria Jones no seu pedido de divórcio. Bolan deixa um filho de um ano e oito meses, que teve com Gloria Jones.

(Ver coluna do Tárik de Souza na página 4)

Cartas

Anúncios luminosos

"(...) numa cidade cheia de problemas a desafiar a competência que se exige de seus governantes que, após absurdos aumentos de impostos e criação de novas taxas, se nos apresentam como administradores de uma massa falida, insolvente e irrecuperável; numa cidade em tal situação, é natural que seu Prefeito se dedique a inaugurações ridículas, a programações sociais, e se preocupe com vendedores ambulantes e outros detalhes de irrelevante importancia, característica de quem não tem o que governar.

Recentemente nosso Prefeito em declarações à imprensa, se considerava síndico (imposto) da cidade. Se assim é, seria razoável que, antes de tomar certas atitudes de interesse do **condomínio**, consultasse os **condôminos**. Vem isso a propósito da decisão do Prefeito de mandar retirar todos os anúncios luminosos da cidade, limitando sua colocação ao subúrbio. Sem que me movam interesses pessoais, considero (e creio representar a opinião da maioria da população) esse tipo de publicidade, pelo seu colorido e movimentação, fator de embelezamento, de vida para uma cidade de iluminação tão precária. Não sou uma pessoa viajada mas, pelo cinema, TV, revistas, constato que as grandes metrópoles, como Londres, Paris, Lisboa, Nova Iorque, Las Vegas, Tóquio, estão cheias desses anúncios para cuja instalação são dadas as maiores facilidades e incentivos, considerados como parte da iluminação pública, de interesse econômico e turístico. Por que então a proibição e restrições para o Rio? Será por que fere a sensibilidade de nosso Prefeito? E o gosto dos **condôminos** não vale? **Antônio Augusto de Souza — Rio de Janeiro.**"

Dever da segurança

"É lamentável o espetáculo apresentado por nossa cidade, aberta à desordem, à pilhagem, ao saque, às ameaças à vida, à insegurança social, com total falta de garantias para a propriedade e a vida humana. Quando uma sociedade perde a confiança na autoridade, nos organismos encarregados de garantir, de cuidar de sua segurança, de aplicar a Justiça, podemos pensar que estamos ameaçados de desintegração. O mais triste é ver a indiferença, a silenciosa cumplicidade das próprias autoridades encarregadas de impor a lei e reprimir o crime. A impunidade é o maior estímulo para o próprio crime. Na situação em que nos encontramos, estamos prestes a perder a esperança de ver a ordem restaurada e a segurança garantida. 'A comunidade pacífica e ordeira só restará um recurso: armar-se, constituir-se em órgão policial; cada habitante converter-se em agente de segurança, se necessário, morrer matando, na defesa do patrimônio moral dos nossos filhos. Cumpre ao Governo impor a ordem, garantir a vida, proteger a propriedade, assegurar a tranquilidade social, fazer com que a Justiça seja aplicada com toda a equidade, sem privilégios para uns e rigor para outros. Desperdiçar menos dinheiro na propaganda do próprio Governo; reaparelhar os corpos policiais e formá-los com funcionários mais bem pagos; fazer um chamado ao Poder Judiciário para aplicar a lei; assim, a ordem será imposta. Estabelecer esse clima de ordem e de segurança, mais do que um dever, é um imperativo patriótico improrrogável. **Raimundo Bilac — Rio de Janeiro.**"

A maior

"Escrevo-lhe em nome de todos os fervorosos fãs desta pessoa maravilhosa, linda, sensacional, e de uma atração incrível, considerada a maior e melhor cantora do mundo, para as pessoas que a idolatram, e que se chama Emilinha Borba. (...) Os fãs de Emilinha Borba presentes à missa que seu fã-clube mandou celebrar, por ocasião de mais um aniversário da citada cantora, não vieram só da Zona Norte do Rio, como foi publicado naquela reportagem (1/9/77), porque eu e minha família adoramos Emilinha Borba e moramos na Zona Sul, na Avenida Vieira Souto. Eu e minha irmã estávamos lá na Igreja, ao lado de todos aqueles fãs entusiastas, e até aparecemos na foto do JB, por trás da Miloca. Aqui em nosso apartamento temos todos os seus discos, fotos e reportagens. Eu sou um autêntico garotão queimado de sol de Ipanema, frequento boates, vou ao New York City, Tropicana, etc, e gosto da Emilinha; se isto é cafonice, eu sou cafona com o maior orgulho, porque adorar Emilinha Borba é um orgulho para mim, falei? (...) **Walter Ralf Canetti — Rio de Janeiro.**"

Zodíaco

"A propósito de notícias recentes a respeito de signos do zodíaco, objeto de um programa de televisão e artigo de J. C. de Oliveira publicado no JB, gostaria de fazer os seguintes comentários: a correlação entre os signos do zodíaco e as constelações foi estabelecida nos tempos do astrônomo Ptolomeu, há cerca de 2 mil anos; como é sabido, a Terra, em seu passeio anual em torno do sol, percorre uma faixa do céu — faixa zodiacal — que foi dividida em 12 partes, cada uma recebendo o nome da constelação ali identificada; se a Terra, em seu movimento de translação, se movesse paralelamente a si mema, no fim de uma volta completa em torno do sol — ano sideral — os fenômenos se repetiriam. Porém, o plano do Equador se movimenta ligeiramente em relação ao plano da órbita, fazendo preceder de cerca de 20 minutos a entrada das estações; o fenômeno, conhecido como precessão dos equinócios, foi descoberto pelo astrônomo e matemático Hiparco, 200 anos antes de Cristo. A precessão é que determina a duração do ano trópico que preside os nossos calendários: como não há coincidência entre o ano sideral e o ano trópico, com o passar dos tempos (2 mil anos) os 20 minutos de diferença se acumulam, o que explica o deslocamento das constelações do zodíaco: esses fatos devem ser citados naturalmente como pura curiosidade, destituindo-se de qualquer apoio científico a idéia de que o nascimento de uma pessoa sob o domínio de uma constelação possa ter influência em sua vida. A propósito, é bom lembrar que uma pessoa nascida entre os círculos polares e os pólos respectivos não teria destino, já que a maioria das constelações do zodíaco não são visíveis nessas paragens. **Mélchior Tavares Alcantara — Rio de Janeiro.**"

Intercâmbio

"Sou um jovem dominicano interessado em conhecer todas as coisas belas de vosso país. Gostaria manter correspondência com jovens de ambos os sexos e trocar idéias sobre discos, livros e outras coisas. **Rafael Chalas Rosa, San Juan Bosco, 46, Santo Domingo, República Dominicana.**"

Aviso

"Quero dizer a esses fãs da Emilinha que parem de insultar a Marlene, sem motivo. A Marlene não precisa que a insultem para que seu nome saia nos jornais e revistas. **Maria das Graças Almeida — Santos Dumont (MG).**"

Celibato sacerdotal

"Com grande entusiasmo e honra, declaramos que a Igreja Católica vem se enquadrando na vida social do Brasil, hoje prestando assistência ao povo, ampliando seus horizontes no contato social liberal, dedicando-se ao civismo ou ao aprendizado superior do amor e defesa de nossa pátria. Todavia, ousamos declarar também que essa organização para ser perfeita deverá abolir o preconceituoso pensamento contra a união matrimonial entre seus membros internos, pois, nos primeiros anos de convivência, existir a auspiciosa novidade, o interesse no trabalho externo e social conjunto, mas com o correr do tempo os anos trazem a necessidade da intimidade do lar, de filhos e netos. Do contrário, um muro se erguerá, vindo a nascer a angústia de dias vazios, de esperanças vazias, na incerteza da solidão. (...) **Jeny de Lima — Conselheira do Instituto de Colonização Nacional — Rio de Janeiro.**"

Jovens cientistas

"O Governo tem feito ultimamente várias campanhas, como as de economia de combustível, de vacinação etc. Por que não uma incetivando o estudo e formação de jovens cientistas. Nessa campanha poderá mostrar o crescimento industrial e científico do país, como também o mercado de trabalho. **César de Faria e Silva — Niterói (RJ).**"

Revista infantil

"Tendo transcorrido a 9 de setembro o aniversário do jornalista Luiz Gomes Loureiro — completou 88 anos em plena saúde, lucidez, otimismo — é bom relembrar aquela revista **O Tico-Tico** (a primeira revista brasileira infantil). (...) **Alberto A. Lehmann — Niterói (RJ).**"

Destruição de árvores

"Acho que hoje em dia as pessoas estão insensíveis a certos absurdos que ocorrem na frente de nossos olhos. Não pude resistir a escrever sobre a minha revolta e indignação depois de presenciar uma cena deplorável. Moro em uma rua da Tijuca que ainda tem um número razoável de árvores, mas parece que isso não vai durar muito tempo. No prédio n.º 26, que está entregue à Veplan-Residência S.A., havia quatro grandes árvores (oitis). Uma foi tirada por causa da entrada dos carros, a outra apareceu **misteriosamente** torta, ameaçando cair e foi arrancada na semana passada. A maior de todas está sendo neste momento completamente podada, sem a menor razão. Perguntei ao encarregado por que estavam cortando as árvores e ele me respondeu rápida e agressivamente que **ela ia cair.** Retruquei que devia estar **rolando** dinheiro nisso, ao que me disse nada saber.

A outra árvore, tão grande quanto esta, secou de repente. Provavelmente a Veplan deu a ela a **água do progresso!** Embora eu só tenha 18 anos de idade, sou sensível a esse tipo de coisa. As grandes empresas imobiliárias não podem continuar com um comportamento desse, alguma providência deve ser tomada, tem que haver alguém mais forte que o dinheiro deles. **Vilma Gonçalves Barbosa — Rio de Janeiro.**"

As cartas dos leitores serão publicadas só quando tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos estes dados serão devidamente verificados.

Teatro

PAZ NA TERRA

Yan Michalski

O **Santo Homem** é uma fábula moralista cujo primitivismo simbólico chega a lembrar — sem que se veja nisso um julgamento de valor — um **milagre** medieval. Um grupo de pecadores — ladrões, baderneiros, alcoólatras, estupradores — recebe a visita de uma misteriosa e luminosa figura, cuja força moral conquista imediatamente uma enorme ascendência sobre os marginais. Estes, obedecendo ao comando de um líder particularmente violento, sacrificam o visitante, cuja retidão os incomoda; mas o sacrifício levará à redenção do grupo, que sairá da experiência com uma visão do mundo transfigurada, sua antiga violência sendo substituída pelo pacífico respeito aos direitos alheios. A figura luminosa, embora se chame João, é uma clara réplica de Jesus Cristo; o líder violento e traiçoeiro, embora se chame Amaro, é uma clara réplica de Judas; mas este óbvio paralelo bíblico é o que menos importa: a essência da peça é o relato simbólico de uma profunda experiência moral, que em princípio poderia sustentar-se sem as conotações especificamente místicas e religiosas que o autor Oto Prado houve por bem lhe atribuir.

A generosidade da proposta salta aos olhos, e Oto Prado soube mergulhar a sua demonstração num clima ao mesmo tempo de violência e de iluminação não desprovido de um vislumbre de poesia. Mas o funcionamento da obra, à luz do teste de palco, deixa muito a desejar. Por um lado, faltou ao autor experiência e habilidade necessárias para explorar eficientemente o material que tinha em mãos; por outro, o próprio conteúdo resultou ambíguo e não conseguiu fazer jus ao fraterno calor da idéia original.

AMBÍGUA, sobretudo, resultou a pacificação trazida pelo misterioso visitante, na medida em que ela reduz uma coletividade radicalmente marginalizada a um estado de plácida passividade, que é apontada como uma solução desejável. Oto Prado nem indaga qual é o pano de fundo existente por trás da situação-limite na qual os marginais vivem; ele se contenta em constatar que eles são extremamente violentos, e que a tarefa dos bem intencionados precisa consistir em aplacar essa violência. Sanado um sintoma, a doença que lhe deu origem é tranquilamente esquecida: uma vez que o doente aprendeu a mostrar-se conformado, para que perder tempo com exames mais aprofundados e difíceis para tentar detectar o mal de que ele padece? E' mais do que provável que tal omissão não figurasse nas intenções do autor, mas o fato é que a sua demonstração conduziu-se a este desfecho.

Por outro lado, visíveis deficiências de construção diminuem a eficiência da peça. Toda a primeira metade é quase exclusivamente expositiva, preparando terreno para a entrada do **santo homem**, cuja presença em cena dá início ao conflito propriamente dito. Conflito tardiamente começado e precipitadamente encerrado, uma vez que grande parte das cenas finais é dedicada apenas a uma repetitiva e óbvia discussão verbal das consequências da passagem de João pelo casarão ocupado pelos marginais. As personagens, por sua vez, pecam por um excessivo esquematismo. E' verdade que de uma peça predominantemente simbólica não devemos cobrar grande aprofundamento psicológico; ainda assim, o aspecto de alegoria moral sobrepõe-se de tal modo à plausibilidade humana das personagens que lhes tira qualquer tipo de credibilidade, sendo este defeito particularmente sensível nas figuras das duas mulheres, Maria e Margarida.

A encenação de Luís Mendonça padece de uma mais decidida definição de empostação, que ora cede aos chamamentos alegóricos do texto, ora dá uma guinada na direção do realismo, sem conseguir unir as duas tendências numa linha geral organica. Negando-se a optar por uma autêntica definição estilística, Mendonça preferiu procurar o denominador comum numa representação uniformemente exacerbada e gritada, e substituir uma verdadeira estilização por um festival de cores na iluminação, que não chega a criar um clima perceptível como tal, e valoriza pouco o despojado e eficiente cenário de Germano Blum.

Os atores, embora fazendo das tripas coração, ficam prejudicados pela empostação exacerbada adotada pela direção, sobretudo porque lhes faltam a força e a técnica necessárias para construir, a partir dessa base comum, o *crescendo* que conduza aos momentos em que o texto exige uma efetiva explosão de violência, momentos estes que resultam particularmente inconvincentes. O mais prejudicado é Emanuel Cavalcanti, que no papel do líder violento dos marginais é obrigado a gritar tanto que as suas cordas vocais recusam-se a acompanhar o esforço. O melhor desempenho é o de Rui Resende, que consegue introduzir, na exacerbação reinante, um elemento de interiorização e sutileza. Ilva Niño, como de hábito, puxa o seu papel para a caricatura, através da qual sabe estabelecer uma intensa comunicação com a platéia. Comunicação esta da qual o espetáculo no seu conjunto, não é desprovido. Mas a mensagem de *paz na terra* que Oto Prado queria nos oferecer estava a merecer um tratamento menos rústico, tanto no plano da dramaturgia como no da realização cênica.

Ilva Niño, Emmanuel Cavalcanti e Rui Rezende, embora fazendo das tripas coração, ficam prejudicados pela empostação exacerbada adotada pela direção

Zózimo

A MAIS BONITA

• *Entrincheirados atrás das respectivas tulipas de cerveja numa varanda de Ipanema, Vinicius de Morais, Chico Buarque e Tarso de Castro resolveram, dando prosseguimento à pauta de divagações, eleger a mulher mais bonita do Brasil. O surpreendente e unanime resultado indicou, sem sequer ressalvas, a Sra Lourdes Gobin-Daudé.*

• • •

VAIVÉM PAULISTA

• Hélène e Ermelino Matarazzo abriram os salões da bela casa do Morumbi a um grupo pequeno de amigos festejando a chegada da filha, Marina Escandón, que veio passar uma rápida temporada de férias. Entre muitos outros, estavam Graziella e Buby Leonetti, Gilda e Antônio Carlos Conceição, Marilu e Dirceu Fontoura, e o colunista José Tavares de Miranda.

• Na mesma noite, Matilde Milan foi anfitriã de um **cocktail** que reuniu um divertido grupo de artistas.

• No Plano's, **esticando** de uma exposição de arte em companhia de Alice e Luís Carta, a figura simpática de Pedro Piva, presença indispensável em qualquer vernissage.

• Novo par constante na noite paulista: Sharline Shorto e Daniel Más.

• Fernanda e Zezito Colagrossi circulando a quatro com Carmem Alves de Lima e Netinho da Cunha Bueno.

• Paulo Cotrim recebendo no Mu-ro d'Hera para **drinks** e bate-papo um grupo de amigos levado pelo jornalista Telmo Martino.

• Aparício Basílio festeja na segunda-feira 10 anos da criação de seu perfume, reunindo 1 mil 500 convidados para **cocktails** nos salões da Sociedade Hípica Paulista.

• Carluxo Affonseca, sempre bem acompanhado, movimentando as noites do Hyppopotamus.

• Circulando em São Paulo, hospedado no Caesar Park, o Dr Ivo Pitanguy.

• Na noite do Ta-Matete, anteontem, o Ministro e Sra Reis Velloso.

• • •

Dose dupla

• Os brasileiros que começam a se deslocar rumo a Nova Iorque para assistir ao jogo das despedidas de Pelé, dia 1.º de outubro, terão com o que se divertir.

• Em matéria de despedidas, aliás, serão provavelmente brindados com um programa duplo. Além de Pelé, que arquiva as chuteiras, também Muhammad Ali deverá exibir-se pela última vez enfrentando dia 29 Earnie Shavers no Madison Square Garden.

• Na mesma noite, quem preferir poderá assistir à estréia de Sérgio Mendes no Carnegie Hall.

• • •

• Quanto ao adeus de Pelé, será precedido de um grande jantar em homenagem ao jogador, dia 27, no Plaza Hotel.

• E no dia 29, o craque dará uma grande coletiva à imprensa do mundo inteiro no Hotel Pierre.

Roda da sorte

• *Correm hoje as rifas, correspondentes a um apartamento e dois automóveis, vendidas pela Barraca do Rio na Feira da Providência.*

• *O encerramento das vendas, ontem, permitirá que se chegue ao movimento total da Barraca que já se sabe ser superior a Cr$ 4 milhões.*

RODA-VIVA

• Cacá Diegues está dando os últimos retoques no roteiro de seu próximo filme, *Memórias de um Sargento de Milícias*, a ser produzido por Luís Carlos Barreto e Walter Clark.

• *Hélène Matarazzo (foto) e Marina Escandón chegando ontem cedo no Santos Dumont para o fim de semana carioca.*

• Um grupo de craques prestigiou a estréia da peça *WM na Boca do Túnel*, de Carlos Eduardo Novaes, no Teatro da Galeria. Entre outros, Zico, Cláudio Adão, Rondinelli e Rodrigues Neto.

• *D Hilda Faria Lima visitou ontem de manhã a exposição de tapeçarias do Ambulatório da Praia do Pinto montada no Rio Othon.*

• O Deputado Marcelo Medeiros festejou quinta-feira seu aniversário na intimidade da família.

• *Uma estatística oficiosa, concluída recentemente, informa existir no Rio, entre públicas e particulares, 200 quadras de tênis. Buenos Aires, para não ir muito longe, dispõe de 2 mil.*

• O acadêmico Miguel Reale fará em outubro uma série de conferências na cidade do Porto, Portugal.

• *Em Nova Iorque, Helio Guerreiro recebe no dia 23 para um grande party em seu apartamento com vista para o Central Park.*

• O Balé do Rio de Janeiro se apresenta dia 25 nas escadarias do Teatro Municipal. O espetáculo marcará a volta à cena de Berta Rosanova.

• *A Sra Teresinha Magalhães Pinto convidando para a inauguração de sua boutique Quartier Blanc, dia 20, à tarde, com um desfile em benefício da Somar.*

• Bruno Barreto começa a rodar no dia 10 seu próximo filme, *Verdes Anos*, todo ele passado em Copacabana.

• *O guitarrista Robertinho de Recife faz de 22 a 25 próximos temporada-relampago no Teatro Teresa Raquel.*

LOREN E PONTI A CAMINHO

• Sofia Loren e o marido, o produtor Carlo Ponti, estão sendo esperados em São Paulo no fim deste mês.

• O casal tinha planejado vir ao Brasil durante o próximo carnaval. Mas agora resolveu antecipar a viagem devido ao convite de um grupo de investidores paulistas interessados em compor um programa de co-produções.

• Parte dos filmes, tendo como cenário a paisagem brasileira, seria financiado por Ponti mas dirigida por cineastas brasileiros.

• • •

"Que la hay, la hay"

• Quando a TV Guanabara anunciou, com a antecedência indispensável, que transmitiria as duas finais individuais do torneio de tênis de Forest Hills, os admiradores do esporte passaram a contar os minutos que os separavam do programa, certos de que lhes seria servido um prato dos mais finos.

• A definição dos nomes dos adversários da final masculina, Villas e Connors, só fez aumentar essa certeza, antegozando todos o impacto do confronto.

• Depois, foi o que se viu, ou melhor, não viu. O prazer logo, logo transformou-se em frustração com a retirada da transmissão do ar no momento em que o jogo começava a esquentar.

• Compreende-se que problemas técnicos incontornáveis tenham determinado a interrupção do programa. O que é difícil entender é a discriminação feita pela emissora entre o público paulista e carioca. Enquanto o primeiro conseguiu assistir ao restante do jogo, transmitido em **tape**, na mesma noite em que a partida foi jogada, a platéia carioca não foram dadas até agora sequer satisfações.

• Que a gravação do jogo existe, os telespectadores paulistas são testemunhas. Por que a emissora decidiu dispensar os cariocas de apreciá-la constitui até agora um mistério insondável.

• • •

ARTE MAIOR

• Quem estiver de passagem marcada para Paris nos próximos dias não pode deixar de incluir no **carnet** artístico dois importantes itens:

— A impressionante coleção de instrumentos musicais exposta, a partir de amanhã, no 4º Salão de Música, montada na antiga estação da Bastilha. O acervo inclui, ao todo, provenientes de 27 países, quatro mil peças, do órgão de apartamento ao yukulele.

— As duas exposições de arte pré-colombiana que poderão ser vistas, a partir de 1º de outubro, no Petit Palais. A primeira mostra compreende peças descobertas na Costa Rica e Panamá e a segunda, artesanato do Peru. Há esculturas que datam do século 3.º antes de Cristo.

• • •

PAIXÃO TOTAL

• Quem assistiu pela televisão ao primeiro dos três jogos entre Cruzeiro e Boca Juniors não percebeu a animosidade que a torcida de Buenos Aires externava ostensivamente contra os jogadores brasileiros.

• As quase 68 mil pessoas presentes ao estádio Bombonera não escondiam sua antipatia: cada vez que a bola caía nos pés de um jogador do Cruzeiro, a torcida em peso gritava **"Muerte! Muerte! Muerte!"** até que o infeliz atacante acabava perdendo a bola, como se estivesse sendo perseguido pela turba enfurecida.

• A torcida argentina, pelo menos, parece já estar preparada para julho do ano que vem.

Zózimo Barrozo do Amaral

MÚSICA

BETH CARVALHO ASSIM EM BELFORT ROXO COMO NO BAIXO LEBLON

Maria Emília

Ao lado de Nélson Cavaquinho, ela está fazendo o Centro-Sul, nas asas do Projeto Pixinguinha. Quando voltar ao Rio, encontrará nas lojas o seu novo disco, *Nos Botequins da Vida*, "dedicado ao abençoado Dino, músico mestre no violão de sete cordas e amigo *pra* ninguém botar defeito".

— O botequim é o que nos resta — diz Beth Carvalho, muito brilho nos olhos, o corpo sugerindo musicalidade. "As coisas de certo modo estão piores, não há sentido em falar de mundo melhor, tema do meu disco do ano passado. Minha visão agora é mais realista, o botequim é mais palpável. O trabalho me satisfez muito, entre outras coisas porque só gravei o que estava sentindo".

Nos Botequins da Vida tem Cartola, Carlos Cachaça, Manacéa, Alvarenga, Francisco Santana, Aniceto, Gracia do Salgueiro e Nélson Cavaquinho, na inseparável companhia de Guilherme de Brito. Nélson, que pela primeira vez não participa como músico de um disco de Beth ("Mas apareceu no estúdio para levantar o astral"), é homenageado em uma das faixas por Edmundo Souto e Joaquim Vaz de Carvalho. Em *Sempre Só*, esses dois compositores evocam a temática do poeta de Mangueira, seus versos cheios de mágoa e rugas.

Beth Carvalho fala do samba como coisa vital:

— Eu o escolhi porque queria conversar com o povo, que me fascina desde garotinha. Acho que a escolha me levou a um caminho muito mais difícil do que o filão por onde seguiu, por exemplo, Egberto Gismonti. Ou Milton Nascimento. Sofro inclusive discriminações e acusações de oportunismo, partidas de gente que me olha com certo desdém. Mas quero dizer que não forço barras. Sinto-me muito bem em Belfort Roxo ou em Realengo, ao mesmo tempo em que frequento o Diagonal, no Baixo Leblon. Sem paternalismos, fico muito feliz quando o povo me consagra, me elege, porque assim sei que estou levando a ele um sentimento verdadeiro de sambista, apesar de ser branca, da classe média e da Zona Sul.

Madrinha de alguns conjuntos de choro, Beth sente-se um tanto responsável pela explosão atual desse gênero. Abel Ferreira, praticamente estacionado desde a época do disco de cera, voltou a ter destaque no seu LP *Pra Seu Governo*. E Zé da Velha, também músico da velha guarda, entrou pela primeira vez num estúdio para participar de outro disco seu, *Mundo Melhor*.

— Tenho certa participação nessa febre de chorinho. Quando formo músicos para me acompanhar, guio-me por uma intenção que vai muito além do instinto comercial. Uma vez que é no chorinho, o nosso *jazz*, que os músicos podem mostrar seu virtuosismo e sua capacidade de improvisação, sempre os incentivei a tocá-lo, como no caso do pessoal da Fina Flor do Samba, que agora optou pelo trabalho independente. Não há mágoas, considero esse conjunto uma coisa assim como um filho meu. Mas já formei um novo grupo de seis integrantes, um deles com apenas 16 anos. Procuro jovens, por uma questão de ideal.

Fazendo a ressalva de que em nenhum momento defende uma posição egoísta "do tipo não quero que ninguém mais conheça Nélson Cavaquinho", Beth opõe, porém, algumas restrições ao modo como vem sendo divulgado o chorinho:

— A culpa é das gravadoras, que pela pressa do sucesso conseguem baixar a qualidade da música e começam a gravar qualquer coisa rotulando-a de choro. O público que, pela enxurrada de discos, não tem tempo nem informação musical para julgar de forma adequada, começa a consumir o gênero de uma maneira equivocada. Meu medo é o de que, como aconteceu com o *rock*, a bossa-nova e iê-iê-iê, as gravadoras acabem matando o chorinho, um movimento tão bonito.

Da bossa-nova, "movimento que me fez pegar no violão", Beth guarda alguma saudade e o reconhecimento de que ela proporcionou uma abertura musical que possibilita hoje harmonizações das mais simples às mais dissonantes.

— É lógico que sofri influências do movimento musical que me ensinou a cantar sem empostar a voz, sem os tradicionais vibratos provenientes do bolero, da música latino-americana em geral. A formalidade que Mário Reis havia tentado quebrar só desapareceu mesmo com João Gilberto, na minha geração. Para mim, a bossa-nova foi válida, para aquela época, quando o pessoal tinha uma determinada formação. Hoje em dia, não faz mais sentido ficar falando de sol, Ipanema, Arpoador. Seria puro elitismo.

ACONTECE

Hermeto Paschoal: hoje e amanhã na Concha Verde do Pão de Açúcar

Dionne Warwicke: no Brasil, a favorita de Burt Bacharach

• A Warner, templo do *soul* e pilar do Black Rio, reage dialeticamente. Antônio Candeia Filho, o da Quilombos, acaba de gravar lá um LP que deverá ser lançado em outubro, na sede da própria escola dissidente. O disco tem dois partidos-alto, um deles de Paulo da Portela *(Brasil Poderoso)*, gravado em 52, vários jongos, uma composição de Cartola *(Pelo Nosso Amor)* e outra de Aniceto do Império *(Maria Madalena)*, que participa da faixa em dueto com Candeia. No mesmo *pacote*, digamos assim, a Warner prepara para 10 de outubro o lançamento do álbum duplo *Choro na Praça*, gravado ao vivo no mês de julho no Teatro João Caetano. Integram o elenco irrepreensível do disco: Waldir Azevedo (cavaquinho), Joel do Nascimento (bandolim), Paulo Moura (sax-tenor), Copinha (flauta), Abel Ferreira (clarinete) e Zé da Velha (trombone). Como informa o *release* da empresa, "todos os artistas, ligados a contrato com outras gravadoras, foram gentilmente cedidos a fim de que a WEA pudesse transformar esse que foi um dos maiores acontecimentos da música em 77, em disco".

• *Ainda da Warner é o luxuoso catálogo de apresentação do Fleetwood Mac, grupo que explodiu o hit parade americano este ano. A intenção do catálogo, colorido, de fotos belíssimas, evidentemente é marcar melhor a imagem de cada um dos cinco fleetwoodicos: afinal, com a mediocridade do rock atual um grupo é capaz de chegar ao topo das paradas sem que o público sequer o conheça de vista. Claro, o Fleetwood, que tem três recentes LPs lançados no mercado brasileiro, inclusive o recordista* Rumours, *vem aí. De com força, apesar de sua sintaxe* country. *Em latitude quase oposta, sai também o LP de Raul Seixas, O Dia em que a Terra Parou, com as seguintes faixas, além do título:* Tapanacara, Maluco Beleza, No Fundo do Quintal da Escola, Eu Quero Mesmo, Sapato 36, Você, Sim, Que Luz E' Essa? e De Cabeça pra Baixo.

• A RCA prepara-se para inundar o mercado brasileiro de disco-singles, os compactões do tamanho de LPs; ou numa segunda versão, os LPs de uma faixa só, que no momento são a grande sensação do eixo euro-americano. De uma só vez, dentro de alguns dias, a RCA coloca 10 disco-singles na praça, com as vantagens de maior qualidade de som, devido à separação dos sulcos e uma boa nova para os músicos: possibilidade de estender seus improvisos até 18 minutos de duração.

• *Maria Alcina não aceitou a vitória parcial de seu processo contra a firma cinematográfica que utilizou sua voz e sua imagem num filme, à revelia. Alcina ganhou Cr$ 50 mil e vai recorrer, porque pretende os Cr$ 700 mil avaliados anteriormente por um especialista: "Cr$ 50 mil eu gastei só de advogado".*

• Chegadas ao Brasil duas cantoras de uma vez: Dionne Warwicke, a ex-favorita de Burt Bacharach, que aporta dia 30 de setembro e terá Morris Albert e Frenéticas por abridores de *shows*. Uma semana antes, dia 23 próximo, será a vez da australiana Olivia Newton-John, há três anos incluída no *ranking* das mais populares cantoras dos EUA. Olivia aproveita-se do sucesso, entre nós, de seu LP *Don't Stop Believin* e gravará um especial para o programa *Fantástico*. Dionne tem as seguintes datas marcadas: 30/9 e 1/10 — Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo; 2/10 — Maracanãzinho, no Rio, e 4/10 — Ginásio Presidente Médici, em Brasília.

• *Em reunião com a Sombras e o representante do Serpro, encarregado do processamento de dados do novo sistema autoral, o secretário-executivo do CNDA, Roberto Lemos, reconheceu falhas nas relações entre o CNDA e o Escritório Central de Arrecadação. "O CNDA é um órgão normativo. Entre a norma e a execução está havendo uma grande distorção, até ilegal, talvez como sabotagem ao sistema que está sendo implantado." Depois de visitar pessoalmente as sociedades, ele chegou à conclusão de que "há sabotagem". O representante do Serpro, Fantesi, esclareceu que no dia 2 de janeiro entregou formulários para o ECAD cadastrar os seus agentes de cobrança — os mesmos das antigas sociedades — o que até hoje não foi feito. Aldir Blanc, da Sombras, afirmou que "até o momento a posição da entidade era de apoio a todas as resoluções do CNDA, posição que não pode mais ser sustentada, pois o novo sistema de arrecadação e distribuição não foi implantado e há diversas dúvidas a respeito dele".*

• Com o selo ECM, norueguês, sai no Brasil pela Odeon o LP que Egberto Gismonti gravou com Naná, o percussionista, naquele país: *Dança das Cabeças*, de fartos elogios pela crítica européia. Também deve ser lançado o novo LP de Egberto gravado aqui, *Carmo*, com participação da ex-vocalista dos Swingle Singers, Christiane Legrand. Egberto, portanto, é mais um astro brasileiro a exercer dupla personalidade: uma face para o mercado interno, outra (nem tão diversa assim) para o exterior.

• *Segunda-feira próxima, a Riotur, a Associação das Escolas de Samba e a gravadora Top Tape promovem no João Caetano o 1º Festival de Samba Exaltação à Cidade do Rio de Janeiro.*

• Volta à ação a Concha Verde do Pão de Açúcar, com um *show* de Hermeto Paschoal hoje e amanhã, às 20h 30m. Dentro da nova mentalidade da série, de promover artistas menos conhecidos antes dos espetáculos principais, o grupo Cantares abrirá o *show*. Com Hermeto (piano e flauta) estão: Mauro Senise (flautim, sax e flauta), Zé Carlos (sax e flauta), Raul Mascarenhas (sax e flauta), Cacau (sax e flauta), Aleuda (voz e percussão), Raimundo (guitarra e piano elétrico), Itiberê (contrabaixo e Peninha (bateria).

• *Pré-estrearam ontem* Carmem Costa, Carlinhos Vergueiro *e o grupo* Chapéu de Palha, *o novo tripé de artistas que seguirá os caminhos do Projeto Pixinguinha. Já inaugurado, o teatro que leva o nome do projeto em São Paulo, receberá Carmem, Carlinhos e o Chapéu entre 19 e 23. No Guaíra, eles ficarão de 26 a 30 e no teatro da Reitoria da Universidade Federal de Porto Alegre, de 3 a 7 de outubro.*

• Acertado em seus ponteiros de fulgor e brilho, emperrados na estréia, o *show* de Fagner encerra temporada hoje e amanhã no Teresa Rachel. A seguir, de 22 a 25 de setembro, a estréia da cena passa a luzir para Robertinho de Recife, perito em guitarra, violão, viola, cítara e mandola. Ele será apoiado por um supergrupo formado por Luís Alves (baixo), Marcinho (sax e flauta), Herman Torres (baixo), Israel (bateria), Serginho (percussão) e Chico Batera (bateria e percussão).

• *Finalmente, no próximo* Seis e Meia *do João Caetano — de 19 a 23 — o pianista Arthur Moreira Lima mostra ao vivo sua versão para a obra de Ernesto Nazareth. Acompanha-o um grupo que ele descobriu nas prévias do Brasileirinho, Festival Nacional do Choro da Bandeirantes—Guanabara, de que foi um dos jurados: Dadinho e seu regional. Palavras de Moreira Lima: "O choro não morreu nunca, como prova a existência desse conjunto. Ele estava até então no fundo do quintal".*

• A propósito, o Brasileirinho já divulgou sua lista de selecionados prévios. Prova de que o Festival será para valer: de nomes realmente conhecidos há apenas os de Capiba, com o concorrente *Cem Anos de Choro*, Sivuca *(Músicos e Poetas)* e os de Dadi e Armandinho *(Espírito Infantil)*, respectivamente do grupo A Cor do Som e do Trio Elétrico.

• *Morreu ontem o pioneiro da androgenia no rock, Marc Bolan, fundador do grupo Tyranossaurus Rex. Inglês, nascido a 30 de setembro de 47, Marc começou como manequim mod em 62, ao mesmo tempo que estudava magia em Paris, durante seis meses. Estreou em disco em 65, com* Wizzard. *Em 66, um LP seguinte,* Hippy Gumbo. *Em 67, o início do escândalo: sua gravação* Desdemona, *com o conjunto John's Children era proibida na BBC. Com Steve Took, ele forma o agitado Tyranossaurus Rex. Bolan iria ascendendo progressivamente com o Rex, através de sucessivos êxitos,* Deborah, My People Were Fair, Seers and Sages, Ride a White Swan. *Em 71, explodiria finalmente, com* Hot Love, Get It On *e especialmente* Electric Warrior *e* Jeepster, *LPs de grande êxito. Em 72, com a própria empresa montada, T. Rex Was Co., Marc Bolan ainda obteria sucessos significativos, como* Bolan Boogie, Metal Guru, Slider, Children of Revolution *e* Solid Gold Easy Action. *No ano seguinte, uma desastrosa excursão aos EUA colocaria água na fervura da que chegou a ser apontada como uma nova beatlemania, a Rexmania ou Bolanmania. Seu rock glitter/pesado, de letras agressivas e postura unissex, voltaria praticamente ao anonimato.*

MÚSICOS: AS TREVAS DE UM MERCADO SELVAGEM

Tárik de Souza

Eneas compromete-se a levar um conjunto de pratos. Rubinho, mineiro, pechincha e acaba com outro pratinho turco, da bateria que Tutti Moreno trouxe dos Estados Unidos. Não é uma cena incomum entre músicos brasileiros. Ficou tristemente célebre a história da bateria que Édson Machado vendeu para poder pagar uma passagem e sair do Brasil, em busca de um mercado de trabalho melhor.

Tutti, que vem de uma estada de dois anos e quatro meses nos Estados Unidos, não está sozinho nesse drama. A compositora e cantora Joice e o violonista e compositor Maurício Mendonça vivem o mesmo e comunitário paradoxo: de volta dos EUA, onde gravaram um disco de 30 mil dólares, produzido por um dos mais importantes arranjadores do mundo, o alemão Claus Ogerman, não encontram trabalho no Brasil. Tutti é o mais angustiado. Espera voltar o quanto antes, "se Deus quiser." Joice e Maurício apenas aguardam o chamado de Claus: assinaram contrato de cinco anos (um disco por ano) com a firma Glamorous Music, do arranjador e produtor Claus, irmão do diretor da Mercedes-Benz na Alemanha. Fascinado pelo trabalho dos dois, que ouviu numa fita levada por outro baterista brasileiro radicado nos EUA, João Palma, Claus Ogerman decidiu ampliar suas ligações com a música brasileira, já solidificada nos discos de parceria com Tom Jobim e na Corcovado Music, editora em que são sócios.

"Eu entrei pelo banheiro da música americana, fazendo arranjos para Connie Francis e Peter Nero, quando cheguei aqui, no começo de 60. Quero que vocês entrem pela porta principal", enfatizou Claus a Maurício e Joice.

O disco que a dupla gravou — **Natureza** — por enquanto é apenas uma fita **cassete** que roda para os amigos no apartamento de Joice, no Jardim Botânico, atulhado de instrumentos. Participaram do LP, que ainda receberá as cordas arranjadas por Claus e mixagem, além dos bateristas Tutti e João Palma, o percussionista Naná, hoje em permanente ponte-aérea entre Europa e EUA ("acho que não volto mais ao Brasil", ele disse), o flautista e saxofonista Ion Muniz, o baixista Buster Williams e o flautista Jeremy Steig, que esteve no Brasil recentemente.

Joice fala das coincidências cabalísticas da gravação: sete faixas realizadas por sete músicos principais, a partir do dia 7/7/77, nos estúdios CBS, de Nova Iorque. Mais fortes do que esses mistérios porém, são as próprias músicas, especialmente **Feminina, Pega Leve** e **Moreno**, de Joice, e **Ciclo da Vida**, de Maurício. Combinações poderosas de percussão, vozes, violões e metais, com improvisos de cálida envolvência: "Não houve qualquer limitação ou exigência da produção. Claus mandou ligar os microfones e ficamos três dias no estúdio, completamente à vontade".

Outra coincidência que aumenta a estranheza das dificuldades encontradas por Joice e Maurício no Brasil: ambos estão comemorando, sem homenagens ou festas, é claro, 10 anos de carreira. Maurício começou profissionalmente no Momento Quatro, conjunto vocal e instrumental que acompanhou Edu Lobo na apresentação de **Ponteio** no Festival da Record de 68, gravou um LP e durou "dois anos justos." Joice, ex-estagiária de jornalismo, estreou no FIC cantando **Sem Despedida, de Macalé, e Me Disseram**, de sua autoria. Fez três LPs aqui e dois na Itália (um deles lançado no Brasil pela Continental). Ao lado dos problemas normalmente enfrentados por todo músico que se recusa a aderir ao comercialismo imposto pelas gravadoras, Joice teve contra si o preconceito antifeminino: "De um modo geral, sempre esperaram de mim, de ser sensual e brejeira — me diziam. Sempre quis fazer um negócio de música e me cobravam o estrelato, o charme."

Ambos cariocas, na faixa dos 30 anos como o baiano Tutti, Joice e Maurício queixam-se ainda dos indefectíveis direitos autorais. O caso da compositora seria até cômico, não fosse especialmente triste: tem quase 40 gravações de suas músicas e se recebeu Cr$ 5 mil nos 10 anos "foi muito." Na Editora Pérgola, de José Loureiro, conseguiu um **advance** de Cr$ 1 mil 400 em 68, e nada mais. "Diz ele que até hoje esse **advance** ainda não foi coberto, continuo devendo."

Enfim, um encontro (desta vez não se pode falar em coincidência) feliz, para esses músicos que preferem a batalha inglória — e até o anonimato — à comercialização fácil. O Projeto Trindade convidou-os para o próximo **show** de sua agenda de espetáculos ao vivo. E' bom não perder essa que pode ser a última oportunidade de vê-los antes do reconhecimento internacional, quando passarão a chover convites de empresários brasileiros, como aconteceu com os anteriormente desprezados Airto Moreira e Flora Purim. Da próxima vez, por Joice, Maurício e Tutti Moreno, provavelmente já estaremos pagando copiosos **royalties**.

MÚSICOS: A CLAREIRA DO TRINDADE

Exceto algumas iniciativas oficiais ainda tímidas de apoio aos músicos brasileiros, reina o marasmo, frequentemente assolado por queixas individuais. Surge agora, no entanto, o Projeto Trindade, com uma proposta diferente: "Abrir uma grande clareira em som, imagem e palavra, onde a música e os músicos possam se movimentar". E mais: "Trindade pretende motivar os músicos para que eles próprios, vendo que é possível, partam para o trabalho."

Embora conte com verbas e apoios que podem ser considerados, ainda que impropriamente, **oficiais**, da VASP, do Banco do Brasil, da Companhia de Desenvolvimento de Santa Catarina e da própria Funarte, o projeto Trindade, idealizado em fins de 75 pela cineasta Tania Quaresma e o músico Luiz Keller, diferencia-se de todos os outros. "Nenhum desses órgãos tem interferência na elaboração e no resultado final do trabalho". Tania e Luiz explicam: "Quem nós sabemos que vai fazer esse tipo de exigência não é nem procurado".

Trindade Produções Artísticas, a firma fundada por Tania, Luiz e Nara Cardoso (administradora e supervisora do projeto) é uma sociedade sem fins lucrativos, que funciona como fundação: o dinheiro gerado pelos shows, pelo filme e pela venda dos discos reverte, em primeiro lugar, para os músicos participantes.

O projeto começou a se tornar real em fevereiro deste ano, com as primeiras filmagens, cenas do carnaval carioca, e tem previsão de encerramento para março ou abril de 78. A idéia do projeto é gravar com a melhor técnica e nos melhores estúdios temas de músicos brasileiros, por eles compostos, arranjados e interpretados. Esses temas serão ilustrados com imagens do Brasil, "imagens fortes da gente, da terra e da vida de diversas regiões do país". Serão, a seguir, promovidos shows com esses instrumentistas: uma amostra de tudo poderá ser vista hoje à meia-noite e meia, no cinema Ópera. Num encontro "de três vertentes da música brasileira", subirão ao palco Edu Lobo com seu grupo, Nivaldo Ornellas e seu trabalho solo e o grupo Índex. Esses espetáculos, sucessivos até o final do projeto, deverão encerrar-se num grande espetáculo ao ar livre, reunindo todos os músicos participantes. Esses temas serão editados em disco e as vidas e obras dos participantes serão documentadas em reportagens e um livro que contará toda a amplitude do projeto e as histórias das pessoas nele envolvidas.

Ao final do projeto também estreará o filme que reúne todos os temas musicais e suas imagens. Ainda em julho de 76, nos estúdios Vice Versa, de São Paulo, Wagner Tiso, Nivaldo Arnellas, Frederyko, Luís Alves, Jamil Joanes, Paulinho Braga e Marcio Borges gravaram os primeiros seis temas. Um pouco depois foi a vez de Antônio Adolfo, Franklin, Elber, Luiz Cláudio, Luizão e Geraldo Azevedo. Para os temas de Nivaldo (**Memórias de Minas**) e de Luiz Alves (**Buraco Quente**), além de uma música de Novelli (**Baião do Acordar**), já estão registradas imagens. Respectivamente cenas de Minas (na cidade de Tiradentes), de uma reunião de músicos na Ladeira dos Tabajaras, no Rio, e São Paulo (trabalho e comida, operários, lanchonetes, gente de rua). Há duas semanas, Trindade foi ao Xingu, ao Posto Leonardo Villas Boas, para documentar a participação de Egberto Gismonti no projeto: o tema **Conforme a Altura do Sol / Conforme a Altura da Lua**, dançado pelo balé Stagium para uma platéia de cerca de mil índios, convidados a assistir e a integrar a cena.

A seguir, o projeto prevê mais filmagens e gravações: as primeiras, no pantanal de Mato Grosso, que recebeo uma sinfonia de pios de pássaros orquestrada por Rogério Duprat. No capítulo gravações, o grupo Index entrará nos estúdios para compor o tema correspondente a Brasília.

MÚSICA

BETH CARVALHO ASSIM EM BELFORT ROXO COMO NO BAIXO LEBLON

Maria Emília

AO lado de Nélson Cavaquinho, ela está fazendo o Centro-Sul, nas asas do Projeto Pixinguinha. Quando voltar ao Rio, encontrará nas lojas o seu novo disco, *Nos Botequins da Vida*, "dedicado ao abençoado Dino, músico mestre no violão de sete cordas e amigo *pra* ninguém botar defeito".

— O botequim é o que nos resta — diz Beth Carvalho, muito brilho nos olhos, o corpo sugerindo musicalidade. "As coisas de certo modo estão piores, não há sentido em falar de mundo melhor, tema do meu disco do ano passado. Minha visão agora é mais realista, o botequim é mais palpável. O trabalho me satisfez muito, entre outras coisas porque só gravei o que estava sentindo".

Nos Botequins da Vida tem Cartola, Carlos Cachaça, Manacéa, Alvarenga, Francisco Santana, Aniceto, Gracia do Salgueiro e Nélson Cavaquinho, na inseparável companhia de Guilherme de Brito. Nélson, que pela primeira vez não participa como músico de um disco de Beth ("Mas apareceu no estúdio para levantar o astral"), é homenageado em uma das faixas por Edmundo Souto e Joaquim Vaz de Carvalho. Em *Sempre Só*, esses dois compositores evocam a temática do poeta de Mangueira, seus versos cheios de mágoa e rugas.

Beth Carvalho fala do samba como coisa vital:

— Eu o escolhi porque queria conversar com o povo, que me fascina desde garotinha. Acho que a escolha me levou a um caminho muito mais difícil do que o filão por onde seguiu, por exemplo, Egberto Gismonti. Ou Milton Nascimento. Sofro inclusive discriminações e acusações de oportunismo, partidas de gente que me olha com certo desdém. Mas quero dizer que não forço barras. Sinto-me muito bem em Belfort Roxo ou em Realengo, ao mesmo tempo em que frequento o Diagonal, no Baixo Leblon. Sem paternalismos, fico muito feliz quando o povo me consagra, me elege, porque assim sei que estou levando a ele um sentimento verdadeiro de sambista, apesar de ser branca, da classe média e da Zona Sul.

Madrinha de alguns conjuntos de choro, Beth sente-se um tanto responsável pela explosão atual desse gênero. Abel Ferreira, praticamente estacionado desde a época do disco de cera, voltou a ter destaque no seu LP *Pra Seu Governo*. E Zé da Velha, também músico da velha guarda, entrou pela primeira vez num estúdio para participar de outro disco seu, *Mundo Melhor*.

— Tenho certa participação nessa febre de chorinho. Quando formo músicos para me acompanhar, guio-me por uma intenção que vai muito além do instinto comercial. Uma vez que é no chorinho, o nosso *jazz*, que os músicos podem mostrar seu virtuosismo e sua capacidade de improvisação, sempre os incentivei a tocá-lo, como no caso do pessoal da Fina Flor do Samba, que agora optou pelo trabalho independente. Não há mágoas, considero esse conjunto uma coisa assim como um filho meu. Mas já formei um novo grupo de seis integrantes, um deles com apenas 16 anos. Procuro jovens, por uma questão de ideal.

Fazendo a ressalva de que em nenhum momento defende uma posição egoísta "do tipo não quero que ninguém mais conheça Nélson Cavaquinho", Beth opõe, porém, algumas restrições ao modo como vem sendo divulgado o chorinho:

— A culpa é das gravadoras, que pela pressa do sucesso conseguem baixar a qualidade da música e começam a gravar qualquer coisa rotulando-a de choro. O público que, pela enxurrada de discos, não tem tempo nem informação musical para julgar de forma adequada, começa a consumir o gênero de uma maneira equivocada. Meu medo é o de que, como aconteceu com o *rock*, a bossa-nova e iê-iê-iê, as gravadoras acabem matando o chorinho, um movimento tão bonito.

Da bossa-nova, "movimento que me fez pegar no violão", Beth guarda alguma saudade e o reconhecimento de que ela proporcionou uma abertura musical que possibilita hoje harmonizações das mais simples às mais dissonantes.

— É lógico que sofri influências do movimento musical que me ensinou a cantar sem empostar a voz, sem os tradicionais vibratos provenientes do bolero, da música latino-americana em geral. A formalidade que Mário Reis havia tentado quebrar só desapareceu mesmo com João Gilberto, na minha geração. Para mim, a bossa-nova foi válida, para aquela época, quando o pessoal tinha uma determinada formação. Hoje em dia, não faz mais sentido ficar falando de sol, Ipanema, Arpoador. Seria puro elitismo.

ACONTECE

Hermeto Paschoal: hoje e amanhã na Concha Verde do Pão de Açúcar

Dionne Warwicke: no Brasil, a favorita de Burt Bacharach

• A Warner, templo do *soul* e pilar do Black Rio, reage dialeticamente. Antônio Candeia Filho, o da Quilombos, acaba de gravar lá um LP que deverá ser lançado em outubro, na sede da própria escola dissidente. O disco tem dois partidos-alto, um deles de Paulo da Portela *(Brasil Poderoso)*, gravado em 52, vários jongos, uma composição de Cartola *(Pelo Nosso Amor)* e outra de Aniceto do Império *(Maria Madalena)*, que participa da faixa em dueto com Candeia. No mesmo *pacote*, digamos assim, a Warner prepara para 10 de outubro o lançamento do álbum duplo *Choro na Praça*, gravado ao vivo no mês de julho no Teatro João Caetano. Integram o elenco irrepreensível do disco: Waldir Azevedo (cavaquinho), Joel do Nascimento (bandolim), Paulo Moura (sax-tenor), Copinha (flauta), Abel Ferreira (clarinete) e Zé da Velha (trombone). Como informa o *release* da empresa, "todos os artistas, ligados a contrato com outras gravadoras, foram gentilmente cedidos a fim de que a WEA pudesse transformar esse que foi um dos maiores acontecimentos da música em 77, em disco".

• *Ainda da Warner é o luxuoso catálogo de apresentação do Fleetwoo Mac, grupo que explodiu o* hit parade *americano este ano. A intenção do catálogo, colorido, de fotos belíssimas, evidentemente é marcar melhor a imagem de cada um dos cinco fleet*woodicos: *afinal, com a mediocridade do* rock *atual um grupo é capaz de chegar ao topo das paradas sem que o público sequer o conheça de vista. Claro, o Fleetwood, que tem três recentes LPs lançados no mercado brasileiro, inclusive o recordista* Rumours, *vem aí.* De com força, *apesar de sua sintaxe* country. *Em latitude quase oposta, sai também o LP de Raul Seixas,* O Dia em que a Terra Parou, *com as seguintes faixas, além do título:* Tapanacara, Maluco Beleza, No Fundo do Quintal da Escola, Eu Quero Mesmo, Sapato 36, Você, Sim, Que Luz E' Essa? *e* De Cabeça pra Baixo.

• A RCA prepara-se para inundar o mercado brasileiro de disco-singles, os compactões do tamanho de LPs; ou numa segunda versão, os LPs de uma faixa só, que no momento são a grande sensação do eixo euro-americano. De uma só vez, dentro de alguns dias, a RCA coloca 10 disco-singles na praça, com as vantagens de maior qualidade de som, devido à separação dos sulcos e uma boa nova para os músicos: possibilidade de estender seus improvisos até 18 minutos de duração.

• *Maria Alcina não aceitou a vitória parcial de seu processo contra a firma cinematográfica que utilizou sua voz e sua imagem num filme, à revelia. Alcina ganhou Cr$ 50 mil e vai recorrer, porque pretende os Cr$ 700 mil avaliados anteriormente por um especialista: "Cr$ 50 mil eu gastei só de advogado".*

• Chegadas ao Brasil duas cantoras de uma vez: Dionne Warwicke, a ex-favorita de Burt Bacharach, que aporta dia 30 de setembro e terá Morris Albert e Frenéticas por abridores de *shows*. Uma semana antes, dia 23 próximo, será a vez da australiana Olivia Newton-John, há três anos incluída no *ranking* das mais populares cantoras dos EUA. Olivia aproveita-se do sucesso, entre nós, de seu LP *Don't Stop Believin* e gravará um especial para o programa *Fantástico*. Dionne tem as seguintes datas marcadas: 30/9 e 1/10 — Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo; 2/10 — Maracanãzinho, no Rio, e 4/10 — Ginásio Presidente Médici, em Brasília.

• *Em reunião com a Sombras e o representante do Serpro, encarregado do processamento de dados do novo sistema autoral, o secretário-executivo do CNDA, Roberto Lemos, reconheceu falhas nas relações entre o CNDA e o Escritório Central de Arrecadação. "O CNDA é um órgão normativo. Entre a norma e a execução está havendo uma grande distorção, até ilegal, talvez como sabotagem ao sistema que está sendo implantado." Depois de visitar pessoalmente as sociedades, ele chegou à conclusão de que "há sabotagem". O representante do Serpro, Fantesi, esclareceu que no dia 2 de janeiro entregou formulários para o ECAD cadastrar os seus agentes de cobrança — os mesmos das antigas sociedades — o que até hoje não foi feito. Aldir Blanc, da Sombras, afirmou que "até o momento a posição da entidade era de apoio a todas as resoluções do CNDA, posição que não pode mais ser sustentada, pois o novo sistema de arrecadação e distribuição não foi implantado e há diversas dúvidas a respeito dele".*

• Com o selo ECM, norueguês, sai no Brasil pela Odeon o LP que Egberto Gismonti gravou com Naná, o percussionista, naquele país: *Dança das Cabeças*, de fartos elogios pela crítica européia. Também deve ser lançado o novo LP de Egberto gravado aqui, *Carmo*, com participação da ex-vocalista dos Swingle Singers, Christiane Legrand. Egberto, portanto, é mais um astro brasileiro a exercer dupla personalidade: uma face para o mercado interno, outra (nem tão diversa assim) para o exterior.

• *Segunda-feira próxima, a Riotur, a Associação das Escolas de Samba e a gravadora Top Tape promovem no João Caetano o 1.º Festival de Samba Exaltação à Cidade do Rio de Janeiro.*

• Volta à ação a Concha Verde do Pão de Açúcar, com um *show* de Hermeto Paschoal hoje e amanhã, às 20h 30m. Dentro da nova mentalidade da série, de promover artistas menos conhecidos antes dos espetáculos principais, o grupo Cantares abrirá o *show*. Com Hermeto (piano e flauta) estão: Mauro Senise (flautim, sax e flauta), Zé Carlos (sax e flauta), Raul Mascarenhas (sax e flauta), Cacau (sax e flauta), Aleuda (voz e percussão), Raimundo (guitarra e piano elétrico), Itiberê (contrabaixo e Peninha (bateria).

• *Pré-estrearam ontem Carmem Costa, Carlinhos Vergueiro e o grupo Chapéu de Palha, o novo tripé de artistas que seguirá os caminhos do Projeto Pixinguinha. Já inaugurado, o teatro que leva o nome do projeto em São Paulo, receberá Carmem, Carlinhos e o Chapéu entre 19 e 23. No Guaíra, eles ficarão de 26 a 30 e no teatro da Reitoria da Universidade Federal de Porto Alegre, de 3 a 7 de outubro.*

• Acertado em seus ponteiros de fulgor e brilho, emperrados na estréia, o *show* de Fágner encerra temporada hoje e amanhã no Teresa Rachel. A seguir, de 22 a 25 de setembro, a estrela da cena passa a luzir para Robertinho de Recife, perito em guitarra, violão, viola, cítara e manola. Ele será apoiado por um supergrupo formado por Luís Alves (baixo), Marcinho (sax e flauta), Herman Torres (baixo), Israel (bateria), Serginho (percussão) e Chico Batera (bateria e percussão).

• *Finalmente, no próximo* Seis e Meia *do João Caetano — de 19 a 23 — o pianista Arthur Moreira Lima mostra ao vivo sua versão para a obra de Ernesto Nazareth. Acompanha-o um grupo que ele descobriu nas prévias do Brasileirinho, Festival Nacional do Choro da Bandeirantes—Guanabara, de que foi um dos jurados: Dadinho e seu regional. Palavras de Moreira Lima: "O choro não morreu nunca, como prova a existência desse conjunto. Ele estava até então no fundo do quintal".*

• A propósito, o Brasileirinho já divulgou sua lista de selecionados prévios. Prova de que o Festival será para valer: de nomes realmente conhecidos há apenas os de Capiba, com a concorrente *Cem Anos de Choro*, Sivuca *(Músicos e Poetas)* e os de Dadi e Armandinho *(Espírito Infantil)*, respectivamente do grupo A Cor do Som e do Trio Elétrico.

• *Morreu ontem o pioneiro da androgenia no* rock, *Marc Bolan, fundador do grupo Tyranossaurus Rex. Inglês, nascido a 30 de setembro de 47, Marc começou como manequim* mod *em 62, ao mesmo tempo que estudava magia em Paris, durante seis meses. Estreou em disco em 65, com* Wizzard. *Em 66, um LP seguinte,* Hippy Gumbo. *Em 67, o início do escândalo: sua gravação* Desdemona, *com o conjunto John's Children era proibida na BBC. Com Steve Took, ele forma o agitado Tyranossaurus Rex. Bolan iria ascendendo progressivamente com o Rex, através de sucessivos êxitos,* Deborah, My People Were Fair, Seers and Sages, Ride a White Swan. *Em 71, explodiria finalmente, com* Hot Love, Get It On *e especialmente* Electric Warrior *e* Jeepster, *LPs de grande êxito. Em 72, com a própria empresa montada, T. Rex Was Co., Marc Bolan ainda obteria sucessos significativos, como* Bolan Boogie, Metal Guru, Slider, Children of Revolution *e* Solid Gold Easy Action. *No ano seguinte, uma desastrosa excursão aos EUA colocaria água na fervura da que chegou a ser apontada como uma nova beatlemania, a Rexmania ou Bolanmania. Seu* rock *gliter/pesado, de letras agressivas e postura unissex, voltaria praticamente ao anonimato.*

MÚSICOS: AS TREVAS DE UM MERCADO SELVAGEM

Tárik de Souza

ENEAS compromete-se a levar um conjunto de pratos. Rubinho, mineiro, pechincha e acaba com outro pratinho turco, da bateria que Tutti Moreno trouxe dos Estados Unidos. Não é uma cena incomum entre músicos brasileiros. Ficou tristemente célebre a história da bateria que Édson Machado vendeu para poder pagar uma passagem e sair do Brasil, em busca de um mercado de trabalho melhor.

Tutti, que vem de uma estada de dois anos e quatro meses nos Estados Unidos, não está sozinho nesse drama. A compositora e cantora Joice e o violonista e compositor Maurício Mendonça vivem o mesmo e comunitário paradoxo: de volta dos EUA, onde gravaram um disco de 30 mil dólares, produzido por um dos mais importantes arranjadores do mundo, o alemão Claus Ogerman, não encontram trabalho no Brasil. Tutti é o mais angustiado. Espera voltar o quanto antes, "se Deus quiser." Joice e Maurício apenas aguardam o chamado de Claus: assinaram contrato de cinco anos (um disco por ano) com a firma Glamorous Music, do arranjador e produtor Claus, irmão do diretor da Mercedes-Benz na Alemanha. Fascinado pelo trabalho dos dois, que ouviu numa fita levada por outro baterista brasileiro radicado nos EUA, João Palma, Claus Ogerman decidiu ampliar suas ligações com a música brasileira, já solidificada nos discos de parceria com Tom Jobim e na Corcovado Music, editora em que são sócios.

"Eu entrei pelo banheiro da música americana, fazendo aranjos para Connie Francis e Peter Nero, quando cheguei aqui, no começo de 60 Quero que vocês entrem pela porta principal", enfatizou Claus a Maurício e Joice.

O disco que a dupla gravou — **Natureza** — por enquanto é apenas uma fita **cassete** que roda para os amigos no apartamento de Joice, no Jardim Botanico, atulhado de instrumentos. Participaram do LP, que ainda receberá as cordas arranjadas por Claus e mixagem, além dos bateristas Tutti e João Palma, o percussionista Naná, hoje em permanente ponte-aérea entre Europa e EUA ("acho que não volto mais ao Brasil", ele disse), o flautista e saxofonista Ion Muniz, o baixista Buster Williams e o flautista Jeremy Steig, que esteve no Brasil recentemente.

Joice fala das coincidências cabalísticas da gravação: sete faixas realizadas por sete músicos principais, a partir do dia 7/7/77, nos estúdios CBS, de Nova Iorque. Mais fortes do que esses mistérios porém, são as próprias músicas, especialmente **Feminina**, **ga Leve** e **Moreno**, de Joice e Cic **Vida**, de Maurício. Combinações rosas de percussão, vozes, viol metais, com improvisos de cálida volvência: "Não houve qualquer tação ou exigência da produção. mandou ligar os microfones e fic três dias no estúdio, completame vontade".

Outra coincidência que au a estranheza das dificuldades en tradas por Joice e Maurício no B ambos estão comemorando, sem menagens ou festas, é claro, 10 de carreira. Maurício começou pr sionalmente no Momento Quatro, junto vocal e instrumental que ac panhou Edu Lobo na apresentaç **Ponteio** no Festival da Record gravou um LP e durou "dois anos tos." Joice, ex-estagiária de jorn mo, estreou no FIC cantando **Despedida**, de Macalé, e **Me Disse** de sua autoria. Fez três LPs a dois na Itália (um deles lançad Brasil pela Continental). Ao lado problemas normalmente enfrent por todo músico que se recusa a rir ao comercialismo imposto gravadoras, Joice teve contra preconceito antifeminino: "De modo geral, sempre esperaram de a perninha de fora, o tipo. Você de ser sensual e brejeira — me di Sempre quis fazer um negócio de sico e me cobravam o estrela charme."

Ambos cariocas, na faixa d anos como o baiano Tutti, Joi Maurício queixam-se ainda dos defectíveis direitos autorais. O ca compositora seria até cômico, não se especialmente triste: tem quas gravações de suas músicas e se beu Cr$ 5 mil nos 10 anos "foi m Na Editora Pérgola, de José Lour conseguiu um **advance** de Cr$ 400 em 68, e nada mais. "Diz ela até hoje esse **advance** ainda não coberto, continuo devendo."

Enfim, um encontro (desta não se pode falar em coincidê feliz, para esses músicos que p rem a batalha inglória — e até o nimato — à comercialização fác Projeto Trindade convidou-os pa próximo **show** de sua agenda de petáculos ao vivo. E' bom não p essa que pode ser a última opor dade de vê-los antes do recon mento internacional, quando pass a chover convites de empresários sileiros, como aconteceu com os teriormente desprezados Airto M ra e Flora Purim. Da próxima por Joice, Maurício e Tutti Mo provavelmente já estaremos pag copiosos **royalties**.

MÚSICOS: A CLAREIRA DO TRINDADE

EXCETO algumas iniciativas oficiais ainda tímidas de apoio aos músicos brasileiros, reina o marasmo, frequentemente assolado por queixas individuais. Surge agora, no entanto, o Projeto Trindade, com uma proposta diferente: "Abrir uma grande clareira em som, imagem e palavra, onde a música e os músicos possam se movimentar". E mais: "Trindade pretende motivar os músicos para que eles próprios, vendo que é possível, partam para o trabalho."

Embora conte com verbas e apoios que podem ser considerados, ainda que impropriamente, **oficiais**, da VASP, do Banco do Brasil, da Companhia de Desenvolvimento de Santa Catarina e da própria Funarte, o projeto Trinidade, idealizado em fins de 75 pela cineasta Tania Quaresma e o músico Luiz Keller, diferencia-se de todos os outros. "Nenhum desses órgãos tem interferência na elaboração e no resultado final do trabalho". Tania e Luiz explicam: "Quem nós sabemos que vai fazer esse tipo de exigência não é nem procurado".

Trindade Produções Artísticas, a firma fundada por Tania, Luiz e Nara Cardoso (administradora e supervisora do projeto) é uma sociedade sem fins lucrativos, que funciona como fundação: o dinheiro gerado pelos shows, pelo filme e pela venda dos discos reverte, em primeiro lugar, para os músicos participantes.

O projeto começou a se tornar real em fevereiro deste ano, com as primeiras filmagens, cenas do carnaval carioca, e tem previsão de encerramento para março ou abril de 78. A idéia do projeto é gravar com a melhor técnica e nos melhores estúdios temas de músicos brasileiros, por eles compostos, arranjados e interpretados. Esses temas serão ilustrados com imagens do Brasil, "imagens fortes da gente, da terra e da vida em diversas regiões do país". Serão, a seguir, promovidos **shows** com esses instrumentistas: uma amostra de tudo poderá ser vista hoje à meia-noite e no cinema Ópera. Num encontro três vertentes da música brasile subirão ao palco Edu Lobo com grupo, Nivaldo Ornellas e seu tr lho solo e o grupo Index. Esses petáculos, sucessivos até o fina projeto, deverão encerrar-se grande espetáculo ao ar livre, reu do todos os músicos participa Esses temas serão editados em d e as vidas e obras dos participa serão documentadas em reportage um livro que contará toda a an dão do projeto e as histórias das soas nele envolvidas.

Ao final do projeto também treará o filme que reúne todos os mas musicais e suas imagens. A em julho de 76, nos estúdios Versa, de São Paulo, Wagner Tiso, valdo Arnellas, Frederyko, Luis A Jamil Joanes, Paulinho Braga e cio Borges gravaram os primeiros temas. Um pouco depois foi a ve Antônio Adolfo, Franklin, Elber Cláudio, Luizão e Geraldo Aze Para os temas de Nivaldo (**Mem de Minas**) e de Luiz Alves (**Bu Quente**), além de uma música de velli (**Baião do Acordar**), já estão gistradas imagens. Respectivame cenas de Minas (na cidade de T dentes), de uma reunião de mú na Ladeira dos Tabajaras, no R São Paulo (trabalho e comida, op rios, lanchonetes, gente de rua) duas semanas, Trindade foi ao X ao Posto Leonardo Villas Boas, documentar a participação de Eg Gismonti no projeto: o tema **Co me a Altura do Sol / Conforme tura da Lua**, dançado pelo bale gium para uma platéia de cerca mil índios, convidados a assistir integrar a cena.

A seguir, o projeto prevê mi magens e gravações: as primeira pantanal de Mato Grosso, que fa rão uma sinfonia de pios de pá orquestrada por Rogério Dupra capítulo gravações, o grupo Index trará nos estúdios para compor ma correspondente a Brasília.

POPULAR

O MUITO QUE UM DISCO DE CANDOMBLÉ TEM PARA NOS ENSINAR

J. R. Tinhorão

A Phonogram, sob seu selo Fontana Special, vem de lançar no mercado um disco que, sobre seu valor de documento da música religiosa afro-brasileira, vale por um espetáculo de ritmo de percussão que chega a emocionar pela riqueza e pela dignidade litúrgica. Trata-se do LP intitulado Candomblé, produzido pelo especialista Djalma Corrêa, e que, concentrando no estúdio de gravação um trio de tocadores (alabés) de terreiros baianos, reproduz com ajuda de um coro de cinco vozes os cantos invocativos de 14 dos principais orixás do grupo Ketu, originário da Nigéria.

As palavras africanas em iorubá, guardadas apenas por tradição oral, talvez já estejam quase irreconhecíveis — como lembra o próprio produtor do disco em seu texto de contracapa — mas o admirável é verificar como o ritmo, preso às exigências do ritual (cada orixá tem seu toque particular), conserva a sua linguagem praticamente inalterada.

A importancia do registro musical fornecido pelo disco Candomblé, porém, não se esgota nessas observações mais diretamente ligadas ao destino e à história da religião dos orixás nas Américas e particularmente no Brasil, mas se

revela ainda rica de sugestões quando se atenta para as relações entre a música dos terreiros e os ritmos de música popular urbana, notadamente o lundu e o samba (sem falar em expressões mais regionalizadas como o maracatu do Recife, o carimbó paraense ou o coco alagoano).

Na verdade, ouvindo com atenção os cantos aos orixás do panteão das tribos jejenagôs, pode-se descobrir a origem de praticamente todas as células rítmicas que se redesenham desde os estribilhos de rodas de pernadas, de capoeira ou de partido alto vindos do século 19, até as batucadas e sambas produzidos por compositores urbanos da era do disco e do rádio, já no século atual.

Isso se explica pelo fato de os negros, impedidos de reunir-se em locais apropriados para o culto a seus orixás, no tempo da escravidão, terem disfarçado muitas vezes suas sessões de ritual ao ar livre, sob a forma de danças aparentemente profanas e que os colonizadores portugueses — naturalmente desconhecedores do código dos toques — chamavam genericamente de batuques.

Assim, tal como do cantochão das igrejas católicas se derivou uma série de cantos profanos como os do cururu, das folias de reis e das danças de Santa Cruz e de São Gonçalo, assim também da música religiosa dos terreiros se filtraram para a música popular brasileira, através de uma longa trajetória cultural caminhando do campo para as cidades, os ritmos que afundam suas origens na própria história mítica das nacionalidades africanas.

Sob este aspecto de ponto de partida para o reexame das relações musicais entre a Africa e o Brasil — e que já permitiu a Mário de Andrade as quase 300 páginas de seu livro Música de Feitiçaria no Brasil — o disco Candomblé produzido por Djalma Corrêa para a Phonogram é de fato primoroso. Esperemos que, conforme a promessa desse mesmo produtor em seu texto de contracapa, a Phonogram não deixe de lançar os outros discos destinados a mostrar "canticos rituais das diversas nações que aqui chegaram, das mais diversas regiões da Africa".

A obrigação de realizar esse trabalho documental, é claro, deveria ser do Governo. Mas, em termos de cultura, quem espera alguma coisa do Governo?

CARLINHOS VERGUEIRO • PELAS RUAS, UM PASTOR DA NOITE

Mara Caballero

NA madrugada, de bar em bar. No Rio ou em São Paulo. Por aí, encontra-se Carlinhos Vergueiro. E é esse clima de noite que está no seu recém-lançado *Pelas Ruas*, quarto LP desse tímido compositor e cantor paulista.

O nome não podia ser mais adequado. Como o próprio Carlinhos diz, "o disco é a minha cara". Não diz muito mais. Prefere pegar o violão, o corpo curvado sobre o instrumento, os cabelos castanho-claros escondendo o rosto e o encabulamento. Canta as 12 músicas do LP.

As perguntas, responde quase sempre monossilabicamente: sim, não, é, gosto. Ri, apertando os olhos verdes como num pedido de desculpas. Pergunta se já não é suficiente. Hospedado na casa de um amigo (insiste em morar em São Paulo, embora quase sempre esteja por aqui), recebe um telefonema. São outros amigos, convidando-o para uma *pelada*, "num campinho ótimo". O campinho é em Campo Grande, na casa de Romeu Nunes, onde o desempenho dos jogadores não faz vergonha a ninguém. Todos marcaram gols, seu time ganhou uma partida e empatou outra. Carlinhos na ponta-direita, Toquinho polivalente, Chico Buarque ponto futuro, no dizer deles mesmos.

Outra entrevista é marcada. Carlinhos desta vez está mais à vontade, já lançou o disco em São Paulo (terça-feira última) e falou "até demais", na coletiva de lá.

— Basicamente, o disco é o clima da rua, da noite, do nervosismo que anda por aí. Essa é a sua idéia. Sou mais das ruas, das conversas que ouço nos bares. Minha formação musical é a de compositor de boteco.

Carlinhos Vergueiro é um compositor urbano. Nascido e criado em cidade grande, musicalmente sofreu influência de tudo o que ouvia no rádio. Aos 14 anos, já frequentava os bares. A família sempre foi ligada às artes. Seu pai, crítico de música clássica, foi um dos fundadores do Teatro Brasileiro de Comédia; a mãe, atriz; o avô, "grande professor", dava aulas de piano. Carlinhos teve aulas do instrumento, dos quatro aos 12 anos. Desistiu, mas seu irmão Guilherme hoje é pianista.

— Eu tinha jeito, mas era muito preguiçoso. Quando ganhei a noite, parei. Mas conversava muito com pessos que faziam música e, meio sem saber porque, comecei a compor. Depois — imagine — fui trabalhar na Bolsa. Diziam que eu era poeta, bom letrista. Eu achava engraçado. Logo sairia o meu primeiro LP: *Brecha*.

Isso foi em 1974. Dois anos antes, casara-se com Laura, formada em História, atualmente preparando uma tese. Dos dois nasceu Dora, hoje com um pouco mais de um ano.

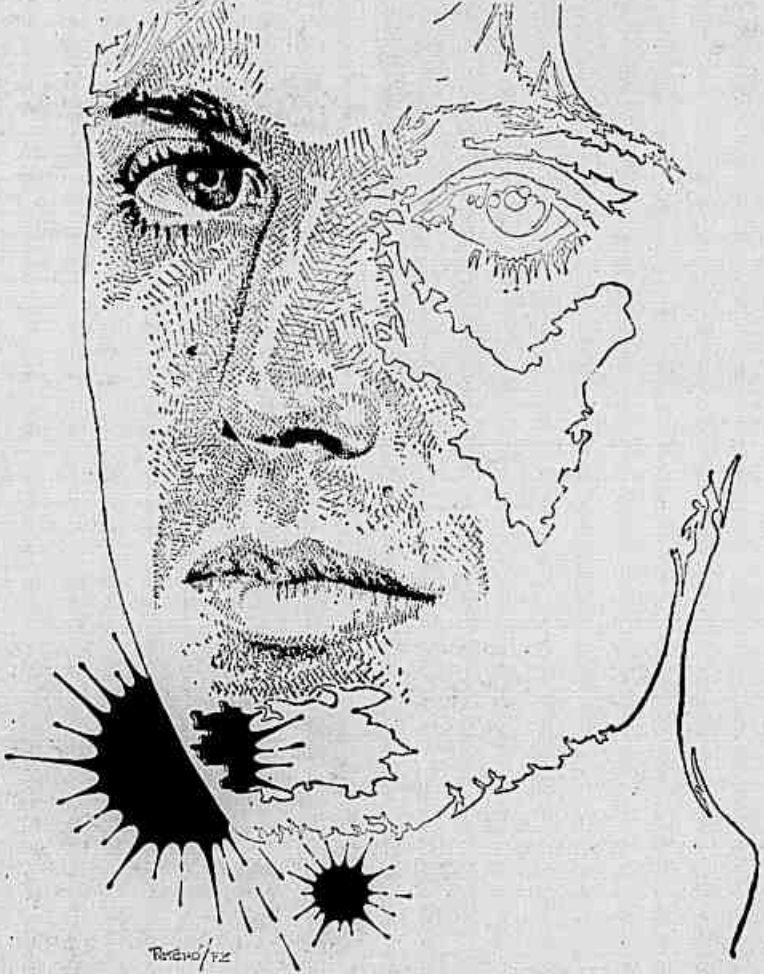
Antes do *Brecha*, Carlinhos gravara dois compacto. Foi a partir do segundo que — considera — passou a desenvolver realmente um trabalho.

— Foi quando vi que tinha algo a apresentar. *Brecha* já foi um salto, um amadurecimento. Analisando friamente, vejo que os dois LPs seguintes — *Só o Tempo Dirá* e *Carlinhos Vergueiro* — representaram uma sequência natural de *Brecha*, um prolongamento que possibilitou a realização do disco de agora, que considero tão importante quanto o primeiro. Com ele, acho que estou dando um novo salto, tenho a impressão de que consegui muita coisa que não havia conseguido antes. E' um disco muito uno. Gosto dos arranjos, das letras, dos parceiros. Ao contrário dos outros, este disco sim tem o meu clima, a força das minhas apresentações ao vivo.

Segundo Carlinhos, uma das razões desse avanço é a presença, no disco, de Édson José Alves, o arranjador — "meu parceiro mais atuante, embora nunca tenha composto comigo". Édson trabalha com o compositor há dois anos:

— Ele está totalmente harmonizado com a minha música.

A produção do disco foi confiada a J. C. Botezeli, o Pelão. A formação básica dos músicos tem Luis Mello ao piano, Cláudio no contrabaixo, Dirceu na bateria e Édson na viola, na flauta, no cavaquinho e no violão, onde está também o próprio Carlinhos.

— Carlinhos Vergueiro, como vai o mercado de trabalho para o músico, para o intérprete?

— O mercado de trabalho melhorou, sem dúvida. Há o Seis e Meia, o Projeto Pixinguinha, que estou fazendo com a Carmen Costa, a Concha Verde. Em São Paulo, temos apresentações no Morumbi, aos domingos, e O Fino da Música, no Anhembi, organizado pela Rádio Jovem Pan. Lá, talvez o mercado seja maior, mas a impressão é a de que as coisas acontecem mais no Rio. Depois do Projeto Pixinguinha (a estréia de Carlinhos nessa programação foi ontem à noite, no Teatro Dulcina e ao lado de Carmen Costa), vou fazer a partir de 15 de outubro o Circuito Comerciário, um projeto do SESC, pelo interior paulista. Em fins de outubro, farei um *show* em Ponte Nova, Minas, com o João Bosco. Depois, talvez parta para um espetáculo em um grande teatro, em São Paulo e no Rio. Até agora, tenho feito *shows* mais pobres, com poucos músicos.

Apesar dessas realizações e perspectivas, Carlinhos acha que ainda existem muitas dificuldades, sobretudo para quem começa. Dificuldades que ao iniciar sua carreira não percebeu.

— Além das dificuldades maiores, sabidas, derivadas do sistema político, há os rótulos que os meios de comunicação colam nas músicas: comercial ou não, por exemplo. Subestima-se, nesses meios, a capacidade do povo, oferecendo-lhe uma música que não o leva a pensar. Nas salas de diretoria e nas discotecas, decide-se do que o povo vai gostar. Só há investimento quando se vislumbra sucesso. Nesses casos, investem mais do que o necessário. Por exemplo, Cr$ 2 bilhões, quando Cr$ 500 mil seriam suficientes. Para os que estão iniciando, restam as sobras.

— E a crítica, como age?

— A impressão que eu tenho é a de que ela está num festival, com torcidas e comparações. Deveria ter uma visão maior da época em que vivemos. Há uma série de pressões que o compositor sofre, aparentemente não entendidas por quem viveu em outro clima. De certa forma, ajuda-se a calar quem — bem ou mal — está falando. Faz-se comparação com outros que viveram em outras épocas e que eram ou continuam a ser ótimos. E' como se, num jogo de várzea, não quisessem ver o Gil porque o bom é o Pelé.

A várzea, o futebol — temas constantes na conversa de Carlinhos. Em São Paulo, ele faz parte de um time de gente dos botecos, os Namorados da Noite, equipe que já não encontra campo com facilidade: "é a especulação imobiliária" — queixa-se. No Rio, não tem um time definido, mas joga sempre com Chico Buarque e Toquinho. Deste último — e de Vinicius de Moraes — é uma das faixas *(Porque Será)* de *Pelas Ruas*.

Quanto às suas parcerias, acontecem naturalmente mas com muito vagar.

— A letra que o Cachimbo fez para a nossa música *(Boa Noite, Morte)* neste meu disco ficou mais de um ano na minha casa e eu não a sentia. De repente, a música saiu. J. Petrolino é meu amigo há mais de três anos, mas só agora aconteceram as nossas parcerias que fazem parte do LP *(Briguemos, Marginais da Manhã, Conhaque e Mormaço)*.

As outras músicas de *Pelas Ruas* são só de Carlinhos: *Valsa, Galo, O Último Cantor, Teimosia* (que ele canta, no disco, com Cristina Buarque de Holanda), *Noção da Batalha, Em Nome dos Amantes e Ferve na Noite.*

Cinema

ESTRÉIAS

OS AMORES DA PANTERA (Brasileiro), de Jece Valadão. Com Vera Gimenez, Reinaldo Gonzaga, Roberto Pirilo, Paulo César Pereio, Renato Coutinho, José Augusto Branco, Ana Maria Kreisler e Susana Faini. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 242-9020), **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — .... 246-7705), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 227-7805): 13h40m, 15h45m, 17h50m, 19h55m, 22h. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519): a partir das 15h45m. **Santa Alice** (Rua Barão de Bom Retiro, 1 095 — 201-1299): de 2a. a 6a., às 16h50m, 18h55m, 21h. Sábado e domingo, a partir das 14h35m. **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338), **Olaria**: 14h45m, 16h50m, 18h55m, 21h (18 anos). Drama policial baseado em história de José Louzeiro. Principais personagens: uma **pantera** da alta sociedade, o amante, o ex-amante e outros ricos ociosos reunidos numa casa junto a uma praia deserta. A morte de uma prostituta trazida de São Paulo leva à eliminação da testemunha e o caso se torna conflito entre traficantes de entorpecentes.

★ Esta produção curiosa sugerida pelo caso Angela Diniz se descaracteriza entre o desejo natural de cativar a platéia com elementos **quentes** da crônica policial e a procura excessivamente ambiciosa de pintar um quadro de decadência social. Abordando **intocáveis** da cocaina, Valadão produz um filme com certas características entorpecentes, a começar pelo enfoque plácido, insinuante da (muito boa fotografia. Exatamente o contrário da provocação salutar latente no argumento de Louzeiro. A destacar, acima das posturas hollywoodianas de Vera Gimenez e Pereio, a discrição de Roberto Pirilo (surpreendente), Renato Coutinho, Susana Faine e Emanuel Cavalcanti. **(E.A.)**

O FRACASSO DE UM HOMEM NAS DUAS NOITES DE NÚPCIAS (Brasileiro), de Jorge Michel Sarkeis. Com Teresa Sodré, Jorge Michel, José Mojica Marins e Silvia Gles. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 224-6720): de 2a. a 6a., às 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): a partir das 14h. (18 anos). Esposa se disfarça para ter aventura com o próprio marido, após o fracasso da noite de núpcias.

★ Inqualificável a leviandade de levar esta pornochanchada ao público incauto. O melhor é passar rápido, ao largo do cinema. **(M.A.)**

CÁRCERE DE FÊMEAS (Prigione di Donne), de Brunello Rondi. Com Martine Brochard, Marilu Tolo, Erna Schurer e Katia Kristine. **Plaza** (Rua do Passeio, 78 — 222-1709): de 2a. a sábado, às 10h, 11h45m, 13h30m, 15h15m, 17h, 18h45m, 20h30m, 22h15m. Domingo, a partir das 13h30m. **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982): 14h30m, 16h15m, 18h, 19h45m, 21h30m. **Rosário** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): de 2a. a 6a., a partir das 16h15m. Sábado e domingo, a partir das 14h30m (18 anos). Mulher injustamente condenada à prisão convive com outras vítimas de um sistema carcerário vicioso. Produção italiana.

★ Filme **chato**, desonesto e metido a sério. Sugere pornografia e mostra uma sucessão de clichês com discurso maçante sobre a prisão Nada de novo. Como espetáculo, ilude seu público cativo. **(R.M.)**

CONTINUAÇÕES

DERSU UZALA (Dersu Uzala), de Akira Kurosawa. Com Youli Solomine e Maxime Mounzouk. Complemento: **A Pedra da Riqueza**, de Vladimir Carvalho. **Novo Pax** (Rua Visconde de Pirajá, 351 — 287-1935): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m. As 2as.-feiras não há sessão às 21h45m (Livre). ★★★★★ (E.A.)

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER (Jeder Fur Sich Und Gott Gegen Alle), de Warner Herzog. Com Bruno S., Brigitte Mira, Willy Sommelrogge e Jenry Van Lyck. **Caruso** (Av. Copacabana, 1 326 — 227-3544): 17h50m, 20h, 22h10m. **Tijuca-Palace** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m (10 anos). ★★★★★ (J.C.A.)

TRÁGICA OBSESSÃO (Obsession), de Brian de Palma. Com Cliff Robertson, Geneviève Bujold, John Lighgow e Wanda Blackman. **Capri** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — .... 226-7101): de 2a. a 6a., às 15h45m, 17h50m, 19h55m, 22h. Sábado e domingo, a partir das 13h40m (14 anos). ★★★★ (M.R.F.)

ROCK É ROCK MESMO (The Song Remains the Same), de Peter Clifton e Joe Massot. Com Led Zeppelin (John Bonham, John Paul Jones, Jimmy Page, Robert Plant e Peter Grant), Richard Cole, Derek Skilton e Colin Rigdon. **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 288-8178): 13h50m, 16h30m, 19h10m, 21h50m (Livre). ★★ (F.M.)

GARRAS E DENTES (La Griffe et la Dent), de François Bel e Gérard Vienne. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (Livre) ★★ (M.A.)

NASCE UMA ESTRELA (A Star Is Born), de Frank Pierson. Com Barbra Streisand, Kris Kristofferson, Gary Busey, Oliver Clark e Vanetta Fields. **Império** (Praça Floriano, 19 — 224-5276), **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 226-5843), **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m (16 anos). ★★ (J.C.A.)

DOMINGO NEGRO (Black Sunday), de John Frankenheimer. Com Robert Shaw, Bruce Dern, Marthe Keller, Fritz Weaver e Steven Keats. **Condor-Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610): de domingo a 5a., às 13h45m, 16h30m, 19h15m, 22h. 6a. e sábado, às 13h, 15h45m, 18h 30m, 21h15m, 24h. **Metro-Boavista** (Rua do Passeio, 62 222-6490), **Rio** (Rua Conde de Bonfim, 302 — .... 254-3270): 13h20m, 16h05m, 18h50m, 21h35m. **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532): 13h45m, 16h 30m, 19h15m, 22h 18 anos. ★★ (F.M.)

UMA PONTE LONGE DEMAIS (A Bridge Too Far), de Richard Attenborough. Com Dirk Bogarde, James Caan, Michael Caine, Sean Connery, Edward Fox, Elliott Gould, Gene Hackman, Anthony Hopkins, Laurence Oliver, Robert Redford e Liv Ullmann. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 8 — 222-1508): de 2a. a 6a. às 12h, 15h, 18h, 21h. Sábado e domingo, a partir das 15h. **São Luis** (Rua Machado de Assis, 74 — ..... 225-7679), **Roxi** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 288-4999), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 15h, 18h, 21h (16 anos). ★ (J.C.A.)

MOISÉS (Moses), de Gianfranco de Bosio. Com Burt Lancaster, Anthony Quayle, Ingrid Thulin, Irene Papas, Mariangela Melato e Laurent Terzieff. **Coral** (Praia de Botafogo, 316 — 246-7218): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m (10 anos). ★ (M.R.F.)

SABENDO USAR NÃO VAI FALTAR (Brasileiro), de Francisco Ramalho Jr. e Adriano Stuart. Com Ewerton de Castro, Nadyr Fernandes, Helena Ramos, Renato Consorte e Yara Stein. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos). ★ (J.C.A.)

ÓDIO (Brasileiro), de Carlo Mossy. Com Carlo Mossy, Átila Iório, Ana Paula Lombardi e Celso Faria. **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 236): 14h50m, 17h, 19h10m, 21h20m. (18 anos). ★ (E.A.)

EXTRA

HOMENAGEM A PAULO EMÍLIO — Exibição de **Nitrato**, documentário de Alain Fresnot e **Memória de Helena**, de David Neves. Roteiro de Paulo Emilio. Com Joel Barcelos e Adriana Prieto. Às 20h30m, na **Cinemateca do MAM**. Promoção da Cinemateca do MAM, Embrafilme, ABD, ABRACI e Conselho de Cinema do MIS. Entrada franca.

VISÃO DO CINEMA SOVIÉTICO (II) — Exibição de **Flor de Pedra**, de Alexander Ptushko. Às 21h, no **Cineclube Macunaíma**, Rua Araújo Porto Alegre, 71 — 9º andar. Vencedor do Grande Prêmio do Júri do 1º Festival de Cannes em 1946.

A BELA DA TARDE (Belle de Jour), de Luis Bunuel. Com Catherine Deneuve, Jean Sorel, Michel Piccoli e Pierre Clementi. À meia-noite, no **Studio-Paissandu**. (18 anos). ★★★★ (J.C.A.)

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE FRANKENSTEIN (Frankenstein: The True Story), de Jack Smight. Com James Mason, Leonard Whiting, David McCallum e Jane Seymour. À meia-noite, no **Cinema-1**. (18 anos). ★★★ (E.A.)

MATADOURO CINCO (Slaughterhouse Five), de George Roy Hill. Com Michael Saks e R. Leibman. À meia-noite, no **Condor-Copacabana**. ★★★ (J.C.A.)

OS DEUSES E OS MORTOS (Brasileiro), de Ruy Guerra. Com Dina Sfat, Othon Bastos e Norma Benguell. Complemento: **Simitério do Adão e Eva**, de Carlos Augusto Calil. Às 11h, no **Novo Pax**. (18 anos). ★★★ (J.C.A.)

SANJURO (Sanjuro), de Akiro Kurosawa. Com Toshiro Mifune e Tatsuya Nakadai. À meia-noite, no **Novo Pax**.

Toshiro Mifune no papel de Sanjuro, que tem exibição hoje, à meia-noite no Novo Pax

GRANDE RIO

NITERÓI

CINEMA-1 — **Amor à Tarde**, com Bernard Verley. Às 18h, 20h, 22h. (16 anos). **Robin Hood, o Trapalhão na Floresta**, com Renato Aragão. Às 14h, 16h. (Livre). À meia-noite: **Caçada Sádica**, com Oliver Reed.

CINECLUBE SALA ESCURA — **O Rei da Noite**, com Paulo José. Às 20h, no **DCE da UFF**. (18 anos.

CENTER — **O Enigma de Kaspar Hauser**, com Bruno S. Às 13h30m, 15h40m, 17h50m 20h, 22h. (10 anos).

ICARAÍ — **Os Amores da Pantera**, com Vera Gimenez. Às 13h40m, 15h45m, 17h50m, 19h55m, 22h. (18 anos).

CENTRAL — **Baby Sitter**, com Maria Schneider. Às 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m. (18 anos).

NITERÓI — **Uma Ponte Longe Demais**, com Robert Redford. Às 15h, 18h, 21h. (16 anos).

ALAMEDA — **Ódio**, com Carlo Mossy. Às 14h30m, 16h-45m, 19h, 21h15m. (18 anos).

EDEN — **Ódio**, com Carlo Mossy. Às 14h15m, 16h40m, 19h 05m, 21h30m, (18 anos).

ART-UFF — **Garras e Dentes**, documentário de François Bel e Gérard Vienne. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).

DRIVE-IN ITAIPU — **Medo Sobre a Cidade**, com Jean-Paul Belmondo. Às 20h30m, 22h30m. (18 anos). Às 18h 30m: **Os Três Mosqueteiros**, com Michael York.

SÃO GONÇALO

TAMOIO — **A Revolta dos Cães**, com David McCallum. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

DUQUE DE CAXIAS

PAZ — **Cárcere de Fêmeas**, com Martine Brochard. Programa complementar: **Kung Fu, os Abutres da Violência**. Às 13h30m, 16h45m, 20h. (18 anos).

PETROPOLIS

DOM PEDRO — **O Segrêdo das Velhas Escadas**, com Marcelo Mastroianni. Às 15h30m, 17h30m, 19h30, 21h30m. (18 anos).

PETROPOLIS — **Os Amores da Pantera**, com Vera Gimenez. Às 15h10m, 17h15m, 19h20m, 21h35m. (18 anos).

TERESÓPOLIS

CINE ARTE — **Na Ponta da Faca**, com Stepan Nercessian. Às 15h e 21h. (18 anos).

ALVORADA — **Presídio de Mulheres Violentadas**, com Esmeralda de Barros. Às 20h, 22h. (18 anos). **Continuo Me Chamando Carambola**, com Paul Smith. Às 15h.

REAPRESENTAÇÕES

UM DIA DE CÃO (Dog Day Afternoon), de Sidney Lumet. Com Al Pacino, John Cazale, Charles Durnning e Chris Sarandon. **Studio-Tijuca** (Rua Desembargador Isidro, 10 — ..... 268-6014): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m (18 anos). ★★★★★ (E.A.)

O ANJO AZUL (Der Blue Engel), de Josef Von Sternberg. Com Marlene Dietrich, Emil Jans e Hans Albers. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 77 — 245-8904): 14h, 16h50m, 19h40m, 22h (18 anos). ★★★★★ (E.A.)

O GABINETE DO DR CALIGARI (Das Kabinet des Dr Caligari), de Robert Wiene. Com Werner Krauss, Conrad Veidt e Lil Dagover. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 15h40m, 18h30m, 21h20m (14 anos). ★★★★★ (E.A.)

INTRIGA INTERNACIONAL (North by Northwest), de Alfred Hitchcock. Com Gary Grant, Eve Marie Saint, James Mason, Jessie Royce Landis e Leo G. Carroll. **Cinema-2** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900), **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 288-6898), **Art-Méier** (Rua S. Rabelo, 20 — ..... 249-4544), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (Livre). ★★★★ (E.A.)

O GUARDA-COSTAS (Yojimbo), de Akira Kurosawa. Com Toshiro Mifune, Tatsuya Nakadi, Yoko Tsukasa e Isuzu Yamada. **Studio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — ..... 265-4653): 18h10m, 20h10m, 22h10m (18 anos). ★★★★ (E.A.)

LADRÕES DE CINEMA (Brasileiro), de Fernando Coni Campos. Com Milton Gonçalves, Antônio Pitanga, Wilson Grey, Grande Otelo, Lutero Luiz, Ruth de Souza, Regina Linhares e Tamara Taxman. **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 237-4714): 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h (14 anos). ★★★ (R.M.)

VAI TRABALHAR, VAGABUNDO, (Brasileiro), de Hugo Carvana. Com Odete Lara, Paulo César Pereio, Nelson Xavier e Hugo Carvana. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 286 — 275-4546): 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h (18 anos). ★★★ (J.C.A)

A NUDEZ DE ALEXANDRA (Franco-Brasileiro) de Pierre Kast. Com Jean-Claude Brialy, Alexandra Stewart, Jece Valadão, Hugo Carvana, Ana Maria Miranda e Fernanda Bruni. **Bruni-Grajaú** (Rua José Vicente, 56 — 268-9352): 15h, 17h, 19h, 21h (18 anos). ★★ (J.C.A.)

ELVIS TRIUNFAL (Elvis on Tour), de Pierre Adidge e Robert Abel. **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 72 — 245-8904): 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m. (Livre). ★★ (J.C.A.)

TERREMOTO (Earthquake), de Mark Robson. Com Charlton Heston, Ava Gardner, George Kennedy, Lorne Greene e e Geneviève Bujold. **Condor-Largo do Machado** (Largo do Machado, 29 — 254-7374): 14h40m, 17h, 19h20m, 21h40m. **Cisne** (Rua Geremário Dantas, 1207 — 392-2860): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m (16 anos). ★ (J.C.A.)

AS GRÃ-FINAS E O CAMELÔ (Brasileiro), de Ismar Porto. Com Carlo Mossy, Katia D'Angelo e Eliza Fernandes. **Roma-Bruni** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-9994), **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 255-2908), **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 379 — 268-2325): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Excelsior** (Rua Major Avila, 455): 15h, 17h, 19h, 21h (14 anos). ★ (J.C.A.)

QUANDO AS MULHERES QUEREM PROVAS (Brasileiro), de Cláudio MacDowell. Com Carlo Mossy, Rossana Guessa, Sergio Gutervall e Yara Stein. Programa complementar: **O Dragão Cego contra o Lobo Branco**. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2a. a 6a., às 10h, 13h20m, 16h40m, 19h55m. Sábado e domingo, a partir das 13h20m (18 anos) ★ (J.C.A.)

TARZANA, A VÊNUS DA SELVA (Tarzana, Sessa Selvaggio), de James Reed. Com Ken Clark, Franca Polesello, Frank Ressel e Raf Baldassare. Programa complementar: **A Vingança da Filha de Bruce Lee**. **Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 222-6327): de 2a. a 6a., às 12h30m, 15h40m, 18h50m, 20h 30m. Sábado e domingo, às 14h10m, 17h20m, 20h30m (18 anos). ★ (E.A.)

O SEMINARISTA (Brasileiro), de Geraldo Santos Pereira. Com Eduardo Machado, Louise Cardoso, Nildo Parente, Lidia Matos, Liana Ducal, Raul Cortez e Tony Ferreira. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos). ★ (C.M.)

DIO COME TI AMO (Dio Come Ti Amo), de Miguel Iglesias. Com Gigliola Cinquetti, Mark Damon e Micaela Cendall. **Scala** (Praia de Botafogo, 320 — 246-7218): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).

PAPPILLON (Papillon), de Franklin J. Schaffner. Com Dustin Hoffman e Steve MacQueen. **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 227-7805): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m. (18 anos). ★ (J.C.A.)

DRIVE-IN

OS TRÊS DIAS DO CONDOR (Three Days of the Condor), de Sidney Pollack. Com Robert Redford, Faye Dunaway, Cliff Robertson e Max Von Sydow. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1 426 — 274-7999): 20h, 22h30m (18 anos). ★★★★ (E.A.)

A DANÇA DOS VAMPIROS (The Fearless Vampire Killers), de Roman Polanski. Com Roman Polanski, Jack MacGowan e Sharon Tate. **Ilha Autocine** (Praia de São Bento — Ilha do Governador: 20h30m, 22h30m (18 anos. ★★★ (J.C.A.). **Último dia.**

MATINÊS

O COMPRADOR DE FAZENDAS — **Studio-Paissandu**: 13h 30m, 15h, 16h30m. (Livre).

A BELA ADORMECIDA — **Copacabana**: 13h50m (Livre).

O SUPERPAI — **América**: 14h. (Livre).

COSTINHA E O KING MONG — **Caruso**: 14h20m, 16h. (Livre).

SESSÃO COCA-COLA — **O Cavalinho Mágico** — **Lagoa Drivi-In**: 18h30m. (Livre).

SESSÃO INFANTIL — **Robin Hood, o Tapalhão da Floresta** — **Ilha Auto-Cine**: 18h30m. (Livre).

Teatro

O elenco de Ralé, um dos mais significativos textos em cartaz, realiza debates com o público no final de todas as apresentações

Dando prosseguimento às entrevistas/debates enquadradas na programação Fim de Semana com Arte, do Museu Nacional de Belas-Artes, a crítica Tania Pacheco entrevistará hoje, às 15h, o jovem diretor Eric Nielsen, responsável por A Farsa do Rei. *Entrada franca.*

DOR DE AMOR — Texto de Bráulio Pedroso. Dir. de Paulo César Pereiro. Com Rosita Tomás Lopes, Neila Tavares. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (252-5817). Às 20h e 22h. Ingressos a Cr$ 70,00. Um marido atônito e enciumado com a descoberta que sua mulher faz de si mesmo como ser humano.

VAN GOGH E O CICLO DA CARNE — Colagem de Textos de Antonin Artaud, Van Gogh e Agostinho Alves. Dir. de Jesus Chediak. Com José Wagner, José Alberto Cotta. **Teatro da Casa do Estudante Universitário**, Av. Rui Barbosa, 762 (265-8817). Às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00, estudantes. As figuras de Van Gogh e Artaud projetadas contra o pano de fundo das circunstancias emergentes do Terceiro Mundo.

PEÇAS AMERICANAS — Três peças em um ato — **Impromptu**, de Ted Mosel, **The Footsteps of Doves**, de Robert Anderson, e **Fan and Yan** representadas — em inglês, pelo Little Theatre. **Usacenter**, Rua Barata Ribeiro, 181. Às 20h 30m. Entrada franca mediante reserva pelos telefones 247-3191 e 274-1621. Último dia.

RALE' — Drama de Máximo Gorki. Dir. de Marcos Fayad. Com Rose Vieira, Henry Pagnoncelli. **Teatro Experimental Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Às 21h. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 15,00, estudantes. Num asilo para indigentes entrechocam-se os sonhos, as aspirações e as frustrações de uma comunidade que vive à margem da sociedade.

W. M. — NA BOCA DO TÚNEL — Comédia dramática de Carlos Eduardo Novaes. Direção de Cecil Thiré. Com Nelson Xavier, Carlos Kroeber. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-9185 e 225-8846). Às 20h e 22h30m. Ingressos a Cr$ 80,00 (14 anos). A ascensão de um jovem jogador de futebol e o declínio de um velho ídolo, vítimas da **cartolagem**.

GRITE NA HORA CERTA — Texto de Paulo Carvalho. Dir. de Jorge Roberto Borges, com Nelson Caruso, Arthur Costa Filho. **Teatro João Caetano**, Pça. Tiradentes (221-0305). Às 20h e 22h. Ingressos a Cr$ 20,00. Através da trajetória existencial do personagem central, o autor pretende mostrar a dissolução da sociedade. Até amanhã.

DIVÓRCIO, CUPIM DA SOCIEDADE — Comédia de Max Nunes e Hilton Marques. Dir. de Gracindo Júnior. Com Ari Fontoura, Lúcia Melo. **Teatro Casa-Grande**, Av. Afranio de Melo Franco, 290 (227-6475). Às 20h e 22h30m. Ingressos (1a. sessão) a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00, estudantes (2a. sessão) a Cr$ 80,00. Intransigente pai de família não aceita o divórcio da filha que para convencê-lo a mudar de idéia arma um plano com o apoio da mãe.

A MORTE DO CANXEIRO-VIAJANTE — Drama de Arthur Miller. Dir. de Flávio Rangel. Com Paulo Autran, Natália Timberg. **Teatro Adolpho Bloch**, R. do Russel, 804 (285-1465 e 285-1466). Às 20h e 22h30m. Ingressos a Cr$ 100,00. O Velho vendedor não produz mais como antigamente, a sociedade competitiva coloca-o à margem da vida útil.

SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR — Texto de Luigi Pirandello. Dir. de Paulo José. Com Dina Sfat, Luís Linhares. **Teatro Copacabana**, Av. Copacabana, 237 (257-1818 R. Teatro). Às 20h30m. Ingressos a Cr$ 80,00. Sob pretexto de uma exemplar demonstração do **teatro dentro do teatro**, Pirandello discute alguns traumas essenciais do ser humano.

NÃO ME MALTRATE, ROBINSON — Texto de Paulo Afonso Grisolli. Dir. do autor. Com Luís Armando Queirós e Eduardo Tornaghi. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (258-8142). Às 21h30m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes e Cr$ 15,00, associados. A partir do velho mito de Robinson Crusóe, a peça discute liricamente problemas de liberdade e comunicação entre seres humanos.

SODOMA E GOMORRA — O ÚLTIMO A SAIR APAGA A LUZ — Comédia de João Bethencourt. Dir. do autor. Com Milton Moraes, Jorge Dória. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 42/56 (242-4880). Às 20h e 22h45m. Ingressos a Cr$ 100,00. Nas duas cidades bíblicas, os inocentes pagam pelas culpas dos outros, enquanto estes gozam os privilégios do poder.

QUE MÃE QUE EU ARRANJEI — **Vaudeville** de Álvaro Perez Filho e Júlio Moreno. Dir. de Nobel Medeiros. Com Mauro Rosas, Dinorah Marzullo. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (221-4484). Às 18h30m, 20h30m e 22h30m. Ingressos nas vesperais a Cr$ 30,00 e Cr$ 20,00, estudantes e nas sessões noturnas a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes. Comédia de situações, especialmente escrita para o lançamento de Mauro Rosas.

FIM DE PAPO — Comédia de Sergio Cecco e Armando Chulak. Direção de Eloy Araújo. Com Arlete Sales, Mário Mendonça. **Teatro Serrador**, Rua Sen. Dantas, 13 (232-8531). Às 20h e 22h30m. Ingressos a Cr$ 80,00. As repercussões de uma televisão enguiçada sobre o convívio conjugal.

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA — Texto de Plinio Marcos. Dir. de João das Neves. Com Juca de Oliveira e Osvaldo Loureiro. **Teatro Opinião**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Às 21h30m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes. (18 anos). Dois patéticos personagens vivem à margem da sociedade.

É... — Texto de Millor Fernandes. Direção de Paulo José. Com Fernanda Montenegro, Fernando Torres. **Teatro Maison de France**, Av. Presidente Antônio Carlos, 58. (274-4747 e 274-9898). Às 20h e 22h30m. Ingressos a Cr$ 100,00. Problemas de casamento, relacionamento sexual e maternidade na visão das duas diferentes gerações da burguesia carioca.

LIÇÃO DE ANATOMIA — Texto e dir. de Carlos Mathus. Com Tony Ferreira, Regina Viana. **Teatro Gláucio Gil**, Pça. Cardeal Arcoverde (237-7003). Às 20h e 22h30m. Ingressos 1a. sessão a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00, estudantes, 2a. sessão a Cr$ 80,00. Não é permitida a entrada depois do espetáculo começado. (18 anos). A experiência da análise transacional em forma de dramatizações teatrais fixa os conflitos psicológicos básicos.

UM SANTO HOMEM — Drama de Oto Prado. Direção de Luiz Mendonça. Com Ilva Nino, Sônia de Paula. **Teatro Nacional de Comédia**, Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Às 20h e 22h. Ingressos a Cr$ 70,00 e Cr$ 30,00, estudantes. Um misterioso **santo homem** modifica a visão do mundo de uma turma de marginais.

EXERCÍCIO — Texto de Lewis John Carlino. Dir. de Klaus Viana. Com Marília Pera e Gracindo Junior. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5527). Às 20h e 22h30m. Ingressos a Cr$ 70,00 e Cr$ 40,00, estudantes (18 anos). Problemas pessoais de dois atores vêm à tona durante exercícios de laboratório através dos quais eles procuram aprofundar os personagens que estão elaborando. Até dia 2 de outubro.

STRIPTEASE EM ALTO-MAR — Duas comédias de Mrozek. Direção de Mário Teles Filho. Com Leila Cardia, Lucia Vasconcelos. **Teatro Sub-Céu**, na **Casa do Estudante Universitário**, Av. Rui Barbosa, 762. Às 21h. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 15,00, estudantes. Dois indivíduos submetidos à arbitrariedade do poder excessivamente concentrado.

A INCRÍVEL HISTÓRIA DE PEDRO BACAMARTE — Comédia de Vital Paulino Filho. Dr. de Luis Mendonça. Com Tania Alves, Elba Ramalho. **Teatro Tonelero**, Rua Tonelero, 56. Às 20h e 22h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 40,00, estudantes.

MUITO SOCÓ PARA UM SÓ SOCÓ COÇAR — Texto de Rafael de Carvalho. Direção de Luiz Mendonça. Com Rafael de Carvalho e Mary Neubauer. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66 (756-4615). Às 20h30m. Ingressos a Cr$ 20,00, Cr$ 15,00, estudantes, e Cr$ 10,00 associados. Até dia 2 de outubro.

A VOLTA DO PROMETIDO — Comédia de José Maria Rodrigues. Dir. do autor. Com Carlos Roberto Cris Bezerra. **Teatro Leopoldo Fróes**, Rua Manoel de Abreu, 16. Niterói. Às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00, estudantes.

CHICO REI — Poema dramático em sete cenas de Walmir Ayala. Com o grupo do Institutode Pesquisa das Culturas Negras. **Museu de Arte Moderna**, Av. Beira-Mar (231-1871). À 18h30m. Ingressos a Cr$ 50,00, Cr$ 30,00, estudantes e Cr$ 20,00, sócios.

EXPOSIÇÃO — Criação coletiva de Edgar Ribeiro, Jorge Frauches e Ruy Sandy. Com o Grupo Ensaio de Teatro Aberto. **Aliança Francesa de Copacabana**, Rua Duvivier, 43. Às 19h. Entrada franca.

MARIA E SEUS CINCO FILHOS — Texto e direção de João Siqueira. Com o grupo Dia a Dia. **Teatro da Aliança Francesa de Copacabana**, Rua Duvivier, 43 (275-5240). Às 21h. Ingressos a Cr$ 20,00. Até dia 2 de outubro.

O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU — De Aldomar Conrado. Com o grupo Augusto de Teatro Universitário da SUAM. **Auditório da Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Mota**, Av. Paris, 60. Às 20h30m. Entrada franca. (18 anos).

Artes Plāsticas

III EXPOSIÇÃO MUNDIAL DE TOFOGRAFIA — A CAMINHO DO PARAÍSO — Mostra de 434 fotos de 170 fotógrafos de 86 países. **Escola de Artes Visuais, Parque Laje**, Rua Jardim Botânico, 414. Das 9h às 18h. Até dia 25.

TAMARINDO — Pinturas. **Cantinho da Arte, Everest Rio Hotel**, Rua Prudente de Morais, 1 117. Das 10h às 22h. Até dia 20.

TOLENTINO — Pinturas. **A Cor da Rosa**, Rua Pres. Backer, 188, Icaraí. Das 8 às 12h e das 18h às 22h. Até dia 5 de outubro.

JOSE' MONLEON — Relevos escultóricos em madeira e aço. **Galeria Celina**, Rua Teixeira de Melo, 37 A. Das 9h às 13h.

FAYGA OSTROWER — Aquarelas. **Galeria Bonino**, Rua Barata Ribeiro, 578. Das 10h às 12h e das 16h às 22h. Até dia 1º de outubro.

SCLIAR — Pinturas da série **Metáforas**. **Galeria Ipanema**, Rua Aníbal de Mendonça, 27. Das 16h às 21h. Até dia 5 de outubro.

CHLAU DEVEZA — Pinturas. **Museu Nacional de Belas-Artes**, Av. Rio Branco, 199. Das 15h às 18h. Até dia 2 de outubro.

JOSE' CARLOS LIGEIRO — Fotografias. **Hall da Sala Cecília Meireles**, Lgo. da Lapa, 47. Das 10h às 21h.

VANGUARDA BRASILEIRA — Coletiva de obras de João Camara, Antonio Dias, Wanda Pimentel, Glauco Rodrigues, Vinicio Horta, Guerchman e Roberto Magalhães. **Galeria Saramenha**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/1º. Das 9h às 16h.

MESTRES NACIONAIS — Seleção dos melhores trabalhos do acervo de obras nacionais do século 19, 18 e da Missão Francesa. **Museu Nacional de Belas-Artes**, Av. Rio Branco 199 Das 15h às 18h.

JUDITH — Pinturas, desenhos e tapeçarias. **Galeria Centro Cultural Paschoal Carlos Magno**, Campo de S. Bento, Niterói. Das 16h às 22h. Até dia 25.

ACERVO — Obras de Armando Viana, Geraldo Castro, A. Mesquita, Pascual, Chaeil, José Maria, Romaneli e outros. **Roberto Alves Atelier**, Av. Princesa Isabel, 186, loja E. Das 15h às 22h.

PINTURAS — Obras de Humberto da Costa, Iaponi de Araújo, José Sabóia e Júlio Martins da Silva. **Museu Universitário Augusto Motta**, Av. Paris, 60. De 2a. a 6a., das 3h às 21h, sáb., das 9h às 12h. Até dia 15 de outubro. Inauguração hoje, às 20h.

VER ADE SANT'ANNA — Pinturas. **Galeria Tristes e Famintos**, Rua Barata Ribeiro, 611, sala 204. Das 14h às 22h. Até dia 30.

DOLLY MORENO — Esculturas. **Galeria Graffiti**, Rua Maria Quitéria, 85. Das 9h30m às 13h e das 16h às 21h. Último dia.

ARTE BRASILEIRA — Pinturas, gravuras e tapeçarias de Marília Geanete Torres, Chlau Deveza, Stênio Pereira, Marcus Silva e outros. **Ipanema Inn**, Rua Maria Quitéria, 27. Das 9h às 22h. Até dia 30.

MANOEL SANTIAGO — **Crayons** e grafites. **Galeria Monet**, Rua 5 de Julho, 344, loja 105. Niterói. Das 18h às 22h.

ACERVO — Pinturas, tapeçarias e gravuras de Emi Mori, Mabe, Rapoport, Bianco, Gilda Azevedo, Rossini Perez, Remina Watz e outros. **Contorno Galeria de Arte**, Rua Marquês de S. Vicente, 52, loja 261. Das 10h às 18h.

ACERVO — Obras de Cicero Dias, Pancetti, Portinari, Carlos Lacerda, Rosina Becker do Vale, Pietrina Checcacci e outros. **Galeria Varanda**, Rua Xavier da Silveira 59. Das 9h às 19h.

ACERVO — Obras de Bianco, Edson Mota, Ivan Moraes, Maria Leontina, Zaluar, entre outros. **Galeria Nouvelle Dezon** Rua Siqueira Campos, 146, loja 28. Das 10h às 22h. Até dia 26

EXPOSIÇÕES

6a. EXPOSIÇAO DE FLORES — Mostra de arranjos florais, plantas tropicais e ornamentais, mudas de plantas, **cachepots**, xaxins e vasos, terra vegetal, adubos e instrumentos e acessórios para jardinagem em 82 **stands** de 40 expositores. **Hotel Nacional**, Av. Niemeyer, Sala de Exposições, subsolo. Das 11h às 23h. Até amanhã. Promoção do **JORNAL DO BRASIL**.

O BARRO NA ARTE POPULAR BRASILEIRA — Reunião de cerca de 100 peças da coleção de Clotilde Carvalho Machado. **Museu Histórico da Cidade**, Estrada de Santa Marinha, s/nº Das 11h às 17h. Até dia 17 de outubro.

1a. EXPOSIÇAO FILATELICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO — Mostra de acervo brasileiro e internacional, com a participação de 240 expositores. **Jóquei Clube do Rio de Janeiro**, Av. Almte. Barroso com Rio Branco. Inauguração hoje, às 17h.

CURIOSIDADE DE OUTRORA E PORCELANA IMPERIAL — Mostra de uma coleção de miudezas antigas pertencente a Paulo Afonso Carvalho Machado e de 40 peças de louça que serviram a D Leopoldina e D. Pedro I, da coleção de Roberto Lisboa. **Museu Histório do Estado do Rio de Janeiro**, Rua Pres. Pedreira, 78, Ingá, Niterói. Das 13h às 17h. Até dia 30.

MÚSICA

PEDRO SOLER — Recital de guitarra, flamenga. Promoção da Aliança Francesa do Rio. **Sala Cecília Meireles**, Lgo. da Lapa, 47. Às 21h. Ingressos a Cr$ 80,00, Cr$ 60,00 e Cr$ 40,00.

ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA — Concerto sob a regência do maestro Isaac Karabtchevsky. Programa: **Concerto para Violino**, de Beethoven (solista: Salvatore Accardo). **In Memoriam**, de Marlos Nobre, e **2a. Sinfonia**, de Brahms, **Teatro do Hotel Nacional**, Av. Niemoyer, s/n. Às 16h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00, estudantes.

RENATO MENDES — Recital de órgão. Programa: **Tocata e Fuga em Ré Menor e Fantasia e Fuga em Sol Menor** (A Grande), de J. S. Bach, **Duas Peças para Órgão**, de Maria Luiza Priolli, **Peça Heróica**, de Cesar Frank, **Litanies**, de J. Aalin, e **Tocata em Dó Menor (Suíte Gótica)**, de L. Boellmann. **Salão Leopoldo Miguez** da Escola de Música da UFRJ, Rua do Passeio, 98. Às 21h. Entrada franca.

Televisão

OS FILMES DE HOJE

Deus Sabe Quanto Amei — *que nunca foi exibido na TV, pelo menos em cores —* e Pão, Amor e Fantasia — *que há muitos anos está ausente da teletela — são os destaques, seguidos por reprise já bastante batida:* Terra Bruta. *Os dois espetáculos de ineditismo garantido —* A Árvore da Vida *e* Quando a Mulher Quer — *dispensam a atenção do telespectador.*

CAVALEIRO ROMÂNTICO
TV Globo — 14h

(Tickle Me). Produção americana, originariamente em Panavision, de 1965, diirgida por Norman Taurog. No elenco: Elvis Presley, Julie Adams, Jocelyn Lane, Jack Mullaney, Merry Anders, Conie Gilchris, Edward Faulkner, Bill Williams, Alison Hayes, Francine York. **Colorido.**

Presley é Lonnie Beals, guitarrista e praticante de rodeios que perde uma promessa de emprego e resolve aceitar a proposta de Julie para trabalhar em seu rancho, na verdade, uma rica fazenda acionada por mulheres. Há um tesouro escondido e sugestões fantasmagóricas no assunto, mas o que interessa é a sedução que o herói exerce sobre as garotas e, obviamente, suas canções. E' considerado um dos piores filmes interpretados pelo falecido ator-cantor.

TRAIÇÃO HERÓICA
TV Studios — 16h

(They Rode West). Produção americana de 1954, dirigida por Phil Carey, Onslow Stevens, Roy Roberts, Eugene Iglesias, Peggy Converse, Jack Kelly. **Colorido.**

Western **cuja trama destaca os esforços de um médico de cavalaria (Francis) para restabelecer a paz entre brancos colonizadores e os índios kiowa. O enredo se desenrola dentro dos esquemas habituais do gênero e não oferece novidades de destaque. Trata-se, porém, de produto bem arrumadinho, com condições de satisfazer aos aficionados.**

SATÃ JANTA CONOSCO
TV Educativa — 20h 30m

(The Man Who Came to Dinner). Produção americana de 1941, dirigida por William Keighley. No elenco: Monty Woolley, **Bette Davis**, Ann Sheridan, **Richard Travis, Billie** Burke, Reginald Gardiner, Grant Mitchell, Elizabeth Fraser, Mary Wilckes, Jimmy Durante, Charles Drake. **Preto e branco.**

O excêntrico autor Sheridan Whiteside (Woolley) é forçado a passar o inverno na casa da família Stanley (chefiada por Burke) e quase enloquece os moradores com seus hábitos e insólitos amigos. Baseado em peça de Kaufman e Hart, que foi sucesso na Broadway com o mesmo ator, o filme vale mais pelo assunto, bastante divertido e curioso, e pelo comportamento do elenco — todos estão excelentes.

PÃO, AMOR E FANTASIA
TV Globo — 21h 15m

(Pane, Amore e Fantasia). Produção italiana de 1953, dirigida por Luigi Comencini. No elenco: Gina Lollobrigida, Vittorio De Sica, Marise Merlini, Virgilio Riento, Tina Pica, Maria Pia Casilio, Roberto Risso, Memmo Carotenuto, Guglielmo Barnabó, Gigi Reder. **Preto e branco.**

Lollo é a bersagliera **Maria, garota temperamental que se apaixona por um carabineiro (Risso), de sua aldeia. De Sica é o novo comandante do destacamento, que se dedica ao assédio de uma enfermeira relutante (Merlini). Comédia de costumes recheada de observações saborosas, que se constituiu num dos maiores êxitos comerciais do cinema italiano no período, tanto no país quanto no exterior, inclusive no Brasil. Teve três sequências e a primeira delas com a mesma equipe, parece que vai ser exibida no próximo sábado.**

A ÁRVORE DA VIDA
TV Guanabara — 21h

(Raintree Country). Produção americana, originariamente em cinemascope, de 1957, dirigida por Edward Dmytryk. No elenco: Montgomerry Clift, Elizabeth Taylor, Eva Marie Saint, Lee Marvin, Nigel Patrick, Rod Taylor, Agnes Moorehead, Walter Abel, Jarma Lewis, Tom Drake. **Colorido.**

1862: Clift, idealista em busca do destino, ridicularizado pelos colegas por suás aspirações, namora Eva Marie, mas é seduzido por Liz, que se casa com ele, levando-o para o Sul. Melodrama baseado em livro da guerra civil — que, no filme ,eclode quando já se desenrolou muita película — em produção de luxo. Os problemas que pululam ao longo do vasto relato (2h46m) são apenas tocados de leve. Como o interesse do espetáculo repousa basicamente no duo central e Clift-Taylor estão desajeitadamente deslocados, desaparece a curiosidade pelo que está acontecendo. A monotonia impera, soberana.

QUANDO A MULHER QUER
TV Globo — 23h05m

(Stand up and Be Counted). Produção americana de 1971, dirigida por Jackie Cooper. No elenco: Jacqueline Bissot, Stella Stevens, Steve Lawrence, Gary Lockwood, Lee Purcell, Loretta Swit, Hector Elizondo, Anne Francine, Madlyn Rhune, Michael Ansara. **Colorido.**

Jornalista com passagem por Londres, Bisset é incumbida de um artigo sobre o movimento feminista em Denver, no Colorado, sua cidade natal. Surpresa, ela descobre que sua mãe (Francine) e sua irmã (Purcell) lideram facções, acompanhadas de várias outras mulheres da cidade. Comédia dramática. De acordo com opiniões alheias, combinação escapista de chavões dos slogans **feministas com clichês das fórmulas hollywoodianas retiradas da gavota "tipos-provincianos".**

ZARAK
TV Tupi — 0h 10m

(Zarak). Produção britanica, originariamente em cinemascope, de 1956, dirigida por Terence Young. No elenco: Victor Mature, Michael Wilding, Anita Ekberg, Bonar Colleano, Finlay Currie, Bernard Miles, Eunice Gayson, Peter Illing e Andre Morell. **Colorido.**

Mature é Zarak Khan, afegã banido da tribo do pai que se torna líder de um bando de criminosos. Wilding é o oficial inglês incumbido da segurança da fronteira Noroeste da colônia. Aventura banal, cujo momento mais bizarro, segundo a crítica da época, é uma dança do ventre executada por Anita.

DEUS SABE QUANTO AMEI
TV Guanabara — 23h

(Some Came Running). Produção americana, originariamente em cinemascope, de 1959, dirigida por Vincente Minnelli. No elenco: Frank Sinatra, Shirley Mac Laine, Dean Martin, Martha Hyer, Arthur Kennedy, Nancy Gates, Leora Dana, Betty Lou Keim, Larry Gates, Connie Gilchrist. **Colorido.**

Terminada a guerra, Sinatra retorna à sua cidade de província, desiludido com sua carreira de escritor, irritado com os preconceitos locais e menosprezando a respeitabilidade de aparência do irmão (Kennedy), dono de uma loja. Apela então para a rebeldia e o escandalo, ligando-se a um jogador (Martins) e a uma prostituta (Mac Laine). A crítica às tradições provincianas e os conflitos do artista permanecem na superfície. Entretanto, Minnelli, evitando o sensacionalismo tipo A Caldeira do Diabo, **apela para a extravagancia — que ele sabe usar muito bem. Graças à exculente colaboração de Sinatra e Mac Laine (Hyer também ajuda como a professora de criatividade que atrai o protagonista), o realizador consegue salvar o espetáculo.**

TERRA BRUTA
TV Globo — 1h

(Two Rode Together). Produção americana de 1961, dirigida por John Ford. No elenco: James Stewart, Richard Widmark, Shirley Jones, Linda Cristal, Andy Devine, John McIntyre, Annelle Hayes, Henry Brandon, Paul Birch, John Qualen. **Colorido.**

Stewart, Xerife de um vilarejo do Oeste, e Widmark, tenente da Cavalaria, comandam uma expedição enviada pelo Exército ao acampamento comanche, com a missão de resgatar brancos cativos. Os admiradores de Ford poderão recordar as características do cineasta (morto em 73) na retomada de situações, lances dramáticos e fisionomias comuns a muitos de seus trabalhos anteriores. Para o telespectador em geral, apenas um western **conduzido com segurança.**

O LODO VERDE
TV Guanabara — 1h

(The Green Slime). Co-produção americo-japonesa de 1968, dirigida por Kinji Fukasaku. No elenco: Robert Horton, Luciana Paluzzi, Richard Jaeckel, Tel Gunther, Robert Dunham, David Worston, Bud Widom, William Ross, Gary Randolf, Richard Hylland. **Colorido.**

De estação espacial parte expedição incumbida de destruir asteróide que saiu de sua órbita e ruma para a Terra. Os desentendimentos entre os dois cosmonautas (Horton e Jaeckel), inclusive pela presença de um elemento feminino (Paluzzi) a bordo, alimentam parte da intriga. O horror fica por conta da substancia do título, espécie de sangue com poder de regeneração, que é trazida inadevertidamente do asteróide para a estação e se multiplica em monstros. Consta que a cristividade é nenhuma e que a emoção não passa para o espectador.

Ronald F. Monteiro

CANAL 2

12h — **Padrão.**
12h30m — **Reencontro** — Programa religioso.
13h — **408** — Telejornal cultural. Hoje: **A Velhice, A Moda.**
14h — **1.º Campeonato Mundial de Voleibol Juvenil.** (Reprise).
15h — **Futebol Compacto** — Os melhores momentos do futebol. Hoje: **VT do jogo Fluminense x América** — Colorido.
16h — **Opus** — Musical apresentado por Aylton Escobar. Hoje: **Final da Série de Programa Sobre Percussão.**
17h — **Movimento** — Momentos de dança com vários grupos e solistas de balé clássico, moderno e folclórico. Colorido.
17h30m — **Conexão Mundial** — Jornalismo internacional. Colorido.
18h — **Esporte Especial** — Várias modalidades do esporte amador. Colorido.
19h — **Sítio do Pica-Pau Amarelo** — Novela infantil baseada na obra de Monteiro Lobato. Com Zilka Salaberry, Dirce Migliacio, Jacira Sampaio e outros. Resumo dos capítulos da semana. Colorido.
20h30m — **Oscar** — Filme: **Satã Janta Conosco.** Preto e branco.
23h — **Cena Aberta Espetáculo** — Teatro, personalidades e grandes momentos.
23h30m — **1.º Campeonato Mundial de Voleibol Juvenil.** Hoje. Partida final.
0h30m — **Futebol — VT.**

CANAL 4

9h45m — **Padrão e Cores.**
10h — **Shazan** — Desenho. Colorido.
10h30m — **Sabrina** — Filme.
11h — **Amaral Neto, o Repórter** — Reprise.
12h — **Globo Repórter** — Vale a Pena Ver de Novo. **A Explosão Silenciosa.** Colorido.
13h — **Hoje Sábado** — Noticiário apresentado por Sonia Maria, Ligia Maria, Marcos Hummel e Nelson Motta. Colorido.
14h — **Rock Concert** — Hoje: **Al Stewart, Elton John, Crusaders, Tavares, Fletwood Mac.**
15h — **Sessão Comédia** — Filme: **Cavaleiro Romantico.** Colorido.
17h10m — **Loco Motivas** — Reapresentação do último capítulo.
18h15m — **Dona Xepa** — Novela baseada na obra de Pedro Bloch. Adaptação de Gilberto Braga. Dir. de Herval Rossano. Com Yara Cortes, Fregolente, Nivea Maria, Ida Gomes, Reinaldo Gonzaga. Colorido.
19h — **HB 77 — O Xodó da Vovó** — Desenho.
19h20m — **Sem Lenço, Sem Documento** — Novela de Mário Prata. Dir. de Régis Cardoso. Com Ney Latorraca, Arlete Sales, Ricardo Blat, Isabel Ribeiro. Colorido.
20h — **Jornal Nacional** — Noticiário com Cid Moreira e Sérgio Chapelin. Colorido.
20h25m — **O Espelho Mágico** — Novela de Lauro César Muniz. Dir. de Daniel Filho. Com Tarcisio Meira, Glória Menezes. Colorido.
21h15m — **Primeira Exibição** — Filme: **Pão, Amor e Fantasia.** Preto e branco.
23h — **Jornalismo Eletrônico**
23h05m — **Sessão de Gala** — Filme: **Quando a Mulher Quer.** Colorido.
1h — **Coruja Colorida** — Filme: **Terra Bruta.** Colorido.

CANAL 6

9h30m — **TVE.**
10h15m — **Show de Turismo** — Apres. de Paulo Monte.
11h15m — **Desenhos.**
11h45m — **Reencontro.** Colorido.
12h — **Grand Prix** — Programa automobilistico com Fernando Calmon. Colorido.
12h30m — **Aérton Perlingeiro Show** — Programa de variedades. Colorido.
16h — **Rio Dá Samba** — Musical apresentado por João Roberto Kelly.
17h30m — **Programa Mauro Montalvão** — Variedades. Colorido.
19h10m — **Éramos Seis** — Novela com Gianfrancesco Guarnieri, Jussara Freire, Paulo Figueiredo. Colorido.
19h55m — **Um Sol Maior** — Novela com Rodolfo Mayer, Laura Cardoso, Zanoni Ferrite, Marcos Nanini, Betty Sadi e Walter Santos. Colorido.
20h40m — **O Grande Jornal** — Negócio com Iris Lettieri, Ferreira Martins e Fausto Rocha. Colorido.
21h — **Buzina do Chacrinha:** Comemoração do 6º aniversário do animador. Colorido.
23h — **Quest** — Seriado com Tim Notheson e Kent Russel.
0h10m — **Sessão Proibida** — Filme: **Zarak.** Colorido.

CANAL 7

11h15m — **Madureza** — Preto e Branco.
12h — **Desenhos.** Colorido.
12h25m — **Primeira Hora** — Noticiário.
13h — **Revista Feminina** — Programa apresentado por Maria Tereza Gregori. Colorido.
14h — **TV Bolinha** — Programa de variedades apresentado por Edson Cúri. Colorido.
17h — **O Grande Circo** — Apresentação de Torresmo e Pururuca. Colorido.
18h — **O Anjo** — Seriado. Colorido.
18h30m — **As Noivas Chegaram** — Seriado. Colorido.
19h20m — **Jornal de Bandeirantes** — Noticiário apresentado por José Paulo de Andrade, Branca Ribeiro, Celso Mansur e Fernando Garcia. Colorido.
19h30m — **Boletim Esportivo** — Colorido.
20h — **Os Comediantes** — Seriado de filmes cômicos. Hoje: **A História do Pastelão.**
21h — **Sétima Arte** — Filme: **A Árvore da Vida.** Colorido.
23h — **Os Premiados** — Filme: **Deus Sabe Quanto Amei.** Colorido.
1h — **Cinema na Madrugada** — Filme: **O Lodo Verde.** Colorido.

CANAL 11

15h30m — **Som Especial** — A música popular internacional no momento.
15h55m — **Plantão Onze** — Noticioso. Apresentação de Jacira Lucas.
16h — **Sessão das Quatro** — **Traição Heróica.** Colorido.
17h45m — **Sessão Alegria** — **Os Três Patetas** — Filme: **Amor, a Quanto nos Leva.**
17h55m — **Plantão Onze** — Noticioso. Apresentação de Jacira Lucas.
18h — **Sessão Desenho** — **Archie Show e Super Robin Hood.**
18h55m — **Plantão Onze** — Noticioso. Apresentação de Jacira Lucas.
19h — **Sessão Aventura** — Tarzan. Filme: **Um Revólver para Jay.**
19h55m — **Plantão Onze** — Noticioso. Apresentação de Jacira Lucas.
20h — **Sessão Bang-Bang** — Nakia — Filme: **Sem Lugar para Esconder.** Colorido.
20h55m — **Plantão Onze** — Noticioso. Apresentação de Jacira Lucas.
21h — **Os Guerrilheiros** — Filme: **Sentença de Morte.**
21h55m — **Plantão Onze** — Noticioso. Apresentação de Hamilton Bastos.
22h — **Sessão Policial** — Filme: **O Rei de Dinamarca.**
23h25m — **Plantão Onze** — Noticioso Apresentação de Hamilton Bastos.
23h30m — **Sessão Passatempo** — **James West.** Seriado. com Robert Conrad e Roos Martin.

Rádio JORNAL DO BRASIL

ZYJ-453

AM-940 KHz OT-4875 KHz

Diariamente das 6h às 2h30m

15h — MÚSICA CONTEMPORANEA — Programa: **Rod Stewart** em concerto — Produção de Alberto Carlos de Carvalho e apresentação de Orlando de Souza.

23h — NOTURNO — Lançamentos musicais, destaques internacionais, entrevistas. Produção e apresentação de Luís Carlos Saroldi e Ney Hamilton.

JORNAL DO BRASIL INFORMA — 7h30m, 12h 30m, 18h30m, 0h30m. Apresentação de Eliakim Araújo, Jorge Nedehf e Orlando de Souza.

ZYD-460

FM-ESTÉREO — 99.7 MHz

Diariamente das 6h às 2h

HOJE

20h — **Concerto em Lá Bemol,** de Vivaldi (trompetista Maurice André com a Filarmônica de Berlim — 6:00). **Sonata Op. póst. 120,** de Schubert (Ingrid Haebler — 19:30). **Arte da Fuga,** de Bach (Academia St. Martin-in-the-Fields e Neville Marriner — 78:21). **Sinfonia N.º 4, em Si Bemol Maior, Op. 60,** de Beethoven (Concertgebouw e Jochum — 35:48). **Sonata para Violino e Piano,** de Ravel (Wilkomirska e Barbosa — 18:53). **Adagio Op. 11,** de Samuel Barber (Filarmônica de Nova Iorque e Bernstein — 9:53).

INFORMATIVO DE UM MINUTO — De 2a. a sáb. às 9h, 12h, 15h, 18h, 23h e 24h.

Correspondência para a RÁDIO JORNAL DO BRASIL: Av. Brasil, 500 — 7.º andar — **Telefone: 264-4422.**

Para receber mensalmente o Boletim de programação de Clássicos em FM, **basta enviar UMA VEZ o seu nome e endereço à RÁDIO JORNAL DO BRASIL/FM, Av. Brasil, 500. Oferecimento Rádio JB.**

Rádio Cidade

ZYD-462

Diariamente das 6h às 2h

Os grandes sucessos da música popular dos anos 60/70 e os melhores lançamentos em música nacional e internacional.

CIDADE DISCO CLUB — O som das discotecas cariocas. De 2a. a 5a. das 22h às 23h. 6a. e sáb. das 22h às 24h. Produção de Carlos Townsend. Apresentação de Ivan Romero.

Show

Edu Lobo faz show *hoje no Cine Opera-1, ao lado do saxofonista Nivaldo Ornellas e do conjunto Index*

TEATRO

QUEM SABE, SOBE — Primeira parte: **show,** o grupo de música popular brasileira Cantares, formado por Marcos Ariel (flauta, piano e voz), José Renato (violão e voz), Juca (violão, viola e voz), Marco Aurélio (bandolim e guitarra), Antônio Santana (baixo acústico e elétrico), Damilton Viana (percussão) e Cid de Freitas (bateria). Na segunda parte, **show** de Hermeto Paschoal acompanhado de Mauro Senise, Zé Carlos, Raul Mascarenhas e Cacau (sax e flauta), Aleuda (voz e percussão), Raimundo (guitarra e piano elétrico), Itiberê (contrabaixo) e Peninha (bateria). **Concha Verde do Morro da Urca,** Av. Pasteur, 520. Às 20h30m. Ingressos a Cr$ 50,00, incluindo a passagem do bondinho.

PALCO SOBRE RODAS — Apresentação do conjunto Coisas Nossas e das cantoras Vanja Orico e Emilinha Borba. **Estrada do Quitungo, s/n.º,** Braz de Pina. Às 20h. Entrada franca.

PROJETO TRINDADE — **Show** do cantor e compositor Edu Lobo acompanhado de seu conjunto; do saxofonista Nivaldo Ornellas acompanhado de Elvis Villela (teclados), André Dequoch (violino, flauta e sintetizador), Luís Alves (baixo), Jamil Joanes (viola, violão e voz), Paschoal Meireles (bateria e percussão), Gegê (percussão) e Jairo Lara (viola, violão e voz), e do conjunto Index, formado por Marcos Rezende (teclados), Oberdan (sax), Claudio Gabis (guitarra), Wilson Meirelles (bateria e Jorge Dega baixo). **Cinema Ópera-1,** Praia de Botafogo, 340 (246-7705). À 0h30m. Ingressos a Cr$ 20,00.

QUEM DIRIA? — **Show** musical do compositor e intérprete Oswaldo Montenegro, com participação de Madalena Salles e Mongol. **Aliança Francesa da Tijuca,** Rua Andrade Neves, 315. Às 21h. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 25,00, estudantes.

PIRÃO DE PEIXE COM PIMENTA — **Show** da dupla de cantores e compositores Sá e Guarabira. Acompanhamento: Luizão (teclados), Didito (guitarra), Nonato (bateria), e Pedro Jaguaribe (baixo). **Sala Corpo Som do Museu de Arte Moderna,** Av. Beira-Mar (231-1871). Às 21h30m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 40,00, estudantes. Último dia.

MARIA DÉIA — Apresentação de música popular brasileira e latino-americana com o grupo formado por Alberto de Castro (vocal, violões, guitarra portuguesa e percussão), Chico Moreira (contrabaixo acústico, flauta transversa, charango, violões e vocal), e Ronaldo Florentino (violões, percussão, banjo e vocal). **Teatro Municipal de Niterói.** Rua XV de Novembro, 35 (718-6925). Às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00, estudantes. Até amanhã.

ORÓS — **Show** do cantor e compositor Fagner, acompanhado de Robertinho de Recife (guitarra, violas e sitar), Amelinha (vocal), Nivaldo Orneles (sax e flauta), Paulinho Braga (bateria), Ricardo Bezerra (piano acústico e elétrico), Ife (contrabaixo elétrico), Chico Batera (percussão). **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Às 21h. Ingressos a Cr$ 60,00. Até amanhã.

ALTA ROTATIVIDADE — **Show** humoristico com Rogéria e Agildo Ribeiro. Participação de Luís Pimentel, Maria Odete e o conjunto Somterapia. Texto de Max Nunes e Haroldo Barbosa. Dir. de Agildo Ribeiro. **Teatro Princesa Isabel,** Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). Às 20h30m e 22h30m. Ingressos a Cr$ 100,00.

BANDA DOS HOMENS — Apresentação do grupo de música popular brasileira. **Auditório do DCE da UFF,** Rua Visc. do Rio Branco, 625, Niterói. Às 21h. Ingressos a Cr$ 25,00.

EXORSEXY — Texto de José Sampaio e Faya Guzzardi. Com Costinha. Participação de Lauretti Guzzardi. **Teatro Carlos Gomes,** Praça Tiradentes (222-7581). Às 21h15m e 22h15m. Ingressos Cr$ 60,00.

AI. . . QUINTO — **Show** do humorista Chico Anísio, acompanhado do conjunto Tempo Sete. **Teatro da Lagoa,** Av. Borges de Medeiros, 1 426 — 247-7999 e 274-7748. Às 21h. Ingressos a Cr$ 100,00.

REVISTA

MIMOSAS. . . ATE' CERTO PONTO — **Show** de travestis, de Georgia Bengston. Com Angela Leclery, Kiriana, Marisa, Marlene Casanova, Rosana Berenson, Sara Streisamb, Theo Montenegro e participação especial de Edson Fharr e Jorge Benitez. **Teatro Brigitte Blair,** Rua Miguel Lemos, 51-H (236-6343). Às 20h e 22h. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 25,00, estudantes.

Aonde levar as crianças

O JARDIM DAS BORBOLETAS — Texto e direção André José Adler. Com Ligia Diniz, Duse Naccarati. Às 17h. **Teatro Tereza Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Ingressos a Cr$ 30,00.

TATÁ, UM TAMANDUÁ APAIXONADO — Texto de Oscar Von Pfuhl Direção Eugênio Gui. Com o grupo Os Casulos, às 16h. **Teatro Dulcina,** Rua Alcindo Guanabara, 17 (223-5817). Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 15,00, promoção.

TRIBOBÓ CITY — Comédia musical de Maria Clara Machado. Direção de Carlos Wilson Silveira. Às 15h30m e 17h. **Teatro da Galeria,** Rua Senador Vergueiro, 93. Ingressos a Cr$ 30,00.

ANDAR SEM PARAR DE TRANSFORMAR — Texto Maria Luiza Lacerda. Direção Ricardo Howat. Com o grupo Beta Chapéu. Às 16h. **Gurilandia Clube Infantil,** Rua S. Clemente, 408. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 10,00, sócios.

ZÉ CAPIM — Texto e direção de Ricardo Mack Filgueiras. Com o grupo O Ponto. Às 16h. **Teatro Nacional de Comédia,** Av. Rio Branco, 179. Ingressos a Cr$ 20,00. Até dia 25.

O CIRCO — Texto e direção de Hugo Sandes. Às 17h. **Teatro da Praia,** Rua Francisco Sá, 88 Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 15,00, crianças.

TERRA RONCA — Texto e dir. Maria de Lourdes Martini. Dir. Musical Beatriz Bedram. Com o Grupo Quintal. Às 16h. **Teatro Quintal,** Rua General Rondon, 15 — (711-3595). Niterói. Ingressos a Cr$ 10,00.

A GAIOLA DE AVATSIU — Criação coletiva do Grupo Hombu. Às 16h. **Teatro Cacilda Becker,** Rua do Catete, 388 acesso pela Praça José de Alencar (265-9933). Ingressos a Cr$ 20,00. Bonito espetáculo inspirado em lendas indígenas, propondo a quebra das gaiolas. **(A.M.M.)** Até dia 2 de outubro.

33 OU JOGO DO ACASO — Texto de Marcos Ribas. Bonecos de Raquel Ribas. Com o Grupo Contadores de Histórias. Às 16h. **Escola de Artes Visuais, Parque Lage,** Rua Jardim Botanico, 414. Ingressos a Cr$ 25,00. Belo espetáculo em forma de divertida brincadeira incorpora participação da platéia sem prejudicar suas qualidades teatrais. **(A.M.M.).**

PAPAGAIOS, ARRAIAS E PIPAS — Texto Luzia Mariana. Direção Simone Hoffman. Com o grupo Opinião Às 16h. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Ingressos a Cr$ 25,00. Exemplo de como as boas intenções não bastam para fazer um bom espetáculo, quando a análise é ingênua e superficial. **(A.M.M.)**

SHOW DE VARIEDADES — Das 10h às 18h, apresentação da Bandinha de Bichos, **show** de palhaços, passeio de buguinho, teatro de marionetes com a peça **Cantinho Feliz,** exposição dos bonecos mecanizados de Antônio de Oliveira, além da peça. **Era Uma Vez um Mundo. Pão de Açúcar,** Avenida Pasteur, 520 (226-0768). Ingressos a Cr$ 17,00 para crianças maiores de três e até 10 anos e a Cr$ 34,00, para adultos.

OS SALTIBANCOS — Musical baseado no conto **Os Músicos de Bremem,** dos Irmãos Grimm. Adaptação brasileira de Chico Buarque de Holanda. Dir. de Antônio Pedro. Com Grande Otelo, Marieta Severo, Miucha, Pedro Rangel e coro infantil. **Canecão.** Av. Wenceslau Brás, 215 (226-4149, 266-4096, 286-9343). Às 16h e 18h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 40,00, crianças até 14 anos. Aberto uma hora antes com serviço de lanche.

JUJUBA, TRINGUELIM E A MONTANHA LILÁS — Texto Hélio Asp e Elza de Andrade. Às 17h. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Ingressos a Cr$ 20,00.

FLICTS — Texto de Ziraldo e Aderbal Jr. Direção de José Roberto Mendes. Às 16h. **Teatro Glaucio Gill,** Pça. Cardeal Arcoverde (237-7003). Ingressos a Cr$ 20,00. Até amanhã.

CANTARIM DE CANTARÁ — Musical de Syvia Orthof. Com o grupo Casa de Ensaios. Às 17h. **Sala Corpo Som A, do Museu de Arte Moderna.** Av. Beira-Mar (231-1871). Ingressos a Cr$ 10,00. Até amanhã. Um canto de amor à liberdade, de grande beleza sensorial e reais qualidades teatrais. **(A.M.M.)**

A ONÇA E O BODE — Texto Cleber Ribeiro Fernandes. Direção Maria Lina. Com o grupo Serrote. Às 16h. **Teatro Leopoldo Fróes,** Rua Manoel de Abreu, 16, Niterói. Ingressos a Cr$ 15,00 e Cr$ 10,00, crianças. **Até dia 25**

O PEQUENO PRÍNCIPE — Texto Saint-Exupéry. Com o grupo Solus do Teatro Estudantil do Colégio de Aplicação Luso-Carioca. Às 16h. **Teatro do Sesc de São João de Meriti,** Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66. Ingressos a Cr$ 15,00, Cr$ 10,00, promoção e Cr$ 5,00, associados. Até dia **2** de outubro.

OS TRÊS PORQUINHOS E GASPARZINHO, O FANTASMINHA LEGAL — Prod. Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel Às 17h. **Teatro de Bolso,** Av. Atualfo de Paiva, 269 (227-6014). Ingressos a Cr$ 30,00.

OS CIGARRAS E OS FORMIGAS — Texto de Maria Clara Machado. Direção Wolf Maia. Às 14h30m e 16h. **Teatro Casa Grande.** Av. Afranio Melo Franco (227-6574). Ingressos a Cr$ 10,00. Até amanhã. Cuidadosissima produção musical de contagiante **apelo** para crianças de todas as idades. **(A.M.M.)**

SOLDADINHO DE CHUMBO — Texto Sueli Poggio. Direção Rogério Fróes. Com o grupo Vira e Mexe. **Às 16h. Grajaú Tênis Clube,** Rua Engenheiro Richard, 83. Ingressos a Cr$ 25,00.

OZ — Adaptação livre de **O Mágico de Oz** e direção de Alexandre Marques. Às 16h. **Teatro Brigitte Blair, Rua Miguel** Lemos, 51 (236-6343). Ingressos a Cr$ 20,00.

AS ROBOBONETAS DE LELÉSIO DAKUKA — Texto e direção de Raimundo Alberto. Com o grupo Cena. Às 17h. **Aliança Francesa da Tijuca,** Rua Andrade **Neves, 315.** Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 15,00.

A BELA ADORMECIDA E O BOBO DA CORTE — Texto Jair Pinheiro. Às 16h. **Teatro de Bolso,** Av. Ataulfo de **Paiva,** 269. Ingressos a Cr$ 30,00.

O PIRATA NA ILHA DO TESOURO — Texto Washington Guilherme. Às 16h. **Teatro Tereza Raquel,** Rua **Siqueira** Campos, 143. Ingressos a Cr$ 30,00.

HISTÓRIA DOS SENTIMENTOS COLORIDOS — Texto Elizabeth Aranha. Direção Ediélio Mendonça. Às 16h. **Aliança Francesa de Copacabana,** Rua Duvivier, 43. Ingressos a Cr$ 20,00.

PALCO SOBRE RODAS — Às 15h, sensibilização lúdica, Teatro do Gibi e a Banda Carioca. Às 16h a peça **A Princesa do Mar Sem Fim,** texto e direção de Benjamin Santos. Às 18h a peça **O Auto dos Altos e Baixos,** com o grupo Talento e Formosura e direção de Paulo Afonso de Lima. **Estrada do Quitungo s/nº,** Brás de Pina. Entrada franca.

HISTÓRIA DAS CEBOLAS — Com o grupo Contadores de Histórias. Às 9h. **Pça. do Russel,** Flamengo. Entrada franca.

TEATRO DE MAMULENGO — De Pedro e Rocha. **PALHAÇADAS** — Com o grupo Dia a Dia Às 15h. **Pça. da Fé,** Bangu. Entrada franca.

A FORMIGA FOFOQUEIRA — Texto de Carlos Nobre. Dir. de André Prevot. Às 18h. **Teatro Brigitte Blair,** Rua Miguel Lemos, 51 (236-6353) Ingressos a Cr$ 20,00.

PUTZ, A MENINA QUE BUSCAVA O SOL — Texto Maria Helena Kuhner. Direção João Carlos Barroso. Às 17h. **Teatro Toneleros,** Rua Toneleros, 56 (236-6223) Ingressos a Cr$ 25,00.

A REVOLTA DOS BRINQUEDOS — Texto Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga. Direção Carlos Imperial. Às 17h. **Teatro Brigitte Blair,** Rua Miguel Lemos, 51 (236-6343). Ingressos a Cr$ 20,00.

No Bottom Line, todos ingressos vendidos para a volta, depois de 10 anos

UM CHAMADO JOÃO SOZINHO NO PALCO

Beatriz Schiller
Correspondente

NOVA IORQUE — Depois de 10 anos, João Gilberto volta a se apresentar sozinho no palco. Desta vez é no Bottom Line (onde hoje se exibe Charles Mingus), considerado um dos três lugares mais quentes da cidade. O canal 5 deu uma prévia exclusive do seu **show.** Diante das câmaras, João pegou o violão e tocou três músicas em Português. Não houve perguntas, nem respostas. Por que não falou? "Falei, sim, cantei", diz ele. Dez anos sem palco, João não percebeu. Só ficou sabendo quando o programa do canal 5 mencionou.

Mas não parou de trabalhar. "Nem vi esses 10 anos. Quando ouvi dizer, achei muito tempo, mas tive preguiça de contar. Não olhei o relógio."

João fará quatro **shows**, dois na sexta-feira, dia 16, e dois no sábado, dia 17. Todos os ingressos já foram vendidos, mas há quem esteja apreensivo. João é de desistir de cantar no último momento, e já saiu de um **show** de TV, de Dick Cavett, segundo uns, de Johnny Carson, segundo outros, porque achou que o baixista estava tocando fora do tom. Tranquilamente, com o programa no ar, se levantou e partiu. Pelo Bottom Line, assim como pelo Village Guard e Village Gate, passam os músicos mais representativos do que acontece no momento. O público do Bottom Line é quase 100% americano, jovem, descontraido. Sua capacidade é de 400 pessoas e a casa quase sempre está lotada, desde fevereiro de 1964, quando foi inaugurada.

O local é muito observado pelos representantes da indústria do disco, que reservam 50 lugares para cada apresentação. O Bottom Line fica na esquina da Rua Quatro com Mercer Street, no Village, e por ali passaram no primeiro ano Stevie Wonder, Johnny Winter, Stephen Stills, Neil Young. Na platéia, é frequente a presença de Bob Dylan, Bette Midler, Mick Jagger, Bill Graham. Os donos da Bottom Line atribuem o sucesso da casa à sua presença diária. Em quase todas as noites, Allan Pepper cuida da fila de compradores de entradas, e no fim do **show** é comum ver Stanley Sandowsky dar uma ajuda no guarda-roupa, devolvendo os últimos casacos.

Art Blakey, Gato Barbieri, Miles Davis, Airto, Bob Marley, Flora Purim já se apresentaram por um ingresso de quatro dólares e meio nos dias de semana e cinco dólares e meio para sábados e domingos. Não há serviço, as despesas são mínimas. Quem não tiver sede, fica a seco e não paga um centavo além do ingresso. Não é preciso explorar para mostrar bom músico ao público. Quem tiver com sede e fome pode tomar cerveja e comer sanduiche por um dólar e vinte e cinco centavos (nacional) e dois dólares e meio (importada); o **hamburguer** custa dois dólares e trinta.

Ao contrário dos outros músicos, cujos **shows** saem antes do lançamento do disco, João Gilberto se dispôs a tocar depois de seu disco **Amoroso**, ter sido lançado em março. Como sempre, João se recusa a falar de si ou da bossa nova. **"Pra que explicar?** A vida é para ser sentida, não explicada. O brasileiro tem isso, não explica, só entende, é como o jogador de futebol, que vê a bola sem olhar". Os amigos também preservam sua intimidade. Na Biblioteca do Lincoln Center, vejo como os americanos registraram a biografia de João Gilberto.

Em 1962, o colunista Robert Farris Thompson escreveu no **Saturday Review** que através de João Gilberto "pude, para minha surpresa, ouvir **I'm loocking over a four leaf clover (Trevo de Quatro Folhas)** com mais do que prazer irritado. Na lingua de Camões, o cantor elevou a um nível superior essa canção, que até então, certo ou errado, eu associara ao **jukebox** do bar da esquina".

DIZEM os registros americanos que João Gilberto deixou a Argentina em 1962, onde estava de passagem para fazer o **show** do Carnegie Hall, que levou a bossa brasileira aos Estados Unidos. Em janeiro de 1963, voltou ao Rio. Passou três meses no Brasil e recebeu um convite de Roma para uma série de programas para a TV italiana. Depois disso, fez o disco **Stan Getz** em dois dias nos Estados Unidos. Esteve em Roma e em Paris. De volta aos Estados Unidos, encontrou o disco **Getz-Gilberto**, com a canção **A Girl From Ipanema**, num depósito da MGM para "onde vão os discos que não vão sair mais". Esse disco, que quase não foi lançado, saiu sem publicidade, que se fez sozinha. A bossa nova, então, assombrou os músicos e o público.

No fim de 1962, os críticos de música escreviam artigos como "os ianques podem mudar a bossa nova como quiserem" (**Variety**, de 24 de outubro de 1962), ou "a corrupção norte-americana da bossa nova pode liquidar a batida original!" (**Variety**, 17 de outubro de 1962). Em março de 1963, havia 80 LPs de bossa nova no mercado americano, como no caso de Herbie Mann, entrevistado pela revista **Melody Maker**. Título da entrevista: A Bossa Nova Veio para Ficar (janeiro de 1963). Cada vez mais, os americanos tocavam **Desafinado** e **Garota de Ipanema**, que tinham aprendido e de que se apossaram.

Não somente Stan Getz, Jerry Mulligan, mas também Dizzy Gilespie e muitos outros mergulhavam com seus instrumentos de sopro na música brasileira suave, que João Gilberto difundira com seus dois instrumentos contrastantes: o violão em cadência marcante e a voz dolente e intimista. Nos catálogos do Departamento de Música da Biblioteca do Lincoln Center são encontrados artigos sob o nome de João Gilberto, e muitos outros sob o rótulo **jazz-styles**. Alguns sob **popular music-Brazil**. Incorporada, adotada, a bossa nova, o jeito de cantar de João Gilberto nunca mais saiu dos Estados Unidos, desde que chegou.

O primeiro disco foi a trilha sonora do **Orfeu Negro**. No Village Vanguard, nessa semana, ber perto do Bottom Line, está se apresentando Dizzy Gilespie. Quase todo seu programa é bossa nova. Seu **hit** é **Orfeu Negro**, tocado sussurante no sopro. A novidade do **show**: Dizzy está tocando percussão em ritmo cubano e utilizando bongôs. Nas crônicas e no som americano, João Gilberto foi sendo substituido pelos intérpretes americanos, enquanto a bossa nova era assimilada. A partir de 1962, aumentou a reação contra João Gilberto. Enquanto uns chamavam João de "sublime", dizendo que sua voz soava como "timbales de um concerto oriental", "suavemente brincando com palavras coordenas ou opostas à melodia", outros chamavam-no de "cantor de cabaré de Saint Germain-de-Prés", "típico exemplo do naeisismo masculino". Para o americano de então, cantar **sexy** era privilégio feminino, deleite exclusivo dos ouvidos machistas.

Nesses 10 anos fora do palco, João gravou, fez arranjos, viajou, viu amigos, tocou violão em várias casas, para pequenos grupos que cantavam ou ouviam sem aplaudir. Por que ficou morando nos Estados Unidos? "Fiquei morando aqui como poderia ter ficado em qualquer outro lugar, a vida é assim mesmo". A volta de João, no mesmo estilo, parece ter reaberto o tabernáculo onde ficou preservado o som que os imitadores e o comercialismo jamais conseguiram reproduzir, esse som brasileiro e sensual, romantico e simples, e, por isso, sofisticado.

Os donos do bar se orgulham do tratamento pessoal que dão aos fregueses

O BOM SOM É O LIMITE

AOS AUDIÓFILOS, CONSELHOS!

Carlos Barradas da Silva

O alto-falante magneto-dinamico, de bobina móvel, é constituido por chassi ou suporte em que um tronco de superficie cônica de papel, plástico maleável ou material semelhante é apoiado elasticamente pelo rebordo maior. No rebordo menor do tronco de cone está fixada a bobina móvel, enrolada numa lamina cilindrica, que pode deslocar-se no entreferro de um imã potente. Se uma corrente elétrica num determinado sentido passar na bobina, o campo magnético permanente do imã provoca o deslocamento da bobina na direção do seu eixo. Se a corrente se inverter o deslocamento será no sentido oposto. Se tudo estiver correto, a corrente alternada com as mesmas caracteristicas de oscilação do som, proveniente do amplificador, ao atravessar a bobina, faz deslocar o cone de modo a produzir ondas sonoras idênticas às do som original.

O cone do alto-falante vibra para trás e para diante, provocando com suas oscilações as compressões do ar que formam as ondas sonoras, idealmente idênticas às do som original.

Quando o cone avança produz uma compressão no seu lado anterior e a depressão correspondente do lado posterior. Se a face anterior não fosse isolada da posterior a compressão compensaria a depressão e nenhum som seria produzido. Tudo depende do tempo que o ar comprimido demora a deslocar-se em redor do alto-falante para atingir a face posterior.

Partimos implicitamente de que os alto-falantes são do tipo magneto-dinamico, já que é muito restrito o uso de alto-falantes eletroestáticos, de cristal, etc., a que se aplicam algumas considerações diferentes.

Já recordamos que a velocidade de propagação do som no ar é de aproximadamente 340 m/s, dependendo um pouco da pressão atmosférica, temperatura, etc.

Se as vibrações de cone forem muito rápidas, caso das alturas de som ou frequências elevadas, a deslocação do ar em redor do alto-falante pode demorar mais do que demora ele iniciar uma nova oscilação (e é o que realmente sucede); então serão reproduzidas as frequências altas, mas não as baixas. Se o alto-falante estiver apoiado numa prancha de madeira de dimensões razoáveis, serão já reproduzidas as frequências médias, mas continuarão a perder-se as baixas. Se tiver 1m em redor, o maior percurso da onda sonora será 2m da face anterior à posterior do cone e o tempo de progressão será 2 (m) : 340 (m/s) = 0,00588 = 0,006s. A frequência de 400 Hz, da ordem do lá normal, uma oscilação completa demora 0,0025 = 0,003s o que significa que quando a onda de pressão anterior chega à face posterior já o alto-falante oscilou duas vezes, portanto o efeito não é significativo e assim por diante. À medida que aumentam as dimensões da prancha, suposta rigida, ou seja que ela própria não oscile, vão sendo reproduzidas as frequências mais baixas e, quando as dimensões forem infinitas, não há limitações. Dado que o comprimento de onda (distancia entre dois máximos consecutivos da oscilação ou da pressão, no mesmo sentido à velocidade de propagação) correspondente à frequência de 20 Hz é cerca de 17m, uma superficie rigida de isolamento com metade desta dimensão em torno do alto-falante comporta-se como infinita.

Supondo que, para procurar uma solução mais viável, em lugar de uma prancha plana, formássemos uma caixa com abas laterais e até posteriores, sem fechar, é fácil de imaginar que dimensões ainda teria...

Conclusão: a caixa tipo baffle infinito com abertura posterior é normalmente impraticável. Mas o assentamento do alto-falante no centro de uma parede que seja divisória de duas salas contiguas de dimensões normais aproxima-se muito do baffle infinito ideal e proporciona excelentes reprodução, certamente superior à da maioria das caixas acústicas. Que me perdoem os fabricantes de caixas se estou a prejudicar os seus negócios, sugerindo uma solução melhor e mais econômica. O aspecto estético pode proteger-se colocando um tecido leve ou malha metálica em frente do orifício do alto-falante.

Se encerrarmos o alto-falante numa caixa hermética também isolamos a face anterior da posterior, mas ou o volume é muito grande ou a compressão do ar no interior da caixa limita o movimento do cone. Se deixarmos um orifício atrás, ou é pequeno e não impede a compressão, ou é grande e não assegura o isolamento das faces do cone e tem de procurar-se uma solução de compromisso, já com redução das frequências mais baixas. Em qualquer caso, para evitar ressonancias e vibrações de frequências independentes das dos sons a reproduzir, a construção tem de ser muito robusta e consequentemente cara. O interior tem de ser forrado com material absorvente para evitar reflexões e amortecer ressonancias.

CONCLUSÃO: uma caixa baffle infinito, do tipo hermético, é deficiente ou grande e cara.

E a partir daquelas dificuldades nasceram os projetos das caixas acústicas conhecidas, nos quais, à custa de soluções mais ou menos engenhosas e artificiosas, se procura o isolamento parcial das faces anterior e posterior do cone, criando percursos longos, com formas mais ou menos complicadas (buzinas) ou invertendo as variações de pressão da face posterior de modo a fazê-las sair no mesmo sentido que as anteriores (bass-reflex).

Para manter percursos acústicos aceitáveis no caso das frequências baixas mesmo com buzinas dobradas ou enroladas, as dimensões que são adequadas para uma faixa de frequência determinada não o são para as restantes e a caixa é seletiva.

Outros artificialismos, até de natureza eletrônica, têm sido criados para compensar as deficiências apontadas e conseguir as soluções de compromisso que todos conhecemos e proporcionam resultados aceitáveis.

Genericamente pode-se dizer que uma caixa acústica, salvaguarda a qualidade dos componentes, é tanto melhor quanto maiores forem as suas dimensões, no que respeita aos graves. Não é por acaso que um contrabaixo tem dimensões muito maiores do que as de um violino...

Ocorrerá aos mais experientes perguntar como é então possivel que algumas caixas pequenas existentes no mercado apresentem uma reprodução razoavelmente próxima de uniforme.

Em primeiro lugar a aproximação, para um ouvido experimentado, não é tão grande como parece... Façam a prova com sinal senoidal de nivel constante à entrada do alto-falante e com frequência decrescente até 20 ou 30Hz, ou com programa musical que inclua instrumentos de sons graves (contrabaixo, órgão, etc.), comparando caixas pequenas e grandes para verificar a diferença.

Comparem também a relação entre a potência elétrica aplicada e o nivel de som obtido, ou seja, o rendimento útil do conjunto alto-falante/caixa, para concluir que, aqui como quase sempre, os artificialismos só são aceitáveis quando as soluções ortodoxas não são alcançáveis.

HORÓSCOPO

Jean Perrier

CARNEIRO

21 de março a 20 de abril

FINANÇAS — Você desejará realizar projetos, mas não conseguirá. Todavia, haverá uma compensação no plano financeiro. **AMOR** — Risco de mal-entendidos. Resista às aventuras, se não quiser ter aborrecimentos. Discussões em família. **SAÚDE** — Você não estará em boa forma: problemas de estômago. **PESSOAL** — Afaste-se das amizades que lhe forem nefastas.

TOURO

21 de abril a 20 de maio

FINANÇAS — Aproveite este dia para examinar seus projetos. Não se deixe levar por propostas que lhe parecerão excepcionais. **AMOR** — Não seja tão confiante, nem se guie muito pela sua intuição, pois você poderá ter muitos aborrecimentos. **SAÚDE** — Evite a umidade e o frio, pois você poderá se resfriar. **PESSOAL** — No seu lar surgirá um problema, mas com o tempo ele se resolverá.

GÊMEOS

21 de maio a 20 de junho

FINANÇAS — Com a sorte, seus negócios progredirão. Seja audacioso(a). Resultados ainda melhores, se você agir sozinho(a). **AMOR** — Não guarde rancor da pessoa amada, tanto mais que o clima é excelente e a felicidade o(a) espera. **SAÚDE** — Cansaço: domine-se e acabe com os seus aborrecimentos. **PESSOAL** — Não perca tempo com relações sem interesse.

CÂNCER

21 de junho a 21 de julho

FINANÇAS — Importações e exportações favorecidas. Aumento de seu patrimônio, se você não for precipitado(a). **AMOR** — Sua infelicidade não o(a) impede de ser ciumento(a), cuidado. As aventuras podem colocá-lo(a) numa penosa situação. **SAÚDE** — Seja prudente, principalmente ao praticar esporte. **PESSOAL** — Seus atuais contatos devem lhe dar mais otimismo.

LEÃO

22 de julho a 22 de agosto

FINANÇAS — Dificuldades devem ser temidas no setor profissional. Não tome parte nas discussões. **AMOR** — Dia feliz em todos os setores. Perfeita harmonia com a pessoa amada. Procure viver intensamente. **SAÚDE** — Cuide bem de sua saúde. Descanso e divertimentos necessários. **PESSOAL** — Não ria das fraquezas dos outros.

VIRGEM

23 de agosto a 22 de setembro

FINANÇAS — Brigas no setor profissional, falsas idéias. Perda possível de documentos. Satisfações financeiras. Sorte. **AMOR** — Dia movimentado, cheio de encontros e de acontecimentos. Você fará novas amizades com as quais poderá contar. **SAÚDE** — Aborrecimentos digestivos, se você não vigiar a sua alimentação. **PESSOAL** — Procure resolver os problemas de seus filhos.

BALANÇA

23 de setembro a 22 de outubro

FINANÇAS — Você deve seguir seu alvo, sem fraquejar, para poder triunfar. Surpresas no setor profissional. **AMOR** — Afeição segura. Situação boa também para as amizades. Não hesite em mostrar à pessoa amada o quanto gosta dela. **SAÚDE** — Dores fortes e mal definidas devem ser temidas. **PESSOAL** — Aja, sem impaciência, nem desanimo.

ESCORPIÃO

23 de outubro a 21 de novembro

FINANÇAS — Possível modificação na sua vida profissional. Dia maléfico para emprestar dinheiro. **AMOR** — Divergência de opinião o(a) oporá à pessoa amada. Não seja impulsivo(a), pois você lamentará depois. **SAÚDE** — Cansaço e leves indisposições: trate-se. **PESSOAL** — Inútil procurar a ajuda dos outros, eles não o(a) entenderiam.

SAGITÁRIO

22 de novembro a 21 de dezembro

FINANÇAS — Evite todas as despesas supérfluas e leia bem todos os documentos. Assim você evitará sérias desilusões. **AMOR** — Um erro poderá lhe trazer aborrecimentos. Será fácil consertá-lo, dando o primeiro passo e pedindo desculpas. **SAÚDE** — Problemas digestivos: faça uma dieta à base de frutas. **PESSOAL** — Você deve ser para os outros uma fonte inesgotável de firmeza.

CAPRICÓRNIO

22 de dezembro a 20 de janeiro

FINANÇAS — Pode iniciar um novo empreendimento e pensar numa mudança. Pode mostrar a sua capacidade e não se deixe explorar. **AMOR** — Pode esperar por um mal-entendido ou por uma decepção. A culpa de tudo será sua. Pense bem antes de falar. **SAÚDE** — Cuidado para não se resfriar. Possível bronquite. **PESSOAL** — Seja mais previdente, com um assunto muito pessoal.

AQUÁRIO

21 de janeiro a 19 de fevereiro

FINANÇAS — Trabalho benéfico. Negócios normais. Resolva seus problemas financeiros em suspenso. Examine um antigo projeto. **AMOR** — Você poderá sentir ciúmes ou tornar a pessoa amada ciumenta. Controle-se, principalmente com Vênus em oposição. **SAÚDE** — Seu estado nervoso não será dos melhores. Evite todos os excitantes. **PESSOAL** — Seus excessos de ousadia não lhe serão perdoados.

PEIXES

20 de fevereiro a 20 de março

FINANÇAS — Felizes circunstancias nos negócios e no setor profissional. Você não deve assumir compromissos, pois terá desagradáveis surpresas. **AMOR** — Ótimo dia. Você viverá em perfeita harmonia com a pessoa amada. Faça projetos para o futuro, fixando a data de um noivado ou casamento. **SAÚDE** — Tenha uma vida regular e evite qualquer excesso. **PESSOAL** — Não procure resolver, a qualquer preço, um assunto complicado.

Henfil do alto da Caatinga
ZEFERINO
595.B

POIS EU ACHO ELE UM ÓTIMO CANDIDATO, SENÃO O MELHOR...
E MAIS! ELE É UMA DAS RESERVAS MORAIS DESTE PAÍS!
QUE QUI É RESERVA MORAL, ZEZÉ?
ERR... ACHO QUE É UM CARA QUE ECONOMIZA BOAS AÇÕES...
JURA QUE VOCÊ NUNCA ESTUDOU, ZEZÉ?
NADINHA! NASCI ASSIM.

CAULOS

LOGOMANIA

Luis Carlos Bravo

L A C E
O
I
F
N E T

PROBLEMA N.º 830

Encontradas 61 palavras: 20 de 4 letras; 19 de 5; 12 de 6; 4 de 7; 3 de 8; 1 de 9; e 2 de 10.

PALAVRAS DO N.º 829:
amor, aporte, arte, ator, átrio, erma, ermo, ímpar, **IMPERATIVO**, império, impérvia, impérvio, ímpetra, importe, maré, mera, mero, metro, mira, mora, moréia, morta, morte, páreo, parte, parto, parvo, pátrio, pera, perita, parito, perto, pérvia, pérvio, pior, piora, pira, pirão, pirita, pomar, porém, porta, porte, prato, preá, preito, preta, preto, prima, primo, prova, proveta, raio, ramo, rateio, rato, remo, reto, rima, rito, romã, rota, tear, têmpora, termo, trem, trema, trepa, treva, trio, tripa, tróia, tropa, trova, vário, vera, verão, vero, vetor, vira, vitor, vitória, vítrea, vítreo.

INSTRUÇÕES

O objetivo deste jogo é formar o maior número possível de palavras de quatro letras ou mais, usando apenas as letras que aqui aparecem misturadas e que formam uma palavra-chave (a palavra-chave é sempre apresentada na edição do dia seguinte, em letras maiúsculas, juntamente com as palavras encontradas no problema anterior). A letra maior deverá aparecer obrigatoriamente em todas as palavras, em qualquer posição. Uma letra não poderá aparecer em cada palavra, maior número de vezes do que na palavra-chave. O autor não usa dicionário e só apresenta palavras de uso corrente, por isso o leitor muitas vezes encontrará mais palavras do que as publicadas no dia seguinte. Não valem verbos, nomes próprios, plurais nem gíria.

CRUZADAS

Carlos da Silva

1	2	3	■	4	5	6	7	8	■
9			10						11
12									
13			■	14					■
15			16	■		■	17		18
19				20		21	■	22	
23							24	■	
25			■	26				27	
	■	■	28						
■	29								

HORIZONTAIS — 1 — barco de fundo chato, empregado na navegação fluvial. 4 — unidade monetária e moeda, da Costa Rica, dividida em 100 cêntimos, e de El Salvador, dividida em 100 centavos. 9 — designação comum às espécies de mamíferos roedores, conhecidas em outras partes do Brasil por serelepes ou caxinguelês (pl.) 12 — designativo de um método de ensino de leitura aos surdos, ao qual consiste em associar a determinado gesto cada som elementar da linguagem. 13 — sufixo nominal que indica **diminuição**. 14 — ave psitaciforme, de coloração verde, parte da cauda azul-escura. 15 — certo aparelho destinado a cortar coalhada na fabricação do queijo. 17 — senhor, chefe. 19 — sal do ácido etérico. 22 — designação de qualquer divindade escandinava. 23 — peixe teleósteo, percomorfo, da família dos gobídeos. 25 — (ant.) sob. 26 — fazer movimento com a mão, a cabeça etc. 28 — indivíduo que sofre de mutismo ocasionado por paralisia ou defeito dos órgãos vocais. 29 — vestidos amplos, sem corte, na costura, geralmente com palas, blusas ou jaquetões de lã ou de malha, de que usam os operários.

VERTICAIS — 1 — diminuir, estragar. 2 — as que acompanham e ajudam o sacerdote na celebração da missa. 3 — diz-se do animal que apresenta qualquer sinal no pêlo. 4 — tipo de inflorescência definida, cujo eixo tem crescimento limitado. 5 — aferradas às suas opiniões ou aos seus modos de ver ou de querer. 6 — porção de uma esfera limitada por dois semiplanos que se iniciam num diametro da esfera. 7 — certo peixe do litoral baiano. 8 — a escrava negra moça e de estimação que era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros. 10 — interjeição para chamar porcos. 11 — sem carinho. 16 — símbolo de qualquer idéia ou sentimento. 18 — matéria corante vermelho-escura tirante a violeta, que se extrai da púrpura. 20 — sacerdote encarregado da guarda dos livros de Nanaque e Guru, no Indostão. 21 — cada um dos pontos arredondados e variegados que matizam certos órgãos. 24 — cor da radiação eletromagnética cujo comprimento de onda está situado, aproximadamente, entre 450 e 480 milimícrons. 27 — cachaça de mau paladar. 28 — antiga cidade da Armênia, tomada pelos tártaros em 1219. **Léxicos: Morais, Fernando, Melhoramentos, Aurélio e Casanovas.**

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS — bitacula, itira, tumeficado, pa, elul, cenologico, avarezas, tareto, ido, alarico, cosh, irara, ai, anais. **VERTICAIS** — bit, itupeva, timanaras, are, cafuleta, agalisicas, prologo, cega, duc, cataca, orelha, ozoria, dor, iri, oi, ah.

Correspondência e remessa de livros e revistas para: Rua das Palmeiras, 57 apto. 4 — Botafogo ZC-02.

PEANUTS

Charles M. Schulz

A.C

Johnny Hart

CLARO! QUANTO MAIS, MELHOR!

PRA QUE? VAI QUERER PEGAR, COM ELAS, ALGUM SALMÃO DEFUMADO?
LOJAS DAS ISCAS

KID FAROFA

Tom K. Ryan

Carlos Drummond de Andrade

O TEMPO & O VENTO, DE PASSAGEM

O bêbado pergunta:
— O senhor não lhe parece que em vez de Constituinte o de que a gente precisa mais é de um bom reconstituinte?

* * *

A Censura ficaria mais tolerável — ou mais inteligente — se cometesse um erro ortográfico, passando a se denominar Sensura.

* * *

Fala-se tanto em reforma das formas legais, mas e o fundo? E' aquele de sempre?

* * *

Há dias em que a gente tem vontade de invocar D Pedro II e rogar-lhe: "Volte, Majestade, o negócio não deu certo."

* * *

Mas há o perigo de D Pedro I, o assomado, interceptar a comunicação e dizer: "Neste caso, por que não eu?"

* * *

Alternativa: em vez de incorporar o AI-5 à Constituição, encaixar a Constituição no AI-5.

* * *

Ainda nem começou a pingar e já tem muita gente aí querendo abrigar-se debaixo do guarda-chuva do Senador Magalhães Pinto.

* * *

Entra no Arquivo Nacional e pergunta ao funcionário:
— Por obséquio, pode me dizer onde fica o depósito de constituições brasileiras?

* * *

O dicionário político do presidente da Arena registra um sinônimo inédito para Constituinte: guerra.

* * *

Pior do que a desvalorização da moeda — comenta o observador melancólico — é a desvalorização das idéias.

* * *

O guarda informa:
— A Avenida dos Democráticos fica em Bonsucesso, mas o transito para lá continua congestionado.

* * *

Noticiário policial. Certos crimes são tão cruéis — e tão repugnantes — que seus autores, mesmo que desejassem confessá-los, não saberiam como fazê-lo.

* * *

Apurou-se, um pouco fora de hora, que o cálculo de aumento do custo de vida saiu errado em 1973. A culpa foi do computador, que exagerou no uísque.

* * *

Mas há quem afirme que não foi o cálculo, e sim o próprio ano de 1973 que saiu errado, pois estava programado que a inflação, nele, baixaria ao mínimo.

* * *

O atual Governo — garante seu líder na Camara — terminará legando ao país o maior percentual democrático possível. Me lembrei daquele marido pedindo à mulher:
— Chega na janela e vê quantos por cento de bom tempo teremos hoje.

* * *

E aquela madame, queixando-se à amiga:
— O percentual de bom humor do Davi baixou a zero quando ele viu o orçamento da reforma da geladeira.

* * *

Ditado antediluviano: Dura lex sed lex. *Ditado moderno: A lei é lei, mas é mole.*

* * *

— O poder, coitado! Está cada vez mais débil.
— Não diga uma coisa dessas! Está forte como sempre.
— Perdão, eu me refiro ao poder aquisitivo.

A ÓPERA, COMO DEVE SER

COLÓN AJUDA MUNICIPAL

Para um primeiro contato com o meio musical brasileiro e com o material de trabalho de que irão dispor, estão no Rio os principais membros da equipe do Teatro Colón de Buenos Aires que a Funterj contratou para organizar a temporada lírica de 1978, na reabertura do Municipal.

Os músicos e técnicos do Colón foram apresentados oficialmente em pequena reunião quarta-feira à noite na Sala Cecília Meireles, quando o Diretor-Artístico da Funterj, Edino Krieger, explicou os objetivos principais da contratação da nova equipe:

"Assisti recentemente a um programa de TV em que artistas líricos constatavam a triste situação da ópera no Brasil. Posso, felizmente, afirmar que essa situação já pertence ao passado. Há meses estamos trabalhando num projeto que começa agora a se tornar realidade: acabamos de contratar grandes nomes do Teatro Colón — com reconhecida capacidade no *métier* — para nos ajudar a construir uma sólida infra-estrutura, que permitirá o real desenvolvimento da atividade operística no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Essa estrutura — que, como eu, o Diretor-Executivo da Funterj, Geraldo Matheus Torloni, julga ser extremamente necessária — o nosso Teatro nunca teve, nem mesmo em sua época áurea. Aqui estiveram, é verdade, grandes companhias e foram feitas importantes montagens. Mas nada ficou de mais sólido: os espetáculos estrangeiros voltaram para o exterior e os nacionais tiveram duas a quatro récitas e depois caíram no esquecimento, desfazendo-se o esquema de produção. Nosso objetivo daqui *pra* frente é montar óperas que fiquem no repertório do Municipal, não apenas para serem repetidas em meia dúzia de récitas seguidas, mas para serem remontadas anos após, como ocorre nos grandes centros operísticos internacionais.

E' esse esquema de base que pretendemos implantar, com a indispensável colaboração dos artistas nacionais: dos novos (a quem daremos a chance de aparecer) dos veteranos, que, heroicamente, lutaram para manter viva a ópera entre nós.

O régisseur Oscar Figueroa, que trabalhou nove anos no Teatro Colón e foi assistente de Felsenstein em Berlim, é o diretor da recém-criada Divisão de Ópera da Funterj

Marga Niec, assistente de direção, Pascual Montecalvo, chefe do guarda-roupa, Hilda Perna, cenógrafa, e Juan Binotti, maquinaria, acharam "esplêndido" o Centro de Produção Teatral, em Inhaúma

Foram em seguida apresentados os elementos do Colón que vieram para esse primeiro contato: Oscar Figueroa, *régisseur*, nomeado Diretor da Divisão de Ópera da Funterj e Supervisor Técnico-Artístico (entre os seus créditos estão nove anos de atuação no Colón, além de experiências em Chicago, Dusseldorf, Colônia e, principalmente, Berlim, onde foi assistente de Walter Felsenstein, na Ópera Cômica); Manuel Cellario, maestro preparador; Andres Maspero, diretor do coro; Pascual Montecalvo, chefe do guarda-roupa; Juan Binotti (maquinaria); Hilda Perna (cenografia) e Marga Niec (assistente de direção).

A equipe regressará amanhã a Buenos Aires, voltando ao Rio em meados de novembro, com mais quatro profissionais, para iniciar o trabalho definitivo. Por enquanto, os argentinos dividiram-se entre visitas às instalações do Municipal e do Centro de Produção Teatral da Funterj, em Inhaúma, que consideraram esplêndido, "algo que poucos teatros de ópera do mundo possuem". Além disso, fazem contatos com artistas (cantores, regentes, cenógrafos e figurinistas) e participam, no Teatro Gláucio Gil, do julgamento dos cantores inscritos para audições especiais, que permitirão um levantamento do material disponível para aproveitamento nas próximas temporadas.

Sobre as óperas que integrarão o calendário de 1978, Oscar Figueiroa nada quis declarar: limitou-se a dizer que tem tudo praticamente pronto e que, no momento, já está fazendo contatos para a temporada de 1979. Já Edino Krieger, a quem a Divisão de Ópera está subordinada, afirmou que a programação ainda está sendo elaborada, adiantando que a temporada lírica terá início em março e prosseguirá com a montagem de uma ópera por mês (incluindo várias récitas de cada título). Entre os espetáculos já acertados, estão a *Tosca* (com Grace Bumbry), *Turandot* (com Ghena Dimitrova) e *La Pericholle* (com Régine Crespin). Adiantou ainda que no decorrer da temporada serão utilizados regentes e artistas nacionais e estrangeiros e, além de óperas, serão apresentados galés, concertos sinfônicos e sinfônico-corais.

'PRAIA DA AURORA' • O CANGAÇO NA ÓPERA INGLESA

Cecilia Mac Dowell
Especial para o JB

Lampião, Maria Bonita e Padre Cicero entram na máquina do tempo e se juntam a Antonio Conselheiro para viver as aventuras de Praia da Aurora, *a mais recente ópera inglesa. A idéia é de Tom Eastwood, que se baseou na Campanha de Canudos, do livro* Os Sertões, *de Euclides da Cunha, para construir "uma história a um tempo simples e poética, um retrato de como eu sinto o povo nordestino, com sua luta pela sobrevivência, nas condições mais adversas, e seu gosto pelo barulho, pela música, dança, mantendo uma vontade de viver e uma alegria humanamente inexplicáveis". No início do ano, a English National Opera encomendou a Tom Eastwood um trabalho para estréia na temporada de 1979-80. O tema ficou completamente à escolha do compositor, que resolveu sacrificar a fidelidade histórica em nome de uma visão mais ampla dos problemas no interior do Brasil. Tom Eastwood é diretor do British Council em Berlim Ocidental, casado com uma brasileira, Cristina, de quem tem uma filha, Aurora. Suas contribuições musicais para o teatro incluem* Look Back in Anger *e* Lysistrada *e a trilha sonora do* Hamlet *dirigido por Peter Brook. E' autor das óperas* Christopher Sly *(1960) e* The Rebel *(1969), patrocinadas pela BBC. A autora do libreto de* Praia da Aurora *é Penelope Gilliatt, crítica cinematográfica do* The New Yorker *e responsável pelo roteiro do filme* Sunday Bloody Sunday (Domingo Sangrento).

•

LONDRES — Esta é a história de uma mulher cangaceira, inspirada em Maria Bonita, e um visionário, baseado em Antônio Conselheiro. Os dois se apaixonam perdidamente um pelo outro, mas um taumaturgo — que tem muita semelhança com o Padre Cicero — desaprova o casamento e interfere no romance. Paralelo a tudo isso, um cangaceiro, Lampião, vai traçando seu caminho no cangaço e misturando-se com os outros personagens. Os caminhos de Lampião combinam com as idéias de Vicente, os dois lutam pelo mesmo ideal, só que com processos diferentes. Tom Eastwood diz como nasceu a idéia:

— É bastante antiga. Há seis anos, ouvi um programa de rádio na BBC, que utilizava apenas músicas brasileiras. Este foi o meu primeiro contato com o folclore no Brasil, e me despertou uma profunda curiosidade de conhecer mais o assunto e as origens históricas do país e do povo. Veio então a vontade de fazer algum trabalho baseado nos mitos brasileiros. Durante seis anos guardei a idéia na cabeça, com carinho, esperando uma boa oportunidade. Enquanto isso, aproveitava o tempo para criar as bases do trabalho. Fiz um pequeno musical com as raizes mais profundas do folclore grego — para me acostumar com a idéia de fundir música clássica com música popular autêntica. Este trabalho com o folclore grego me deu condições maiores de desenvolver minha idéia de utilizar o folclore brasileiro numa peça de maior vulto. Agora surgiu o momento, e eu quero realizar a ópera de forma mais ampla possível, porque desta vez não se trata de um pequenino estudo musical, mas de um complexo trabalho operístico.

A única coisa que Tom Eastwood sabia de antemão era que pretendia utilizar ao máximo a música brasileira. Levou o projeto até a English National Opera, que o aceitou. Começou a estudar detalhadamente as diferentes regiões brasileiras e como a arte popular varia de uma para outra região. Descobriu vários temas, mas sentiu que nenhum deles dava uma sustentação adequada ao trabalho.

— Resolvi, então, que a única forma de definir qualquer coisa era viajar para o Brasil, e foi o que fiz: passei dois meses estudando **in loco** tudo aquilo que tinha aprendido e sentido através dos livros e de pesquisas complementares. Durante 30 dias, viajei por diversas regiões do Sul e do Centro do país, depois fiquei o mês restante exclusivamente no Nordeste. O Nordeste do Brasil sempre me despertou o maior interesse, desde os meus primeiros contatos com os costumes da terra. Acho que é uma região extremamente árida e hostil para o visitante, e entretanto, o nordestino, dono de uma força inacreditável, sua o dia inteiro trabalhando, e, de noite, ainda encontra estímulo suficiente para assistir a intermináveis horas de desafio, ou para dançar o xaxado. E' um povo inigualável. Em Recife, estive com Ariano Suassuna, com quem conversei muito sobre minha intenção, e de quem recebi valiosas indicações em relação ao tema. Assisti à uma apresentação do Quinteto Armorial, e fui concretizando aos poucos a minha idéia.

Para Eastwood, o nordestino é um povo inigualável

Eastwood gravou 80 músicas diferentes, só do Nordeste, de vários autores e épocas, desde Catulo da Paixão Cearense até Quinteto Violado. Levou as fitas para a Inglaterra e escreveu todas as melodias com seus ritmos, o elemento mais fascinante, na sua opinião. Durante os estudos, entrou em contato com Penelope Gilliatt, que escreveu os romances **A State of Change** e **One by One** e que se tornou a autora do libreto da ópera **Praia da Aurora**. O libreto já está pronto e passa por uma série de modificações à medida que vão sendo descobertos alguns detalhes.

— Meu propósito é de aproveitar os moldes, as estruturas do folclore nordestino. Daí, toda a pesquisa necessária. Quero escrever a ópera enfatizando esses moldes, tanto de ritmo, quanto de melodia. Não se trata de um trabalho fixo a esses moldes. Eles são a essência da ópera, que terá uma música muito livre, tipicamente de adaptação. Pretendo, no entanto, independentemente da adaptação, utilizar algumas músicas, tais como foram escritas, misturadas à ópera. Sem querer parecer pretensioso, o que pretendo fazer em termos musicais é o que ocorreu, por exemplo, com a ópera **Madame Butterfly**. A base da ópera é música japonesa, com história japonesa e personagens japoneses. Enfim, quero construir uma história a um tempo simples e poética, um retrato de como eu sinto o povo nordestino, com sua luta pela sobrevivência, nas condições mais adversas, e seu gosto pelo barulho, pela música, dança, mantendo uma vontade de viver e uma alegria humanamente inexplicáveis.

O folclore de outras regiões do Brasil foi abandonado, num processo de escolha gradativa. Eastwood achava que devia concentrar-se apenas no Nordeste. Sentiu que tinha descoberto um filão de idéias e resolveu segui-lo. Levou uma série de sugestões para a English National Ópera, mas a maioria não foi aceita.

— Pensei, então, em utilizar alguma história de Jorge Amado, mas concluí que a essência do seu trabalho, bem como seu estilo eram muito sutis para serem absorvidos por um povo estrangeiro em duas ou três horas. E' sempre preciso levar em consideração que o londrino pouco conhece do assunto. Também me veio à cabeça utilizar **O Pagador de Promessas**, de Dias Gomes, mas desisti rápido, pois não é muito adequado para ópera: passa-se quase o tempo todo na porta de uma igreja. A ópera precisa de uma grande movimentação de ambientes, para não se tornar monótona. Selecionei, então, os personagens que mais me impressionaram durante a minha estada no Brasil: Maria Bonita, Lampião, Padre Cícero e Antônio Conselheiro. E resolvi partir daí.

Um dos personagens, Antônio Conselheiro, viveu numa época completamente diferente da dos demais, mas todos foram colocados no mesmo tempo da ópera. Eastwood diz que a certa altura já tinha desistido de procurar um panorama histórico do Brasil. Procurou concentrar-se apenas na força das personalidades que fizeram História. Sua intenção passou a ser a de utilizar os quatro na mesma época, e descobriu que não se satisfaria, se eliminasse algum deles. Adaptou, então, as vidas de cada um, com seus traços marcantes. E está otimista quanto ao resultado.

— Na realidade, estou me baseando nas personalidades deles para criar uma história inteiramente da minha imaginação. E espero que a ópera faça muito sucesso. Acho que o trabalho tem todas as condições de agradar, principalmente por ser uma música e um enredo inteiramente novos para os ingleses. Além disso, acho que a ópera tem dois excelentes ingredientes musicais que são o ritmo e a melodia. O ritmo, principalmente, é o que faz maior sucesso. Para um aproveitamento total desses ingredientes, pretendo utilizar alguns instrumentos musicais típicos, como o reco-reco, pandeiro, tamborim, agogo, chocalhos, apresentando um folclore real e não forjado ou modificado, que não significaria nada nem para ingleses, nem para brasileiros. Uma das fases mais interessantes do meu trabalho tem sido, até agora, o esforço de manter essa autenticidade. Para isso, tenho que pensar e sentir feito o povo latino, refletindo exatamente a criatividade desse povo. Isso não é uma tarefa muito fácil, mas é com certeza das mais envolventes.

Tom Eastwood sustenta que, sem dúvida, há uma crise na ópera atual. Os compositores hoje em dia, afirma, se preocupam em internacionalizar, em serem legítimos participantes da arte do século XX, aproveitando muito pouco suas raizes mais profundas e mais simples. Para ele, o mundo, e consequentemente a arte, está passando por uma fase de superracionalização, na qual a sofisticação é a característica mais perseguida ao se criar uma obra de arte.

— Não entendo porque ninguém mais faz o que Villa-Lobos fez. Será que não acham válido, ou sentem que ele já fez tudo? Aliás, tudo tem que ser válido hoje em dia e isso deturpa muito a emoção criadora. Racionaliza demais o momento da criação. O importante é saber utilizar a palavra **válido**. Esse meu trabalho, por exemplo, é a grande oportunidade de fazer algo válido e melódico. Atualmente, tenho dispensado muita atenção aos moldes artísticos do século XIX, e, sinceramente, acho que não estou sozinho. Deve existir alguma razão muito forte para as pessoas ainda encherem um teatro para assistir a Puccini, como nessa temporada atual da English National Opera. Na minha opinião, o motivo principal é que as pessoas estão tentando escapar dessa superracionalização. No Brasil atual, acho que posso citar dois exemplos de música realmente emocional e com raizes autênticas: a música de **Orpheu Negro** e a obra de Chico Buarque durante todos esses anos.

JORNAL DO BRASIL
Livro
Guia Semanal de idéias e publicações
Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1977 • N° 50
NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

ALGO DE NOVO NO "FRONT" DOS LIVROS DE DIREITO

Eles agora estão mais leves e menos recheados de citações

LIVRO de Direito sempre foi sinônimo de sisudez. A começar pela capa, dura, sem atrativos, em cores sóbrias, às vezes sombrias. Mas agora esse tipo de livro parece estar passando por uma transformação, e não apenas em termos de vestimenta; a mudança alcança também o conteúdo. E em tal medida, que segundo alguns se poderia mesmo falar de um novo livro de Direito. Para acompanhar a diversificação da sociedade, os manuais de agora tratam de temas como a ecologia, o consumo, a aviação, de atividades e problemas que, tendo se incorporado à vida contemporânea, passaram a visitar também os tribunais. E tanto para facilitar a vida do estudante como para tornar os compêndios acessíveis aos leigos, os Autores estão cada vez mais à procura de uma linguagem simples, não mais caudatária da oratória; uma linguagem apta a expressar opiniões e não apenas a arrastar-se sobrecarregada de citações. Sem esquecer que ao lado dos manuais vão aparecendo também, ainda que timidamente, livros que põem em causa o próprio Direito, a própria profissão de advogado. Na página 5 o leitor encontrará opiniões divergentes sobre esse fenômeno, além de informações sobre uma importante iniciativa editorial que voluntariamente coincidiu com o sesquicentenário da instalação dos cursos jurídicos no Brasil: a imponente (60 volumes) *Enciclopédia do Direito*, da Saraiva, tradicional casa publicadora de São Paulo.

PEGUE SEU LIVRO E PAGUE NA CAIXA

Cerca de 20 anos depois de criados, os supermercados cariocas começaram a reservar um espaço para vender livros. Entre a aceitação dos livros pelos supermercados e o surgimento de um supermercado só para livros, a distância será muito menor. O primeiro estabelecimento do gênero, no Rio, abrirá suas portas no próximo dia 23, no quarteirão da Rua da Alfândega com Rosário, "a área de maior concentração de livrarias na cidade", como observa o proprietário Roberto Costa.

— O sistema — diz Costa — já foi provado há muito na Europa e nos Estados Unidos. O método é o mesmo utilizado para vender qualquer outro produto: deixá-lo à disposição do cliente. Aqui iremos expor mais de 8 mil títulos, com as capas à mostra, e não apenas as lombadas, como nas livrarias comuns. O cliente recebe uma cesta na entrada e paga na saída. As seções serão divididas por assunto, indicados por tabuletas iluminadas de acrílico.

Oferecendo descontos em todos os livros, Costa promete também noites de autógrafos regadas a batida, palestras de Autores e crediário para todos os tipos de livro, dos didáticos aos de arte.

— O que decaiu não foi o interesse do público pelo livro, e sim seu poder aquisitivo. O desconto motivará o comprador, e como certamente eu venderei mais, poderei exigir preço mais baixo da editora.

Roberto Costa montou o negócio sozinho, sem sócios. Ex-jornalista, ex-radialista, trabalhou algum tempo na Civilização Brasileira, onde pegou o vírus de livreiro.

— Alguns amigos me advertiram que o dinheiro empregado aqui renderia mais se depositado numa caderneta de poupança. E não correria risco. Mas também não me daria a alegria de conviver com os Autores e servir ao público.

Povos condenados

O Povo Condenado, de Eliézer Pacheco. Artenova/ Fidene, 1977, Rio. 226 pp. Cr$ 60.

Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira, **de Lux Boelitz Vidal. Hucitec/Edusp, 1977, São Paulo. 268 pp. Cr$ 70.**

GISÁLIO CERQUEIRA FILHO

A tragédia das sociedades indígenas brasileiras em duas perspectivas de análise: uma global, a outra, particular

SEM nenhuma pretensão acadêmica, Eliézer Pacheco oferece ao leitor uma visão geral da história do índio no Brasil. O trabalho não tem o objetivo de produzir conhecimento propriamente dito: "Trata-se de uma obra de divulgação situada numa perspectiva histórica e fundamentalmente comprometida com a causa do povo indígena". Embora não se destine a um público específico, o livro assume uma linguagem bastante acessível e didática, o que lhe confere a característica de manual, sobretudo para o segundo grau, cujos alunos, em geral, não têm uma visão adequada e completa da história do índio no Brasil.

Nas 142 primeiras páginas, o Autor faz uma síntese histórica, apoiada em bibliografia corrente, para em seguida enfocar a situação do índio no Brasil de hoje remetendo-nos constantemente à atuação do Cimi (Conselho Indigenista Missionário). Dois artigos são anexados à obra: o primeiro, de Egídio Schwade, comentando a situação do índio no momento atual; o segundo, do Bispo D Tomás Balduino, depondo perante a Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar as atividades ligadas ao sistema fundiário em todo o território nacional (CPI da Terra).

Já em *Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira*, Lux Vidal tem em mira um objetivo distinto. Pretende, e de fato realiza a sua pretensão, fazer um levantamento etnográfico sobre os kayapó-xikrin, grupo Jê localizado no Estado do Pará, Município de Marabá.

Fruto de trabalho de campo, realizado em distintos períodos entre 1969 e 1972 (a Autora realizou três viagens à área xikrin), o livro descreve com farta documentação fotográfica a organização social e a cultura tribal de um grupo indígena brasileiro.

Vidal é alemã de nascimento, tendo estudado na Espanha, França e EUA. Está radicada no Brasil desde 1956, e atualmente é professora de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP).

O método utilizado na investigação, observação participante, permitiu à Autora enfatizar tanto a estrutura formal do grupo tribal como a realidade vivida cotidianamente, e mostrar como as próprias categorias sociais são manipuladas em situações concretas.

A leitura do livro exige a paciente compreensão da terminologia do sistema de relações sociais, cujo esforço é largamente compensado. Ao final, temos, devidamente explicadas, 56 histórias que se referem aos mitos dos xikrin do Cateté.

Gisálio Cerqueira Filho é sociólogo e professor da PUC/RJ.

Vozes libertárias

Liberdade, Liberdade, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes. L&PM, 1977, Porto Alegre. 128 pp. Cr$ 55

MACKSEN LUIZ

A visão do espetáculo facilitou a escrita, mas também revela as fraquezas de um gênero de colagem teatral repetido até a exaustão

HÁ um teatro tão intrinsecamente ligado às suas motivações que, num julgamento crítico isento dos fatores temporais que as geraram, corre o risco de se esvaziar na sua própria circunstancialidade. *Liberdade, Liberdade*, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes, estreou no Rio no dia 21 de abril de 1965 e nos seus 90 minutos de duração pretendia condensar as diversas vozes que pediam (ou impediam) a liberdade. Numa seleção criteriosamente elaborada, da qual consta desde o Hino da Proclamação da República à Declaração da Independência Americana, de trechos dos Autos da Devassa da Inconfidência Mineira a citações de Winston Churchill, os Autores não se omitiram de criar textos originais para esta coletânea, ainda que deixem bem claro o seu caráter de colagem. A idéia de uma seleta correspondia ao momento cultural, traumatizado pela ação restritiva da Censura sobre os textos dramáticos, além de estimular o aparecimento de um *teatro de momento*. Sintomaticamente, *Liberdade, Liberdade* foi produzido pelo Grupo Opinião, depositário de uma tradição teatral de raízes populares e, de certa forma, continuador das experiências desenvolvidas, até 1964, pelos Centros Populares de Cultura e pelo Movimento de Cultura Popular do Nordeste.

A distância que o tempo oferece permite algumas reflexões em relação a esta coletânea. A perfeita construção do texto-roteiro visou sempre ao espetáculo, num processo de integração que somente as condições de produção de um grupo organizado podem sugerir. Mas ao mesmo tempo em que facilitou a escrita, a visão do espetáculo foi responsável por certas soluções que, analisadas 12 anos depois, mostram-se frágeis, não tanto por sua estruturação em si, mas pela excessiva repetição nos vários textos subsequentes que procuraram imitá-lo. *Liberdade, Liberdade* foi escrito como um ato de protesto, afirma Flávio Rangel; mas seu material de reflexão — a liberdade — transcende a raiva para se constituir num depoimento até mesmo poético (é só atentar para o poema *Liberdade* de Paul Éluard, para as referências a Lorca ou as palavras de Millôr/ Rangel: "A liberdade é viva; a liberdade vence; a liberdade vale. Onde houver um raio de esperança haverá uma hipótese de luta"). Não há raiva, mas indignação, muito menos protestos festivos, mas uma resposta a uma circunstância: a falta de liberdade. Quem acredita que a liberdade é passível de manipulação e que um teatro comprometido com a transformação se fixa apenas no imediatismo de uma situação, não perceberá a força de *Liberdade, Liberdade*, que usa como sua maior arma, justamente a liberdade de utilizar as vozes de pessoas tão diferentes como Abraão Lincoln e Gilberto Freyre, o General Franco e o dissidente soviético Joseph Brodsky. Mas todo esse penetrante intinerário que nos conta a liberdade não pode ser visto nos palcos brasileiros. O texto está interditado.

Macksen Luiz, redator do JORNAL DO BRASIL.

Parar de crescer

O Fim dos Ricos (La Fin des Riches), de Alfred Sauvy. Trad. Roberto e Helena C. de Lacerda. Zahar, 1977, Rio. 264 pp. Cr$ 80

O Negócio É Ser Pequeno (Small Is Beautiful), de E. F. Schumacher. Trad. Octavio A. Velho. Zahar, 1977, Rio. 262 pp. Cr$ 70

GUIDO A. JUNIOR

Dois cientistas sociais, um francês e outro inglês, analisam em tom pessimista os grandes problemas do mundo contemporâneo

JULIO Cortázar diz que a verdadeira história de uma civilização encontra-se na sua literatura. Se, em contrapartida, o verdadeiro estado da economia de uma nação estiver nas obras de seus cientistas sociais contemporâneos, o que dizer de velhas civilizações industriais quando começam a produzir livros tão pessimistas e amargos quanto estes de Sauvy e Schumacher?

Embora desconhecidos do público brasileiro, ambos são figuras importantes: Sauvy, além de professor do Colégio de França é Embaixador francês na ONU, e Schumacher, morto há poucos dias, era representante da Inglaterra na UNESCO. Ambos tratam quase dos mesmos assuntos e demonstram as mesmas preocupações.

Sauvy parte do que chama a tríplice explosão — a descolonização política, a explosão demográfica e a emancipação política dos produtores de petróleo — para apresentar o mundo contemporâneo em grande desalinho. Analisando as conseqüências políticas e econômicas da descolonização, Sauvy acha que esta apenas mudou de forma, deixou de ser ativa, para ser passiva. Os países ricos, ao estimularem a migração, recebem de graça contingentes de população já aptos a produzirem. O contingente recebido pela França, se financiado pela sociedade francesa, teria custado metade da produção anual. Evidentemente, esta é a perda total dos países que cedem tal população. Além de bom escritor, mostra-se profundo conhecedor de economia política.

Já Schumacher analisa as relações contemporâneas e os recursos das nações, tais como educação, tecnologia e energia. Para ele, a humanidade entra num caminho perigoso ao optar pela energia nuclear. Pergunta se a energia nuclear será "a salvação ou danação" da humanidade. Alerta que o caminho da radioatividade é um percurso sem volta; a contaminação de uma pequena parcela dos humanos, irá mostrar-se presente em todas as futuras gerações da Terra.

A análise de Schumacher ganha atrativo ao abordar a economia do Terceiro Mundo. Para o Autor, o desenvolvimento econômico é uma evolução e não uma criação. Colocada a questão nestes termos, de nada adianta os países subdesenvolvidos importarem grandes complexos industriais, já que o desenvolvimento é o somatório de três fatores coesos e interligados: educação, organização e disciplina. Ao importarem tecnologia sofisticada, os subdesenvolvidos terão que importar também os três fatores referidos, o que é bastante inviável. Além do mais, essas tecnologias são normalmente poupadoras de mão-de-obra, fator abundante no Terceiro Mundo.

O Autor propõe, então, uma tecnologia intermediária de cunho agroindustrial, pois os países subdesenvolvidos não tendo recursos nem para a formação de capital nem para importações, terão que aproveitar as matérias-primas locais, especialmente nas zonas rurais, onde realmente imperam a fome e o desemprego. Por que — pergunta ele — os países exportadores de petróleo, apesar de todo o dinheiro que já obtiveram, não são desenvolvidos?

Sauvy e Schumacher falam ainda do "milagre" das estatísticas, da civilização dos computadores, do "golpe de estado" do petróleo e do desperdício da sociedade de consumo. Finalmente, constatam que a humanidade encontra-se à beira do holocausto. Sauvy prega que deixando de existir países ricos veremos sumir a pobreza, enquanto Schumacher propõe que sejamos pequenos, "pois a grandeza é enfadonha". Apesar de apresentarem saídas um tanto confusas, os dois Autores assumem uma postura não conformista, e seus enfoques deixam um saldo positivo.

Guido A. Junior, economista.

LIVROS E AUTORES

Contando com a colaboração do Instituto Nacional do Livro e da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, a Companhia Editora Nacional está intensificando o programa de reedições dos livros de sua famosa Coleção Brasiliana. Na primeira semana de outubro, estará de novo nas livrarias *Visão do Paraíso*, no qual Sérgio Buarque de Hollanda analisa a mentalidade utópica dos intelectuais europeus do século XVI em relação ao recém-descoberto continente americano, de modo particular o Brasil. *Visão do Paraíso* é uma co-edição com a SCCTSP. Em co-edição com o INL, aparecerão, a seguir, os seguintes títulos: *A Idade de Ouro do Brasil*, de Charles R. Boxer; *Poder Local na República Velha*, de Rodolpho Telarolli; *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*, de Basílio de Magalhães; *História Econômica do Brasil*, de Robert C. Simonsen; Os *Quebra-Quilos*, de Armando Souto Maior; e *Teoria da História do Brasil*, de José Honório Rodrigues. De Alberto Torres, a Nacional publicará *A Organização Nacional*, em co-edição com o Instituto Estadual do Livro do Rio de Janeiro.

José de Alencar

ORATÓRIA

A Câmara dos Deputados, associando-se às comemorações do próximo centenário da morte de José de Alencar, publicará brevemente uma seleção de discursos parlamentares do escritor e político cearense. O volume será o primeiro de uma série destinada a relembrar grandes peças oratórias existentes nos anais da Casa. Estão programados, entre outros, volumes com discursos de Teófilo Otoni, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Barão de Cotegipe e Epitácio Pessoa.

NA CAATINGA

Há um golpe na caatinga, as caveiras tomam o Poder. A história, contada em tiras diárias no JORNAL DO BRASIL, está toda reunida em *Fradim* 21, a revista do Henfil.

NO PRELO

• Da Forense (Rio): *Comentários ao Código de Processo Civil*, vol. 3, de Celso Neves; *Teoria da Norma Jurídica*, de Arnaldo Vasconcelos; *Revista Forense* nº 257.

• Da Imago (Rio): a tradução, ainda sem título em português, da conhecida obra de Gilles Deleuze e Felix Guattari, *Kafka — Pour une Litterature Mineur*.

• Da José Olympio (Rio): *O Outro Amor do Dr Paulo*, Gilberto Freyre; *Semicírculo*, de Eduardo Canabrava Barreiros; reedições de *A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil*, de Barbosa Lima Sobrinho, e de *O Coronel e o Lobisomem*, de José Candido Carvalho.

Gilberto Freyre

• Da Zahar (Rio): *O Homem Econômico Racional*, de Hollis; *Seleção e Avaliação no Trabalho*, de Jessup; *A Sexualidade Feminina*, de Goldthorpe.

• Da Delta (Rio): o *Anuário Delta Larousse* de 1977.

• Da Cultrix (São Paulo): *História da Inteligência Brasileira*, vol. 3, de Wilson Martins; *A Fita Verde*, de Edgar Wallace.

• Da Brasiliense (São Paulo): *O Povo do Mar e os Ventos Antigos*, romance de Wilson Rio Apa.

Paul Gauguin

LIVROS DE ARTE

Os próximos lançamentos da Philobiblion, nova editora carioca de livros de arte, serão *Mangue*, álbum de gravuras de Lasar Segall, e *Noa Noa*, impressões de viagem de Paul Gauguin a Taiti. *Noa Noa* será lançado com uma solenidade em Porto Alegre.

VARGAS LLOSA

Ao contrário do que foi anunciado, o escritor peruano não virá mais ao Brasil este mês. Llosa tinha se comprometido a pronunciar uma série de conferências em Belo Horizonte e vir depois ao Rio para o lançamento de uma nova edição de seu livro *A Casa Verde*.

VOLTA A VARGAS

Como reagia o povo humilde aos discursos que começavam com o vocativo "Trabalhadores do Brasil", tantas vezes ouvido durante o Estado Novo? João Antônio pretende dar uma resposta a essa pergunta em seu próximo romance, *Lambões de Caçarola* ("uma história de amor e desamor por Vargas"), a ser publicado brevemente pela editora L&PM, do Rio Grande do Sul, com ilustrações de Vasques.

ARTE NO RIO

Por iniciativa da Prefeitura carioca, serão publicados brevemente os estudos *O Barroco no Rio de Janeiro*, de Clarival do Prado Valladares, *O Neoclássico*, do mesmo Autor, e *O Paço da Praça XV*, de Gilberto Ferraz.

SEMANA PORTUGUESA

No próximo mês de outubro, entre os dias 17 e 23, terá lugar em Juiz de Fora uma Semana do Livro Português. É uma iniciativa da Secretaria de Cultura do Município, dos serviços culturais do Consulado Português no Rio e da Livraria Camões, também do Rio. Durante a semana, vários escritores pronunciarão conferências sobre aspectos da literatura portuguesa contemporânea. Os livros serão expostos no calçadão da Rua Halfeld.

SÉCULO XIX

Delso Renault publica no número 25 de *Cultura* (órgão do MEC), um ensaio sobre a sociedade do Rio de Janeiro em meados do século XIX, tal como pode ser reconstituída através de anúncios de jornais da época. No mesmo número, artigos sobre Orestes Barbosa, Joaquim Pedro, Afonso Arinos, Djanira e Guido Viaro, além de pesquisas folclóricas e contos de Samuel Rawet.

CATAGUASES

O *Suplemento Literário* do *Minas Gerais* dedicou seu número 570 ao centenário da fundação de Cataguases, com muitos depoimentos e testemunhos sobre o movimento cultural que ali se desenvolveu em torno da revista *Verde*, órgão intimamente ligado ao Modernismo.

SÓ JORNALISTAS

Está nas bancas um novo número de *Ficção*, o 21º. Publica 15 contos, nove dos quais inéditos, 14 brasileiros, dois apenas de Autores já mortos. Uma particularidade: todos os Autores são jornalistas.

REPRESENTAÇÃO

O Instituto Nacional do Livro, órgão do MEC, instalou uma representação em São Paulo, a fim de facilitar os contatos com escritores e editores locais.

ACADÊMICA

Em circulação o nº 3 da *Revista da Academia Carioca de Letras*, comemorativa do 25º aniversário de nascimento da instituição. Colaborações de Othon Costa, Paulino Jacques, Fernando Whitaker da Cunha e outros.

NÃO ACADÊMICA

Saiu o número 2 de *Boca*, revista dos diretórios acadêmicos da FAAP. Publica principalmente humor, escrito ou desenhado, de Autores jovens do Brasil e de outros países.

NESTOR VITOR

A Casa de Rui Barbosa publicará em breve mais um volume, o terceiro, da *Obra Crítica* de Nestor Vitor. Reunirá artigos dispersos, inéditos em livro.

CONCURSOS

Quem tem originais na gaveta, poderá concorrer, entre outros, aos seguintes prêmios literários:

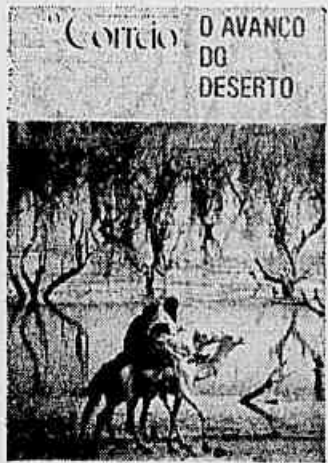
• Do Clube do Livro, para romances inéditos, entre 150 a 200 laudas. Até 30 de setembro (Rua Conde de Pinhal 78, São Paulo);

• Do Pen Clube, sob os auspícios do Instituto Cultural Brasil—Japão, Prêmio Yasunari Kawabata (viagem ao Japão), para monografia entre 25 e 50 laudas, sobre qualquer aspecto da literatura, arte ou história japonesa. Até 20 de outubro;

• Do Superior Tribunal do Trabalho (Brasília) para monografias de no máximo 60 laudas sobre Direito Coletivo do Trabalho e Contrato Individual de Trabalho. Até 14 de outubro;

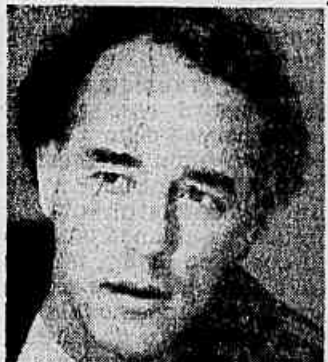
• Do Instituto Roberto Simonsen, para obras publicadas sobre aspectos políticos, econômicos e sociais da industrialização brasileira. Até 31 de outubro (Viaduto Dona Paulina 80/ 4º, São Paulo).

DE CRÍTICA

De 20 a 25 deste mês, realiza-se em Campina Grande (Paraíba), o 4º Congresso Brasileiro de Crítica Literária.

DESERTIFICAÇÃO

Quem quiser saber mais sobre o avanço dos desertos, tema discutido em recente conferência realizada em Nairóbi sob os auspícios das Nações Unidas, leia o número nove de *O Correio da UNESCO*. Lá encontrará extensamente aquilo que a imprensa publicou em resumo sobre os debates e conclusões da Conferência sobre Desertificação. Em tempo: *O Correio* anuncia que, devido ao aumento dos custos, especialmente os do papel, elevará o preço do exemplar para Cr$ 10.

TRADUÇÕES

Três romances de Osvaldo França Júnior foram traduzidos para o inglês: *Jorge, um Brasileiro*, *O Viúvo* e *Os Dois Irmãos*. Serão publicados nos Estados Unidos.

Osvaldo França Jr.

ENCONTRO

Começa no próximo dia 25, em São Paulo, o 1º Encontro com a Literatura Brasileira, que reunirá centenas de autores e editores nacionais e estrangeiros. O Encontro se prolongará até o dia 30 e os temas em debate serão os seguintes: 1) Panorama da Literatura Brasileira Atual; 2) O Romance Brasileiro da Atualidade; 3) Especificidade da Literatura Brasileira; 4) O Conto Brasileiro Atual; 5) Problemas e Aspectos da Tradução; 6) A Mulher na Literatura Brasileira; 7) A Vanguarda Literária Brasileira; 8) Literatura Infantil Atual; 9) Literatura Infantil; 10) Ficção Urbana Brasileira; 11) Poesia Brasileira Hoje; 12) O Brasil na Literatura Latino-Americana; 13) Ficção Regional Brasileira; 14) A Política Integrada do Livro; 15) Panorama da Literatura Brasileira; 16) O Ensino da Literatura Brasileira no Exterior; 17) A Crônica Brasileira.

"DIA A DIA"

Está em tradução, para a Juespe — uma editora evangélica do Rio — o livro de Willy Brandt que em inglês levou o título de *Day by Day*. São breves reflexões sobre problemas políticos, culturais, filosóficos e religiosos do homem contemporâneo. O livro ainda não tem título em português.

Willy Brandt

Malta quase universal

Os Meninos, de Domingos Pellegrini Jr. Vertente, 1977, São Paulo. 88 pp. Cr$ 40. *Um Pássaro em Pânico*, de Elias José. Ática, 1977, São Paulo. 78 pp. Cr$ 45.

JOSÉ MARIA CANÇADO

ESPALHADOS pelos quarteirões de um bairro, reunidos num pátio colegial, silenciosos numa cabine de caminhão com o pai, mesmo trancados nos muros de um reformatório, esses meninos quase entrados na adolescência trazem sempre um traço comum: uma consciência ao mesmo tempo difusa e ousada, convencional e estranhamente autêntica. Uma espécie de turbação.

E essa *malta* quase universal que Domingos Pellegrini Jr. recolhe nos contos de *Os Meninos*. Esses pequenos e comoventes *jacobinos* de quarteirão a se vingarem de um mundo que os chateia, sufoca e amedronta. Como o personagem de Herói que, depois de horas de castigo, resolve, artifice de si próprio e do seu destino, "salvar a honra do dia", mas que recua em pânico diante do atropelamento de um cachorro. Domingos Pellegrini Jr. conseguiu algo raro: escreveu um livro chapliniano sobre os adolescentes.

A raiva, a aflição, a estroinice, o aturdimento, provém de uma turva sensação que os exaspera: a de que aos poucos o seu mundo vai sendo desbaratado. O personagem de Minha Estação de Mar, por exemplo, nota com um sentimento indefinível que ao contrário das estações de pião, de pipa, de bafo, a estadia na praia com os pais foi "a única que, nas mãos, não deixou nenhuma marca". Toda essa turbação que sentem é a consciência de sua estranha vulnerabilidade. Domingos Pellegrini Jr., já no seu primeiro livro (*O Homem Vermelho*), mas definitivamente aqui, atingiu a plena maturidade como escritor.

A atitude do mineiro Elias José é bem outra. Para ele não se trata, ao contrário do que acontece com Domingos, de penetrar cada vez mais profundamente dentro da realidade. Não se trata de produzir conhecimento, mas espanto, e no limite, pânico. Por exemplo, em De Volta do Chão Perdido, o conto mais pretensioso do livro, o personagem volta de Catitó, a pequena cidade do interior, não enriquecido na sua consciência, mas portador de um sentimento de estranheza.

Elias José

Seus relatos são alegorias de um mundo tornado irreconhecível, cabendo ao artista fixar algumas imagens extremas, imagens que devem equivaler a uma espécie de *espanto congelado*, como em Incrível e Meu Reino. Passa-se que as alegorias de Elias José são algo singelas. Como o personagem de O Homem Videterna, que quer se desvencilhar da sua imortalidade, que é para ele, paradoxo dos paradoxos, um meio de sobrevivência.

As parábolas de Elias José não avançam o suficiente nessa estranha experiência da negatividade, que em alguns escritores deste século resultou numa extrema forma de realismo. Exige-se em tais parábolas algo como uma inteligência interna ao relato, algo como uma astúcia da perplexidade, capaz de aclarar a face desfigurada do mundo.

José Maria Cançado, jornalista.

À caça da insignificância

BARRETO LEITE FILHO

À Caça de Martin Bormann (The Hunt for Martin Bormann), de Charles Whiting. Trad. Wilma R. Carvalho. Civilização, 1977, Rio. 256 pp. Cr$ 100.

NUM partido de gente odiosa ou desprezível — e em grande parte dos casos as duas coisas ao mesmo tempo — Martin Bormann singularizou-se por ser a figura certamente mais odiada e desprezada pelos seus próprios companheiros. Era sem qualquer dúvida, a mais insignificante. Provavelmente por esta razão tornou-se o favorito de Hitler. O *Fuehrer* era o que pudesse haver de odioso, sem ser desprezível e muito menos ainda, é claro, insignificante. Mas o segredo do seu êxito residiu em ter descoberto a importância política, e numa certa medida histórica, da insignificância humana. O nazismo foi a rebelião dos insignificantes. Esta questão foi poderosamente focalizada por Hannah Arendt, no seu *Eichmann in Jerusalem*, ao chamar a atenção para "a banalidade do mal". Se um indivíduo tão insignificante como Eichmann mostrou ser, no processo, chegou a desempenhar um papel tão importante, no extermínio de 6 milhões de judeus, toda a hediondez do totalitarismo estava explicada pela insignificância, que a grande pensadora denominou banalidade, dos que a criaram.

Bormann era pelo menos tão banal como Eichmann. O relevo que adquiriu, já nos últimos anos de regime e quando este, tendo atingido o apogeu do seu poder e temibilidade, ia entrar em declínio, resultava exclusivamente de estar sempre ao lado de Hitler. Desaparecido Hitler, naquele espantoso Goetterdaemmerung do *Bunker* de Berlim, sob o fogo da artilharia soviética, perfeita mistura de horror e de grotesco sem um toque de tragédia, o homem indispensável viu-se restituído à sua insignificância. Era uma nulidade tão completa que, ao contrário do seu suposto ídolo e de Goebbels só pensou em salvar a pele.

O Autor se propõe a narrar todas as tentativas levadas a efeito por todos os serviços secretos de primeira linha, no mundo, para encontrar Bormann, percorrendo todas as pistas indicadas por todas as hipóteses e boatos relativos ao destino que teria tomado depois de fugir do *Bunker* para mergulhar no inferno do fogo russo contra os derradeiros pontos de resistência ainda restantes no perímetro da pequena área onde antes se situara o centro político da Capital já arrasada. Dado, porém, que toda essa matéria, a matéria do livro, não dava para encher um livro, mesmo pequeno, o Autor consome os dois primeiros capítulos no esforço de compor uma biografia de Bormann. Não consigo pensar em coisa alguma menos interessante do que a biografia de Bormann, salvo talvez a descrição da caça a este prodígio de banalidade. Se houvesse sido encontrado, seria compreensível que a captura desse um livro, como o de Moshé Pearlmann sobre a de Eichmann, em Buenos Aires. Mas Moshé Pearlmann é um jornalista de talento, e Charles Whiting não é. Além de tudo, comete vários erros de fato.

Barreto Leite Filho, jornalista

Estará morto o homem?

Umbra, de Plínio Cabral. Summus, 1977, São Paulo. 98 pp. Cr$ 50.

A Revolução de Deus, de Per Johns. Nórdica, 1977, Rio. 138pp. Cr$48.

LUCIA HELENA

Duas advertências sobre a possibilidade de liquidação da vida na Terra pelas mãos do próprio dono da Terra: o homem

UMBRA é uma advertência. Tão gritante que quase nos sufoca. O livro nos conta, em três etapas ("O velho"; "As lendas"; "O menino") a destruição de tudo, e do próprio homem, pelas mãos do homem. No conjunto, são treze "lendas" inventadas pelo Autor para narrar a morte de um Cosmos depredado pelo mais predatório dos seres: o ser humano. Plínio Cabral adota um discurso em que predomina o fantástico. O mítico alia-se à ficção científica e a obra mantém-se no tom das narrativas folclóricas. No entanto sua fórmula torna-se por vezes repetitiva, prejudicando a felicidade de alguns achados.

Terra, água, ar e fogo são personagens dominantes dessa imensa "cidade morta" em que aparecem, rodeados de descrédito, alguns seres heróicos, dispostos a lutar e a desvendar o que há para além dos limites e ameaças. Parodiando o tom bíblico sempre questionado pelo Autor, os heróis (Eric, Aric, Deric, Talaric etc) voltam ao pó, à água e ao céu. Tudo morre.

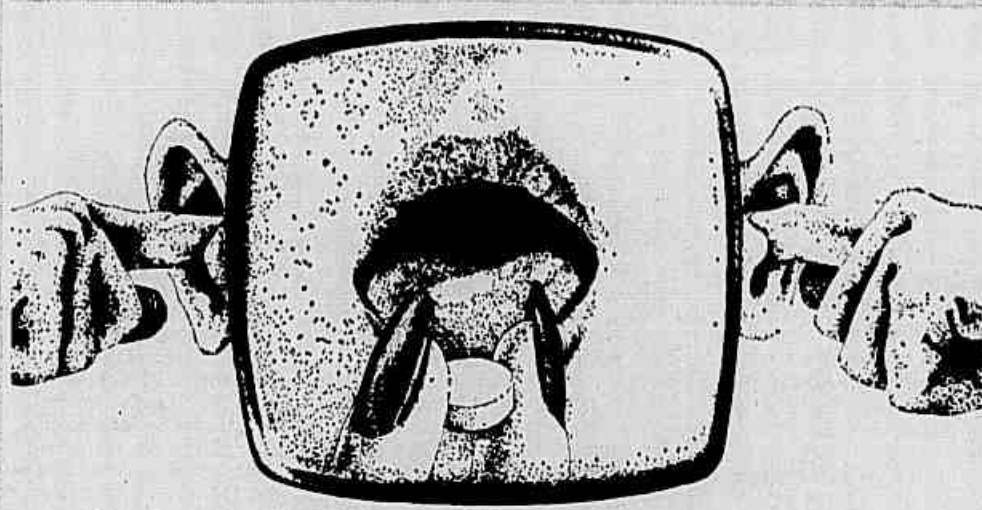
A décima-primeira lenda, cuja personagem central é Galderic, é um texto irônico e bem estruturado. Nela os homens não sabem mais distinguir quem é "amigo" de quem é "inimigo". As palavras passam a não ter mais sentido. *Umbra* descreve um mundo onde Deus está morto e em que o homem, há muito, agoniza.

Em linguagem metafórica, *A Revolução de Deus*, de Per Johns, faz uma apologia da liberdade e do valor relativo daquilo que dogmaticamente se costuma chamar de "verdade."

Per Johns

De modo claro, e assumindo um caráter de fábula ou alegoria dos desacertos humanos, o narrador denuncia a cada passo as repressões e o véu tentador que encobre muitas vezes a dialética das boas intenções dos regimes políticos e das facções sociais. Assim, em um mundo aparentemente enlouquecido há uma súbita transformação: fontes energéticas, eletrodomésticos, máquinas de escrever se liberam do controle humano. O racionalismo e o progresso vêem-se ameaçados por uma repentina volta do homem a um paraíso perdido, em que lhe é retirada a memória do conhecimento civilizado anterior. Os impulsos vitais se revigoram, num inaudito êxtase dos instintos primários. Gradativamente há uma retomada de racionalismo e da luta entre duas forças muitas vezes milenares: a de Janus, partidário da liberdade total, e a de Valentim, defensor da ordem, da repressão e do poder institucionalizado. Até que, num improvisado concílio, Deus culmina por decidir que se erradique o homem da face da Terra. E o gatilho atômico é acionado, os dias ficam negros de misseis e durante séculos não medrará vida.

A idéia não é nova. Nem o dualismo talvez seja a maneira mais sutil de elaborá-la. Mas não é inoportuno repeti-la, principalmente em momentos em que o embotamento do homem acaba por levá-lo a atuações tão canhestras quanto pobres de sentido histórico.

Lucia Helena, professora e crítica, Autora de A Cosmo-Agonia *de Augusto dos Anjos.*

A boa palavra

MARIA HELENA DUTRA

O Monopólio da Fala, de Muniz Sodré. Editora Vozes, 1977, Petrópolis. 156 pp. Cr$ 55.

Um ensaio claro, agudo e quase irretocável sobre o invariável monólogo da televisão brasileira

JORNALISTA e professor de Comunicação, Muniz Sodré é um dos raros ensaístas brasileiros que despertam o prazer da leitura. Sua pequena obra, agora lançada, *O Monopólio da Fala*, é um claro exemplo do que acima dissemos: porque tanto os leigos, quanto os teóricos ou profissionais da televisão encontram nela muito mais que números frios, teorias complicadas e posições simplistas. Desde a primeira página depara-se com um raciocínio claro, que não pula cercas, mas abre porteiras sem medo de bois não classificados.

E este tipo de pensar está manifesto numa linguagem muito clara e rica, pois Muniz evita, como bom conhecedor que é, todas as ciladas da fácil ou científica comunicação. Não reduz sua capacidade de expressão a um jargão jornalístico ou mesmo televisivo que mate qualquer esforço do leitor, mas também não se perde em firulas complicadas capazes de desanimar mentes não semiológicas. Os termos técnicos ou populares são, assim, empregados com justeza e sem substituições sinônimas.

Muniz Sodré

A outra vantagem do falar claro é que, mesmo discordando algumas vezes, podemos seguir corretamente o raciocínio do diagnóstico. Muniz é absolutamente exato naquilo que consideramos de básica demonstração em seu livro: mostrar que "televisão não é uma janela para o mundo, sendo antes o espelho deslumbrante da ordem de produção", e que "cultura de massa não se confunde com a cultura da massa". Em outros pontos, principalmente no capítulo inicial, que discorre sobre o conceito de televisão, Muniz se deixa levar pela corrente fluida do radicalismo e alastra demais os fogos do inferno por cima e dentro do aparelhinho. Que fica parecendo um indomável e intocado mamute, impossível de ser transformado ou decifrado por qualquer ser humano. Concepção que se choca com seu antológico estudo sobre a linguagem da televisão, o capítulo dois do livro, no qual detalha magnificamente o principado da reprodução, a construção do espaço televisivo e sua obediência à moral doméstica.

Estendendo sua teoria à televisão no Brasil, capítulo três, Muniz não quis ou esqueceu de configurar um dado fundamental. Ele que tão bem relaciona a televisão como instrumento de Poder e de sua ideologia, não se refere uma vez sequer ao seu braço armado: a Censura. Certas conclusões ou temas, como o projeto educacional das telenovelas ou sua separação conteudística em horários, ficam prejudicadas, porque são atitudes tomadas sob coerção. Também algumas falhas históricas baralham ou fazem o leitor duvidar das claras conclusões a que chega o Autor. A mais flagrante, e que pode ser mudada em outra edição, é a afirmação de que "as idéias da programação norte-americana começaram a ser importadas" depois do advento da TV Excelsior em 1960. Infelizmente isto não aconteceu; desde os tempos pioneiros, década de 50, a programação nativa sempre obedeceu ao modelo importado, que era despudoradamente copiado em boliches ou através dos apresentadores, por Muniz classificados de grotescos, que nada inovavam mas seguiam formas, como sempre foi o caso de Raul Longras, Hebe Camargo, J. Silvestre e muitos mais. Mas fora isso, tudo bem. "Televisão e Cultura Brasileira" é um capítulo irretocável, e "Futebol, Teatro ou Televisão", que encerra o livro, parece inicialmente ser apenas um recheio suplementar. Mas não, é talvez o mais brilhante pequeno ensaio do livro, porque estuda com mediana clareza e cultura de massa e as formas culturalistas de sua divulgação e mitologia.

Maria Helena Dutra é crítica de televisão do JORNAL DO BRASIL.

CARTAS

IMITAÇÃO

"Achei por demais oportuna a advertência do professor Jean Roche aos escritores brasileiros, dizendo-lhes que seria funesto imitar qualquer um e de modo particular os autores latino-americanos. É possível que agora uma porção de autores nacionais — especialmente contistas — caiam em si, já que a advertência partiu de um estrangeiro... Evidentemente, não nos opomos às influências, que são não apenas inevitáveis, mas também indispensáveis. O que precisa ter fim é a mania de seguir as modas. Se tem que haver uma, criemos a nossa. *Joaquim Caldeira*, Fortaleza (CE)".

CATALOGO

"O *Informe JB* de 10.11.1976 noticiou que o Instituto Nacional do Livro acabava de publicar o catálogo das suas edições, então em número de 223. Guardei o recorte e de vez em quando passo pela seção de vendas do Instituto e indago se o catálogo está disponível. Não está. Mudam os funcionários atendentes. Uns informam que ainda não chegou, outros que ele não existe. No *Informe JB* de 8.8.1977 li encomiástica referência ao Instituto, que bem podia retribuir as palavras do JB mandando dizer se há ou não à disposição do público, e onde, o catálogo das suas publicações. *Roberto Gonçalves*, Rio de Janeiro".

LIVRO CARO

"Faço um apelo a todos os editores de livros espíritas para que, em nome de sua divulgação, façam obras mais baratas. A divulgação é mais importante que a beleza do livro. Um livro simples, mas barato, além de mais condizer com o nível social de nosso povo, será mais difundido. *Estefanio Negreiros*, Rio de Janeiro".

O QUE O MUNDO LÊ

ESTADOS UNIDOS

CONSELHOS AOS NOVATOS

Writing Suspense and Mistery Fiction, org. de A. S. Burack. Charlotte Armstrong, Raymond Chandler, Phyllis Whitney e mais 30 Autores experientes dão a escritores novatos conselhos práticos sobre a melhor maneira de armar tramas, desenvolver personagens, criar ambientes, criar discretamente pistas para o leitor, além de vários outros elementos intrínsecos à preparação de romances e contos policiais (The Writer Publishers, 10,95 dólares).

ENTRE APOLO E DIONÍSIO

Monty: a Biography of Montgomery Clift, de Robert La Guardia. A existência atormentada do ator Montgomery Clift é apresentada pelo Autor como a de um talento apolíneo destruído por excessos dionisíacos. Estudos da carreira do ator no teatro e no cinema são cuidadosamente equilibrados com a revolução de problemas médicos, ambivalência sexual e tensões psicológicas que, segundo o Autor, destruíram o futuro promissor de Clift (Arbour House, 12,95 dólares).

FICÇÃO CIENTÍFICA E REALIDADE

Science Ficction at Large, org. de Peter Nichols. Coletânea de ensaios de vários Autores sobre a relação entre ficção científica e realidade; através de uma visão quase sempre acadêmica, os Autores de um modo geral parecem tentados a estabelecer a filosofia do gênero neste momento (Harper, 8,95 dólares).

ITÁLIA

A CONDIÇÃO DE ASILADO POLÍTICO

Esili Russi in Italia dal 1905 al 1917, de Angelo Tamborra. Minuciosa pesquisa sobre o exílio de grandes russos na Itália. Com um resultado que muitas vezes contraria o comentário de Lênine, de que era "três vezes maldita" a condição de exilado político. A impressão deixada por estas páginas é a de que, para muitos russos, o sol de Capri e outras amenidades italianas no mínimo atenuaram a nostalgia e a solidão. Em Capri, de 1906 a 1913, Máximo Gorky sentiu-se tão bem e com tanta vontade de agir, que chegou a abrir uma Escola de Propaganda e Agitação para Trabalhadores, que só não foi mais movimentada e divertida porque em 1908 e em 1910 duas visitas de Lênine praticamente torpedearam o projeto que o escritor executava com apoio de Bogdanov, Lunatcharski e Bazarov. Para Lênine, a Escola não passava de uma atividade fracionista, não alinhada com as teses da revolução. Afora a comunidade dos exilados de Capri, o livro põe em relevo a importância de duas outras: as de Bolonha e Milão, influenciadas pela presença de Trotsky, Alexandra Kolontay e Giorg Plakanov, por muito tempo considerado "o pai do marxismo russo". Mas quem realmente sai engrandecido deste livro é um liberal tolerante, Giolitti, que então governava a Itália e ainda hoje tido por muitos italianos como "um burguês reacionário". Graças às recomendações que Giolitti transmitiu à sua política, aquela elite subversiva pôde agir e dar conseqüência ao seu exílio italiano (Laterza, 6500 liras).

Avalancha de Livros

Nunca se publicou tanto na França como agora. Depois da parada para as férias, as editoras fazem a *rentrée* com força total, anunciando centenas de títulos e nada menos de 40 mil páginas para serem lidas pelos críticos até março, quando a maré baixará novamente. Aparecerão numerosas obras políticas, algumas assinadas por gente que parece estar beirando o Poder, como é o caso de François Mitterrand e Georges Marchais, secretários, respectivamente, do Partido Socialista e do Partido Comunista. Romancistas já consagrados estarão de volta, entre eles Max Gallo, André Chamson, Marguerite Duras, Emmanuel Roblès, Julien Green, Albert Memmi, André Wurmser. Claro, os filósofos também estarão presentes, os *novos* apresentando idéias provavelmente não muito novas, os *velhos* contestando as suas pseudo-novidades. E haverá uma enxurrada de traduções, principalmente do inglês, com o lançamento quase simultâneo de obras de ficção anunciadas para o período correspondente nos Estados Unidos. "Os críticos vão gemer", queixa-se um crítico. E um jornalista de *Le Figaro* profetiza que os leitores "vão engulir muita mosca".

FRANÇA

CAMINHOS DA ARQUITETURA

Batir la Vie, de Georges Kandilis. Autobiografia de conhecido arquiteto de origem grega, com projetos executados em muitos países do mundo, inclusive o Brasil, hoje professor da Universidade de Paris. A figura de Le Corbusier ganha relevo na obra, aparecendo como o mestre que realmente indicou os melhores caminhos a serem seguidos pela arquitetura moderna (Stock, 310 pp. 50 francos).

HERÓIS DO FEMINISMO

Le Feminisme au Masculin, de Benoîte Groult. Revendo a história moderna da Europa Ocidental à cata de homens cujo pensamento fosse favorável à promoção da mulher, a Autora encontrou personagens singulares e invariavelmente classificadas de utopistas por seus contemporâneos. Uma homenagem a heróis masculinos que antes não tinham merecido sequer uma lembrança das feministas (Denoel/Gouthier, 208 pp. 40 francos).

MITTERRAND NO GOVERNO

Les 100 Jours de Mitterrand, de Philippe de Commines. Supondo a vitória das esquerdas nas próximas eleições legislativas, este livro de ficção política descreve o que seriam os três primeiros meses do líder socialista François Mitterrand como Primeiro-Ministro, à frente de um Gabinete do qual participariam os comunistas. A projeção de Commines indica que a esquerda não teria condições de governar mais de seis meses, tais as dificuldades que enfrentaria para manter-se unida (Belfond, 236 pp. 39 francos).

INGLATERRA

PIONEIRA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Marie Stopes, de Ruth Hall. Biografia da pioneira do controle concepcional e da educação sexual na Grã-Bretanha. O aparecimento, em 1918, de seu primeiro livro, intitulado *Married Love*, provocou sensação e em poucas semanas transformava Hopes numa figura nacionalmente conhecida e igualmente polêmica, podendo-se dizer que foia porta-bandeira da revolução sexual que ocorreria a seguir no país (Andre Deutsche, 352 pp. 5.95 libras).

CIENTISTAS QUE ENTRARAM NO FRIO

A Victim in Aurora, de Thomas Keneally. Romance sobre a Antártida, literariamente bem construído e baseado numa extensa pesquisa sobre as condições de vida dos habitantes daquela região, em sua maioria cientistas. Ação e aventura mescladas com numerosas informações sobre a arte de sobreviver na terra mais fria do mundo (Collins, 380 pp. 4.50 libras).

O ESPIÃO QUE SAIU DA CHINA

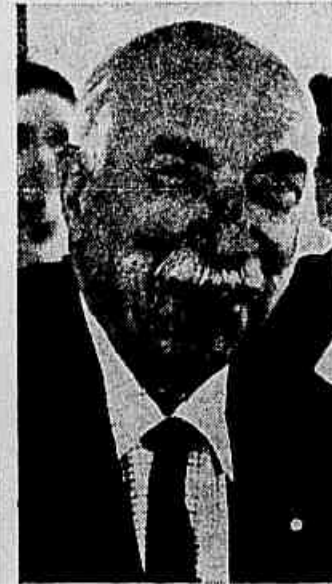
The Honourable Shoolboy, de John Le Carré. Outro romance de espionagem do mundialmente famoso Autor de *O Espião que Saiu do Frio*. Desta vez o cenário é Hong-Kong. E o principal personagem da história, um agente de Moscou encarregado de tirar da Capital chinesa um colega em apuros. O romance mais ambicioso de todos os que Le Carré escreveu até agora (Hodder and Stoughton, 532 pp. 8.50 libras).

ALFRED KNOPF

Os 85 anos de um editor amigo do Brasil

O editor americano Alfred A. Knopf, que fez 85 anos segunda-feira passada, é um homem de muitos interesses, entre os quais ele destaca a política, o meio-ambiente, música, o Brasil, e até os livros. Mas hoje, preocupa-se sobretudo com a situação do Ocidente. "O estado do mundo ocidental é tão ruim que acho que estamos vivendo o começo do fim de uma grande civilização. E pode-se resumir o motivo disso em uma palavra: ambição".

E ele deve saber do que está falando. Afinal, foi Knopf quem publicou nos Estados Unidos, há meio século, *A Decadência do Ocidente*, de Oswald Spengler. Também editou muitos outros Autores estrangeiros cujas obras fazem a história da literatura moderna, de Thomas Mann a Jorge Amado. Hoje, ele não participa mais da direção da firma no dia-a-dia. "Vou ao escritório cerca de duas vezes por semana, mas sou mais como um sócio aposentado de uma firma bem-sucedida de advocacia, que é consultado de vez em quando".

Uma das decepções de Alfred E. Knopf é que alguns de seus Autores brasileiros não explodiram junto aos leitores americanos. Ele cita, em particular, Jorge Amado, Autor de *Home is the Sailor* (*Os Velhos Marinheiros*), *Dona Flor and Her Two Husbands* (*Dona Flor e Seus Dois Maridos*) e outros romances.

Alfred A. Knopf

Embora a Knopf seja hoje uma subsidiária da Random, que por sua vez é subsidiária da RCA Corporation, os colofões dos livros da casa ainda são precedidos da marca criada há muitos anos pelo velho Alfred

O surrealismo socialista

The Life and Extraordinay Adventures of Private Ivan Chonkin de Vladimir Voinovich. Trad. Richard Lourie. Farrar, Straus & Giroux, 1977, Nova Iorque, 316 pp. 10 dólares.

THEODORE SOLOTAROFF

Um rebelde escritor soviético, ex-operário, que retoma na melhor forma a grande tradição gogoliana da literatura russa

EM 1956, um jovem operário de construção civil escreveu da Criméia ao famoso Instituto Gorki de Literatura, em Moscou. Embora houvesse passado a infância numa fazenda estatal, durante os anos da II Guerra, e tivesse apenas cinco anos de educação escolar, vinha aproveitando o seu tempo livre para escrever, primeiro no Exército e depois como um carpinteiro. "Eu sentia uma grande necessidade de dizer algo" — palavras que poderiam servir de lema à literatura russa em geral — "mas ainda não sabia exatamente o quê". Assim, insistiu, escrevendo um poema por dia durante um ano, e quando dois deles foram aceitos por um jornal local, resolveu escrever ao Instituto, que se dedica à formação dos escritores soviéticos. Recebendo uma negativa, telegrafou novamente à entidade, desta vez em verso:

Não estou feliz com a resposta de vocês
Mas meu moral continua alto
E ainda serei um poeta.

Palavras proféticas. O jovem poeta-operário de 23 anos, Vladimir Voinovich, mudou-se para Moscou com seus instrumentos de trabalho e aspirações literárias. Quatro anos mais tarde, descobriu o que tinha para dizer, embora em prosa, e não mais em poesia. *Vivemos Aqui*, a primeira novela, retratava de maneira incomum sua experiência em um *kolkhoz*. O tema central era o dilema de um jovem entre os valores da vida camponesa e os da nova *sociedade*, buscando um sentido para a vida, apesar da pouca educação recebida. A novela foi publicada em *Novy Mir*, a revista do *degelo*, causando sensação: mas ele também foi atacado, pelos vigilantes da cultura oficial, como Autor de "um libelo contra a nossa forma de vida", um "naturalista vulgar", etc.

A segunda história longa de Voinovich foi *Eu Seria Honesto se Deixassem*, sobre um cidadão soviético comum que se volta contra o sistema em nome de sua integridade como homem e como trabalhador. Embora elogiado no jornal da cidade como um dos corajosos construtores do socialismo, o que ele sabe mesmo é que constrói estruturas frágeis e inseguras, que se vê às voltas a cada momento com uma constante escassez de materiais, que seus operários são preguiçosos e incompetentes, e que seus superiores são cínicos carreiristas. Após 15 anos passando de um grupo de construção a outro, em busca de uma oportunidade de "erguer algo verdadeiro, algo de que eu não me envergonhasse," Samokhin sente-se liquidado aos 40 anos, a frustração e finalização de seus dias dissolvendo-se no vazio de suas noites em mais uma sombria província. Mas quando lhe ordenam que termine um prédio antes do prazo para as comemorações anuais da Revolução em novembro, ele finalmente se recusa a ir em frente: "Quem precisa de sua honestidade?" pergunta-lhe sardonicamente um dos colegas. "Eu preciso", ele responde.

Este conto também foi publicado em *Novy Mir*, no momento mesmo em que Kruchev caía em cima dos escritores liberais, muitos dos quais, como Voinovich, tentavam renovar o realismo socialista, substituindo o herói *positivo* padronizado por um herói humano, cujas verdadeiras circunstâncias não costumam aparecer no *Pravda*. Nas *conferências culturais* montadas para chamar os liberais à ordem, *Eu Seria Honesto se Deixassem*, foi escolhido por Ilychev, principal ideólogo e verdugo de Kruchev, como um exemplo particularmente odioso e perigoso de ficção.

Em sua defesa do conto, Voinovich afirmou que, embora seu herói se veja lutando sozinho contra *irregularidades*, o cerne da história era que "todo ser humano tem um objetivo na vida, em sua própria esfera, o que significa que ele tem algo a que se dedicar e a que se pode sacrificar sinceramente." Não fora nenhum impreciso nobre sentimento, mas uma sólida convicção que orientara esse *kolkhoznick* e carpinteiro em sua vocação de escritor, e que o sustentaria em suas penas futuras.

Ele era agora conhecido como um escritor a ser vigiado — em ambos os sentidos da palavra. As encomendas para escrever peças e roteiros cinematográficos desapareceram de repente, e a primeira parte de *Ivan Chonkin*, anunciada em *Novy Mir*, jamais foi publicada. Ele prosseguiu, fazendo o que tinha de fazer: apoiou Siniavski e Daniel, depois Ginzburg e Galanskov; publicou sua obra em *samizdat*; protestou contra a criação da nova agência de direitos autorais, apontando-a como outro instrumento de repressão. Sua carta a essa agência foi publicada no Ocidente, como o foram capítulos de *Chonkin*. Em 1974, as coisas chegaram a um ponto crítico e ele foi convocado à União de Escritores para defender-se num processo de expulsão. Recusou-se a ir, e em vez disso enviou uma carta que começava dizendo: "Nada temos a discutir ou argumentar, porque eu expresso minhas opiniões, enquanto vocês dizem o que lhes mandam." Ridicularizando a União como um órgão de burocratas, e não de escritores, como uma coalizão de hipocrisia, cupidez e mau-caratismo, concluiu:

"A mentira é a arma de vocês. Vocês cobriram de mentiras o maior de nossos cidadãos, e ajudaram a expulsá-lo de nossa terra. Pensam que toda a sua cambada poderá preencher o lugar dele. Estão errados! Os lugares em nossa grande literatura russa não são determinados por vocês. E nenhum de vocês conseguirá arrastar-se nem ao nível mais baixo dela."

A partir de 1963, ele vinha escrevendo a obra de sua vida, um longo romance satírico sobre os choques de um ignorante soldado raso do Exército com o sistema soviético. Nesse livro, continuava a aproveitar sua própria experiência e a explorar sua convicção básica de que um homem é o que faz, e por isso deve tentar viver segundo sua melhor natureza, e com o propósito pelo qual escolheu realizar-se: em suma, não se deve tornar um farsante. Em *A Vida e as Extraordinárias Aventuras do Soldado Ivan Chonkin*, ele foi muito mais longe, jogando sua verdade diretamente contra a mentira pública do Estado dos Trabalhadores e da República Popular, mostrando o que acontece com a integridade e a autenticidade na atual desordem do sistema soviético: não só o *kolkhoz*, mas a polícia secreta, o Partido e o Santo dos Santos, o Exército Vermelho.

Como uma concessão às autoridades, ele colocou sua história no negro passado distante do stalinismo, e como estratégia escolheu um cômico herói camponês e um tom de cálida e ingênua gozação e fantasia. A escolha do tom satírico foi inspirada, pois revelou um talento cômico de primeira água, que estivera oculto sob a sóbria e áspera superfície de seu realismo anterior, e um novo e poderoso dom para combinar as transações entre realidade e imaginação, a vida comum obcecada pelos fantasmas e a fantasmagoria da política do Estado.

Depois de concluir as primeiras duas partes, de um total de cinco, em 1970, Voinovich tentou inutilmente publicá-las na URSS. Quatro anos depois — tendo-se tornado uma não pessoa, e não podendo sequer arranjar um emprego — tomou a decisão final de mandar *Chonkin* para a Editora da Associação Cristã de Moços, em Paris, do que resultou essa excelente tradução de Richard Lourie.

Voinovich não é hoje muito conhecido nos Estados Unidos, mas logo será. Pois este é um livro desnorteante, e corajoso: um terno e hilariante exemplo de naturalismo rural fermentado por uma imaginação pura, uma comédia burlesca penetrante e de longo alcance sobre o medo, a estupidez, a traição, o logro e o absurdo institucionalizados. Pode ser definido como uma obra-prima de uma nova escola — o surrealismo socialista. Pode ser definido como um *Ardil 22* soviético, escrito por um Gogol de nossos dias.

As aventuras de Chonkin ocorrem num *kolkhoz* atrasado, na primavera de 1941. Um avião militar fez uma aterrissagem forçada perto do bangalô da agente dos correios, uma garota doce, feia e sensual chamada Niura. Para montar guarda ao avião, até a instalação de um novo motor, o regimento manda o retardado Chonkin, uma contradição ambulante do decoro militar, que não sabe marchar nem fazer continência corretamente, e cujas perneiras insistem em viver caindo. Ele também é imune à doutrinação política. Contudo, tornou-se útil no regimento como garoto de recados, o que o mantém em cima de um cavalo, lhe permite dormir num estábulo e lhe dá um companheiro de conversas, seu animal: "... se a gente diz a coisa errada a uma pessoa, pode meter-se em encrenca, mas seja o que for que se diga a um cavalo, ele aceitará".

Chonkin é o tolo inocente que desperta a tolice corrupta de seus supostos superiores. Quando o encontramos pela primeira vez, um sargento está fazendo-o passar pela versão do Exército Vermelho de rastejar na grama, como punição por sua indolência, enquanto um capitão de barba por fazer e botas sujas aprova indolentemente o castigo. O sargento só sai dali para escrever à sua garota sobre a necessidade de estrita disciplina no Exército, "porque a gente banca o decente com as pessoas e elas, em troca, agem como porcos com a gente". Na aula de política, um dos atormentadores de Chonkin pergunta-lhe se é verdade que Stálin teve duas esposas, e o *politruk* imediatamente pega fogo de fúria e pavor, denunciando o infeliz soldado como uma das "minas de ouro para nossos inimigos, que estavam sempre à espreita, esperando a mínima fenda, para infiltrar-se e começar a idealizar seus complôs".

As conversas de Chonkin com seu cavalo são modelos de discurso humano, racional, ao lado da algaravia com a qual os oficiais superiores se comunicam. O indolente capitão é censurado pelo seu major surdo: "Vá tomar um..." diz o capitão em voz baixa, olhando gozadoramente o major cara a cara. Deve-se ter em mente que o Exército Vermelho ocupa mais ou menos a mesma posição na recente cultura soviética que Stálin ocupava em seu tempo. Todo ano, mais uma interminável série de romances é publicada sobre a *Grande Guerra Patriótica*. Voinovich habilmente faz o leitor perguntar-lhe por que não retirou seu herói militar da *vida real*, um estudioso da teoria militar e política, alto, esbelto, disciplinado. E responde que chegou tarde demais, "todos os estudiosos desse tipo já haviam sido pegos, e tive de ficar com Chonkin".

Mas Chonkin é mais que o tolo do regimento. Enviado para montar guarda ao avião, ele descobre a ampla Niura no jardim. Poucos minutos depois, está ajudando-a, com grande habilidade, a amontoar suas batatas. À noite, partilha de sua mesa, e depois de sua cama. Na manhã seguinte, para desfazer o embaraço mútuo, ele toma delicadamente a mão dela na sua, balança-a delicadamente e diz: "Como vai?" Depois, afrasta o avião para o jardim, pega o ancinho e começa a pôr o lugar em ordem — um homem competente em seu ambiente natural, que descobriu uma companheira tão tranqüila e completa como ele próprio, embora um pouco mais inteligente.

A pacífica industriosidade de Chonkin é mostrada em contraposição à fazenda coletiva. O presidente da fazenda, Golubov, é um alcoólatra paranóico; seu colega, o representante do Partido, o mantém num inferno de pavor, indecisão e sentimentos de culpa com histórias sobre um poderoso inspetor que pode chegar a qualquer momento para examinar os registros falsificados. Talvez seja o aviador que caiu. Há também um certo Gladishev, botânico autodidata e leal filho da Revolução, "que libertou o povo de toda forma de escravidão e permitiu que todo cidadão subisse os brilhantes e pétreos degraus da ciência". Inspirado nos ensinamentos de Lysenko, Gladishev tenta plantar um híbrido de batata e tomate; também executa um trabalho pioneiro com o estrume. Mas o principal cidadão de Krasnoye é Liushka Miakashev, que introduziu o método de ordenhar com ambas as mãos e agora é membro do Soviete Supremo, confidente do próprio Stalin e líder dos miakishevitas, um movimento de grandes vitoriosos.

Entre todas essas manias e gozações, Chonkin prossegue feliz trabalhando em seu jardim e divertindo-se com Niura sempre que consegue fazê-la largar sua sacola de correspondências ou acordá-la à noite. Mas aí começa a invasão alemã, os jovens partem para a guerra sob rajadas de insípidos discursos, e Chonkin fica preocupado. Afinal, ele é um herói de Voinovich, e "embora jamais lhe houvesse ocorrido que se destinava a algo especial... jamais duvidara de que algum dia seria convocado... a dar sua vida livremente por algo que valesse a pena". Ironicamente, seus altos propósitos se concretizam depois que Gladishev o denuncia como um desertor à NKVD. Um destacamento de seis homens é enviado para capturar Chonkin, mas ele se recusa a render-se, porque tem de montar guarda ao avião até ser formalmente substituído. E, estando disposto a morrer por sua missão, captura facilmente os seis homens, que não têm tanta determinação.

Enquanto isso, na sede do município, o Capitão Miliaga está tentando fazer com que um prisioneiro se confesse culpado, interrogando o desertor, uma vez que acabou de ter um ataque com um esperto judeu chamado Stálin. Miliaga é o principal alvo de Voinovich — o homem inteiramente artificial, oposto a Chonkin, o homem da natureza. Miliaga já está sorrindo: "Ele sorria quando cumprimentava, sorria quando interrogava prisioneiros, sorria quando os outros soluçavam". Sua missão na terra é promover sua carreira através do suave cultivo da mediocridade, traição e brutalidade, numa organização dedicada a travar uma "guerra mutilante contra seus próprios cidadãos", segundo o princípio de "bater nos seus, para que os de fora o temam".

Miliaga é, evidentemente, um completo covarde, e quando vai a Krasnoye capturar Chonkin é capturado também. Na sede do distrito, o mais alto oficial do Partido, Revkin, sente-se obcecado com a idéia de que alguma coisa está errada. Ao se jogar na cama, sua mulher, que se elevou à atual posição de diretora de um orfanato perseguindo *kulaks*, pergunta-lhe se ele está tendo *pensamentos impuros*. Convence o marido a ir à NKVD para expurgar-se. Mas não há polícia secreta a quem se apresentar: todos estão presos no porão de Niura. Revkin faz investigações, obtém a única informação útil da velha do mercado, e decide que Miliaga e seus homens foram capturados por um destacamento de pára-quedistas alemães que se juntaram a Chonkin, e um regimento é enviado para destruí-los.

Deixo a extraordinária batalha que se segue depois entre Chonkin, Niura e um dos mais ineficientes regimentos da história militar para os próprios leitores descobrirem. Também o declínio patético, apesar de muito engraçado, de Miliaga, a ponto de trair sua própria organização a oficiais soviéticos disfarçados, que ele toma por uma falange da Gestapo. Também a dimensão onírica do romance, ocupada principalmente por um cavalo que surge no fim com uma mensagem no casco, pedindo para morrer como comunista.

O romance acaba num clímax de contradições militares, causadas pelo inocente mas incansavelmente dedicado Chonkin. Só ele e Niura permanecem firmes, protegidos por sua simples integridade camponesa e a força que extraem um do outro e de sua missão. Como o Autor, eles sobreviveram, e no fim, enviado à prisão num caminhão, Chonkin grita: "Não chore, Niura! Eu voltarei."

A partir de 1970, Voinovich tem trabalhado nas aventuras seguintes de Chonkin. A edição russa dessas primeiras duas partes já foi examinada pelo KGB, que, enquanto interrogava o Autor, aparentemente passou-lhe um cigarro ligeiramente envenenado, com uma mostra de seu interesse por ele. Mas a moral de Voinovich tem permanecido alta, e ele continua lutando. Recentemente, concluiu *The Ivankiada*, um livro sobre sua luta com um burocrata literário que tentou tomar seu apartamento.

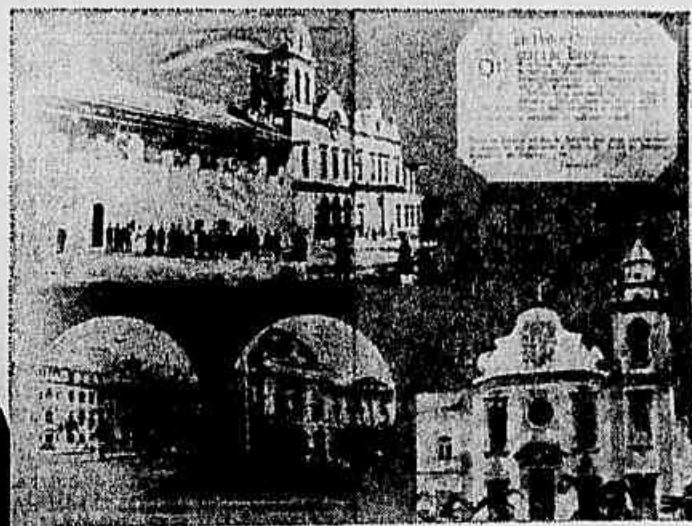
Desejem-lhe sorte. Ele é o detentor de uma grande verdade e tem um grande talento naquelas honestas mãos russas, e continua respirando em seu coração cálido e rebelde.

Theodore Solotaroff é especialista em literatura russa.

Vladimir Voinovich

E depois de 63 anos veio a "Enciclopédia Saraiva do Direito"

Paulino Saraiva

ALBERTO BEUTTENMULLER
FOTOS DE ISAIAS FEITOSA

SÃO PAULO — Remanescente dos fundadores da Saraiva S/A Livreiros Editores, Paulino Saraiva nos recebe, um sua sala, para contar velhas histórias, enquanto seu sobrinho Jorge Eduardo Saraiva informa sobre a *Enciclopédia Saraiva do Direito*, coordenada pelo prof. Limongi França. A enciclopédia esgotou seus primeiros 4 mil exemplares na semana de lançamento, que foi a homenagem ao Sesquicentenário dos Cursos Jurídicos (1827/1977).

No lançamento foram vendidos os dois primeiros volumes de uma coleção que terá cerca de 60 sendo nove só da letra *A*. Serão publicados, em média, de seis a oito volumes por ano. Dentro de um mês sairão mais 3 mil exemplares do volume 1, esgotado em sete dias. Entre outras, invenções, a enciclopédia enfoca certas áreas do Direito jamais estudadas em outras publicações brasileiras, como o Direito Sanitário, a Retórica Jurídica, o Direito Agrário e o Direito de Alimentação.

Durante 18 meses, a Saraiva planejou sua *Enciclopédia do Direito*, depois de receber a idéia do prof. Limongi França, o coordenador da publicação. A enciclopédia terá o concurso de numerosos juristas de quase todos os Estados, sendo assim um empreendimento de características nacionais: O objetivo foi criar uma obra de consulta prática, proporcionando a estudantes e juristas informação rápida e resumida, embora completa na medida da importância de cada tema.

A execução dos volumes iniciais foi rápida, para que pudessem aparecer como homenagem aos 150 anos dos cursos jurídicos, acabando intencional o que era realmente apenas acidental. O prof. Limongi França levou a idéia da enciclopédia aos Saraiva há cerca de dois anos; era uma idéia antiga, e ele está feliz que ela seja realizada por uma das mais tradicionais editoras de livros jurídicos do país. A Saraiva existe há 63 anos.

Paulino Saraiva lembra que o primeiro livro editado pela Saraiva foi *Do Casamento Civil*, de Aniceto Correia. Isso nos idos de 1917. A Livraria Saraiva nasceu de um *sebo*, sob a direção de seu pai, Joaquim Fonseca Saraiva, que imprimiu a filosofia da casa que, com algumas variações segue até hoje. O velho Saraiva abriu sua livraria de livros usados em 1914; a editora veio três anos depois. Joaquim Fonseca Saraiva era muito estimado pelos estudantes de Direito da Faculdade do Largo de São Francisco, a de cuja proximidade nunca saiu. Tal proximidade, aliás, contribuiu inclusive para determinar a sua especialização em livros didáticos e de Direito, que somam cerca de 90% do faturamento. O capital da empresa, que era de Cr$ 4 milhões em 1970, subiu para Cr$ 200 milhões em 1977.

— Meu pai — diz Paulino Saraiva — ficava feliz quando uma pessoa se interessava por livros. O estudante pobre abria sua conta e pagava a perder de vista. Muitas vezes formava-se advogado ainda devendo à casa. De ótima memória, o velho sempre se lembrava dos estudantes devedores, mas não cobrava. Depois de 1939, com a II Guerra Mundial, tivemos de mudar o nosso método de trabalho, pois a inflação tomou conta de tudo. Meu pai morreu em 1944.

Clientes da Saraiva foram, entre tantos outros nomes ilustres, Carvalho Pinto, Janio Quadros, Valdemar Ferreira, Alfredo Buzaid, José Frederico Marques, Miquel Reale e Silveira Bueno. Hoje, a Saraiva se alinha entre as cinco maiores editoras de livros didáticos do país, sendo por tradição a primeira dos juristas e futuros juristas paulistas.

— Não foi à toa que meu pai foi carregado em triunfo da Estação da Luz até o Largo de São Francisco, em 1929, pelos estudantes de Direito, quando ele chegava de uma viagem à Europa. Os estudantes o amavam — repete emocionado o filho Paulino Saraiva.

O Livro de Direito não é mais aquele

VIVIAN WYLER

"...além da infração e da lei, fraternos e por conseqüência livres do Direito que ora lentamente afunda. Afunda em Apocalipse. Cumprindo-se"
João Uchôa Cavalcanti Netto in Direito, um mito

"Por isso o Direito sempre renasce como solução para os conflitos inerentes à vida em sociedade, pois só ele proporciona ordem, segurança e progresso sem afrontar a dignidade humana".
Dalmo de Abreu Dallari, in O Renascer do Direito"

AS opiniões sobre o Direito divergem. Não só entre os juristas, meio onde sua conceituação e importância são freqüentemente discutidas, mas também entre os leigos, pobres mortais para quem a palavra Direito quase não sugere mais que togas, discursos complicados e casos escabrosos entregues à justiça humana. Algumas vezes, o leigo pode ir mais longe: pode saber, por exemplo, o que é pensão de alimentos (geralmente quando necessita dela), interessar-se por problemas tão atuais quanto os direitos humanos, a ecologia, o divórcio ou o menor abandonado. Mas aí já estará deixando de ser leigo, pois o verdadeiro leigo não sabe de nada e mal suporta a idéia de ter um vade-mécum (nem que seja da sua profissão) entre as mãos.

E no entanto, é justamente este grupo difuso, distante das leis e dos compêndios, que os atuais livros de Direito estão procurando atingir com uma linguagem mais simples, direta, sintética, que talvez esclareça dúvidas também entre os próprios integrantes do Olimpo jurídico, nem sempre tão afeitos aos livros, verdadeiros catálogos de citações que marcaram a tradição bibliográfica jurídica do país. Dúvida que podem ser concretas ou tão abstratas como: é ou não é o Direito a mola do mundo?

Para José Segadas Vianna, como para a grande maioria dos juristas, a resposta só pode ser afirmativa. Não está o Direito em toda a parte? Não regula coisas tão diversas como a aeronáutica, a família e as comunicações?

Fruto da própria desobediência, segundo João Uchôa Cavalcanti Netto em seu livro *O Direito, um mito*, o Direito faz-se cada vez mais presente num mundo em que se desobedece cada vez mais.

O Direito espalha-se, invade, e toma conta também — sob a forma de livro — de prateleiras e mais prateleiras das livrarias.

Na opinião de muitos, pode-se falar mesmo de um *boom*, ou de um renascimento (no sentido de se nascer com uma forma diferente) do livro de Direito. Mas essa opinião é imediatamente contestada por Vicente de Paula Reis e Silva, técnico de editoração da Editora Forense, especializada no assunto. "Como, renascimento, se o livro de Direito é o único que sempre existiu no Brasil? Com altos e baixos, talvez, mas sem jamais morrer. É só constatar: as editoras de livros de Direito estão entre as mais antigas do Brasil, como a Saraiva, a própria Forense, a Freitas Bastos".

Renascimento ou não, uma coisa é certa: o livro de Direito mudou. E não só exteriormente, acompanhando as tendências da moda, com cores e formas geométricas nas sobrecapas substituindo a austeridade das antigas coleções — "Mudança exterior desnecessária e que não quer dizer realmente nada" — argumenta o professor Nirval Garcia, da Faculdade de Direito Cândido Mendes. "Os livros estrangeiros, os italianos, por exemplo, considerados os melhores do mundo no gênero, são absolutamente sóbrios em suas capas, todas de uma cor só. Mas vá ler o conteúdo — é muito superior". Mas o livro de Direito mudou também na forma de apresentar seu conteúdo.

Vicente de Paula Reis e Silva explica: "Antigamente, se você escrevesse um livro sem citações, todos diziam que você tinha copiado. Então o jovem advogado escrevia citando, não só os grandes Autores, mas também os amigos e os professores a quem queria agradar. Os livros, a cada três palavras, tinham uma citação de rodapé. Isso, evidentemente, tornava a leitura maçante". José Segadas Vianna, jurista com mais de 50 anos de carreira, fala sobre o tema com o à-vontade de quem o conhece de perto.

Dono de uma biblioteca de cerca de 8 mil volumes, e sempre comprando novas obras ("é o vício"), para ele o livro de Direito de hoje é bem mais acessível; procura sobretudo leitores de outras áreas, como a Engenharia e a Medicina, mas também torna menos árdua a vida do estudante. Nos livros antigos, "a preocupação do Autor era dar um *show* de erudição, com citações em alemão e francês, no original (algumas vezes o Autor tinha a bondade de traduzir). Uma erudição vazia. O principal mesmo, o ponto-de-vista pessoal, este não era dado. Ou porque o escritor encontrava várias teses divergentes e não sabia por qual optar, ou porque não queria endossar tese de outrem. Hoje em dia há mais o desejo de defender uma tese, embora eu ache que os Autores novos devam citar, pois do contrário quem dará importância a eles?".

José Baptista de Oliveira, professor de Teoria do Estado na Faculdade de Direito Cândido Mendes, dá uma justificativa para essa nova tendência. "O fenômeno coincide com a fase de industrialização em que entramos. Antes, os nossos escritores eram meros reflexos do estrangeiro. Hoje, menos colonizados, emitem opiniões, ou comentam a dos outros de maneira nova". Nirval

Garcia, apesar de concordar com essa afirmação, ressalta um aspecto que julga curioso: "é que atualmente, com a vida agitada e cheia de compromissos que levamos, temos muito menos tempo para meditar do que os antigos. E no entanto meditamos, enquanto que eles se limitavam a complicar".

Cônscio da mudança nos livros de Direito, antes simples coleções de retalhos de outros livros ("os melhores Autores eram os que melhor compendiavam os livros estrangeiros"), José Baptista de Oliveira não está tão certo, porém, de que a mudança tenha sido para melhor. De coleções de pelo menos 12 volumes sobre um determinado assunto, estudados em todas as suas mudanças, passamos para livros específicos de cada assunto, o que sem dúvida facilita a vida do estudante e pode até atrair o leigo "mas em termos de conhecimento não resolve".

"Em vez de pegar as fontes, o estudante se apega a manuais de pouca profundidade, a *apostila de luxo*. E por incrível que pareça, o sistema de créditos nas Faculdades de Direito o leva a isso, à informação mais breve possível. Mas, nada mais natural num país onde os juízes não lêem petições de mais de cinco laudas, que os estudantes não leiam livros de mais de 100 páginas".

Segadas Vianna, no entanto, vê o problema sob outro prisma. Para ele, esses livros — que a editora de que é consultor jurídico, a Freitas Bastos, produz em larga escala — são a solução. E é justamente a concisão uma das suas maiores virtudes, num mundo em que "tempo é a única coisa que não estica. Só eventualmente, quando está fazendo uma tese, por exemplo, é que o estudante vai consultar a doutrina.

E para isso recorre às bibliotecas especializadas. O que vale hoje são mesmo os manuais práticos, de fácil acesso (devido ao preço, geralmente baixo), de fácil entendimento. E nem teria sentido publicar obras maiores. Primeiro, porque os velhos profissionais de Direito já têm suas bibliotecas formadas, e depois porque o custo do livro é proibitivo, sobretudo em se tratando de livros científico-doutrinários.

Como os mais jovens não têm dinheiro... para eles os manuais servem melhor, não é?"

Discordando de Segadas Vianna, Mário Mendes, gerente da Livraria Freitas Bastos, acha que o jovem compra livros de coleções de mais de 12 (volumes) até. "Ele compra aos pouquinhos. Agora um, mais tarde outro". E acha que os manuais servem bem mesmo é para os "advogados do interior, para quem é bom ter tudo mastigadinho".

E o que mais mudou no livro de Direito? poderiam perguntar os que não estivessem satisfeitos com tudo o que já foi apontado.

E ficariam surpresos, pois ainda há mais o que dizer, partindo mesmo não das alterações, mas das novas opções surgidas no campo do Direito nos últimos 15 anos: o aparecimento de ramos como o Direito Ecológico, Direito Agrário, Direito Espacial ("quem poderia supor?" comenta embevecido Segadas Vianna), Direito Urbano, Direito Secundário, ou mesmo o do Consumidor, que começa a se esboçar em São Paulo.

A maioria deles já temas de livros, à espera de compradores, que podem ser, na opinião da maior parte dos editores, os mais diversos, do economista ao engenheiro, da assistente social à dona-de-casa.

Também quanto a esse ponto as opiniões divergem. Enquanto os editores se mostram otimistas em relação a um novo mercado, o suposto mercado não parece tão otimista. Uma jovem geógrafa, por exemplo, comenta: "Livro de Direito para mim? É uma coisa chata e sem graça". Opinião partilhada por boa parte dos leigos a quem a pergunta foi dirigida.

Mas Segadas Vianna discorda. Para ele, todo o mundo procura conhecer onde o Direito e a Lei os atingem. "O programa da Freitas Bastos leva isso em conta. Procuramos editar livros que atendam não só aos advogados, mas também aos estudantes (neste país de estudantes pobres). E a verdade é que hoje, ao procurar um advogado, ninguém quer ser teleguiado. Em minhas mais recentes conversas com engenheiros, notei que eles usavam argumentos jurídicos impressionantes. Onde foram buscá-los? Nos livros de Direito, naturalmente". Opinião de que Mario Mendes não partilha, argumentando muito confidencialmente e se desculpando por ser leigo: "É mais fácil um advogado ler um livro sobre Engenharia ou Medicina do que o contrário".

Ainda manifestando o otimismo que os caracteriza, muitos editores afirmam que o consumo de livros jurídicos aumentou nos últimos anos. Afirmação difícil de se constatar uma vez que, segundo Segadas Vianna, as editoras brasileiras em geral não têm controle estatístico da venda de cada livro. O que elas costumam ter é registro de caixa. E só. Nas livrarias, isso é confirmado. Não há provas de que engenheiros ou médicos comprem livros jurídicos. "Eu não pergunto aos meus clientes o que eles são", explica um gerente. "A única prova evidente de sucesso de um livro é quando ele esgota".

José Baptista Oliveira é mais contundente: "Claro que o consumo deve ter aumentado, o número de Faculdades e de estudantes de Direito também aumentou. Só aqui no Rio, passamos de três para 12 Faculdades".

Mas há uma tendência que, polêmicas à parte, pode representar novos leitores para os livros de Direito. É a de escrever livros leves, irônicos, quase satíricos mesmo, mostrando o mundo do Direito sob ângulos pouco explorados: neles, as leis, e os homens que as fazem são pintados com cores mais amenas. Nascido já há algum tempo na Itália e na França, esse novo livro de Direito chega ao Brasil, mas por enquanto sem grande sucesso. Em livros como o de Piero Calamandrei (traduzido do francês), *"Eles, os Juízes Vistos por Nós, Os Advogados*, encontram-se trechos assim: "Não acreditem nos advogados que depois de terem perdido uma causa dizem mal dos juízes e fingem odiá-los e desprezá-los. Passado esse rápido mau humor, fugitivo como arrufos de namorados, o coração do advogado é inteiramente do Tribunal, martírio e delícia da sua vida". Apesar de dirigidos ao grupo de que falam, tais livros poderiam ser lidos com prazer por qualquer pessoa.

Há finalmente livros como *O Direito, um Mito*, de João Uchôa Cavalcanti Netto, irônico, mas ao mesmo tempo sugerindo idéias novas, algumas no mínimo blafesmas aos olhos dos tradicionalistas, como esta visão da gênese do Direito: "Num estéril jardim, Adão-Eva-serpente, horda, vegetava inútil até que o Senhor, pela armadilha da proibição, criou a desobediência: nascia o Direito".

Um mundo diversificado, uma área cada vez mais acessível dentro do território do Direito; e principalmente dentro da bibliografia do Direito. Espelho do mundo diversificado no qual o próprio Direito cada vez mais se insere. Atuante.

Neste artigo, Osman Lins denuncia uma espécie de crítico que hoje floresce no Brasil e cuja mensagem, em síntese, é mais ou menos esta: "Toda obra literária de certa complexidade é, em princípio, suspeita de compactuar com o Poder e, portanto, desprezível. O escritor, para ser absolvido, tem de escutar os virtuosos, os justos. Os virtuosos, os justos, somos nós"

OS FUTUROS INQUISIDORES

OSMAN LINS

ENHO lido, com alguma preocupação, vários ensaios e entrevistas de escritores versando um tema comum: todos, com uma certeza que nada parece abalar e uma autoridade que não consigo saber de onde lhes veio, determinam como deve ser — formal e tematicamente — a obra literária. Como e o que, nós, escritores brasileiros, devemos escrever.

Essas normas, por vezes, são estabelecidas de maneira trêfega e um tanto irresponsável — simples afirmações categóricas, não muito distantes dos *slogans* políticos e comerciais. Outras vezes, assumem as espécies de um raciocínio seguro, apoiado em leituras bastante variadas, com o que adquire o que se chama "peso" ou "autoridade".

Há, naturalmente, matizes nesses modos de legislar sobre as nossas angústias, incertezas, inquietações, perquirições e, se possível, descobertas. Mas assim podemos sintetizá-los: a) a nossa literatura tem de ser popular; b) a literatura de caráter experimental é, diante da realidade brasileira, uma escapatória e, em certo grau, uma traição ao nosso povo.

Esses preceitos são apoiados por uma produção ensaística pouco compreensiva, de caráter acusatório, cujo objetivo é descobrir, clara ou veladamente, sinais de submissão — ou de um pacto secreto — entre o escritor e o Poder. E embora não seja o fator mais à vista no fenômeno que discuto, desempenha aquela produção, dentro dele, um papel da maior importância. Funciona como uma central teórica destinada à desmoralização da literatura já existente. Sua mensagem, em síntese, é mais ou menos esta: "Toda obra literária de certa complexidade é, em princípio, suspeita de compactuar com o Poder e, portanto, desprezível. O escritor, para ser absolvido, tem de escutar os virtuosos, os justos. Os virtuosos, os justos, somos nós". (1)

A atitude, devemos sublinhar, tem um condimento moralizante e não se distancia muito da que quer transformar o escritor num apologista dos bons costumes. Desse trabalho de erosão não escapa praticamente ninguém, nem mesmo Lima Barreto: "O solidarismo literário em Lima Barreto acaba se orientando por uma trajetória que é o seu próprio estrangulamento". Mais: "para num modelo abstrato da consciência altruística burguesa, superado e conformista". Julgamentos tão severos, paradoxalmente, partem de pessoas integradas na sociedade e que, nem de longe, sofreram na carne as conseqüências do seu próprio inconformismo (este sim, teórico). Os que acabo de citar, por exemplo, pertencem a uma tese de mestrado, apresentada na USP. (2) Aos que, conhecendo as desventuras de Lima Barreto, surpreenda o veredicto, esclareço que a contradição *escritor massacrado obra conformista* já foi teorizada. Escreve Carlos Nélson Coutinho — por coincidência em estudo sobre o mesmo Lima Barreto, que ele, ao contrário de Arnoni Prado, absolve — : "O 'intimismo à sombra do Poder' combinou-se freqüentemente com um inconformismo declarado, com um mal-estar subjetivamente sincero diante da situação social dominante". (3) Com isso, com essa afirmação que exala o inconfundível bolor dos divãs psicanalíticos, está o escritor para sempre à mercê dos seus inquisidores culturais: ele pode morrer no hospício e talvez até ser fuzilado. No fundo, como revelará a análise atenta e judiciosa dos seus livros, era um conformista, um servidor disfarçado — ingênuo ou não — do Poder. Enfim: alguém muito abaixo do seu julgador e que, azar do réu, não teve a seu lado as beatrizes ideológicas que o levariam pela mão ao paraíso da literatura certa, correta, legítima.

Ora, que, num regime como o nosso — e mesmo em outros, de caráter menos totalitário — estabeleçam os governantes quais os temas a serem abordados pelo escritor e até, em certa medida, o modo de serem tratados esses temas, compreende-se. Não digo que seja admissível; digo que se entende. Essa imposição, afinal de contas, é um dos modos através dos quais o Poder tenta amortecer os focos de renovação ou resistência. Mas que dos seus próprios pares, dos que como ele trabalham com a palavra, venha o escritor receber também pressões é muito mais sério. Significa que: a) certos autores, cegos pela ambição de se afirmarem, são capazes de ser tão intolerantes quanto qualquer autoridade (faltando-lhes, apenas, a força); b) subsiste, estranhamente, em muitos intelectuais, não me interessa se com as melhores intenções, um germe antiintelectualista; c) paira sobre nós a ameaça de, livres das pressões que hoje nos esmagam, vermo-nos na dependência de outras, agindo em outra direção, mas tão cerceadoras quanto as atuais.

O quadro não é dos mais animadores e urge incentivar o debate em torno dele. Dificultam esse debate razões óbvias. Todos os que se alistam nas hostes de uma literatura popular e, no fundo, conservadora, apresentam-se como arautos da mudança, como depositários do futuro e paladinos das aspirações brasileiras. O que condenam é uma literatura dissociada da nossa realidade, e estão certos; é o escritor não solidário com o seu povo, e estão certos; é a obra literária a serviço do Poder, e estão certos. Suas teses e propósitos são inatacáveis. De modo que não concordar com o que dizem envolve o risco de parecermos fazer o jogo dos atuais dominadores.

Mas, sejam quais forem os riscos, essas teses precisam ser passadas a limpo. Uma das primeiras coisas a considerar é que está havendo, aí, um estreitamento inadmissível. Virginia Woolf, cuja posição feminista é hoje reconhecida (e quem quiser que leia com atenção os seus livros), escreve, em algum ponto do seu *Diário* (cito de memória), que a primeira coisa que uma escritora deve esquecer é o próprio sexo. O escritor não deve lançar-se à sua obra com atitudes preconcebidas. Além disso, qualquer pessoa com uma razoável bagagem de leituras sabe que a grandeza e a importância de uma obra não tem nada a ver com o fato — absolutamente acidental — de ela ser ou não popular. E que maniqueísmo é esse de separar povo e não povo, de ignorar como matéria romanesca as classes dominantes? A meu ver, isto é apenas querer ignorá-las, e até, de certo modo, deixá-las ao abrigo de crítica, mediante uma manobra com forte sabor demagógico. Isto quando grande parte da melhor ficção latino-americana, hoje, vai extrair sua força e sua virulência precisamente do estudo dos dominadores. *Eu o Supremo*, de Roa Bastos, *O Recurso do Método*, de Carpentier, *O Senhor Presidente*, de Astúrias, *O Outono do Patriarca*, de García Márquez, são apenas alguns exemplos.

Mas o conceito de popular parece ainda mais grave se se desloca do temático para o formal. Aqui, chegamos às maiores implicações e vem à tona, com o rótulo de "literatura verdadeiramente brasileira", uma série de postulados tão categóricos quanto discutíveis, como o que condena, *in limine*, a "influência estrangeira" e, principalmente, os chamados "formalismos estéreis". Tudo expressões de um atraso lamentável. Então vamos outra vez inventar a literatura? Não seria mais radical e mais brasileiro inventarmos inicialmente um alfabeto nosso? Ignora, por acaso, essa nova versão da ideologia curupira, (4) a constante, imensa, fecunda e necessária rede de permutas e influências que tem vivificado a literatura? Que o romano Virgílio imita o grego Homero? Que o florentino Dante, por sua vez, é conduzido ao Paraíso por Virgílio? Que um dos mais importantes romances do século, do alemão Hermann Broch, chama-se *A Morte de Virgílio*? Que Camões se abebera em toda a tradição clássica? Já ouviram falar na influência de Camões sobre Melville, estudada pelo professor Alex Severino, da Vanderbilt University? Desconhecem a influência de George Sand e do folhetim francês sobre um gênio como Dostoievski? Que dizem do francês Baudelaire haver traduzido e divulgado o norte-americano Edgar Allan Poe? E de outro francês, Diderot, haver retomado em *Jacques o Fatalista* um tema do Tristram Shandy, do inglês Sterne? E que dizer da presença do espanhol Cervantes na literatura mundial, através do seu Quixote? São contra a influência do teatro grego, que chega até *Gota d'Água*?

Quanto às investidas contra as formas novas (aglutinadas sob o epíteto de "formalismos estéreis"), eu gostaria de saber porque o experimento é estéril e o conformismo não; por que toda forma ainda não canonizada é estéril e as formas consagradas não; por que a originalidade é estéril e a lição bem aprendida não é. São conceitos nascidos da má fé ou, simplesmente, da falta de leitura? Da desonestidade ou da ignorância?

Escreve Pierre Daix, em *Sept Siècles de Roman* (Les Editeurs Réunis, Paris, 1955, pág. 354), que "ser balzaquiano, hoje, é negar Balzac". A forma nova, eventualmente, pode ser gratuita; mas, em geral, nasce da necessidade de expressar uma visão nova. A arte modifica-se, senhores! Sempre se modificou. Não podemos ver o mundo de hoje com os olhos dos séculos passados. Além disso, nós criadores, nós, romancistas, não entramos nisso para sermos criados de ninguém. Não estamos pedindo nem esperando ordens de ninguém. Já disse e volto a dizer que, como tudo no mundo, a literatura tem os seus macacos. Mas a nossa medida e a medida do nosso ofício não é dada por eles. Uma obra literária (precisar repetir isto a escritores!) é uma aventura total, exaustiva, dramática, profunda, arriscada, nada simples e tanto a sua eficácia como a sua direção não podem ser determinadas de fora. Uma obra literária não tem nada que ver com palavras de ordem. Pessoalmente, acho que uma visão não naturalista é muito mais rica e abre mais vias de acesso ao real que a visão naturalista. Admito, ao mesmo tempo, que um escritor, hoje, possa trazer uma contribuição importante através do naturalismo. Mas esse naturalismo diferirá do naturalismo do século XIX e nascerá como uma descoberta ou redescoberta feita pelo escritor, não decorrerá de uma decisão de terceiros.

Tais verdades, óbvias, são negadas ou ignoradas por mentores autonomeados, que exigem de nós submissão à sua restrita tábua de valores e condenam toda expressão nova, intrigante, como manifestação de "intimismo à sombra do Poder", (5) ou seja, como um estratagema em favor do Poder, nem o sacrifício da vida do escritor podendo ser arrolado em sua defesa.

Reflitam sobre isto os que amam a liberdade e a literatura. E decidam por si se não repercute nas posições e postulados desses mentores o mesmo diapasão totalitário e imobilista das forças políticas que hoje nos regem e das quais não será injusto supor que eles se aprestam para ser, vinda a hora, os zelosos substitutos.

Osman Lins, romancista, dramaturgo e ensaísta, colabora freqüentemente com o JORNAL DO BRASIL

NOTAS

1) Exemplar, a esse respeito, o volume *Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira*, Paz e Terra, Rio, 1974, vários Autores. Gilvan P. Ribeiro, por ex., fala da "mera sonoridade parnasiana" de *Grande Sertão: Veredas*, para ele simples "palco povoado de sombras". E José Paulo Netto considera "mistificação" o prestígio que desfruta o romance de Guimarães Rosa...

2) Antônio Arnoni Prado, *Lima Barreto: o Crítico e a Crise*, exemp. mimeog., pág. 90. Na época, ainda não me desligara do ensino universitário e participei da banca examinadora.

3) Ainda em *Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira*, pág. 5.

4) "Pois há mais ensinamentos de modernidade do estilo, de concepção absolutamente inédita da Arte, numa simples narrativa tupi do que num manifesto de Marinetti" etc (...) "Com o ser apenas nacionais, profundamente brasileiros, teremos ultrapassado tudo o que se tem feito ultimamente na Europa" etc. (Plínio Salgado, *A Anta e a Curupira*, in *Antologia do Ensaio Literário Paulista*, org. por José Aderaldo Castello, S. Paulo, 1959, Ed. do Conselho Est. de Cultura, pág. 164).

5) A expressão tem sido usada no Brasil, em segunda mão, com uma certa ligeireza. Emprega-a Lukács no ensaio Thomas Mann e a Tragédia da Arte Moderna, e C. N. Coutinho, seu tradutor, informa em nota de pé de página ter sido antes utilizado por Mann em ensaio sobre Wagner. Com as dificuldades que há no Brasil para tudo, não consegui o ensaio de Thomas Mann no original. Na tradução espanhola e na francesa, porém, a expressão aparece com outros matizes. Seja como for, é oportuno esclarecer que T. Mann tinha grande admiração por Wagner, de quem diz, entre outras coisas: "Um espírito tão vivo, tão avançado, sabia que não há senão um único problema humano, que o espírito e a política não são separáveis". Escrever, portanto, simplesmente, que Thomas Mann, referindo-se a Wagner, usa a expressão "intimismo à sombra do Poder", é informar pela metade e pode sugerir, da parte do romancista, uma atitude condenatória em relação ao Autor dos Mestres Cantores, o que não é exato

Artes e indústrias do Brasil em 1861

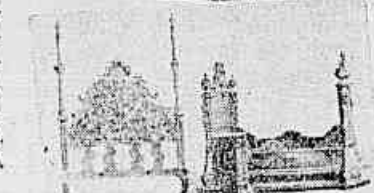
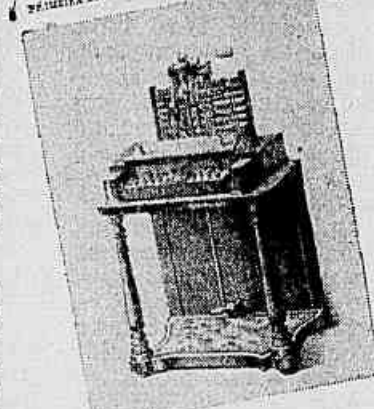
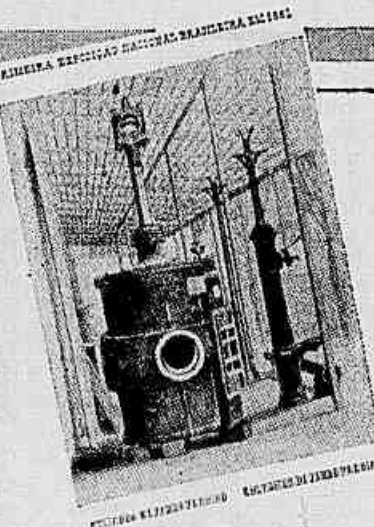
primeira Exposição Nacional foi inaugurada em 2 de novembro de 1861, dia do aniversário do Imperador, aqui no Rio de Janeiro, no edifício da Escola Central, no Largo de São Francisco, com material destinado à Exposição Universal de Londres a realizar-se no ano seguinte. Que material? Ferramentas, máquinas, aparelhos, substâncias alimentícias, produtos agrícolas — "brutos e melhorados" — como são descritos no *Catálogo*. Lá estavam a moenda de ferro movida a vapor, um aparelho voante de irrigação, a "machina tachigraphica", o alambique de cobre. A arte popular e regional estava representada por peças que traduziam um esforço artesanal, ainda muito longe da produção em série.

Tudo isto ficou registrado num álbum publicado à época, do qual fazem parte litogravuras até agora completamente ignoradas. O único exemplar conhecido dessa obra, que também registrou a participação brasileira na Exposição de Londres, pertencia à Coleção da Princesa Isabel e estava em poder da Família Imperial. Retirou-o, agora, do esquecimento, a Confraria dos Amigos do Livro, publicando dele uma reprodução exata, acrescida de um catálogo elucidativo, que é também a reprodução daquele publicado em 1861.

Com uma tiragem reduzida (2 mil exemplares numerados), o álbum manteve seu título original, *Recordações da Exposição Nacional de 1861*, e as litogravuras da época são revalorizadas pela técnica gráfica de 1977. A introdução explicativa, conta como foi a inauguração, nesse remoto dia de festa, com parada da Guarda Nacional no Largo do Paço, TeDeum no Sacramento, e, à noite, estréia da ópera *Dois Amores*, de Manoel Antonio de Almeida, o romancista das *Memórias de um Sargento de Milícias*, que morrera três dias antes no naufrágio do navio *Hermes*, à vista de Macaé.

Além de seu valor gráfico, o livro tem outro interesse, o de ordem histórica, pois procura situar a Exposição Nacional de 1861 dentro do panorama de sua época.

O mundo ia bem, obrigado. Apenas iniciava-se uma guerra nos Estados Unidos que iria durar cinco anos, havia fome no Norte da Índia, acelerava-se a unificação da Itália e já se sentia no ar a guerra franco-prussiana.

Tudo isto e muito mais é relembrado no álbum *Recordações da Exposição Nacional de 1861*, da Confraria dos Amigos do Livro, que presta homenagem, no prefácio, à memória de Carlos Lacerda, que teve a iniciativa da obra, mas não pôde vê-la realizada.

Uma revista para quem pensa que não tem tempo de ler

AS novas revistas que entraram no mercado norte-americano a partir de agosto de 1974, só três conseguiram fazer sucesso: *People*, a revista do Smithsonian Institute e *Book Digest Magazine*. E das três, a mais bem-sucedida foi a última, que trata exclusivamente de livros, renovando uma fórmula até então adotada apenas para artigos e reportagens: a condensação de obras. O novo *Digest* está vendendo nada menos de um milhão de exemplares por mês, disputando leitores numa faixa de público tradicionalmente dominada pelas revistas de televisão, cinema e esporte.

Pois *Book Digest* vai ter um similar brasileiro, e os responsáveis pela iniciativa estão apostando no seu êxito, embora, é claro, não esperem 1 milhão de leitores, o que seria demasiado para os nossos padrões atuais. O seu nome será *Hoje: Os Melhores Livros*. O lançamento, com venda inicialmente prevista apenas para as bancas de jornais do Rio e São Paulo, marcado para o próximo dia 29. Selo editorial, o da Francisco Alves, que apesar dos 123 anos feitos no mês passado, está em plena renovação.

Hoje tem objetivos precisos, e quem fala deles é Paulo Rocco, diretor editorial da Francisco Alves:

— O objetivo fundamental da revista é libertar o livro daquele ranço que afasta o grande público da literatura. O que queremos é fazer com que as pessoas pelo menos se informem sobre os livros, nacionais e estrangeiros, na esperança de que, informadas, acabem se interessando pelos próprios livros e os leiam.

Nesse espírito, *Hoje* trará mensalmente contos, excertos e condensações de livros, abrangendo tanto a ficção como os temas jornalísticos, políticos, históricos, as aventuras reais. Cerca de 60% dos textos serão traduzidos; os outros 40%, brasileiros. Cada número apresentará ainda uma entrevista com um Autor e uma reportagem sobre um artista plástico. Como lazer, uma seção de humor e outra de palavras cruzadas, sobre livros, naturalmente. Tudo ilustrado com muitas fotos e desenhos, a fim de amenizar a leitura.

A publicação de *Hoje* (60 mil exemplares, 208 páginas, Cr$ 25,00 o exemplar) vem sendo estudada pela Francisco Alves há cerca de um ano. Constatada a viabilidade da revista, a Editora constituiu um departamento independente para produzi-la, sob a direção de Léo Magarinos de Souza Leão. Na equipe, ainda, Carlos Leal (parte fotográfica), José Laurênio de Mello (editor executivo), Dirceu Lindoso (editor assistente), Gian Calvi (consultor de arte) e José Ferreira da Silva Conceição (diagramação).